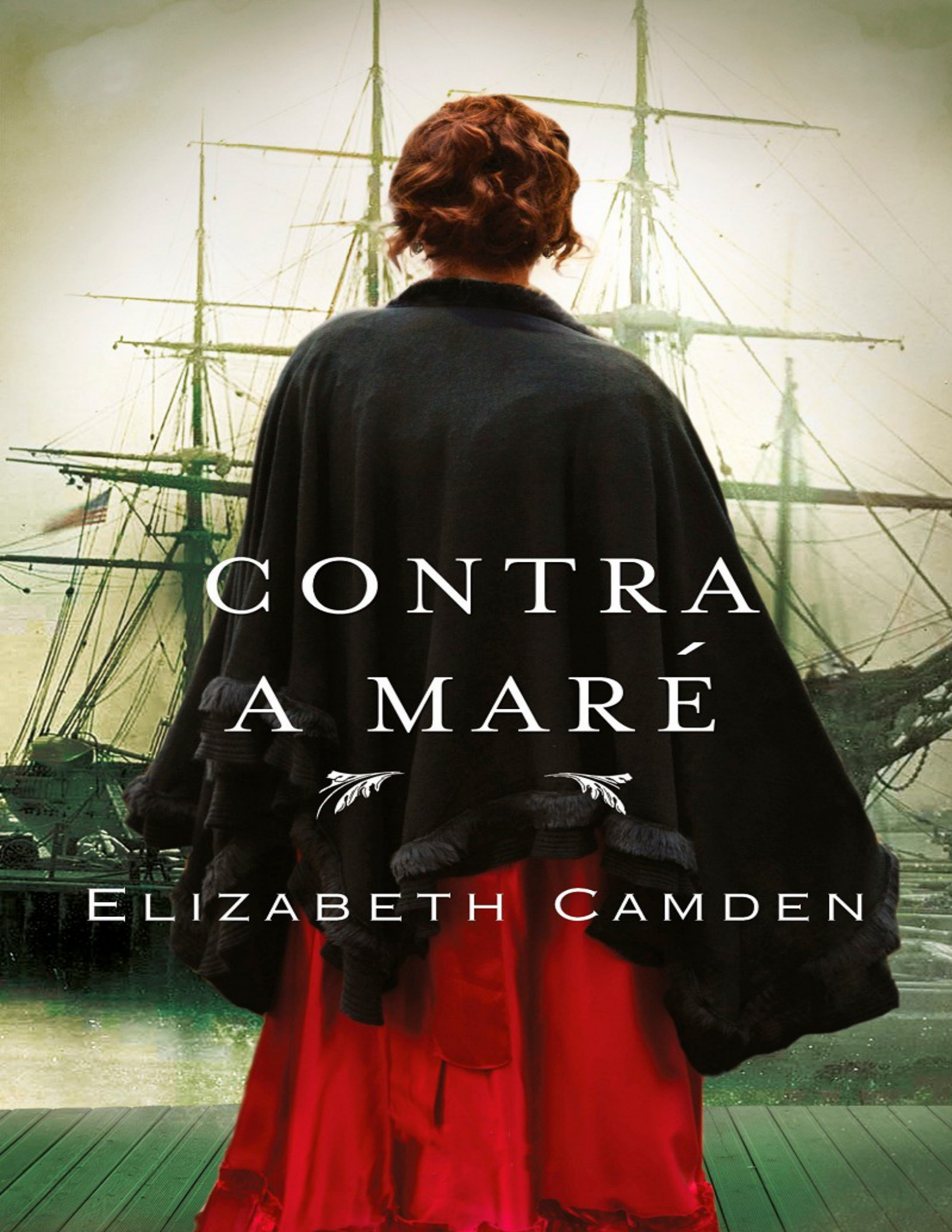

CONTRA
A MARÉ
ELIZABETH CAMDEN

# Contra a Maré
# Elizabeth Camden

# FICHA TÉCNICA

Título original: Against the tide
Copyright © 2013 por Elizabeth Camden
Copyright da tradução © 2019

Tradução: Dee Silva
Revisão: Lu Sousa e Sousa
Capa: MR

Epub: Dee Silva
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

# DEDICATÓRIA

*Para meu marido, Bill… que me serviu de inspiração para todos os heróis que escrevi.*

# PRÓLOGO



## BOSTON, 1876

Lydia estava com vergonha de usar um vestido molhado em seu primeiro dia de aula, mas na noite anterior havia chovido enquanto as roupas secavam no cordame do barco. De qualquer forma, tinha sorte de ir à escola, então tentou não pensar em seu vestido enquanto se dirigia ao prédio levada pela mão de seu pai, que estava áspera de tanto trabalhar. Seu pai parecia mais nervoso do que ela enquanto a acompanhava a escola, localizada a um quilômetro e meio do porto onde o barco estava atracado. A escola era um prédio de tijolos luxuoso com autênticas vidraças nas janelas. Não havia janelas no barco onde Lydia morava, apenas tecidos gordurosos que deixavam entrar uma luz fraca na cabana onde toda a família dormia.

Papá não tinha o menor desejo que Lydia fosse à escola. Na noite anterior, ele e mamá discutiram muito sobre isso, e Lydia pôde ouvir cada palavra. Seus pais mandaram Lydia e o pequeno Michael dormir debaixo da escotilha, mas viver em um barco tão pequeno quanto o Ugly Kate permitiu que ela ouvisse tudo.

— Essa menina não sabe falar uma palavra de inglês! — Seu pai rugiu. — Qual é o sentido de levá-la à escola se ela não vai entender o que estão dizendo?

— Ela vai aprender—, disse a mãe. — Lembre-se de quão rápido ela aprendeu italiano quando era pequena. Ela já conhece grego e turco, e até aprendeu croata no ano em que passamos lá. Lydia tem muito talento para idiomas e tenho certeza que ela aprenderá inglês, você verá. Ela tem nove anos de idade. Já é hora de ir para a escola.

No passado, seus pais nunca tinham ficado em qualquer lugar por tempo suficiente para Lydia ir para a escola. Mas, supostamente, tudo isso iria mudar agora que eles estavam na América.

Lydia era apenas um bebê quando seus pais deixaram sua pequena ilha

grega. Papá disse que as pessoas não gostaram de seu casamento com uma mulher turca. Eles partiram em um barco de pesca que seu pai havia construído com as próprias mãos, abraçando a costa rochosa do Adriático até chegarem às ilhas da Itália. Nem isso durou muito tempo. De lá, eles passaram algum tempo nas costas da Albânia e da Croácia.

Eles viviam no barco de papá, jogando redes no mar cristalino e arrastando camarões, anchovas e robalo a bordo. As primeiras lembranças de Lydia eram do convés do navio, separando os peixes em diferentes cestas à luz do sol. À noite, empurravam a rede e o equipamento de pesca para o lado e espalhavam os cobertores sob as estrelas. Para Lydia, toda a sua vida estava naquele barco, desde fazer comida no fogão a gás até aprender a ler no colo de mamá e, duas vezes por semana, lavar os cabelos na água salgada do mar Mediterrâneo. Mamá dizia que era o sal e o sol que tinham dado aqueles vislumbres acobreados em seu cabelo escuro. "Seu cabelo é como uma moeda recentemente cunhada", mamá costumava dizer enquanto escovava o cabelo para secá-lo ao sol. Seu irmão, Michael, nasceu na Sicília. Ele já tinha quatro anos e deveria parar de chamá-lo de "pequeno Michael", mas para ela ele sempre seria o pequeno Michael.

Lydia não sabia muito bem porque saíram da Sicília. O fato é que naquele verão eles embarcaram em um enorme navio e atravessaram todo o Oceano Atlântico até chegarem a Boston. Papá dizia que tudo ficaria melhor ali, mas Lydia não tinha tanta certeza. Seu barco de pesca não era tão bonito quanto o que seu pai construíra na Grécia. Papá tentou consertar o Ugly Kate, mas a água não parava de vazar no casco, e Lydia era a encarregada de encher os baldes e jogar a água no mar. Cinco vezes por dia ele esvaziava o porão, mas quando iam dormir, sempre havia pelo menos uma polegada de água na cabine. Papá dizia que a presença da água indicava que sua cabine estava sempre limpa e que deveriam se sentir gratos por ter um barco tão especial que se limpava sozinho. Tudo fazia parte do seu plano, ele costumava dizer com uma risada.

Lydia não se importava de viver em um barco tão miserável. Durante três anos, a única coisa que ela pediu para o Natal era poder ir para a escola. Na Sicília, tinha visto outras crianças que iam à escola e fantasiava sobre as coisas maravilhosas que estariam aprendendo por trás daquelas portas fechadas.

Mas o pai ainda não queria deixá-la ir para a escola. Em plena discussão, ele apontou para o vestido de algodão simples de sua filha, que era seis

centímetros mais curto que o normal.

— Você quer mandar nossa princesinha para a escola com esse visual? — Ele grunhiu, dirigindo-se a mamá, com o olhar fixo nos tornozelos de Lydia, que espreitava por baixo do vestido.

Duas semanas atrás, Lydia tinha incendiado a bainha enquanto varria muito perto do fogão, e mamá teve que cortá-lo. A parte chamuscada não podia mais ser vista, mas papá ainda estava chateado por sua filha ter apenas um vestido.

— Eu não vou tolerar isso—, disse ele com determinação. — Não vou tolerar os patifes de Boston ridicularizando minha princesinha.

O rosto de seu pai desmoronou e Lydia pensou que fosse chorar.

Para evitar isso, ela correu pelo convés e passou os braços ao redor da cintura do pai.

— Papá, não fique triste. Eu não vou demorar a aprender inglês, e então poderei ensinar a você, mamá e o pequeno Michael. Todos nós poderemos falar.

Papá lhe afastou o cabelo da testa com as mãos ásperas e lhe acariciou a bochecha.

— Minha pobre *ondina*, você não sabe como as crianças podem ser cruéis.

— Eu não me importo se elas zombem de mim—, disse Lydia. — Além disso, mamá pode lavar meu vestido para não cheirar. Então poderei ir tão elegante quanto as outras crianças.

— Esta noite vamos lavar o seu vestido para que esteja limpo e agradável amanhã—, disse mamá. — Já é hora de Lydia ir para a escola.

Lydia sorriu quando percebeu seu tom de voz. Normalmente, papá sempre se saia bem, mas quando sua mãe falava com essa convicção, papá sempre obedecia.

Naquela noite choveu incessantemente. Quando as fortes gotas de chuva começaram a salpicar o teto da cabana, Lydia correu para o convés para pegar o vestido do cordame. No entanto, ela tropeçou nas armadilhas de caranguejos no convés e caiu de cara no chão. Quando foi tirar o vestido do cordame, já estava encharcado. Ainda estava úmido enquanto caminhava para a escola na manhã seguinte.

Lydia estava sentada no saguão enquanto papá conversava com uma senhora no escritório que havia na entrada. Na verdade, seu pai dizia palavras em grego e gesticulava com as mãos, e a mulher não parecia entendê-lo.

Quando papá se virou e apontou para Lydia, que estava sentada em um banco no corredor, um gesto de compreensão apareceu no rosto da mulher. Lydia se levantou do banco quando viu a mulher vindo em sua direção. A dama falou muito rapidamente e depois olhou para ela, como se esperasse Lydia dizer alguma coisa. Ela parecia muito séria enquanto examinava seu vestido, especialmente quando tocou e percebeu que estava molhado. Agora, a senhora estava resmungando e olhando para papá, e isso que a ideia de lavar o vestido tinha sido de Lydia.

Lydia se pegou olhando para a boca da moça enquanto esta repetia as mesmas frases várias e várias vezes. Quando ela terminou de falar, olhou para ela, como se esperasse por sua resposta. Lydia sabia apenas uma palavra em inglês e achou que talvez chegara a hora de usá-la.

Então olhou a senhora nos olhos, sorriu e disse: — Tudo bem.

Isso pareceu satisfazer a senhora, que se virou e fez sinal para que ela a seguisse. Lydia sabia que ela havia sido aceita na escola e sentiu imensa alegria. Então se virou para se despedir de papá, que estava torcendo o chapéu nas mãos. A ansiedade se refletiu em seu rosto enquanto ela acenava com a mão no ar para dizer adeus.

Lydia apressou-se a seguir a dama até o fundo do corredor. Finalmente, estava na escola! Os corredores eram largos e retos, e os pisos eram polidos e reluzentes. O ar estava tão fresco que o simples ato de respirar a fez se sentir bem.

Era óbvio que ela estava atrasada para a aula: os outros alunos já estavam sentados em suas mesas, e na plataforma havia um homem escrevendo em um lindo quadro negro. A porta rangeu e todos os olhos se voltaram para ela. A senhora enfadada começou a falar com o professor enquanto Lydia se virava para observar os alunos, que estavam alinhados em filas retas e ordenadas.

Eles pareciam tão limpos. Todos estavam bem penteados e usavam meias dentro dos sapatos. Seriam sempre tão elegantes, ou apenas hoje, porque era o primeiro dia de aula? O professor puxou a mão de Lydia para guiá-la até uma mesa no fundo da sala. Sua mesa! Tinha uma cadeira correspondente e não tinha que compartilhar com ninguém! O homem começou a falar com ela, mas Lydia não conseguiu entendê-lo. Seu rosto refletia gentileza quando ele se ajoelhou ao lado dela e repetiu as palavras devagar. Mas isso não ajudou. Lydia não fazia ideia do que ele estava dizendo, mas supôs que o homem era bondoso e que esperava algum tipo de resposta dela.

Então sorriu amplamente.

— Tudo bem—, ela disse, e mais uma vez, essa parecia ser a resposta que o homem queria ouvir.

O professor voltou a plataforma e começou a aula.

Lydia correu o mais rápido que suas pernas finas permitiam. Cortando o ar como um raio, ela correu para a doca onde iria encontrar o pai depois da escola. Não demorou muito para vê-lo rondando o porto, com o rosto ainda abatido e preocupado. Lydia sabia o momento exato em que a vira, porque papá arrancou o gorro da cabeça e atravessou o porto. Lydia sentiu seu peito queimar enquanto corria ainda mais rápido para se jogar em seus braços.

— Papá, foi perfeito!

Essa palavra era tão inadequada para descrever a alegria que florescia em eu interior... Queria dizer a ele como a escola era maravilhosa e como o professor tinha sido bom com ela. Ela tinha tantas coisas para dizer... Mas quando quis falar, não pôde. Por que ela estava chorando se se sentia tão feliz? As lágrimas desceram por suas bochechas. Ela não conseguia falar com aquele nó na garganta.

— O nome do professor é senhor Bennett—, Lydia disse a seus pais assim que chegaram ao barco. — Vi o nome dele escrito no quadro e, no intervalo, ele se sentou ao meu lado e repetiu várias vezes até eu entender. É muito bom; Ele também me deu um pedaço do seu sanduíche.

Mamá não sabia que as crianças tinham que levar algo para comer no recreio, e disse a ela que no dia seguinte ela teria que levar um bom pedaço de bacalhau fresco para o senhor Bennett para agradecê-lo por sua generosidade.

— E as crianças? Elas se comportaram bem com você? — Papá perguntou, um brilho de preocupação em seus olhos.

Lydia não era burra; tinha visto algumas garotas rindo de seu vestido curto e sussurrando coisas no ouvido. Mas isso não importava para ela. Como ela poderia se importar com essa bobagem se tinha uma mesa só para si mesma e uma aula cheia de coisas fascinantes? Os mapas pendurados nas paredes mostravam as fronteiras de todos os países do mundo e, num canto da sala de aula, havia uma águia dissecada com as asas estendidas. Mas papá estava preocupado com ela e esperava uma resposta.

— Ninguém se atreveu a dizer nada ruim—, disse ela, com toda a

sinceridade do mundo.

Além disso, não importava realmente que ela não soubesse falar inglês, porque no dia seguinte soube que duas crianças de sua classe falavam italiano e que outra menina só sabia falar russo. Lydia se tornou amiga dela e todos os dias se sentava ao seu lado no recreio, facilmente assimilando algumas palavras em russo para incorporá-las ao seu repertório de idiomas.

Com o passar das semanas, Lydia aprendeu mais e mais palavras em inglês. O senhor Bennett parecia particularmente satisfeito com a velocidade com que estava aprendendo.

— Você é uma garota muito inteligente —, ele disse, acariciando a cabeça dela.

Lydia não tinha certeza do que a palavra "inteligente" significava, mas sabia que era uma coisa boa e adorava que o senhor Bennett lhe dissesse que ela era inteligente, algo que costumava fazer com frequência.

No entanto, neste particular e úmido dia de outubro, Lydia não se sentia tão inteligente enquanto esperava pelo pai no cais. Normalmente, papá e Ugly Kate já estavam esperando por ela. Era um dia ventoso, e retornar ao porto com um veleiro não deveria representar nenhum problema. Lydia se sentou em um banco e começou a balançar as pernas e bater um pedaço de barbante para passar o tempo enquanto chegava o Ugly Kate.

Quando começou a escurecer, a fome oprimiu sua barriga e ela começou a sentir frio. Papá nunca se esqueceria de ir buscá-la depois da escola, e isso só podia significar uma coisa: algo ruim havia acontecido com Ugly Kate.

Lydia não sabia o que fazer. O sol se escondia mais no horizonte e, um após o outro, todos os navios atracavam no porto. Os marinheiros descarregavam o equipamento, amarravam o cordame, carregavam o espólio nos ombros e iam para casa. A essa altura, Lydia tremia tanto que já não sabia se era frio ou medo. Ela poderia ter que passar a noite inteira no porto.

Não seria a primeira vez que ela dormia a céu aberto. Quando chegaram a Boston pela primeira vez, passaram duas semanas morando em um parque público enquanto seu pai escolhia o barco que ele queria comprar. Papá lhes dizia que eles deveriam encarar isso como uma grande aventura. “Pense na sorte que temos. Por que vamos morar em um apartamento velho e fedorento quando podemos dormir sob uma catedral de estrelas?” Ele lhes dizia. Naquele momento, Lydia teria preferido o velho apartamento fedorento, mas seu pai garantiu que dormir sob as estrelas fazia parte de seu plano. “Respire o ar limpo da América!” Ele lhes dizia. “Dormir ao ar livre é a única maneira

de se divertir. Não quer perder uma experiência como essa quer?”

Lydia lutou para saborear o ar limpo da América enquanto se encolhia no banco da doca, mas estava frio demais para respirar fundo. Havia uma grande diferença entre dormir ao ar livre em agosto e fazê-lo em outubro. Por fim, encontrou um pedaço de lona no final do cais e envolveu os ombros com ele.

Era tolice se preocupar com papá. Seu pai era o melhor marinheiro do mundo. Quando estavam na Sicília, ele construiu o barco onde moravam com as próprias mãos e depois consertou Ugly Kate para poder voltar a navegar, mesmo que mamá insistisse em chamá-la de "casca de noz".

Uma ou duas vezes ela adormeceu, mas acordou sobressaltada quando soltou a lona sem querer e sentiu o ar frio em seu vestido fino. Quando a luz do amanhecer iluminou a baía, Lydia olhou para os navios ancorados no píer, rezando para que Ugly Kate tivesse chegado ao porto à noite. Seu pai riria e a chamaria de tola por pensar, mesmo que por um momento, que ele não viria buscá-la.

Lydia se sentou no banco e observou a doca, que estava cheia de navios entrando e saindo do porto. Até onde ela podia ver, parecia que nenhum deles se parecia com o Ugly Kate.

Lydia fez um esforço para entender as palavras que ouvia ao seu redor, mas todos os adultos falavam rapidamente e nenhum deles se incomodou em ajudá-la a entendê-los. Seu professor, o senhor Bennett, estava lá, assim como dois homens vestidos com uniformes da polícia. Havia outro homem vestindo uma estranha jaqueta escura. Lydia deduziu que ele era um pastor.

Algumas palavras ela ouvia de novo e de novo. Orfanato era uma delas. Deportação e Grécia foram as outras duas palavras que não pararam de repetir. Lydia não sabia o que significava orfanato, mas achou que era uma coisa boa, porque o senhor Bennett era a favor. Seu professor corou e balançou a cabeça quando os outros falaram de "deportação".

Fazia cinco dias desde a noite em que ela passou em campo aberto, e sua família ainda não tinha vindo procurá-la. Lydia sabia que papá nunca a abandonaria, e isso só podia significar uma coisa: que o Ugly Kate havia afundado no mar. Mas também significava que papá, mamá e o pequeno Michael haviam morrido, e Lydia se recusava a acreditar em tal coisa. Certamente eles teriam se perdido, mas logo retornariam.

Ela estava morando em um lugar chamado "convento" por um tempo, onde todas as mulheres estavam vestidas de preto e não havia nenhuma

criança. Além disso, as mulheres de preto não sabiam o que fazer com ela. No dia anterior, trouxeram um pescador grego para servir como intérprete. O homem tinha enormes sobrancelhas grisalhas e um rosto curtido, e fez muitas perguntas sobre sua família na Grécia.

—Eu não tenho família na Grécia —, disse Lydia.

O homem olhou para ela com uma expressão de descrença.

— Todos na Grécia têm uma família —, disse ele. — Grandes famílias. Famílias enormes. Você vai gostar da Grécia, você vai ver. Agora me diga quem é sua família e onde mora.

Lydia fez um esforço para lembrar os nomes dos parentes que ouvira o pai mencionar, mas não conseguia pensar em nenhum.

— Papá disse que teve que sair da Grécia o mais rápido possível.

O homem arqueou uma das sobrancelhas espessas.

— Quanto mais rápido? E por quê?

— Porque minha mãe é turca.

— Ah—, disse o pescador, com um triste gesto de compreensão. — Bem, isso será o suficiente.

O homem virou-se para o policial ao lado dele e começou a falar em inglês. Suas palavras eram tão simples que até Lydia conseguia entendê-las.

— Esta menina não tem família—, disse ele.

O senhor Bennett parecia feliz por Lydia morar em um orfanato. O prédio ficava do outro lado de Boston e um policial ia guiá-la até lá. Lydia nunca mais veria sua escola maravilhosa, com suas lindas e sólidas escrivaninhas e suas janelas de vidro reluzentes. O senhor Bennett se agachou para alcançá-la, mas Lydia se sentiu incapaz de olhá-lo nos olhos quando soube que ele estava se despedindo dela para sempre. O senhor Bennett era a única pessoa que restava no mundo, a única que cuidava dela, e agora ela também ia perdê-lo. O professor pegou sua mão e apertou-a suavemente.

— Vai ficar tudo bem—, ele disse muito devagar. — Você é uma garota muito inteligente.

Os olhos de Lydia ficaram molhados quando ela o ouviu dizer que era uma garota muito inteligente. Porque naquele momento ela não se sentia uma garota inteligente; Ela se sentia fraca, assustada e solitária. Mas talvez o senhor Bennett estivesse certo. Talvez o orfanato fosse um ótimo lugar, onde ela seria capaz de aprender e encontrar uma nova família.

Não demorou muito para ela perceber que não havia nada de bom no

orfanato Crakken.

# Capítulo Um



## Quinze anos depois, 1891.
## Estaleiro Naval de Boston

— Parece que a marinha russa lançou um novo navio de guerra —, disse Lydia.

Não era fácil afirmar a partir da fotografia, mas o navio parecia diferente dos outros navios que costumavam aparecer nos jornais russos. Lydia se levantou da escrivaninha e atravessou o escritório para mostrar o jornal a Willis, cuja memória enciclopédica para os navios era incrível. Ela só esperava que Willis estivesse disposto a ajudá-la. Lydia trabalhava no departamento de pesquisa da Marinha dos EUA há mais de quatro anos, mas Willis ainda estava chateado por terem contratado uma mulher para fazer esse tipo de trabalho.

Lydia lhe emprestou uma lupa para que pudesse ver melhor a fotografia.

— Não me lembro dos russos terem uma torre giratória —, disse ela, — mas parece que sim, não acha?

Willis Colburn era tão delgado que parecia que fatias de queijo podiam ser cortadas em suas bochechas afiadas. O jovem levantou os óculos enquanto estudava a foto.

— Sabe de uma coisa, Lydia? Se supõe que você é a especialista em russo, não eu —, disse ele com um tilintar.

Na verdade, Lydia era especialista em russo, grego, turco, italiano, albanês e croata. Seu trabalho era examinar jornais, relatórios técnicos e qualquer documento que tivesse sido enviado do sul da Europa para encontrar inovações no projeto dos navios. Quando viu a oferta de emprego solicitando uma pessoa que conhecia várias línguas e conhecia o mundo dos barcos em profundidade, esteve prestes a pular de alegria. Os primeiros dois anos depois

de deixar o orfanato foram difíceis. Lydia teve que trabalhar em uma fábrica de enlatados, enchendo latas de cavala até quase desmaiar. Era um trabalho monótono e nauseante, e no final da semana mal dava para pagar o aluguel do quarto. Por isso estava ansiosa para conseguir o emprego no estaleiro naval. Procuravam alguém capaz de ler documentos estrangeiros e entender as novidades no design dos navios.

Lydia se lembrava de tudo o que tinha a ver com velas, bordado e o equipamento dos barcos de pesca, mas a primeira vez que viu as impressionantes fragatas de combate no estaleiro, perguntou-se se não superestimara seu conhecimento.

Mas o almirante Fontaine não pareceu se importar. Fontaine, um homem incrivelmente bonito, que parecia jovem demais para ser um almirante, encolheu os ombros. "Eu posso ensiná-la a distinguir navios de guerra, mas não dominar meia dúzia de línguas", disse ele. “Você está contratada”.

Quem diria? A moça grega que crescera num barco de pesca caindo aos pedaços e nunca tivera um par de sapatos decentes trabalhava agora para um almirante da Marinha dos Estados Unidos. Todas as manhãs, Lydia passava em frente aos navios imponentes do estaleiro antes do trabalho. O escritório tinha uma grande janela com vista para o dique, onde navios de guerra e outros navios eram verificados e reparados antes de retornar ao serviço.

Lydia sabia que seu trabalho era extremamente importante. Em 1865, após a Guerra Civil, o orçamento da marinha americana foi drasticamente reduzido. Todos os recursos estavam sendo alocados para o exército com vistas a uma expansão massiva para o Oeste. Mas além de fornecer uma cobertura básica para os portos do estado, o governo perdeu o interesse na conservação de uma marinha nacional. No meio de um dos maiores booms tecnológicos da história, a Marinha dos EUA permaneceu estagnada, enquanto as potências marítimas europeias não paravam de investir recursos em navios de guerra, navios a vapor, torpedeiros e artilharia de longo alcance.

Teve que haver um incidente vergonhoso entre os Estados Unidos e a Marinha do Chile para que o Congresso dos EUA decidisse agir. Posteriormente, o governo criou um departamento para coletar informações sobre tecnologia naval estrangeira. Também enviou adidos navais por toda a Europa para investigar a engenharia naval. A maioria das investigações ocorria no exterior, mas uma parte estava sendo coletada clandestinamente. Sempre que esses agentes encontravam material impresso de interesse, enviaram-no ao almirante Fontaine para que seu departamento pudesse

traduzi-lo inteiramente para o inglês. A cada semana, Lydia recebia uma montanha de recortes de jornais, manuais e revistas técnicas. Seu trabalho era traduzir, ordenar e classificar cada corte, por menor que fosse.

Supervisionar as grandes potências marítimas e tentar manter-se não era o caminho para alcançar a supremacia naval, mas pelo menos servia para financiar a equipe de tradutores que trabalhava para o almirante Fontaine.

— Essa torre russa é muito parecida com a que os ingleses usam, você não acha? — Lydia perguntou, virando a página do livreto para que Willis pudesse ver o resto do artigo.

Mas Willis estremeceu e cobriu a testa com as mãos.

— Lydia, por favor. Você não percebe que esses papéis fazem um barulho infernal? Eles são como lâminas que perfuram minha pele.

No dia anterior, o cheiro do suco que Lydia estava bebendo o deixou nauseado, e na semana passada sofreu uma erupção cutânea no ambiente sufocante do escritório. Mas, sempre que o almirante Fontaine estava presente, Willis parecia tão robusto quanto um touro.

Lydia abaixou a voz, o que costumava tranquilizá-lo, e tentou novamente: — Você acha que esta torre é a mesma que a inglesa, ou é completamente nova?

— Não é novidade—, disse Karl Olavstad em sua mesa no final do escritório. — Já se passaram pelo menos três anos desde que os noruegueses construíram uma igual.

Karl era responsável pelo trabalho de tradução no norte da Europa e na Escandinávia, enquanto um jovem chamado Jacob Frankenberg rastreava inovações na Europa Oriental. Willis era um historiador naval nascido em Londres, e seu conhecimento de engenharia naval de todo o mundo era incomparável. Estava ciente das notícias na Marinha inglesa e tentava resolver todas as dúvidas que a equipe de tradutores poderia apresentar.

— Os noruegueses a copiaram dos ingleses—, Willis disse com uma voz cansada. — A marinha norueguesa seria afundada no fundo do mar se não fosse pelos ingleses.

Lydia encostou-se à mesa de Willis, querendo ver como Karl respondia ao comentário. Quando ela começou a trabalhar no estaleiro, as piadas entre seus colegas de escritório a intrigaram. Sempre que havia uma briga entre os filhos do orfanato Crakken, Lydia costumava se esconder na sala de vassouras, mas logo percebeu que Karl e Willis desfrutavam de sua ingenuidade.

— Vamos esperar que os noruegueses não comecem a imitar a culinária inglesa—, disse Karl. — Eles morreriam de tédio se tivessem que comer repolho cozido, ervilhas cozidas e carne cozida.

De sua mesa, ao lado da janela de frente para o dique, Jacob deixou o jornal alemão e se juntou à conversa.

— Não se esqueça da língua cozida—, disse ele, fingindo um calafrio. — A única vez que Willis me convidou para ir a sua casa, sua esposa serviu língua cozida e cebola em conserva. Eu só estava neste país por duas semanas, mas quase corri de volta para Salzburgo.

Lydia sabia que isso não ia acontecer. Todo o pessoal do escritório era imigrante e, no entanto, todos se arraigaram em Boston, tão firmes quanto um carvalho. Seria a falta de um verdadeiro lar que a levava a ser tão fiel a Boston e ao seu trabalho no estaleiro? É claro que seu respeito pelo almirante Fontaine tinha algo a ver com o orgulho de trabalhar lá, mas não era só isso. Depois de muitos anos de medo e solidão, primeiro no orfanato e depois na fábrica de conservas, finalmente encontrou uma sensação de pertencer. Jacob, Karl e até o louco Willis eram como uma família para ela, e Lydia gostava de sua estranha amizade.

— Qual é o nome dessa torre? — Ela perguntou a Willis. — Você acha que é de canhão inteligente ou estriado?

Willis beliscou a pele no alto do nariz.

— É suficiente dizer ao almirante que é uma metralhadora Hotchkiss, modificada para uso a bordo. Isso será válido para seus propósitos.

Lydia suspirou. Ela não queria que seus relatórios fossem somente válidos; Ela queria que eles fossem impecáveis. O relatório tinha que estar pronto no final do dia, e para isso ela precisava da colaboração de Willis. Sua xícara estava vazia e Lydia conhecia sua fraqueza por Earl Grey.

— O que acha se eu preparar outra xícara de chá? — lhe perguntou—. Você acha que, enquanto a água ferve, você pode ter uma lista de todos os navios ingleses e noruegueses que usam o mesmo tipo de metralhadora?

— Feito—, disse Willis. Lydia sabia que ele cumpriria sua parte no trato.

O escritório tinha um fogão a carvão em um canto da sala, que servia para satisfazer a dependência de Willis pelo Earl Grey. Lydia abriu a escotilha do aquecedor e acrescentou alguns pedaços de carvão.

— Você deveria levar isso com mais calma, Lydia—, disse Jacob. — Não é necessário que todos os seus relatórios estejam repletos de explicações, notas e verificações. Faz os outros parecerem um grupo de pessoas inúteis.

Além disso, certamente o almirante gosta de mulheres que sabem relaxar de tempos em tempos.

Um rubor cobriu suas bochechas. Era a segunda vez no mesmo mês que Jacob brincava sobre sua suposta atração pelo almirante. Que era ridículo.

— Jacob, receio que, mais uma vez, sua imaginação adolescente esteja pregando peças em você.

— Vamos, Lydia. Há muitas mulheres que bebem os ventos do almirante Fontaine—, disse Jacob. — Tenha em mente que ele é um viúvo solitário, rico e poderoso. Metade das moças de Boston choram por ele todas as noites.

Lydia fechou o fogão com um estrondo. Está certo, talvez ela tenha idolatrado o almirante demais, mas ela nunca havia se deixado levar por fantasias ridículas. Além disso, o escritório do almirante ficava bem em frente à sua mesa, e ele podia ouvir cada uma de suas palavras.

— Em primeiro lugar, eu nunca choro—, ela disse muito a sério. — Nunca. E, em segundo lugar, nunca prestei mais atenção aos meus relatórios do que o resto de vocês.

Karl nem se incomodou em levantar o nariz do lugar onde o enterrara, entre as páginas de um jornal norueguês.

— Lydia, lembre-se que aprendeu albanês por ele—, ele disse sarcasticamente.

Jacob se juntou à acusação.

— É verdade, Lydia! Aprendeu albanês por ele!

Lydia cerrou os dentes. Não tinha aprendido albanês pelo almirante. Fez isso porque havia uma falta de tradutores no escritório e ela era a melhor pessoa para aprender a língua rapidamente. Isso não significava que ela bebesse os ventos pelo almirante. Além disso, ela não ia deixar esse tipo de fofoca sair do controle. Colocou água no bule e foi até a mesa de Jacob.

— Por favor, por favor, não brinque sobre isso—, disse ela, seu tom de repente grave. — Não sabe como é difícil para uma mulher encontrar um emprego qualificado. O menor boato pode me custar o trabalho. Você entende?

Jacob empalideceu. Ele não tinha má intenção, e nunca lhe ocorreu que suas piadas pudessem prejudicá-la.

— Você está certa, Lydia. Sinto muito —, disse ele rapidamente, enquanto levantava as lentes redondas sobre o nariz. — Me desculpe... foi uma estupidez.

Lydia se arrependeu de tê-lo repreendido.

— Nenhum homem que saiba ler seis línguas pode ser um estúpido —, disse ela, batendo no braço dele. — Talvez um idiota.

Lydia voltou ao canto do bule e acrescentou mais água.

— Encha-o completamente, por favor —, disse Karl. — O Adônis está chegando esta tarde, e já sabe como o almirante fica insuportável toda vez que o encontra.

As mãos de Lydia ficaram paralisadas no bule de chá. O fato de *esse homem* ter vindo ver o almirante nunca era um bom presságio.

Seu nome era tenente Alexander Banebridge, mas Karl o apelidara de Adônis por sua beleza ridícula. Ninguém conhecia os assuntos misteriosos que eram trazidos ao arsenal, mas, toda vez que ele vinha visitá-lo, o almirante permanecia sério e pensativo. Inclusive triste. O almirante era um homem quieto, e qualquer um que o colocasse de mau humor instintivamente instigava as apreensões de Lydia.

Lydia suspeitava que o tenente Banebridge fosse um dos adidos navais que fornecia relatórios sobre navios estrangeiros, mas não havia como saber. *O Adônis* nunca se dignara a falar com ela. Ele simplesmente entrava no escritório do almirante do nada, deixando-o de mau humor a cada visita.

Em qualquer caso, não tinha tempo para se preocupar com o misterioso visitante. Depois de colocar a chaleira no fogo, Lydia abriu o pote de chá e respirou seu aroma. Mesmo se vivesse cem anos, ela sempre iria gostar do perfume suave do Earl Grey. Talvez porque isso a recordava a oficina? Pela primeira vez em sua vida, Lydia tinha um emprego de que gostava e um salário respeitável, o que lhe permitia morar em um apartamento confortável só para ela. O apartamento tinha um piso sólido e um telhado sem vazamentos, e permitia que ela dormisse sem medo de que algumas crianças malvadas roubassem seus sapatos.

De repente, a porta do escritório se abriu e bateu na parede. Lydia ficou perplexa ao ver Big John, o homem que dirigia o café no primeiro andar de seu prédio. O homem estava sufocado e mal conseguia respirar.

— Lydia, eles vão expulsá-la—, disse ele, ofegante.

Lydia deixou cair o pote que tinha na mão, espalhando as folhas de chá no chão.

— Como? — exclamou.

— Acabaram de chegar uns rapazes —, continuou Big John. — Eles já começaram a descer seus móveis para a rua. Eu lhes disse que eles ainda não podem expulsá-la, mas eles não me escutaram.

— Não podem fazer isso! Tenho alguns documentos que dizem que tenho o direito de ficar. Eles foram redigidos pelo almirante Fontaine de seu próprio punho.

Lydia sentiu uma onda de pânico ao pensar em perder sua casa. Era muito mais que puro sentimentalismo que a ligava a seu apartamento modesto, localizado no quarto andar de um prédio com o inverossímil nome de “Dragão Sorridente”. Este apartamento era seu santuário, o primeiro lugar onde ela se sentira segura em toda a sua vida.

Tinha que retornar ao seu apartamento o mais rápido possível.

— Jacob, diga ao almirante o que aconteceu—, disse ela enquanto corria em direção à porta.

Lydia desceu as escadas do escritório e saiu para a rua. Uma vez lá, enrolou a saia e correu como se sua vida dependesse disso... o que de certa forma era verdade. Desde a manhã em que deixou o orfanato, ela dedicou toda a sua vida a ganhar dinheiro suficiente para ter uma casa real. E agora que tinha conseguido, ela estava pronta para enfrentar as pragas do Egito para mantê-lo.

# Capítulo 02



Lydia abriu caminho entre os muitos transeuntes que atravessavam a Ponte Charlestown e pegou um atalho pelo jardim da Old North Church. Uma pontada dolorosa agarrou-se ao seu lado enquanto caminhava pelas ruelas tortuosas e ruas sinuosas de paralelepípedos na direção de sua casa. Restava uma milha para alcançar o Dragão Sorridente. Uma vez lá, encontrou o seu armário deitado na rua ao lado de seus lençóis, que estavam enrugados formando uma montanha. Dois homens estavam tirando seu colchão pela porta do prédio. A senhora Brandenberg estava de pé no meio-fio com um caderno, fazendo anotações enquanto examinava seus pertences.

— Eu posso saber o que está fazendo? — Lydia disse, parando abruptamente. Ofegava com tanta força que mal conseguia ficar em pé. — Você não pode me expulsar; nós tínhamos um contrato.

A senhora Brandenberg franziu os lábios.

— Senhorita Pallas, você violou os termos do contrato, então agora você é uma intrusa. Hoje mesmo será despejada.

No mês anterior, o Dragão Sorridente havia sido comprado pelo casal Brandenberg, que não tinha interesse em alugar os apartamentos ou o café no andar térreo. Os inquilinos deviam comprar o apartamento ou, caso contrário, sair imediatamente. Como o almirante Fontaine era formado em direito pela Universidade de Harvard, Lydia se voltou para ele assim que recebeu a terrível notificação. O almirante examinou o aviso de despejo e descobriu uma lacuna legislativa que os novos proprietários não conseguiram fechar. Então ele ajudou-a a obter um adiamento para lhe dar tempo para levantar o dinheiro para comprar a casa. Em troca, Lydia teve que executar uma série de tarefas administrativas de pouca importância para os novos proprietários. Tinha quatro meses para recolher os seiscentos dólares de que precisava para comprar o apartamento. Caso contrário, ela acabaria perdendo a única casa decente que já conhecera.

Os homens ainda não tinham baixado a mesa. Os documentos que

mostravam que ela tinha até dezembro para comprar o apartamento estavam na gaveta de cima.

— Eu cumpri todos os pontos do contrato —, disse Lydia. — Vou subir agora mesmo e procurar por ele.

A senhora Brandenberg estendeu o braço robusto para impedi-la.

— Não, se isso significa entrar no prédio. Esta é uma propriedade privada e você não tem o direito de ultrapassar seus limites. O senhor Brandenberg visitou seu banco esta manhã, e nada sugere que esteja próxima de possuir os recursos necessários para comprar o apartamento.

A senhora Brandenberg estava certa. As chances de ganhar seiscentos dólares nos próximos quatro meses eram muito pequenas. Lydia ganhava trinta dólares por semana no estaleiro, mas, depois de descontar as despesas, só conseguia economizar cinco dólares por semana. Estava assumindo qualquer tarefa de tradução adicional que ela poderia encontrar, mas era muito improvável que pudesse ganhar essa quantia até o final do ano, e os Brandenbergs sabiam disso.

— Afaste-se, senhorita Pallas—, disse a senhora Brandenberg. — Será melhor para ambas as partes que hoje mesmo saia do apartamento.

— Melhor? — Perguntou Lydia. — Será você quem dormirá melhor se seguir o contrato que assinou no mês passado.

Lydia sentiu uma onda de angústia quando viu outro homem jogando as cortinas ao lado do colchão. Ela havia costurado aquelas cortinas com as próprias mãos. Seus bens mais valiosos, símbolos de tudo o que tinha conseguido alcançar desde que deixou o orfanato Crakken estavam jogados em uma rua empoeirada, como um monte de lixo abandonado. Talvez em poucos meses fosse forçada a deixar seu apartamento, mas ela não estava pronta para desistir ainda.

Então o viu chegar. Os transeuntes se afastaram de um lado da rua e crianças pararam para admirar o belo cavalo preto trotando avançando em direção a eles. O almirante Eric Fontaine, vestido com seu uniforme militar completo, com ombreiras e colarinho alto e engomado, vinha em seu socorro. Com seu olhar intenso e ar marcial, o almirante era o tipo de líder que teria atemorizado legiões de persas no desfiladeiro das Termópilas. Fontaine tinha características muito irregulares para ser considerado bonito de uma maneira convencional. Seu cabelo era escuro e seu rosto estava bronzeado pelo sol, seus olhos cinzentos pareciam dois pedaços de gelo.

Lydia notou que a segurança da senhora Brandenberg desapareceu como

as folhas de outono sopradas pelo vento. Seu ar altivo desapareceu e foi substituído por uma submissão subserviente quando o almirante se aproximou.

— Senhora Brandenberg, pode ter havido um mal-entendido nos termos do contrato que escrevi para a senhorita Pallas —, disse o almirante ao descer do cavalo. Seu tom era perfeitamente educado, mas suas palavras denunciavam certa frieza.

A senhorita Brandenberg alisou um cacho na testa e limpou a garganta. Então fez uma pequena e servil reverência.

— Bom dia, almirante... Comandante ... senhor.

Como comandante do estaleiro naval de Boston, os civis não sabiam ao certo como chamar o almirante Fontaine, embora ele preferisse ser conhecido por seu posto. Com quase dois mil marinheiros e trabalhadores civis no arsenal, o fato de que Lydia era conhecida do Almirante Fontaine era estranho, mas o departamento de tradutores estrangeiros tinha sido sua ideia, e por causa da falta de espaço, a equipe havia sido destinada à sala de recepção, ao lado de seu escritório.

O almirante observou sem estremecer os pertences de Lydia, que estavam acumulados em uma pilha triste no meio da rua.

— Seria uma pena se tivesse que sofrer as consequências de um despejo ilegal. A senhorita Pallas tem todo o direito de manter seu atual local de residência para...

O almirante fez um esforço para lembrar os detalhes do contrato que ele havia elaborado para ela; Lydia ficou na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido.

— Mais quatro meses —, disse.

— Quatro meses —, disse o almirante. — No final desses quatro meses, a senhorita Pallas tem o direito de...

— Mais duas semanas para recolher seus pertences, — Lydia sussurrou.

O almirante Fontaine assentiu.

— Mais duas semanas para recolher os seus pertences. Além disso, devem comunicar suas decisões de maneira oficial. Caso contrário, teremos que reabrir o caso. Está claro, senhora Brandenberg?

A senhora Brandenberg fez um esforço para manter a calma.

— Claro! — Exclamou alegremente. — Você e eu estamos completamente de acordo com os termos do contrato. Completamente de acordo! O problema é a falta de cooperação da senhorita Pallas em relação ao

resto do contrato. Em troca da extensão do prazo para comprar seu apartamento, a jovem se comprometeu a executar uma série de tarefas administrativas para o senhor Brandenberg. E não cumpriu nenhuma. É por isso que somos forçados a tomar essa decisão.

O almirante olhou para Lydia.

— Senhorita Pallas... Isso é verdade?

Lydia tentou esconder sua raiva.

— Eu fiz até a menor das tarefas atribuídas a mim. Além disso, levei seu cachorro para passear, fui ao mercado, cuidei de seus filhos e passei as camisas do senhor Brandenberg. Ontem à noite recusei o convite da senhora Brandenberg para banhar seus filhos. Receio que essa seja a razão do conflito.

O almirante não disse nada. Ele apenas dirigiu seus penetrantes olhos cinzentos para a senhora Brandenberg, esperando por sua resposta. Mas, enquanto permanecia em silêncio, decidiu tirar suas próprias conclusões.

— Seu marido concordou em estender o contrato de aluguel da senhorita Pallas porque sua primeira ordem de despejo era ilegal e ele sabia disso. O acordo consistia em que a senhorita Pallas execute pequenas tarefas administrativas. Não podem quebrar o contrato, colocando exigências ridículas. Está claro?

Até então, a voz do almirante era calma e metódica. Quando a senhora Brandenberg não respondeu, sua voz assumiu um tom agudo, como se fosse um chicote.

— Está claro, senhora?

A senhora Brandenberg estava prestes a pular de susto.

— Sim claro!

— Me alegro. Por favor, peça a seus homens que reposicionem os móveis da senhorita Pallas em seu lugar. Eu imagino que não será necessário lembrá-la que minha cliente tem o direito de recorrer a diferentes recursos jurídicos se seus pertences sofrerem algum tipo de dano, certo?

Foi uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim senhor.

Depois de um breve olhar de ódio contra Lydia, a senhora Brandenberg ordenou que os homens devolvessem seus pertences ao apartamento.

Fontaine já estava montando quando Lydia se aproximou dele para agradecer-lhe. Foi a segunda vez que o almirante veio em sua ajuda. Quando Lydia viu aquele terrível aviso de despejo em sua porta, ficou com medo e

decidiu ir até ele para ajudá-la a interpretá-lo. O almirante não só explicou todos os detalhes legais, mas ofereceu-se para representá-la gratuitamente para negociar um adiamento na compra da casa. Quantos chefes estariam dispostos a realizar tal ato de generosidade? Lydia protegeu os olhos do sol para olhá-lo.

— Espero que não se canse de me salvar no último momento—, disse ela. Tenho certeza que está entediado de vir em meu socorro a qualquer hora.

— Com certeza. Da próxima vez eu pretendo correr na direção oposta.

Lydia mordeu o lábio. Nunca soube se o almirante estava falando sério ou em tom de brincadeira. Estava prestes a responder quando seu olhar foi atraído por um homem que estava segurando sua mesa de cabeceira e uma pilha de lençóis debaixo do braço. Lydia tentou manter a calma, mas era muito doloroso ver alguém tratando seus pertences com tão pouca consideração.

— Reserve algumas horas para organizar suas coisas—, disse o almirante Fontaine, com um sorriso quase imperceptível. — Eu sei que não será capaz de distinguir as inovações no armamento naval até que tenha colocado seus pertences em seu lugar. Tenha um bom dia, senhorita Pallas.

Depois de bater-lhe com os calcanhares, o cavalo do almirante trotou em direção ao arsenal.

Lydia percebeu que todas as mulheres na rua tinham os olhos fixos nele. Sem dúvida, o almirante era o solteiro mais desejado em toda a cidade de Boston. Ou talvez de toda a Nova Inglaterra. Ou até mesmo de todo os Estados Unidos. O almirante era muito bonito, mas também era o homem mais decente e formal de toda a cidade. Karl costumava dizer que a Marinha havia colocado tanto amido no uniforme que havia perfurado sua pele. E, embora seus companheiros costumassem brincar sobre sua admiração por ele, a verdade é que Lydia nunca teve nenhuma esperança real por Fontaine. Para ser honesta, o almirante a intimidava demais para ficar confortável em sua presença.

Mesmo assim, ficou muito agradecida pelo tempo que lhe dera para organizar seus pertences, porque o almirante estava certo. A ordem era muito importante para ela, então ela teve que respirar fundo antes de abrir a porta do apartamento. Sentiu um calafrio ao ver todas as suas roupas empilhadas no sofá, mas pelo menos a mobília estava no lugar.

Lydia pegou o livro de viagens de Lewis e Clark no peito antes de devolvê-lo à prateleira. Durante os dois anos em que trabalhou na fábrica de

conservas, os livros tinham sido seu único consolo. O barulho, o cheiro e a monotonia da cavala enlatada só podiam ser suportados porque, no final do dia, podia fugir para as florestas de Dakota, acompanhada por intrépidos exploradores. Ou contemplar seu livro de joias arquitetônicas do mundo, com suas incontáveis gravuras de castelos, catedrais e imensas fortalezas. Os livros tinham sido sua única salvação naqueles anos sombrios, e Lydia os colocou em seu lugar com grande cuidado.

Na borda da janela, alinhou seus barcos. Dois frascos de perfume no centro; um pote de creme para os invernos frios da Nova Inglaterra; e o frasco azul escuro no qual ela mantinha seu remédio para enxaqueca. Lydia abriu a garrafa e tomou um gole do líquido viscoso, desejando que isso aliviasse sua dor de cabeça ante a ideia de ficar sem casa.

Com o frasco na mão, dedicou-se a olhar para a rua pela janela. Não se importava com os três lances de escada que tinha que subir todos os dias porque ... onde ela encontraria uma vista do porto assim? Ela adorava as panelas que enfeitavam as lojinhas limpas, os barcos de lagosta que balançavam no porto e o coaxar das gaivotas no ar da manhã. De sua janela ela podia ver os navios entrando e saindo do porto. Eles vinham da Antuérpia, Roterdã, Cuba, Quebec... Alguns procediam das águas cintilantes do Adriático, que ela considerava sua casa. Fazia muitos anos que havia deixado de desejar as águas quentes das ilhas do Mediterrâneo. Agora, Boston era a sua casa. Lydia não possuía um espírito de viagem nem queria se aventurar além de sua vizinhança. Esta era sua casa e ela estava disposta a fazer o que fosse necessário para mantê-la.

Não voltou ao trabalho até pouco depois do horário do almoço. Havia cerca de um quilômetro e meio até o estaleiro e Lydia estava cansada para fazer a mesma viagem pela terceira vez no mesmo dia.

Willis foi rápido em expressar sua opinião: — Eu pensei que o Almirante Fontaine lhe providenciaria algum meio de transporte até aqui.

Isso mostrava que Willis não sabia julgar as pessoas, porque o almirante nunca faria algo que pudesse ofuscar sua reputação impecável. Sem dúvida, andar a cavalo com uma mulher solteira teria sido descrito como impróprio.

— O almirante teve a gentileza de me dar algum tempo para organizar minhas coisas —, disse Lydia, sentada em sua cadeira.

Uma vez sentada, ela começou seu ritual de alinhar seus dicionários, seus potes de tinta e seus desenhos. Estava prestes a retomar o trabalho quando Karl e Jacob cercaram sua mesa.

— Está tudo bem, Lydia? — Karl perguntou com seu leve sotaque norueguês.

— Perfeitamente—, disse Lydia, parecendo mais confiante do que realmente sentia.

Tudo estava bem *hoje*, mas em dezembro se encontraria na mesma situação se não conseguisse ganhar os seiscentos dólares que faltavam.

— Posso fazer algo por você? — Karl perguntou.

Todo o pessoal do escritório sabia de sua situação, e Karl se oferecera para lhe emprestar cinquenta dólares em caso de necessidade, mas Lydia se sentiu incapaz de aceitá-los. Karl tinha uma esposa e quatro filhos e, certamente, esses cinquenta dólares eram sua única poupança. Jacob também se ofereceu para lhe emprestar alguns dólares, mas ele estava economizando cada centavo que tinha para trazer seus pais e suas irmãs de Salzburgo.

— Obrigado pela oferta, Karl, mas não é necessário—, disse ele.

Karl assentiu e voltou para sua mesa, mas Jacob ficou onde estava. Ele sempre foi como um irmão para ela, e Lydia se sentiu incapaz de esconder seus sentimentos.

O jovem agachou-se ao lado de sua mesa.

— Se a situação fosse muito séria, me diria, certo? — Ele perguntou baixinho. — Ao lado da fábrica de conservas há uma pensão para jovens senhoras. Eu poderia encontrar um quarto para você.

— Eu vou conseguir encontrar o dinheiro—, disse Lydia, tentando parecer calma.

Ela conhecia a pensão que Jacob estava falando, e a perspectiva de voltar a uma vida miserável parecia triste demais para ela considerar. Lydia levou um panfleto russo aos olhos e ficou aliviada ao ver que Willis lhe dera a lista de navios ingleses e noruegueses que ela pedira. No canto da sala, alguém pegou as folhas de chá que haviam caído no chão. Tudo havia voltado ao normal e, se se apressasse, ainda poderia terminar o relatório antes de terminar o dia. Certamente ela teria que ficar até tarde, mas não se importava. Uma xícara de chá a ajudaria a economizar energia pelo resto da tarde. Lydia se levantou e foi até a mesa de canto. Estava prestes a se servir de uma xícara de chá quando a porta do escritório se abriu.

O homem mais insuportável do mundo invadiu o escritório: O Adônis. Seu nome verdadeiro era Alexander Banebridge, mas Lydia achou ter ouvido o almirante chamá-lo de Alexander Christian.

*O Adônis* estava vestido com seu uniforme completo. Seu cabelo loiro

emoldurava um rosto com feições perfeitas, semelhante ao de um anjo exterminador. Mas o mais impressionante era seus olhos azul-gelo, que brilhavam sobre bochechas que eram desproporcionalmente altas.

— Boa tarde a todos—, disse o tenente enquanto caminhava pelas mesas do escritório. Depois de dar um breve sorriso para Lydia, o homem bateu na porta do almirante. Sem esperar por uma resposta, ele deslizou para dentro do escritório e fechou a porta atrás de si.

Willis suprimiu um calafrio.

— Eu não suporto sua forma de andar. Minha espinha dói só de olhá-lo.

Lydia reprimiu uma risada quando voltou para a escrivaninha com a xícara de chá. Estava prestes a se sentar quando percebeu que algo não estava no lugar. Os panfletos russos estavam justo onde os tinha deixado, e os dicionários estrangeiros também estavam organizados, formando um ângulo preciso de quarenta e cinco graus com a mesa... Mas havia algo estranho com os potes de tinta. Lydia sempre colocava o azul primeiro, depois o preto e depois o vermelho, mas eles estavam completamente desorganizados desde a última vez.

— Alguém tocou em meus potes de tinta? — Ela perguntou a Jacob, que olhava para ela como se tivesse enlouquecido.

—Eu nunca ousaria mexer na ordem escrupulosa da sua mesa—, Jacob respondeu.

Lydia olhou para a porta do escritório onde o tenente Banebridge acabara de entrar. Toda vez que aquele homem aparecia no escritório, alguma coisa dava errado em sua mesa: um desenho aparecia de trás para frente, seus dicionários não estavam mais em ordem alfabética... Lydia o encarara enquanto atravessava o escritório, mas ele sempre conseguia desordenar seus pertences e escapar de sua vigilância. Lydia franziu os lábios ao colocar os barcos, sabendo que não conseguiria se concentrar até que estivessem em ordem.

— Eu tenho que admitir que *não suporto* esse homem—, murmurou em voz baixa.

Do outro lado da sala, Karl levantou os olhos do documento que estava traduzindo.

— Eu ouvi coisas muito estranhas sobre ele—, disse. — Minha irmã mora em Vermont, perto da fronteira com o Canadá. Aparentemente, o governador da cidade queria construir uma ponte que ligasse Vermont ao Canadá, mas nosso amigo Banebridge apareceu para se opor a ela. Quando o

governador se recusou a interromper os trabalhos, os operários encarregados da construção deixaram o trabalho. O governador contratou uma nova equipe de trabalhadores, mas Banebridge apareceu uma semana depois e eles também deixaram o trabalho. Depois disso, eles não encontraram um único trabalhador no Estado que estivesse disposto a fazer o trabalho.

Lydia olhou para o escritório. Como era possível Banebridge conseguir intimidar toda uma equipe de trabalhadores? Ele não era corpulento o suficiente para ameaçar ninguém. O tenente não era muito mais alto que ela, mas ainda parecia perigoso. A pantera não é um animal especialmente grande, mas nenhuma outra criatura na floresta se atreve a desafiá-la.

— E o que *o Adônis* tinha contra aquela ponte? — Jacob perguntou.

Karl encolheu os ombros.

— Quem sabe. No ano seguinte, o governador perdeu as eleições e a ponte nunca foi construída.

Lydia olhou para os potes de tinta. O sol na janela lançava um leve brilho na superfície de vidro brilhante. Estava com vergonha de perguntar, mas fez isso sem perceber.

— Jacob, o tenente Banebridge já tocou na sua mesa? — lhe perguntou.

— Não tenho nada que valha a pena roubar.

Lydia sacudiu a cabeça.

— Eu não quero dizer roubar—, disse ela. — Está limitado a mudar as coisas de lugar. Coloca a lata de lápis onde não deveria, bagunça os dicionários... quero dizer esse tipo de coisa.

Lydia olhou para Karl e Willis para ver se algo semelhante lhes acontecera, mas os dois a olhavam estranhamente. Então levantou as mãos em um gesto de frustração.

— Nunca troquei uma palavra com aquele homem. Por que tem que me incomodar?

— Por que você é muito mais bonita que Willis? — Jacob propôs. — *O Adônis* pode beber os ventos por você.

Lydia deu um suspiro de impaciência. Ela era supostamente bastante atraente, com seu cabelo de luzes de mogno e olhos cor de canela, mas estava longe da perfeição do tenente Banebridge.

— Homens como ele não estão interessados em meros mortais—, disse ela. — Além disso, o homem que me quiser terá que estar disposto a pintar os armários do meu apartamento. *Isso* lhe daria um resultado muito melhor.

Lydia olhou para a porta fechada que levava ao escritório particular do

almirante. Como era possível que esse homem a perturbasse tanto? Além de seu estranho hábito de bagunçar sua mesa toda vez que ele ia visitá-la, não havia comunicação entre os dois.

Até mesmo o almirante Fontaine ficava amuado toda vez que o via aparecer no escritório. Talvez o tenente Banebridge tivesse um talento especial para semear a discórdia onde quer que fosse.

# CAPÍTULO 03



Para Lydia as contas não batiam. Dava igual as vezes que adicionara os valores ou ajustara seu orçamento. Simplesmente não conseguia alinhar os números. O que só poderia significar uma coisa: teria que começar a ganhar o dobro de dinheiro. Caso contrário, teria que enfrentar o despejo da única casa decente que já tivera em sua vida.

— Permita-me servir um pouco mais de creme. — Big John estendeu a mão sobre o balcão de mogno e pegou sua tigela vazia para voltar a enchê-la. — Cortesia da casa —, disse ele.

Lydia reprimiu um sorriso.

— Eu não sou *tão* pobre.

— Tranquila, o novo dono não se inteirará —, disse Big John enquanto piscava.

Na semana anterior, Big John terminou de comprar seu café no Dragão Sorridente, mas teve que assumir uma dívida considerável para cobrir as despesas. Enquanto Big John lhe dava creme de marisco sobre o balcão, Lydia sabia que seria uma falta de consideração não aceitar esse gesto de generosidade. Embora tenha dado calafrios pensar sobre o que isso implicava.

Big John e ela tiveram o mesmo problema. Os dois moraram no mesmo prédio por muitos anos. John dirigia o famoso café no primeiro andar, enquanto Lydia morava em um dos apartamentos acima.

Depois de várias semanas trabalhando como escravo, Big John conseguiu um empréstimo para comprar o café. O Dragão Sorridente não era apenas um lugar para tomar uma xícara de café ou um jantar rápido. Suas paredes recebiam comerciantes que vendiam suas mercadorias, políticos que planejavam suas estratégias e marinheiros aposentados que jogavam xadrez e compartilhavam suas aventuras. O café, que tinha um século de idade, era forrado com mogno escuro e adornado com velhos enfeites de bronze. As paredes do salão principal estavam cobertas de cartazes que mostravam os horários de entrada e saída dos barcos. Além disso, o café servia o melhor creme de amêijoas em toda a Nova Inglaterra, com a quantidade certa de

bacon defumado para temperar o caldo grosso de creme e batatas. Lydia não tinha uma cozinha em seu apartamento, então ela tomava todas as refeições no velho balcão de mogno do Dragão Sorridente.

Lydia voltou sua atenção para as figuras. Ela estava acostumada a trabalhar no meio do barulho, então estranhou que o barulho começara a desvanecer-se. O som de risos e conversas foi diminuindo, uma garçonete ocupada silenciou seu comando no meio da frase e até os violinistas do canto pararam de tocar. Lydia levantou a cabeça para ver quem causara aquela comoção.

*Meu Deus.*

O que diabos o tenente Banebridge estava fazendo no Dragão Sorridente? Seus olhos, um azul cristalino, tentaram se acostumar com a luz fraca do café para observar os paroquianos. O tenente não era especialmente alto. Além disso, comparado aos estivadores que ocupavam o local, era bastante pequeno, mas irradiava uma segurança estranha enquanto andava em volta das mesas e barris para chegar ao balcão.

Lydia sentiu um calafrio quando seus olhos caíram sobre ela. Quando a viu, o tenente sorriu levemente com a boca perfeita. Lydia engasgou quando percebeu que ele estava procurando por ela.

— Lydia Pallas? — Banebridge perguntou, sentando-se no banquinho vazio ao seu lado.

Como era possível que ele soubesse o seu nome? Era a primeira vez que lhe dirigia a palavra. Lydia se perguntou como ele conseguiu descobrir onde ela morava. Tudo o que ela podia fazer era acenar com a cabeça.

— Eu ouvi que sabe ler turco —, disse o tenente, como se essa fosse a maneira mais normal de começar uma conversa. — Eric me disse que está disposta a assumir tarefas de tradução adicionais.

Lydia levou um momento para processar o que o tenente acabara de dizer.

— Eric? Você está se referindo ao almirante Fontaine?

— Sim, almirante Fontaine. Ele me disse que você tem um extraordinário talento para idiomas.

— É a primeira vez que ouço alguém se referir ao almirante como "Eric". É como se alguém chamasse a rainha Victoria de "Vickie". — Lydia olhou a insígnia de seu uniforme. — Além disso, duvido que um tenente tenha o direito de chamar seu superior pelo primeiro nome.

Banebridge deu-lhe um sorriso que teria cativado qualquer mulher.

— Eu não tenho que responder ao almirante. Eric é meu amigo, não meu

superior. Meu nome é Alex Banebridge, mas todo mundo me chama de Bane. Eric me disse que você poderia me ajudar.

O tenente vasculhou a carteira e tirou uma pilha suja de papéis que pareciam vir do lixo. Além disso, eles tinham um cheiro horrível, mas o tenente gentilmente pediu desculpas pelo estado dos papéis... aparentemente sua governanta tinha jogado fora sem perceber. Ele então disse que precisava de um tradutor e que estava disposto a pagar em dobro, levando em conta o status dos documentos.

Desde que encontrou aquele terrível aviso de despejo à sua porta, Lydia havia assumido qualquer trabalho de tradução que pudesse encontrar. Normalmente, o trabalho vinha de um jornal local que reimprimia curiosidades sobre a ópera italiana e notícias do interminável conflito entre a Grécia e a Turquia. Mas era muito raro um completo estranho se aproximar dela para oferecer seu trabalho. E mais ainda um homem atraente, que olhava para ela como se ela fosse objeto de um imenso fascínio. Esses homens bonitos geralmente não notavam garotas como ela.

Então ela se repreendeu. Estava pensando em rejeitar um emprego só porque o cliente era atraente? Lydia se endireitou e pegou a pilha suja de papéis. Só teve que olhar a primeira página para saber que eles estavam em turco.

— Claro que posso traduzi-los. Quando você precisa deles?

— Para amanhã. Amanhã à noite vou para a Filadélfia e quero levá-los comigo.

Lydia sentiu uma pontada no coração.

— Impossível. Eu vou precisar no mínimo de uma semana para terminar.

Lydia tinha que ir para a casa dos Brandenbergs às dez para executar tarefas administrativas, e isso deixava pouco tempo para a tradução. Depois de folhear a pilha de documentos, estimou que o trabalho levaria cerca de seis horas. Mas se o tenente estava com tanta pressa...

— Quanto está disposto a me pagar?

— Cinco dólares. E dois dólares a mais pelo estado dos documentos.

Lydia sacudiu a cabeça.

— Impossível. Se vou passar uma noite inteira sem dormir, tenho que cobrar pelo menos vinte dólares.

— Vinte dólares é o seu salário semanal!

— Eu sei. E também é o preço do trabalho de uma noite inteira.

Lydia precisava desse dinheiro e estava disposta a fazer qualquer coisa

para consegui-lo. Depois de lançar um olhar distraído para os clientes do café, disse: — Vejamos... que outra pessoa poderia fazer? Olhe, aquele que está jogando xadrez na esquina é Paddy O'Malley. Ele está sempre procurando emprego. Talvez possa perguntar a ele. Ah, há também uma academia de arquitetura no final desta rua. Eles podem ter tradutores turcos com muito tempo livre.

O tenente encostou-se no canto do balcão e fixou seus olhos azuis nela. Seu olhar lembrava-a de um gato perseguindo um canário.

— Tenha cuidado, senhorita Pallas—, disse ele. — Eu estou começando a pensar que é uma mesquinha. E é uma pena que uma jovem tão bonita como você tenha esse defeito.

— Eu prefiro pensar que sou parcimoniosa.

— Miserável é a palavra que usamos na Marinha. Não negue, está escrito na sua cara.

Deveria ter tomado isso como uma ofensa, mas o tenente disse com tanta graça que quase riu. Teve que fazer um esforço para manter a compostura.

— Vinte dólares poderiam convencer esta miserável a desistir de uma noite de sono—, disse. — Mas dezenove, não.

Lydia fingiu saborear seu creme de amêijoa, desejando não ter levado as coisas longe demais. Estava pedindo uma quantia exorbitante, mas ela não ganharia seiscentos dólares sendo prudente.

— Vamos lá—, Banebridge disse persuasivamente. — Eu vi crianças de dez anos desistirem de uma noite de sono para ver o Papai Noel. Tenho certeza de que será capaz de fazer isso.

— Alguma dessas crianças sabe ler turco?

O tenente olhou para ela com um ar divertido de frustração. Seus olhos eram de um azul cristalino, com um leve tom acinzentado ao redor da íris. Sem dúvida, o homem era capaz de persuadir uma cobra, mas Lydia não confiava muito nele. Tinha certeza que o tenente usava outro sobrenome, e que tipo de homem honesto precisa de mais de um sobrenome?

— Por que o almirante às vezes o chama de Alexander Banebridge e outras de, Alexander Christian?

A pergunta saiu de sua boca sem perceber. Precisava dos vinte dólares muito mais do que descobrir por que ele usava esse apelido, mas o tenente não parecia incomodado por sua impertinência. Ele apenas sorriu para ela quando se aproximou dela.

— Senhorita Pallas, estávamos discutindo as falhas em seu caráter, não as

inconsistências banais da minha história de vida. A obsessão dos jovens de hoje com dinheiro é lamentável. Estou surpreso que seja capaz de dormir à noite. Quinze dólares pela tradução —, disse ele, empurrando a pilha de papéis para ela.

Lydia teria aceitado o emprego por cinco dólares, mas não poderia fraquejar se quisesse conservar sua casa. Então empurrou os papéis para longe.

— Com licença, mas estou tentando comer, e esses papéis cheiram como excrementos de gato—, disse, fingindo um ar de indiferença. Nunca conseguiria o emprego se parecesse desesperada demais pelo dinheiro.

Lydia demorou um pouco para comer seu creme e depois se levantou.

— Foi um prazer conhecê-lo, tenente Banebridge. Ou Bane. Como preferir Tenho certeza que você vai adorar saber que meus colegas de trabalho o chamam de *Adônis*. Se desejar, você pode adicionar esse apelido à sua lista interminável de nomes.

Lydia prendeu a respiração quando se dirigiu para a porta, desejando não ter levado as coisas longe demais.

Não deu três passos quando o tenente entrou na frente dela, entregou a pilha de papéis e tirou a carteira. Lydia tentou esconder um sorriso triunfante quando o viu tirar uma nota de dez dólares.

— Dez dólares agora e outros dez amanhã à tarde—, disse ele. — Eu virei aqui para pegar o trabalho.

O tenente aproximou-se dela um pouco mais. Sua voz era suave e doce como mel.

— E eu vou rezar para que pare de ser tão mesquinha—, ele sussurrou em seu ouvido.

Lydia sentiu um frio completamente irracional percorrer seu corpo, mas antes que ela pudesse responder, o tenente virou-se e, rígido como uma vassoura, saiu do café.

# Capítulo 04



Era quase meia-noite e o professor estava cansado, mas ele pegou seu tesouro tão delicadamente como se fosse uma borboleta ferida. Então desceu os degraus da carruagem com grande cuidado, como se não quisesse despertar as páginas de sua última aquisição.

— Você jogou areia no caminho? — perguntou ao seu criado, que estava segurando a porta da carruagem.

— Claro, professor.

— Bom rapaz.

Chovia o dia todo e as trilhas de ardósia podiam ser muito escorregadias. A ideia de tropeçar enquanto segurava aquela obra de arte em suas mãos parecia terrível para ele. Uma cálida luz brilhava por trás das janelas de sua mansão de granito e logo poderia transferir as delicadas páginas do livro para um local adequado. Nunca mais seria esquecido em uma sala muito quente, ou acariciado por pessoas ignorantes que não conheciam o valor incalculável da *Areopagítica* de John Milton. Impresso em 1644, o volume sobreviveu a várias guerras civis, ao incêndio de Londres e à lenta deterioração dos anos. O professor teve que se mudar para a Filadélfia para participar de seu leilão, mas o esforço valeu a pena.

Foi um alívio entrar na casa, onde a temperatura estava sempre fresca para conservar seus delicados livros. Não era confortável para as pessoas que viviam nela, mas não havia escolha senão fazer esse tipo de sacrifício. Os olhos do professor se dilataram de prazer quando passaram pela sala, as paredes cheias de prateleiras que chegavam até o teto. Mais livros descansavam na mesa do corredor, empilhados nos corredores e sob as mesas.

O professor colocou luvas delicadas de algodão, abriu a caixa e deixou seus olhos recriarem a beleza da *Areopagítica*. Uma careta de dor atravessou seu rosto quando ele viu uma mancha no canto inferior esquerdo do livro. Certamente era o trabalho de um leitor descuidado de séculos atrás, que não sabia como tratar uma obra de arte corretamente. Mas isso não importava. O professor estava disposto a evitar todos os defeitos, como um pai perdoa seus

filhos.

Um grito veio interromper o silêncio noturno. O professor levantou a cabeça e afiou a orelha. Sem dúvida, se tratava do lamento de uma criança. O homem envolveu o *Areopagítica* em sua capa protetora e colocou-o em um estojo de mogno antes de seguir o som de choro na sala de música.

Justo o que suspeitava. Ali, encolhido ao lado do cravo, estava o pequeno Dennis Webster.

Quando o professor fechou a porta o choro parou de imediato. Dennis ficou paralisado ao vê-lo.

— Venha aqui, pequeno — disse o professor —. A que se deve essas lágrimas? A senhora Garfield não te deu de comer?

O menino olhou para ele com seus enormes olhos enquanto se apegava ao cravo. Estava com muito medo de falar.

— Você quer uma tigela de sopa? Ou talvez um pedaço de torta de maçã? A senhora Garfield gosta de fazer torta de maçã nesta época do ano.

O menino apenas balançou a cabeça em resposta.

— Bem, se você não está com fome, você terá que me dizer o que há de errado com você. Não é normal que uma criança da sua idade chore. Quantos anos têm? Nove?

O menino fungou.

— Dez.

— Dez anos. Você é muito velho para chorar no meio da noite, não acha? Venha, me diga por que você está tão triste.

O menino segurou os joelhos com as mãos e olhou para o chão de madeira.

— Eu sinto falta de Tony—, ele sussurrou.

— Ah... você se refere ao filho dos Vallins—, disse o professor com simpatia. Depois de atravessar a sala, ele se sentou em uma cadeira na frente do menino. — O que aconteceu com Tony é uma verdadeira tragédia, mas você sabe que isso não tem nada a ver com você. Há muitas coisas que você pode fazer sem a necessidade de um companheiro: pescar, cavalgar... Além disso, ouvi dizer que há uma nova ninhada de filhotes no celeiro. Se você quiser, você pode manter um para si mesmo.

Dennis balançou a cabeça, recusando-se a olhar para cima. Isso era muito frustrante, mas era normal que uma criança nessa situação se assustasse. Era normal, mas já era hora de superá-lo. O menino morava em sua casa há três anos e o professor nunca lhe dissera nada que o incomodasse. Tão pouco o

havia machucado.

— Dennis, tem que aprender a ser um homem e se livrar desses medos da infância. Eu sei que você está em... bem, em uma situação difícil, mas eu não vou punir você enquanto seu pai continuar a colaborar. E ele fez isso desde que você veio morar comigo. Mas o pai de Tony não queria colaborar, então não tive outra escolha. Você entende, certo?

Depois de uma longa pausa, o menino assentiu levemente.

— Me alegro—, disse o professor com carinho. — Além disso, você não é o único na mesma situação. De fato, acolher as crianças de pessoas importantes tem sido muito comum ao longo da história. Durante a maior parte de sua infância, o primeiro rei da Escócia foi convidado do rei da Inglaterra. Jacobo não voltou com a família até os dezesseis anos e já havia feito muitos amigos na Inglaterra. E graças a isso, ele governou seu reino melhor. Então o acordo beneficiou ambas as partes —, disse o professor gentilmente.

O rosto de Dennis ainda refletia angústia e confusão. A criança tentou falar várias vezes, mas pareceu relutante em dizer as palavras.

— Não tenha medo. Me pergunte o que você quiser —, disse o professor.

— O que ... o que aconteceu com Tony exatamente?

O professor exalou um suspiro profundo. Não havia sentido em contar a ele. Afinal, Tony não havia sofrido. O professor nunca gostara de violência gratuita, mas uma mensagem clara deveria ser enviada ao pai de Tony. Mandar um baú com o corpo de Tony Vallins, de onze anos, serviu para resolver o problema. Vallins ainda tinha mais três filhos para se preocupar e o professor não teve problemas com o capitão do porto de Nova Orleans.

— Você só precisa saber que Tony não sofreu. Seu pai não o amava o suficiente, mas no final não foi culpa dele, você não acha? Se for algum consolo, pode escrever outra carta ao seu pai e enviá-la ao correio amanhã. Se você quiser, posso lhe dar uma mão com palavras difíceis. Diga a ele que você é tão corajoso quanto o rei da Escócia.

O professor sorriu para o menino. Era tão bom ajudar um menino a escrever cartas... Nunca teve filhos, mas ao longo dos anos ele tinha recebido outras crianças como Dennis e Tony em sua casa. Muito poucos terminaram como Tony, porque o professor tinha uma reputação de conseguir tudo o que ele pretendia fazer.

Apenas uma criança realmente o desapontou. Alexander Banebridge possuía a mente mais privilegiada que qualquer homem, mulher ou criança

que ele já conhecera. Ele também era muito inteligente. Com o tempo, o professor decidiu educá-lo como se ele fosse seu próprio filho. Deu tudo. Uma educação, acesso ao poder... Ele ensinou-lhe as maneiras de um cavalheiro, a cultura de um homem do mundo e todos os segredos do comércio marítimo. E Bane devorou tudo. Sua mente era rápida como um raio e ele absorveu toda a informação. E sempre estava pedindo mais.

Infelizmente, Bane acabou se tornando uma terrível decepção. Quem teria pensado que a criação mais esplêndida do professor seria seduzida por propagandistas religiosos?

No entanto, o resto de seus reféns se mostrou bastante lucrativo. Alguns até se envolveram no negócio quando ficaram mais velhos. Talvez o pequeno Dennis acabasse sendo um deles.

Assim que entrou na loja de flores na Cranston Street, Bane se viu envolvido por uma fragrância inebriante de rosas e jasmim. O tenente esperou enquanto um jovem ditava um ridículo cartão de amor para acompanhar um buquê de rosas.

— Doce Margarida, pelo seu sorriso vivo e pelo seu amor morro. Você me impele a voar como uma pomba nas asas do amor.

Embora se tratasse de uma poesia atroz, Bane manteve uma expressão de indiferença. Ele tinha certeza de muito poucas coisas neste mundo, mas uma delas era que ele nunca cortejaria uma mulher de uma maneira tão lamentável.

Finalmente, o jovem terminou seu poema, pagou os custos de envio e saiu da loja. Bane foi ao florista.

— Você tem papoulas? — Ele perguntou.

O florista balançou a cabeça com relutância.

— É muito difícil encontrar papoulas nesta época do ano. Não prefere as dálias?

Nos cinco anos que levava visitando aquela loja, as únicas flores que ele comprava eram as papoulas. Mesmo assim, Bane fingiu considerar essa possibilidade. Não queria que o florista pensasse que suas ações respondiam a algum tipo de obsessão.

— Vamos dar uma olhada nas dálias—, disse ele com aparente naturalidade.

Bane era incapaz de distinguir uma dália de um rabanete, mas ele seguiu o florista pelo balcão e olhou para as flores. As pétalas largas e abertas das dálias se pareciam com uma papoula, mas na realidade ele só estava disposto

a comprar papoulas.

— São muito bonitas, mas eu prefiro esperar as papoulas chegarem. Quando você acha que receberá a remessa?

Bane sabia que ele estava pedindo demais. As papoulas floresciam em junho e, embora algumas variedades pudessem ser manipuladas para durar até a próxima estação, elas eram cultivadas em estufas no sul do país. O funcionário hesitou.

— Eu teria que enviar um telegrama para o provedor que tenho na Geórgia. Pode demorar uma semana.

Bane assentiu. Então deu ao florista a quantia considerável de dinheiro que custava uma comissão como essa.

— Por favor, envie-as para a sala de livros raros da Biblioteca de Harvard. Eu não preciso colocar um cartão.

Bane sentiu uma onda de satisfação. Que estranho que ele ainda gostasse de incomodar o professor. Toda vez que mandava uma mensagem para o professor Van Bracken, a vida estava em jogo, mas a verdade era que valia a pena. Durante décadas, aquele homem havia contaminado a cidade com suas toneladas de ópio, o derivado sedutoramente mortal da papoula.

Durante anos, Bane foi seu aprendiz mais notável. Ajudou o professor a importar, distribuir e vender ópio para quem quisesse pagar por ele. Quando ele tinha dezessete anos de idade, Bane encontrou Deus e libertou-se das garras do professor, mas a vergonha continuou a atormentar sua alma. Ele teria que carregar essa culpa pelo resto de sua vida, mas pelo menos estava começando a neutralizar o dano que causara ao mundo. Agora ele passava seu tempo no implacável mundo da intriga política, tentando promover uma legislação que acabaria com a venda de ópio em todo o país, mas aborrecer o professor era uma das poucas satisfações que ainda seguia se permitindo.

Dez anos atrás, pouco depois de escapar da influência do professor, Bane comprou uma caixa de bolbos de papoula e esperou que o professor deixasse sua remota mansão nas florestas de Vermont, o centro de seu império criminoso. Então ele entrou na propriedade e, por três noites seguidas, dedicou-se a plantar bulbos em todos os lugares, plantando papoulas no gramado, nos jardins e até nos campos onde o gado pastava. Mais tarde ele conseguiu forçar a porta da mansão e deslizou as sementes dentro dos vasos que adornavam cada um dos quartos. Bane teria adorado estar presente quando as papoulas floresceram, mas ele estava muito ocupado apagando seus rastros. Fazia tempo que os capangas do professor haviam posto um

preço por sua cabeça.

Depois daquele verão, ele começou a enviar papoulas para o Professor onde quer que ele estivesse. Conhecia pessoas que se deixavam subornar e as subornava. Quando o professor se reunia com a alta sociedade, Bane conseguia que a anfitriã tivesse a sala cheia de esplêndidos buquês de papoulas. Quando o professor se reunia com seus banqueiros, havia sempre uma magnífica foto de papoulas na parede do escritório. Tudo era projetado para tirar o professor do sério, para mostrar a ele que Alexander Banebridge ainda estava vivo e sabia onde ele estava e com quem ele estava relacionado. Ele queria ter certeza de que o professor não voltaria a passar uma noite tranquila em sua vida. Quão curioso é que um simples buquê de papoulas servia para alcançar seus objetivos.

Bane saiu da floricultura e vislumbrou um dos primeiros sintomas do outono: alguém estava queimando uma pilha de folhas secas em um canto distante. Enquanto caminhava pelo sinuoso beco, viu o jovem Romeu que acabara de encomendar as flores, contemplando um anel na vitrine de uma joalheria.

Bane diminuiu o ritmo.

— Bem, vejo que está disposto a tudo.

Romeo se sobressaltou, mas logo exibiu um sorriso deslumbrante.

— Sim. Já é hora.

Como era possível que um homem atingisse a idade adulta mantendo a expressão de inocência absoluta?

Um sentimento desconhecido surgiu na mente de Bane. Inveja, talvez? Se não tivesse passado toda a sua infância sob a influência do professor, ele ainda poderia ser ingênuo o suficiente para perseguir uma mulher com a mesma expressão de inocência. Mas, é claro, se a cobra não tivesse tentado Eva com a maçã, todos ainda viveríamos no jardim do Éden.

Bane se despediu de Romeo com um breve aceno de cabeça.

— Boa sorte —, disse.

Então ele se virou e começou a subir a colina que levava à Chapman Square, onde planejava se encontrar com o chefe de polícia de Boston. Tinha que fazer um monte de coisas antes de sair da cidade, mas sua mente não parava de se concentrar.

Como seria estar apaixonado? Bane não perderia tempo com flores ou joias para impressionar uma mulher. A arrastaria para ver as pirâmides do Egito, para navegar pelas águas do Reno ou para descobrir as grandes cidades

europeias. Quando estivessem cansados de explorar palácios e museus, ele a levaria para uma vila isolada, com vista para as costas rochosas do mar Adriático e isolada do mundo atrás de um muro de glicínias.

Bane se endireitou e acelerou o passo. Claro, tudo isso não passava de pura fantasia. Desde que ele escapou das garras do professor, ele sabia que nunca poderia ter uma vida normal. Mas, de tempos em tempos, esses desejos estúpidos continuavam a atormentá-lo.

Felizmente sabia como reprimi-los.

# Capítulo 05



Lydia tinha as traduções turcas guardadas dentro de um saco de aniagem, que descansava no chão do café enquanto esperava o tenente Banebridge. O trabalho de tradução foi tão interessante quanto um trabalho de contabilidade. Se tratava de uma publicação de vinte páginas sobre o transporte e distribuição de lã procedente do Marrocos, descrita nos mínimos detalhes.

Só tinha dormido duas horas e estava exausta, mas nada era mais reconfortante do que um creme quente de mariscos e uma xícara de café do Big John.

— Outro creme de amêijoas?

Quando levantou a cabeça, Lydia se encontrou com o tenente Banebridge que estava de pé ao seu lado. Sem pedir permissão, o tenente pegou um banquinho e se sentou junto a ela.

— Quando gosto de algo, eu costumo ser fiel. Por que você não está vestindo o uniforme? — perguntou.

Com sua camisa branca e sua levita da lã escura, o tenente estava mais bonito do que de costume, se é que isso era possível.

— Deixei a Marinha — disse ele com a maior naturalidade do mundo —. Entreguei os papéis da minha renúncia há pouco. A partir de agora pode me chamar de Alexander Banebridge.

Havia algo que não se encaixava bem. Ela não era uma especialista, mas sabia que deixar a Marinha não era tão fácil quanto o tenente pretendia aparentar. Lydia estreitou os olhos e começou a examinar seu rosto perfeito, procurando em vão qualquer sinal de constrangimento.

— Você sabe de alguma coisa, Bane? — perguntou. — É muito comum as pessoas mudarem de emprego, mas não seus sobrenomes.

Lydia esqueceu todas as suas dúvidas quando Bane colocou uma nota de dez dólares sobre a mesa. Em resposta aos seus pedidos, Bane entregou-lhe outra pilha de papéis para traduzir. Desta vez, os documentos vinham da Grécia e da Albânia.

— Vou ter que cobrar mais pelo albanês —, disse Lydia ao virar as páginas. — Eu não o domino completamente e levarei um tempo.

— Dormindo nas aulas de albanês, hein? Então, além de mesquinha, você também é preguiçosa. Boa combinação. Pagarei vinte e cinco dólares por tudo.

Lydia levantou as sobrancelhas.

— Sem pechinchar?

— Sem pechinchar. Eu sabia que o albanês seria um esforço para você. Se não me engano, você é metade grega e metade turca. Parece justo pagar um pouco mais pelo albanês.

Lydia dobrou a nota de dez dólares e a guardou no bolso, surpreendida de sua boa sorte.

— Como sabe? Como sabe de onde sou?

— Eric me contou.

Lydia não gostava de saber que os dois haviam estado falando dela, mas pelo menos estava conseguindo um dinheiro extra. Além disso, o almirante tratava de muitos assuntos com Bane. Isso significava que podia confiar nele. Ou não?

De qualquer forma, o almirante sempre parecia aborrecido e distante cada vez que Bane colocava os pés em seu escritório.

— Você realmente é amigo do almirante Fontaine? — perguntou Lydia sem se dar conta—. Cada vez que você vem vê-lo ele parece tão triste...

Bane lhe dedicou um sorriso que fez com que seu pulso acelerasse.

— Bobagens. Eu levo a alegria aonde vou. Tinha que ter visto como você me olhou quando cheguei. Pensei que ia tacar fogo no local.

—Claro, porque estava esperando os dez dólares que me devia— se defendeu Lydia—. Esses documentos eram tão chatos que deveria ter me pagado em dobro.

Lydia observou os documentos da Grécia e da Albânia que Bane lhe havia entregado. Lhe bastou dar uma olhada na primeira página para saber que eram informes fiscais sobre o gelo procedente da Grécia. Outra leitura fascinante.

— Para quando precisa? — perguntou—. Por favor, não me diga que para amanhã.

— Não. Vou estar uns dias fora da cidade. Que tal sexta-feira? Se preferir, posso passar em seu escritório.

Lydia lançou um olhar ao monte de papéis. Sabia que o trabalho pediria um esforço considerável, e só teria três tardes para terminá-lo.

— De acordo — disse.

Quando ficou sozinha, percebeu que, mais uma vez, Bane tinha conseguido evitar todas as suas perguntas sobre os assuntos relacionados com o almirante. Nos dias seguintes, Lydia se dedicou a traduzir relatórios fiscais albaneses, de modo que sua mente continuava circulando em torno de Bane e de seu relacionamento com o almirante. Bane estava pagando a ela uma quantia considerável de dinheiro para traduzir os documentos, e aceitar tais somas de um estranho fazia com que ela se sentisse um pouco desconfortável. Sempre que ela tentava perguntar algo pessoal, Bane conseguia mudar de assunto.

Na quinta-feira, Lydia decidiu entrar no escritório do almirante para perguntar se Bane era uma pessoa confiável. Ao contrário do seu escritório com suas paredes caiadas de branco, o escritório do almirante era forrado de carvalho e um lindo tapete oriental cobria o chão. Da janela, podia-se ver um navio de guerra sobre o dique.

O almirante ficou surpreso ao ouvir sua pergunta.

— Claro, — ele disse. — Banebridge é um homem extraordinário. Caso contrário, eu não o teria colocado em contato com você.

— Ah.

Lydia ficou ali parada, desejando que o almirante fosse um pouco mais longe e lhe dissesse por que suas visitas o incomodavam tanto. Mas não sabia como lhe perguntar sem ser indelicada.

— Então esse é o nome verdadeiro dele, Banebridge? Ouvi dizer que ele também se chama Alexander Christian.

— Se você quiser, pode chamá-lo de Bane. Todo mundo o chama assim.

Mas Lydia se sentia desconfortável fazendo traduções tão bem pagas para um homem que ela mal conhecia.

— Mas quem é? Ele nunca me diz por que ele precisa dessas traduções estranhas. Eu nem sei se ele é um membro da Marinha ou não. É um desses agregados navais que nos enviam informações?

O almirante olhou para ela sem piscar, mas demorou um pouco para formular sua resposta.

— Bane tem trabalhado para mim há algum tempo —, disse ele. — Às vezes eu o chamo para trabalhar em um projeto especial... Mas, oficialmente, ele nunca pertenceu à Marinha. Eu só recorro a ele de vez em quando.

Sua resposta era evasiva, mas Lydia sabia que ela não descobriria mais nada.

Então, o almirante surpreendeu-a.

— Apesar da apreciação que lhe tenho, aconselho que seja cuidadosa. Bane é um homem muito perigoso. Ele gosta de se esconder sob sua aparência encantadora, mas não se deixe enganar. Pode ser tão letal quanto um escorpião. Aceite o trabalho que oferece, mas tente manter distância.

Um olhar de preocupação apareceu no rosto castigado pelo tempo do almirante.

— Está claro, senhorita Pallas? — Ele perguntou muito seriamente.

— Sim, senhor —, Lydia murmurou antes de sair do escritório.

Na sexta-feira, Bane passou pelo estaleiro para pegar as traduções. Lydia precisava ganhar quinhentos dólares a mais para manter seu apartamento, e esperava que Bane tivesse mais trabalho para ela. Bane entrou feliz no escritório, vermelho e desgrenhado pelo vento frio do outono. Era muito irritante ver que até mesmo com o cabelo despenteado seguia tão bonito quanto antes, mas Lydia ficou muito feliz quando ele lhe deu mais vinte e cinco dólares para suas economias crescentes. Além do mais, Bane trouxe mais documentos para traduzir. Antes de entregar as páginas, Bane encostou-se à escrivaninha e começou a brincar sobre todo tipo de coisa, desde o penteado até a caligrafia.

— Você tem uma caligrafia muito limpa e firme —, disse ele, observando sua tradução. — Há um francês que publicou vários artigos sobre a psicologia da análise caligráfica e sua relação com a psique humana. Tenho certeza que ele ficaria feliz em estudá-la.

— Minha letra é perfeita.

# CAPÍTULO 06



Menos mal que Bane ainda estivesse lhe confiando traduções. Nas semanas seguintes, o fluxo constante de trabalho permitiu-lhe levantar cerca de duzentos dólares para o seu apartamento. Todos os dias, Bane aparecia no escritório do estaleiro para lhe trazer mais pedidos. Normalmente deixava a pilha de papéis em sua mesa, flertava com ela de uma forma descarada e a deixava mais confusa do que uma borboleta no meio da nevasca.

Não havia consistência nos documentos que ele pedia para traduzir. Havia documentos legislativos do Parlamento russo, investigação científica sobre as correntes do Oceano Atlântico, diários de bordo, registros fiscais, relatórios de censo, registros agrícolas, oferta pública de ações... A maior parte do trabalho era terrivelmente chato, mas a obrigava a usar todo o seu repertório de habilidades linguísticas. Às vezes, os documentos eram novos e limpos e, às vezes, sujos e enrugados. Um registro de contabilidade estava tão sujo que parecia que um escarrador havia sido esvaziado.

O único aspecto consistente era que Bane nunca encomendava o trabalho de Jacob ou Karl. Apenas a Lydia. Seria possível... seria concebível que Bane estivesse interessado nela?

Isso explicaria o fluxo interminável de traduções absurdas que ele lhe encarregava. Se desse uma explicação lógica para o estranho conjunto de papéis que ele lhe trazia, Lydia entenderia melhor suas frequentes visitas ao estaleiro, mas Bane se recusava a dar-lhe respostas precisas. Sempre que lhe perguntava para que precisava da informação, Bane lhe dava um de seus sorrisos cativantes e dizia-lhe alguma mentira descarada.

— Sempre tive curiosidade sobre os impostos albaneses —, disse ele em resposta à sua pergunta. — Não conseguia dormir pensando em quando você ia me entregar esse registro fiscal. Você conhece minha fraqueza por esses tesouros —, brincou ele, antes de pegar o registro de suas mãos.

Lydia procurava deixar sua relutância de lado, já que a receita das traduções era importante demais para ser rejeitada. Ela sabia o que significava ser pobre e não estava disposta a estar na mesma situação. Mas cada vez mais se sentia mais desconfortável em sua presença.

Além do mais, estava começando a desconfiar de Bane. Duas semanas antes, o encontrara por acaso no parlamento de Massachusetts. Ocasionalmente, Lydia fazia traduções de pouca importância para o governo. Desta vez, lhe haviam pedido para traduzir cartas comerciais para o ministro das Relações Exteriores italiano. Lydia deu-os a um empregado, embolsou seus cinco dólares e estava prestes a sair quando viu um homem como Bane falar com o almirante, o governador de Massachusetts e um juiz do Supremo tribunal.

Lydia se escondeu atrás de uma das colunas altas e caneladas que cercavam o vestíbulo do parlamento. No começo só podia vê-lo de costa, mas não demorou em descobrir que o homem era tão esbelto quanto Bane e tinha o mesmo cabelo loiro roçando o pescoço de sua camisa. Até mesmo sua postura informal e despreocupada era a mesma. Mesmo assim, Lydia não acreditou no que seus olhos viam. O homem vestia-se melhor que Bane, como se fosse um aristocrata. Quando se virou para cumprimentar outro juiz, Lydia viu seu rosto lindamente esculpido, tão bonito e perfeito quanto o de um arcanjo.

Não houve dúvidas. Essa voz pertencia a Bane.

— Juiz Stevens, você conhece o almirante Fontaine? O almirante está no comando do estaleiro naval há nove anos.

Lydia chegou um pouco mais perto. Fez um esforço para passar despercebido enquanto se agarrava à coluna, mas era muito importante ouvir o que eles estavam dizendo. O que diabos Bane estava fazendo com essas pessoas importantes? Ele lhe dissera que ele era apenas um marinheiro sem trabalho.

Letal como um *escorpião,* o almirante dissera dele. E, apesar de tudo, ele estava lá, cumprimentando alguns dos homens mais poderosos do estado.

Lydia tentou captar a conversa em meio ao som de passos e vozes, que ecoavam no chão de mármore e na abóbada do teto. Parecia que eles estavam falando sobre as eleições. Um dos juízes dizia que alguém "se recusava a colaborar". Houve risadas e um tapinha nas costas.

— Vamos esperar que Bane lhe dê uma boa lição! Já tem o senador Wilkinson comendo de sua mão —, disse um deles.

Mais risadas. Então Bane tomou a palavra, mas ele falava tão baixinho que não conseguia ouvi-lo. Quando o grupo se separou, Lydia deixou a coluna para observar Bane e o almirante ao saírem do prédio. Só então, Bane se virou e olhou para ela.

Lydia ficou paralisada no local. No entanto, Bane não pareceu particularmente surpreso em vê-la. Ele apenas acenou para ela e piscou antes de sair.

Era a primeira vez que Lydia via Bane desde que se encontraram no Parlamento na semana passada. Bane entrou no escritório com seu charme felino característico, que parecia possuir sem esforço. Todos os seus pensamentos racionais a abandonaram, como acontecia toda vez que ela o encontrava. Seu pulso começou a acelerar, um rubor cobriu seu rosto e sentiu como se estivesse levitando, como uma folha soprada pelo vento. Era um verdadeiro aborrecimento que Bane provocasse tal reação nela. Como era possível para uma mulher tão amante da ordem e da estabilidade como ela ser influenciada por um homem como Bane?

— Você veio para ver o almirante? — lhe perguntou.

— Sim, embora eu prefira conversar com você—, Bane respondeu.

Ele tinha piscado para ela? Era impossível saber por que, nesse momento, Bane se agachou para pegar uma pilha de papéis de sua maleta.

— Eu trouxe outro trabalho de tradução— disse, colocando a pilha de papéis no canto de sua mesa.

— O que estava fazendo no parlamento na semana passada? — Perguntou Lydia. — Os homens com quem conversava eram muito poderosos. Como é possível que conheça o governador?

— Essa blusa é nova? — Bane perguntou. — É a primeira vez que a vejo usando algo de renda.

Lydia abaixou a cabeça para olhar para si mesma. A gola de renda irlandesa era um capricho que tinha se permitido antes de começar a economizar cada centavo para comprar seu apartamento, mas ainda gostava de passar o ferro e o amido nela ocasionalmente.

— Não tente mudar de assunto. Além disso, você estava muito elegante conversando com o governador. Fiquei surpresa por não ter um exército de mulheres atrás de você.

Bane deu-lhe um dos seus sorrisos indolentes.

— Bem, eu tenho que admitir que estou muito solicitado. Assim que pus os pés na rua, todas as mulheres começam a me perseguir. Na verdade, sou apenas uma vítima. Deveria ter compaixão de mim.

Lydia fez um esforço para não rir. Se fizesse, apenas o animaria. Além disso, esse era um de seus estratagemas clássicos para evitar suas perguntas.

— O que deveria fazer é parar de traduzir estes absurdos.

Bane meteu a mão no bolso, tirou uma moeda de ouro brilhante e a colocou na frente de seus olhos.

— Minha pequena avarenta—, disse ele. — O problema é que eu sei sua fraqueza pelo dólar.

Era um dinheiro tão fácil de ganhar. A lembrança de seus pertences jogados no meio da rua era muito dolorosa, e Lydia se apressou em arrebatar-lhe a moeda da mão.

— Estou me alimentando a base de batatas, — ela disse, inclinando-se para colocar o dinheiro em sua carteira. — Tenho vivido em pensões infestadas de baratas. Não pense que me ofende, chamando-me de "gananciosa". Para mim, tudo isso é apenas um seguro contra a miséria.

Quando Bane partiu, Lydia descobriu que o dicionário albanês e turco tinha as capas trocadas.

E seguia sem saber o que Bane estava fazendo em Boston.

Como esperado, o Long Wharf estava cheio de transeuntes. O cais, que cobria uma área de dois mil pés no porto de Boston, tinha capacidade para abrigar dezenas de navios de todo o mundo. O vento levava os gritos dos vendedores de rua, oferecendo laranjas e fitas coloridas, o som das bandeiras tremulando com a brisa e as ondas contra as rochas. As lojas se alinhavam ao norte, mas o sul estava aberto para o mar. Enquanto caminhava pela doca, Bane olhou para a multidão de vendedores, marinheiros e estivadores até avistar o almirante Fontaine e seus dois filhos.

Seria essa Lucy Fontaine? Bane se lembrou da primeira vez que viu a garota. Estava tentando pegar borboletas. Pequena demais para andar e segurar a rede ao mesmo tempo, Lucy tropeçava de novo e de novo enquanto perseguia as borboletas no jardim da frente do Almirante. Isso só foi há três anos, mas as crianças crescem tão rápido nessa idade...

Seu irmão Jack, nove anos de idade, era inconfundível. Bane nunca tinha visto Jack sem usar algum tipo de parafernália do exército em suas roupas. Às vezes era um cinto; outras, um conjunto completo de botões de estatutário. Bane reprimiu um sorriso quando se aproximou da família por trás. Queria ouvir o que Eric estava dizendo com tanto entusiasmo.

— Veem aquele cruzeiro que avança atrás do veleiro? Ele está voltando para casa depois de mais de um ano no oceano. — O almirante apontou para a bandeira estreita do mastro, que era o sinal que os navios levantavam quando entravam no porto depois de uma longa jornada. — Quando a flâmula

é abaixada, o capitão manterá a parte superior. O resto é cortado e dividido entre a tripulação.

Jack não parecia nada impressionado. Pobre Almirante Fontaine. Estava fazendo todo o possível para vender os benefícios do mar para seu filho, mas era inútil. Bane sabia que a verdadeira paixão de Jack estava bem à vista, bem no seu ombro.

— Vá! O que nós temos aqui? — perguntou. — Mas se não é um galão do exército de cavalaria!

As três cabeças se viraram para olhá-lo. Jack alisou seu galão e sorriu um sorriso que ameaçava dividir seu rosto em dois.

— Eu comprei com meu próprio dinheiro—, disse o menino com orgulho.

Isso não era surpresa. Depois de quatro gerações consagradas à Marinha, o jovem Jack Fontaine estava ansioso para romper com a tradição e se juntar ao exército. Mas o almirante Fontaine não estava disposto a desistir. Embora Jack colecionasse chapéus do exército, cintos militares e livros sobre as façanhas do exército no Oeste, o almirante estava determinado a vender os méritos da Marinha para o filho.

— Olha o que eu encontrei no mercado Quincy—, disse Bane, puxando um chapéu de suas costas.

Os olhos de Jack se iluminaram de alegria e ele levantou as duas mãos para pegar o chapéu.

— É o chapéu que os soldados usam no Oeste—, esclareceu Bane. — A asa serve para se proteger da chuva, mas os soldados geralmente dobram o lado direito para transportar o rifle.

— Você não poderia ter comprado um chapéu da Marinha? — Eric perguntou ironicamente, mas Bane estava muito divertido assistindo Jack, que estava inspecionando seu novo tesouro com interesse. Ele já havia conseguido dobrar a ala direita para usá-lo ao estilo do exército.

Bane se agachou para observar melhor a pequena Lucy.

— Você acha que encontrei algo para garotas no mercado de Quincy?

Lucy era muito tímida e agarrava-se com tanta força à perna do pai que estava prestes a interromper sua circulação, mas seus belos olhos azuis não se moviam das mãos de Bane enquanto ele se atrapalhava em seus bolsos do casaco e da calça.

— Tem que estar em algum lugar...

Triunfante, Bane tirou um punhado de fitas de veludo. Lucy estendeu a mão para pegar as fitas e esfregou o rosto com elas.

Bane se incorporou para apertar a mão de Eric.

— A próxima vez vou trazer um tambor e um apito que vi no mercado de pulgas.

O rosto de Eric permaneceu impassível.

— Você deveria ser mais grato ao homem que salvou sua pele suja.

Bane encolheu os ombros. Na verdade, foi a esposa do almirante que o salvou de ser espancado quando ele tentou mentir para se alistar na Marinha na tenra idade de dezessete anos.

Doente, desesperado e sem recursos, Bane apareceu no Estaleiro Naval de Boston esperando embarcar em um navio que o levaria para longe do país. Ele sempre pareceu mais jovem do que era. Aos dezessete anos, não parecia ter mais que catorze anos, e provar que tinha idade suficiente para ingressar no exército não era tarefa fácil. As leis navais exigiam que os meninos com menos de dezoito anos de idade tivessem autorização dos pais. Mas Bane não tinha pais, apenas um preço considerável em sua cabeça e uma ferida de bala no seu lado. Mesmo assim, tentou convencer o sargento de que ele tinha dezoito anos e grande integridade moral. Bane acabara de se converter ao cristianismo, portanto sua integridade moral era muito boa; O problema era seu registro criminal abundante.

Ele logo foi expulso do escritório do sargento e atirado aos pés da bela esposa do almirante Fontaine, que naquele momento descia de uma carruagem. Esse golpe de sorte mudou sua vida para sempre.

Tomando Bane por um jovem indefeso, Rachel Fontaine teve pena dele e ofereceu-lhe o almoço que se destinava ao marido. Ele poderia parecer um menino faminto de catorze anos, mas Bane era esperto o suficiente para reconhecer uma mulher poderosa e foi rápido em por em prática seus conhecimentos. Durante o almoço, ele falou com a senhora Fontaine sobre as correntes marinhas e sua influência no comércio de especiarias durante o Renascimento, bem como sobre a ascensão dos holandeses ao primeiro lugar no comércio marítimo. Descreveu os projetos espetaculares dos navios chineses da Idade Média, que continuavam a influenciar a engenharia naval. Contou sobre os novos torpedeiros alemães, que eram os barcos mais rápidos do mundo.

No final do dia, Bane conseguiu convencer a senhora Fontaine para ajudá-lo a encontrar um emprego no exército. Mas o almirante não era nenhum tolo, e Bane teve que confessar que estava fugindo de "um local problemático". Eric deixou-o usar um nome falso para esconder seu rastro do

professor. No dia seguinte, Bane estava em um navio com destino a Bruxelas.

Tudo isso fazia parte do passado e Bane não precisava mais fugir para salvar sua vida. Nos últimos cinco anos, ele estava determinado a perseguir um novo objetivo. E precisava da ajuda de Eric para conseguir. Além disso, o almirante não ia sair de mãos vazias do plano. Se Bane jogasse bem suas cartas, no ano seguinte, na mesma época, Eric seria senador dos Estados Unidos, com muito mais poder do que qualquer estaleiro poderia oferecer a ele. Mas conseguir sua colaboração era surpreendentemente difícil. No entanto, Bane não temia nenhum desafio.

Bane estreitou os olhos para observar o *Protetor*. *O Protetor* era um dos três navios a vapor usados pela polícia portuária para patrulhar as águas, e Bane investiu um tempo considerável para conseguir o apoio da polícia. Bane assentiu enquanto observava o navio.

— A polícia do porto planeja apoiar sua candidatura ao Senado. E aonde a polícia vai, os bombeiros vão. Você deve começar a cultivar seus contatos lá.

Eric continuou a observar os barcos enquanto segurava Lucy em seus braços e a equilibrava alegremente no quadril. Mas ele não estava tão desinteressado quanto fingia estar.

— E a polícia de Boston? Compartilha os mesmos interesses políticos da polícia portuária?

Bane encolheu os ombros.

— Normalmente, sim, mas nem sempre vão na mesma direção, então você terá que trabalhar às duas. Eu tenho tentado me encontrar com o chefe de polícia, mas ele foi para Cabo Ann para celebrar seu décimo segundo aniversário de casamento com sua esposa. Aparentemente, há um farol em Cabo que abriga memórias bem amadas para ambos. Eles são estúpidos.

O almirante sorriu ligeiramente.

— Vejo que segue tão romântico como sempre.

Bane revirou os olhos.

— Que tipo de imbecil precisa deixar a cidade em seu décimo segundo aniversário? Ele já teve onze ocasiões para celebrar com sua esposa.

Eric soltou uma risada enquanto observava o *Protetor*.

— Um dia, uma mulher vai derreter o bloco de gelo que cobre seu coração e vai começar a fazer coisas estúpidas, como ir a Cabo Ann para agradá-la.

Bane deu-lhe um sorriso paciente.

— Prevejo inundações no Saara antes que isso aconteça.

Eric levantou a filha no ar enquanto contemplava o horizonte.

— Rachel e eu estivemos casados por dezesseis anos. Sempre que a data do nosso aniversário se aproxima, lembro-me do dia do nosso casamento. Rachel queria celebrar a cerimônia no jardim de seu pai e, ficou durante meses, fazendo preparativos para que todas as flores ficassem radiantes e perfeitamente colocadas. O dia do nosso casamento choveu muito e achei que ficaria triste. Mas, quando a vi na sala de estar, ela estava radiante e não parava de rir. É disso que eu sempre me lembrarei dela: seu sorriso maravilhoso e eterno.

Bane conhecia as terríveis circunstâncias da morte de Rachel. Na verdade, essa era uma das razões pelas quais Eric decidiu apoiar sua causa. Bane só apoiava os candidatos políticos cujo compromisso de acabar com o ópio não se veria comprometido pelas pressões de Washington. Isso é o que fazia de Eric Fontaine o candidato ideal. Era uma pena que Fontaine permanecesse tão fiel a Marinha. O almirante se entristecia com o estado da Marinha e estava tentando salvá-la de dentro. Após um ano de pressão agressiva do governo, Bane conseguiu convencer o almirante de que ele teria uma chance maior de salvá-la do Senado. Isso implicava que Eric teria que renunciar a sua posição, o que lhe apresentava um terrível dilema.

Mas Bane não estava disposto a desistir. Se Eric fosse eleito para o Senado, ele teria outra arma para lutar contra o monstro de mil cabeças que matou Rachel.

Normalmente, Lydia gostava de voltar para casa caminhando, mas hoje estava cansada de fazer números para apreciar a vista do rio Charles, que descia lentamente sob a ponte.

Ela ainda precisava de duzentos dólares a mais se quisesse manter sua casa. Mesmo que continuasse trabalhando para Bane, era impossível que conseguisse essa quantia até dezembro.

Além disso, estava cada vez mais convencida de que deveria parar de trabalhar para ele. Havia algo em seus encargos que não se encaixava bem. Não importa o quanto tentasse pressioná-lo, Bane se recusava a esclarecer por que ele precisava daquelas traduções estranhas. Além disso, ele não parava de flertar com ela toda vez que aparecia no escritório. Ignorando completamente Willis, Karl e Jacob, Bane se dirigia diretamente a ela, como se fosse um torpedo autopropulsado. As traduções que lhe encomendava não faziam sentido, e ele sempre inventava desculpas para ir vê-la. Despesas muito caras,

que a faziam sentir-se culpada de aceitar seu dinheiro.

E se ele tivesse descoberto que precisava de dinheiro e estivesse apenas fazendo um favor a ela? Aceitar seiscentos dólares de um estranho era inconcebível, mas ela estava disposta a trabalhar para obtê-los. E se Bane tivesse gostado dela e suas ordens fossem uma tentativa de manter contato com ela? E se tudo o que ele queria fosse que ela fosse grata e em dívida com ele? Não era fácil desistir de um trabalho tão lucrativo, mas havia algo muito estranho em seus encargos.

Lydia ajeitou a capa e levantou o queixo. Fazia um dia lindo para deixar-se dominar por esses pensamentos. Apertou o passo um pouco e virou a esquina para começar sua parte favorita do passeio. Os becos estreitos e tortuosos que levavam ao Dragão Sorridente ofereciam uma nova visão em cada esquina. Havia uma porção de lojinhas limpas, seguidas por uma fileira de casas com grades de ferro e portas lustrosas. Ela adorava a inclinação do crepúsculo, que aquecia os tijolos vermelhos e refletia os capachos limpos.

Todos os dias, Lydia tentava gravar essas imagens em sua mente. O que aconteceria se ela não conseguisse dinheiro suficiente para comprar o apartamento dela? Poderia encontrar outro lugar para morar, mas nenhum teria tantas lembranças quanto o Dragão Sorridente.

Como precisava de sabão e uma pequena garrafa de remédio para enxaqueca, se encaminhou para sua farmácia favorita. Um sino de prata tocou quando a porta se abriu. Seguindo seu costume, Lydia foi direto para a cesta de sabonetes ao lado do balcão. Era uma delícia sentir o cheiro das diferentes fragrâncias antes de escolher a pastilha com o melhor perfume e a embalagem mais bonita. Havia um sabonete de lavanda francesa e uma pastilha verde-clara cheirando a limão e verbena. Lydia levou o sabonete ao nariz e respirou profundamente. Talvez fosse produto de sua imaginação, mas o simples fato de cheirar aqueles sabonetes de perfume requintado a fez se sentir melhor.

Maggie, a balconista que trabalhava na farmácia há anos, ofereceu-lhe uma barra de sabão.

— Tenho certeza que você quer experimentar este novo sabão que acabamos de receber do Kentucky—, disse ela. — É feito de rosas e jasmim e cheira maravilhosamente.

A tentação era grande demais. Lydia pegou o pacote requintado de belas ilustrações e respirou fundo.

— É uma delícia.

— Gostou? Por apenas um dólar você pode pegar a caixa inteira.

Isso excedia seu orçamento. Lydia devolveu a pastilha para Maggie. Por mais que gostasse do sabão, preferia seu apartamento a uma fábrica inteira de sabonetes perfumados.

— Vou levar uma pastilha de sabão branco, por favor.

Maggie levantou as sobrancelhas surpresa. Em todos os anos em que Lydia visitava aquela farmácia, o sabonete perfumado era um dos poucos luxos que podia permitir-se.

— Está segura? — A vendedora perguntou. — Só tem gordura de porco e lixívia.

Lydia foi até uma prateleira e pegou o menor frasco de remédio para enxaqueca.

— Sim, tenho certeza—, disse ela, pegando uma moeda para pagar suas compras.

Ignorava se seria capaz de reunir mais duzentos dólares até dezembro, mas, se não conseguisse, não seria por esbanjar suas economias em sabonetes caros.

# CAPÍTULO 07



— Como é possível que um planeta tenha duas luas? – Jacob perguntou com ceticismo enquanto Lydia e Karl admiravam o panfleto que estava na mesa de Willis.

— Os astrônomos estão seguros–, disse Willis. – Três observatórios independentes confirmaram que Marte tem duas luas, caso contrário não o teriam publicado.

Lydia observou a gravura das duas luas e pensou em seu pai sem perceber. Quanto ele gostaria de ouvir sobre esta notícia! Seu pai adorava observar o céu cheio de estrelas e inventar histórias descabidas, sem mais fundamento do que seu próprio desejo de acreditar nelas. Mas o panfleto de Willis vinha do Observatório Naval de Washington, e esses homens sabiam do que estavam falando.

— Me pergunto se uma pessoa em pé no chão de Marte seria capaz de ver as duas luas de uma só vez—, disse Lydia. — Ou será que cada uma está no extremo oposto do planeta?

O almirante Fontaine se inclinou para estudar o artigo.

— Se as luas estivessem muito próximas, poderiam causar estragos no comportamento das marés—, disse ele.

— Você acredita que Marte também tem oceanos? — Karl perguntou.

Sua pergunta pegou o almirante de surpresa.

— Nunca me ocorreu pensar que um planeta não tivesse oceanos. Quando inventarem um telescópio mais poderoso, podemos ter certeza.

Jacob bufou.

— Não consigo acreditar. Certamente eles estão inventando.

Karl começou a convencer Jacob dos benefícios da ciência moderna, enquanto o almirante retornava ao seu escritório. Lydia parou por um momento, olhando os imensos barcos no dique pela janela. Era uma benção compartilhar um escritório com pessoas que se interessavam tanto pela ciência e pelo mundo ao seu redor. Lydia se sentia completamente *segura* ao seu lado.

Mas com Bane não era assim.

Não podia mais se enganar. As tarefas de Bane não faziam sentido. Ele devia está procurando por qualquer pedaço de papel escrito em um idioma que Lydia pudesse traduzir. De onde os tirava, isso não sabia. Sua última tarefa tinha um cheiro inconfundível de lixo.

Se pelo menos tivesse pedido algo a Karl ou Jacob, ela não se sentiria tão insegura, mas quando Bane vinha ao escritório, seu único interesse era ela. E não aguentava mais. Estava com vergonha de pensar que um homem tão bonito poderia estar interessado nela, mas o que mais poderia ser? Além do mais, ela mesma estava começando a se sentir atraída por ele. Se viu pensando nele nos momentos mais inoportunos, lembrando suas piadas e seu sorriso irreverente. Estava começando a gostar até de suas piadas.

Mas sua última tarefa a tinha alertado. Teria que encontrar outra maneira de ganhar os duzentos dólares que precisava para comprar seu apartamento.

Bane entrou no escritório na hora do almoço, com o cabelo despenteado e mais bonito do que nunca.

— Que delícias turcas têm hoje para mim? — Ele perguntou a Lydia com seu sorriso sedutor.

Lydia jogou o documento na cara dele.

— É o cardápio de um restaurante turco! — Exclamou. — Cheira como se tivesse sido usado para embrulhar sardinhas. Eu não pretendo perder tempo traduzindo bobagens.

Disse alto o suficiente para que todo o escritório pudesse ouvi-la. Agora não podia voltar atrás.

Bane puxou uma cadeira para sua mesa e sentou-se.

— O que você quer dizer exatamente?

— Que terá que procurar outra pessoa. Eu preferiria não continuar trabalhando para você. *Dimito*.

— Não teria lhe incomodado ter que traduzir um menu, certo?

Lydia fechou os olhos por um momento. Não era sobre o menu. Simplesmente não parecia certo aceitar dinheiro de um homem que parecia atraído por ela. Mas como poderia dizer isso a ele?

— Pois sim, é isso. Eu não gosto de traduzir menus. Nem registros agrícolas. Nem relatórios fiscais. Honestamente, estou farta dos documentos ridículos que me traz para traduzir. Acabou-se. Eu não pretendo mais fazer isso.

Bane olhou para o menu por um momento.

— E como eu saberia que era um cardápio? — Ele perguntou. — Vamos

lá, me diga o que diz.

— Bane, eu disse que estou desistindo.

— Você não pode desistir. Se fizer isso, terá que devolver meus dez dólares. — Bane abriu o cardápio e apontou para um dos pratos. — O que é isso? Parece interessante. — Quando Lydia não respondeu, ele bateu no cotovelo dela. — Vamos, você sabe que estou morrendo de curiosidade. Não vou sair daqui até você me dizer o que é.

Lydia deu uma olhada no cardápio.

— É *karisik izgara tabagi*, um prato feito de carne. Especificamente, carne assada servida em uma bandeja.

— Por favor, diga de novo.

— *Karisik izgara tabagi*?

— Sim. Eu amo como você diz isso—, disse Bane em uma voz suave e aveludada. — Soa tão exótico. Por favor, continue lendo. É um prazer ouvi-la.

Os olhos de Willis estavam prestes a sair de suas órbitas. Jacob fingiu não escutar enquanto se esforçava para conter o riso. Karl ficou de pé.

— Chega—, ele disse muito a sério. — Lydia, você não precisa continuar lendo para esse homem. É vergonhoso.

Bane sorriu.

— Um pouco sim, admito—, disse ele ao se levantar. — Mas não se preocupe. Eu vim para ver o almirante. Na verdade, faz dez minutos que deveria ter entrado em seu escritório. — Bane fez uma pausa e se inclinou para sussurrar no ouvido de Lydia. — Mas como resistir quando uma mulher tão bonita começa a ler em turco? Você é fascinante.

Lydia continuou sentindo arrepios até muito tempo depois que Bane entrou no escritório do almirante. Foi então que percebeu que todas as suas latas de tinta estavam desordenadas. Estava observando Bane para impedi-lo de ficar enroscado em sua mesa, e mesmo assim ela não conseguiu pegá-lo com as mãos na massa.

Então reorganizou sua mesa, abriu um manual de navios gregos e tentou se concentrar. Não podia continuar relacionando-se com Bane. Ele nem mesmo aceitara sua renúncia. Logo ele voltaria ao escritório para trazer uma nova pilha de documentos.

Sua concentração foi interrompida por vozes iradas vindas do escritório do almirante. Todo o pessoal do escritório estava paralisado. O som era inconfundível. Dois homens discutiam e suas vozes aumentavam de volume

às vezes. Agora, o almirante e Bane estavam gritando, lutando para se imporem. O almirante acusou Bane de ser completamente louco. Lydia não pôde ouvir o que Bane estava dizendo, porque o almirante continuava interrompendo-o.

— Willis, há quanto tempo você trabalha aqui? — Karl perguntou.

Willis fez alguns breves cálculos mentais.

— Uns nove anos.

— E em todo esse tempo, você já ouviu o almirante levantar a voz?

Willis hesitou por tempo suficiente para que outro grito viesse do escritório.

— Creio que não.

Karl encolheu os ombros.

— Eu também não.

Uma pesada porta de mogno separava o escritório do almirante do resto do escritório, e as vozes soavam abafadas demais para serem entendidas com clareza. Mas era evidente que os dois homens estavam discutindo. Então houve silêncio. Lydia olhou para Karl, que por sua vez olhou para Willis.

— Espero que eles não tenham chegado às vias de fato.

Os gritos pararam, mas, por algum motivo, o silêncio era ainda mais perturbador. Karl deu alguns passos para frente enquanto mexia nos botões do colete. Então ele olhou com ceticismo para a porta fechada.

— Você acha que eu deveria entrar e ver o que acontece?

Lydia também se levantou. A situação era ridícula, mas então se lembrou das palavras do almirante: "Bane é letal como um escorpião". Bane era muito atraente, mas Lydia sempre notara um ar dominante sob sua aparência calma. No entanto, o almirante era um homem fisicamente forte, que ainda estava treinando a equipe de boxe do Corpo de Fuzileiros Navais. Lydia tinha certeza de que seria capaz de cuidar de si mesmo. Se Bane não trapaceasse. O almirante era honesto demais para estar preparado para algo assim. Karl parecia tão nervoso ao pensar em entrar no escritório como se esperasse sua própria execução. Mas quando ele se aproximou da porta de mogno, o almirante soltou uma risada que o fez pular de susto.

Karl parecia aliviado; Willis, ligeiramente surpreso.

— A verdade é que eu não o ouvi rir muito.

E, no entanto, ambos estavam rindo... até que o almirante começou a gritar novamente. Ele disse que Bane era um homem desonesto e manipulador.

Com o rosto franzido pela confusão, Karl timidamente voltou à sua mesa. Lydia afundou na cadeira, mas os olhos ainda estavam fixos na porta. Eles continuaram a ouvir gritos e mais risadas. Dez minutos depois, Bane deixou o escritório com um ar calmo e fácil. Todos os olhos o seguiram quando ele saiu do escritório. Passando a mesa de Lydia, Bane piscou para ela. O coração de Lydia deu um salto.

Desta vez, Bane virou sua aquarela sem que ela percebesse.

# Capítulo 08



Lydia apoiou os cotovelos na corda que separava os visitantes do dique. Ela adorava ir até lá observar os trabalhadores enquanto reparavam os velhos navios. Os trabalhadores arrastavam o barco até a amarração com guinchos e, uma vez lá, fixavam o barco com alguns blocos de quilha e algumas cordas. Então eles começavam a consertar o casco. Havia algo em seu jeito de escalar o navio e assegurar o enorme barco que Lydia achava reconfortante. Era como se um cavalo ferido fosse levado para casa e deixado aos cuidados de algumas pessoas cujo único propósito era devolver-lhe a força.

Quem dera que houvesse alguns trabalhadores que pudessem resolver seus problemas com a mesma facilidade. Ela tinha apenas um mês para levantar o dinheiro para comprar sua casa e estava ficando sem opções. Embora continuasse trabalhando para Bane, ela ainda precisava de mais de duzentos dólares.

— Se continuar fazendo essa cara, vai acabar assustando as crianças.

Lydia reconheceu a voz imediatamente. Bane se aproximou dela e imitou sua postura, apoiando os cotovelos na corda enquanto olhava para o dique. Ficou claro que Bane não iria parar de incomodá-la tão facilmente. Mesmo assim, Lydia se recusou a desviar o olhar do navio. Talvez ignorá-lo pudesse ajudá-la a se livrar dele.

— Não pense que me ignorar vai ajudá-la—, disse Bane. — A única coisa que vai conseguir é que não deixe de persegui-la.

Era incrível como era fácil adivinhar seus pensamentos. Olhando para os navios, Lydia fez uma pergunta que tinha corrido a tarde toda em sua cabeça.

— Sobre o que estava discutindo com o almirante?

— De você.

Lydia se virou para olhá-lo. Não tinha certeza se o ouvira bem.

— Como diz?

— Sim, você ouviu certo. Estávamos discutindo porque sugeri que se casasse com você.

Lydia engasgou com a própria respiração. Abriu a boca, mas percebeu que tinha ficado sem palavras.

— Lamento dizer que o almirante recusou minha proposta. Quando eu insisti, ele ficou com raiva de mim e não queria saber mais nada sobre o assunto.

Bane se virou e sentou na corda. Tanto sua voz como seu rosto eram tão inexpressivos quanto se ele estivesse falando sobre o preço do chá. A brisa da noite bagunçou seus cabelos, dando-lhe um ar infantil. Seu rosto era jovem e quase angelical, mas Lydia sabia que sua expressão de inocência era pura fachada.

A raiva começou a tomar conta dela. Seu emprego no estaleiro era o melhor trabalho que já tivera, e Bane não tinha o direito de brincar com ele. As ideias que ele estava tentando incutir na cabeça do almirante estavam comprometendo sua continuidade no posto.

— Por que você teve que sugerir algo assim? O almirante não está interessado em mim.

Bane se aproximou dela.

— É melhor começar a chamá-lo de Eric.

— E porque eu faria isso?

— Pode ajudar a humanizá-lo. Dessa forma você não vai vê-lo tão fora de alcance.

Lydia franziu a testa.

—É claro que está fora do meu alcance. Ele é meu chefe.

— E você não prefere ser sua esposa? O almirante tem quarenta anos. Não é tão velho. Muitas mulheres consideram um bom casamento. Dê-me um mês ou dois, e garanto-lhe que meus planos se tornarão realidade.

Sua sugestão era tão ultrajante e inapropriada que Lydia se virou e correu para a outra extremidade do estaleiro. Bane sempre, sempre conseguia tirá-la do sério. Ela chegou a pensar que sua aparente necessidade de um tradutor era uma forma estranha de namoro, quando na realidade ele só pretendia casá-la com outro homem! Tinha que ter muita coragem para invadir sua vida dessa maneira. Além disso, ela se sentiu insultada. Estava pensando em como rejeitá-lo sem ferir seus sentimentos por algum tempo, mas Bane não tinha o menor interesse nisso. Ela deveria se sentir aliviada, mas por algum motivo... Não que ela se importasse. Não confiaria nele mesmo que alguém dissesse a ele que a Terra é redonda.

Bane correu para alcançá-la.

— Você não poderia pensar pelo menos? É uma grande ideia.

Lydia se deteve e Bane quase tropeçou nela. Preferia morrer a confessar

as fantasias ridículas que estavam começando a criar raízes em sua mente, mas ele precisava saber a verdade. Não podia mais se contentar com suas respostas evasivas.

— Todos os funcionários do escritório acham que você bebe os ventos por mim.

Pronto. Já tinha dito. Era muito mais fácil culpar Willis e os outros por insinuarem o fascínio que ela estava começando a sentir por Bane.

— Vem dando desculpas há meses para me trazer traduções sem sentido —, continuou ela. — Eu quero saber se as traduções são completamente inúteis, se você tem algum outro motivo para me ver.

Bane segurou-a pelos cotovelos e, pela primeira vez desde que o conhecera, parecia estar falando sério.

— Elas não são inúteis. Eu não posso explicar por que, mas eu realmente preciso delas. E é verdade que eu gosto de você, Lydia. Caso contrário, eu não tentaria casá-la com Eric.

Lydia sentiu-se magoada por suas palavras. Não conseguia olhá-lo nos olhos, mas precisava saber a verdade, e precisava olhá-lo no rosto quando perguntasse a ele.

— Então não lhe interesso? Eu me refiro como mulher.

Um lento sorriso torcido cruzou os lábios de Bane, dando-lhe um olhar perverso e encantador.

— Me interessa e muito, mas você está além do meu alcance.

Lydia levantou o queixo.

— Por quê?

— Porque prometi não me casar há muito tempo. Você é encantadora, mas não posso me permitir cair nessa tentação.

Bane olhou para o grupo de trabalhadores e marinheiros que competiam por espaço no passeio que cercava o porto.

— Vamos tomar uma xícara de café e eu lhe direi o que planejei.

O Old Galley Cafe não era tão lotado quanto o Dragão Sorridente, e eles logo encontraram uma mesa ao lado de uma janela com vista para a baía. Quando o garçom trouxe duas xícaras fumegantes de café, Bane se dispôs a contar seu plano.

— Eu gostaria que Eric se tornasse o próximo governador do estado de Massachusetts—, disse ele sem rodeios. — Ele está desperdiçando seu talento na Marinha e ele sabe disso. Leva uma década tentando reformá-la e restaurar sua antiga glória, mas seus esforços são em vão. Conseguiria muito

mais se deixasse o exército e se sentasse no Senado dos Estados Unidos. E eu posso ajudá-lo a conseguir.

Lydia sentiu que o mundo se abria a seus pés.

— O almirante quer deixar a Marinha? — Ela perguntou.

O medo tomou seu estômago. Se o almirante Fontaine deixasse a Marinha, isso teria implicações para o seu trabalho. Não havia muitos homens que estivessem dispostos a contratar uma mulher para uma posição qualificada, mas o almirante deixara claro para ela que ele valorizava suas habilidades linguísticas acima do sexo. Talvez outro chefe não fosse tão pragmático.

— Sim, ele está disposto a concorrer à eleição. E ele seria um candidato mais competitivo se fosse casado.

Lydia respirou fundo. Surpreendeu-a que Bane a visse capacitada para algo assim. Em todos os anos em que trabalhava para ele, o almirante nunca demonstrara o menor interesse por ela. Mas Lydia não podia dizer o mesmo. O almirante Fontaine era um homem atraente, e metade das moças solteiras de Boston estava disposta a consolá-lo pela perda de sua esposa. Lydia torceu a musselina áspera de sua saia.

— Tenho certeza que faria muito melhor com uma mulher de família mais distinta.

Bane bufou.

— A família de Eric tem feito fortuna com os barcos desde que saíram de Mayflower. Os Fontaines são o mais próximo da aristocracia que este país tem. Eric não precisa de uma esposa para sustentar seu pedigree. Ele precisa de uma esposa que agrade aos imigrantes, que representam quase 30% do eleitorado de Massachusetts. — Bane voltou a esboçar um meio sorriso. — E garanto-lhe que uma órfã meio turco, meio grega lhes encantará.

Lydia ouvira histórias sobre o caráter manipulador de Bane. Agora ela podia ver, com absoluta clareza, que todas aquelas histórias eram verdadeiras.

— Me parece tudo muito frio e calculista.

— Eu prefiro pensar que é extremamente eficaz.

Lydia se virou e olhou para ele.

— E o que isso lhe interessa? O que ganha se Eric Fontaine entrar na política?

— Ganho influência sobre outro senador dos EUA—, disse Bane em voz baixa.

Lydia piscou.

— Outro senador?

— Eu também ajudei a ganhar as eleições o senador de Rhode Island e New Jersey.

Lydia lembrou-se da história que Karl tinha contado... Bane aparentemente era responsável de que o governador de Vermont perdesse a eleição. E então houve a ocasião em que ela o viu no parlamento, quando ouviu o governador de Massachusetts brincando sobre um senador que estava em débito com Bane. Honestamente, ela não se importava com seus motivos; tudo o que ela se importava era perder o emprego.

— Se o almirante deixar a Marinha, quem ocupará sua posição no estaleiro?

Bane encolheu os ombros.

— Suponho que eles mandarão outra pessoa.

— E você acredita que essa pessoa será forçada a manter o mesmo pessoal?

— E o que isso lhe importa? Até então poderia estar casada com Eric. É obscenamente rico, então não teria que trabalhar.

Lydia revirou os olhos.

— Acabou de me dizer que o almirante não está interessado em mim.

— Infelizmente, não.

Uma coisa era o almirante não se casar com ela e outra bem diferente era recusar-se até o ponto de sacudir as fundações do escritório. A verdade é que era um pouco desanimador.

— A julgar por seus gritos, ele se opôs à ideia com bastante força.

Bane suprimiu um sorriso.

— Eu acho que sim. Eu tentei colocá-la através das nuvens e elogiar suas qualidades como mulher e como esposa. Mas ele se recusou a me ouvir.

Lydia tinha o orgulho ferido e precisava de um pouco de conforto.

— O que lhe disse? Me refiro as minhas qualidades.

— Eu disse a ele que você era como um boxeador. Que sabe como suportar os golpes e continuar lutando.

Lydia abriu bem os olhos.

— E isso parece um elogio?

— Eu gosto —, Bane disse despreocupadamente.

A julgar pela maneira como seus olhos brilhavam, estava claro que ele estava dizendo a verdade. Lydia sentiu uma pontada no estômago quando o viu sorrir para ela.

— Bem, nós dois sabemos que estou fora de alcance—, Lydia disse cautelosamente.

— Totalmente.

— Não importa o que você faça e as qualidades que você tem. Você não está interessado em mim.

— Assim é. Sua virtude está segura comigo.

Era estranho, mas agora que ela sabia que Bane não estava interessado nela, ele parecia ainda mais atraente. Mas Lydia era muito prática para ignorar os benefícios dessa nova revelação.

— E agora que estou a salvo do seu instinto predatório, você teria mais traduções para mim? Não viria mal o dinheiro.

— Como posso ter sido tão estúpido para esquecer o seu amor pelo dinheiro? Eric mencionou que tem dificuldade em comprar seu apartamento. Por que você não procura outro lugar para morar?

Como explicar a uma pessoa como Bane a diferença entre um "lugar para morar" e um santuário, especialmente quando nem sequer ela era capaz de compreendê-lo?

— Este apartamento é minha casa—, disse ela. — Levo anos organizando para deixá-lo ao meu gosto. No Dragão Sorridente me sinto segura. Embora eu não espere que você entenda isso.

— Deixe-me esclarecer uma coisa—, disse Bane enquanto se endireitava em seu assento. Um gesto de profunda concentração apareceu em seu rosto. — No que diz respeito às memórias, sua vida foi repleta de caos e instabilidade. Quando perdeu seus pais, a mandaram para um orfanato. Foi muito difícil, mas todo mundo que entrou em contato com você ficou surpreso ao ver quão bem estava se adaptando às terríveis circunstâncias. Nunca reclamou, nem chorou, porque nem sabia como expressar suas necessidades. Como sentiria falta da segurança se nunca havia experimentado esse sentimento antes? Você cresceu em um barco, onde os perigos para uma criança são infinitos: âncoras espalhadas no convés poderiam machucar seus pés descalços, e o mar poderia engoli-la antes que seus pais percebessem que tinha caído ao mar... No orfanato nunca conseguia dormir profundamente, porque se o fizesse, as crianças poderiam roubar o cobertor ou esvaziar os bolsos. Se sentia desarraigada, porque um orfanato jamais pode oferecer uma estrutura familiar, apenas uma infindável sucessão de empregados que vêm e vão.

Lydia ficou de boca aberta. Era como ouvir sua própria biografia. Bane

fez um gesto para o garçom, que encheu as xícaras de café.

— Finalmente ficou mais velha—, disse Bane quando o garçom foi embora. — Quando ganhou o dinheiro suficiente para comprar uma boa casa, sua única preocupação era a segurança. Por fim, poderia construir uma vida *exatamente* a seu gosto. É por isso que você precisa ter as latas de tinta arrumadas do seu jeito. Todos os dias, pede o mesmo creme de amêijoas no mesmo restaurante, porque a rotina é muito importante para você. Gosta de saborear o sentimento de ordem e controle, porque faz com que se sinta segura e dona de seu próprio mundo.

Bane tomou um gole de café e fez uma careta para o gosto amargo. Deixou cair um cubo de açúcar no líquido escuro e começou a mexer com uma colher de estanho. Então levantou a cabeça e piscou para ela.

— Mas você está certa. Uma pessoa como eu nunca poderia entendê-la.

Lydia olhou para ele. Estava fascinada com o que acabara de descobrir. Bane a entendia perfeitamente. Somente uma pessoa que teve uma vida semelhante à sua poderia descrever a fadiga profunda causada por anos de insegurança durante a infância.

— Você também morava em um orfanato? — Ela perguntou discretamente.

Bane parou de mexer o café. Por alguns segundos permaneceu imóvel, olhando para um ponto indeterminado. Lydia achou que não ia responder, mas quando o fez, sua voz estava tão despreocupada quanto antes.

— Só uma noite—, disse ele. — Logo descobri que aquele não era lugar para mim.

Bane colocou a colher na mesa e tomou um gole de café.

— E onde foi?

— Eu encontrei uma família maravilhosa que me adotou. Desde então fiquei muito feliz.

Lydia recostou-se no banco com os braços cruzados sobre o peito.

— Você é um mentiroso.

Bane piscou para ele.

— A estas alturas, você já deveria saber.

Claro que ela sabia. E ela também sabia que Bane não lhe contaria mais sobre sua misteriosa infância, ou por que ele sabia como era ficar sozinho e desenraizado. Ele abriu a porta de sua vida por um momento e a fechou com a mesma rapidez.

Mas Lydia não se importou. Assim como Bane a entendia perfeitamente,

ela também estava começando a entendê-lo. E o que estava descobrindo o tornava ainda mais fascinante. Sim, tinha que admitir que ele era tão perigoso e manipulador quanto as pessoas diziam. Ele era um verdadeiro predador, acostumado a se esconder atrás de sua aparência civilizada para alcançar seus objetivos. Mas os dois sabiam o que era estar sozinho em um mundo hostil e, mesmo assim, manter o otimismo.

— Ainda não me disse se tem mais trabalho para mim.

Bane fez um gesto de intensa concentração. Quase se podia ver as pequenas rodas girando atrás de seus olhos azuis cristalinos. Lydia sentiu uma pontada de desconforto ao ver sua expressão calculista.

— No caso de que você não consiga convencer Eric a se casar com você e resolver todos os seus problemas, pode haver outra maneira de tirar proveito de seu talento. Uma que a ajude a pagar pelo seu apartamento. Quanto tempo resta para levantar o dinheiro?

— Três semanas.

Bane assentiu.

— Eu preciso de algum tempo para organizá-lo. Tenho que deixar a cidade para cuidar de alguns assuntos, mas quando eu voltar, terei uma proposta para você. — Bane se levantou e deixou algumas moedas na mesa para pagar pelos cafés. — Espere por mim no dique na próxima segunda-feira, depois do trabalho. Até lá terei tudo pronto.

Enquanto caminhava para casa, Lydia ajustou sua capa. Se sentia incapaz de esquecer o olhar de Bane quando ele deixou as moedas na mesa. Só por um momento, ele a olhou com tanta intensidade que esteve prestes a ficar sem ar. Então ele voltou ao seu habitual ar despreocupado.

Mas Lydia sabia que ele gostava dela. Não importava que ele tentasse dissimular. Durante esse breve instante, seus olhos arderam de tal maneira que poderiam deixar uma floresta em cinzas.

# CAPÍTULO 09



Enquanto caminhava pela floresta, Bane ouviu as brocas perfurando as imensas pedras cobertas de musgo que cercavam Fall River. Embora as pedreiras dominassem a terra, os empregados do magnata do granito R. Ross Telenbaugh continuavam a devorar a terra, fazendo furos em intervalos regulares e detonando cargas de dinamite para quebrar a pedra. Telenbaugh era um milionário que fizera a si mesmo, que ganhava cada dólar com esforço, por isso mandou construir um posto de vigilância no topo de uma montanha com vista para as pedreiras. Telenbaugh nunca gastava seu dinheiro sem saber se ele iria ganhar alguma coisa em troca e, de sua cabana na floresta, supervisionava todo o seu império de granito. Tão mesquinho era que só se permitia um charuto todos os dias, contentando-se em mascar tabaco até depois do jantar. Só então, acendia o charuto e saboreava até a última tragada.

O magnata não parecia muito feliz em ver Bane.

— Eu sei para que você veio—, disse ele, sua cabeça careca coberta com uma camada brilhante de suor. — Eu prometi apoiar o senador Wilkinson em sua reeleição, então está perdendo seu tempo.

Bane entrou na cabana, sentou-se em uma cadeira e esticou as botas com um ar desenvolto.

— Fiquei muito decepcionado com a votação do senador Wilkinson sobre as medidas contra o ópio—, disse ele. — Eu pensei que ia retirar seu apoio.

Telenbaugh removeu o charuto da boca e olhou para Bane.

— O ópio é uma substância completamente legal—, ele rosnou. — O governo não tem o direito de se intrometer no que os farmacêuticos vendem em suas lojas, e agradeço que o senador Wilkinson tenha concordado comigo nesse ponto.

O ópio poderia ser completamente legal, mas também era um veneno sedutor que se utilizava como ingrediente em preparações aparentemente inofensivas que circulavam pelo país. Farmacêuticos há muito vinham resistindo a qualquer tipo de controle na venda de poções de ópio. E até agora eles estavam se safando. Mas Bane tinha um plano para acabar com tudo isso.

Bane se recostou na cadeira e sorriu para Telenbaugh.

— Permita-me repetir—, ele disse calmamente. — Fiquei muito decepcionado com a votação do senador Wilkinson sobre as medidas contra o ópio, e pensei que iria retirar seu apoio.

Telenbaugh se inclinou sobre a mesa e apontou para Bane com o dedo gordo.

— Já ouvi falar do que você fez no ano passado com aquela ponte canadense. Não pense que você pode me intimidar como aqueles trabalhadores de Vermont. Eu sou feito de outra massa.

Bane sabia quem estava por trás da ponte. Foi um prazer interromper os planos do professor, que queria construir uma ponte para facilitar o contrabando de ópio além das fronteiras com o Canadá.

No entanto, ele fingiu uma expressão de surpresa.

— Não intimidei ninguém. Tudo o que fiz foi informar os trabalhadores da proposta do governador, que pretende que os imigrantes paguem um imposto especial se quiserem levar seus filhos à escola. A maioria dos trabalhadores eram italianos, então imagine o desgosto que tiveram. — Bane começou a remover a sujeira inexistente de suas unhas. — A verdade é que fiquei muito feliz quando convenci o prefeito da cidade a colaborar com os sindicatos locais para paralisar a proposta. E fiquei muito mais feliz quando o prefeito foi eleito governador no mês seguinte.

Bane se endireitou na cadeira para olhar pela janela do escritório.

— Os seus trabalhadores pertencem a um sindicato? Aparentemente, os Cavaleiros do Trabalho estão pensando em organizar um sindicato de mineiros.

Se não fosse porque estava cerrando os punhos, Telenbaugh não parecia particularmente nervoso. Bane se concentrou em suas unhas novamente. Se os trabalhadores da Telenbaugh se juntassem a um sindicato, isso poderia ser um desastre para suas operações.

— Mas, você sabe, são apenas rumores.

— Que quer? — Telenbaugh grunhiu.

Bane se inclinou para o magnata, concentrando toda sua atenção nele. O almirante Fontaine não podia anunciar sua candidatura até que renunciasse a seu cargo, mas Bane queria abrir caminho para garantir que ele fosse eleito.

— Quero que você pare de encher os bolsos do senador Wilkinson—, disse Bane. — Diga-me o que você está procurando em um senador, e eu tentarei fornecer isso a você. Há duzentos homens por aí fazendo um bom

trabalho. Não pretendo interferir nisso, desde que você se comprometa a parar de financiar o senador Wilkinson. Por causa desse homem, milhares de pessoas consomem ópio neste país.

Bane sabia que estava prestes a convencê-lo, porque Telenbaugh pegou o charuto, abriu uma gaveta em busca de fósforos e acendeu-o. Levá-lo a acender o charuto antes das duas da tarde era uma vitória certa.

— Você sabe que se eu quisesse, eu poderia fazer purê de você com minhas próprias mãos—, disse Telenbaugh. Sua raiva estava desaparecendo quando ele soprou seu charuto.

Bane sabia que ele tinha conseguido.

— Bem, você já pode entrar na fila. Há muitas pessoas que querem fazer o mesmo. Agora me diga o que você quer e eu vou ver se consigo.

O professor aguardava quase uma hora nos correios, mas o envio era importante demais para ficar em casa. E mais quando ele estava prestes a receber um saltério do século XVI.

Seus olhos se arregalaram de prazer quando o carteiro lhe entregou o pacote. Com grande cuidado, o professor transportou seu novo tesouro pelas escadas e pela rua empoeirada até o interior de sua carruagem.

— Vamos! — Ele ordenou a sua forte escolta, Boris, que estava limpando os dentes com um palito. Boris era um pateta, mas ele também tinha suas qualidades.

Além disso, não deixaria ninguém amargá-lo em um dia como aquele. O professor rasgou o papel, abriu a caixa e extraiu seu conteúdo. O saltério era incrivelmente pesado. O professor dedicou-se a passar os dedos pelo couro requintado que protegia as páginas de papel vitela. A suntuosidade da capa refletia um profundo respeito pelo mundo dos livros e, apesar dos séculos que os separavam, o professor sentia-se ligado ao nobre da Renascença que encomendara o volume. Com a delicadeza de um cirurgião, ele abriu a tampa e ficou surpreso ao encontrar uma visão muito desagradável: um cartão postal de um campo de papoulas florindo no interior da França.

Como se atrevia a fazer uma coisa dessas? Como se atreve Bane a sujar um tesouro de valor incalculável? Certamente ele teria algum contato na casa de leilões na Filadélfia, onde ele havia comprado. Não faria negócios com eles novamente. O professor franziu a testa e cerrou os punhos enquanto olhava para o cartão postal. Nada era sagrado para ele? Não havia nada neste mundo que Bane não fosse capaz de sujar?

Seus homens vinham observando seus passos há anos, mas Bane nunca

ficava tempo suficiente para que eles o pegassem. Estava claro que essa estratégia não havia funcionado. Pode não ser capaz de encontrar Bane, mas talvez ele pudesse atacá-lo de forma diferente.

Os olhos do professor se estreitaram em um gesto de determinação. Isso ia lhe custar uma batalha, mas ele estava disposto a fazer qualquer coisa para alcançar seu objetivo: não deixar traços de Alexander Banebridge na face da terra.

O professor virou-se para Boris.

— Estou farto daquele canalha—, disse ele. — Eu quero que você encontre algo que ele ame. E então quero que você traga-a para mim.

# Capítulo 10



Envolta em sua capa, Lydia estava esperando por Bane no dique. O vento arrastava o barulho das gaivotas, que procuravam comida nas margens pantanosas do rio Charles. Lydia se perguntou se os pássaros estariam tão frios quanto ela. Em comparação com as desagradáveis tardes de novembro como essa, os dias ensolarados no barco de papá pareciam lembranças de outra vida.

Não sabia o que fazer se Bane não tivesse mais pedidos para ela. A ideia de casar com o almirante era absurda. Era como se uma camponesa quisesse se tornar uma princesa. Lydia não abrigava tais ilusões. Apesar de sua discussão escandalosa com Bane, na última semana o almirante não mudou em nada sua atitude em relação a ela. Ele ainda era educado, cavalheiro e formal. De manhã, ele a cumprimentou exatamente como tinha cumprimentado por quatro anos, tocando o canto da sobrancelha. "Senhorita Pallas", ele costumava dizer com um leve aceno, antes de entrar em seu escritório.

A ideia de perder o apartamento era terrível, mas depois da conversa que tivera com Bane na semana anterior, sua situação era mais precária do que nunca. Se o almirante renunciasse a seu posto para ir a Washington, ela também poderia perder o emprego.

Desde que soube que o almirante poderia sair, Lydia teve dificuldade em controlar seus nervos. Um gole diário do xarope calmante da senhorita Winslow a ajudava a aliviar a dor de cabeça latejante que ela sofria toda vez que ficava nervosa. Era o mesmo remédio que o pessoal do orfanato Crakken usava para ajudar as crianças a dormir. O rótulo mostrava uma mãe carinhosa dando uma colher de chá de xarope para seu precioso bebê. Lydia tinha vergonha de confiar em um remédio para crianças e, sempre que comprava uma garrafa, era rápida em despejar seu conteúdo em uma de suas lindas garrafinhas azuis. Então não precisava ver a imagem perturbadora no rótulo. No entanto, o xarope da senhorita Winslow era a única coisa que mantinha sua dor de cabeça afastada na última semana.

— Está gelada. Como lhe ocorre sair na rua com um pano de prato como

a única proteção?

Virando-se, Lydia encontrou-se com Bane, que estava mais elegante do que nunca. Seu cabelo loiro contrastava com a lã escura de seu casaco. Mais uma vez, Lydia sentiu um desejo de desarranjar a perfeição requintada de seu cabelo.

— Eu estava esperando por você—, disse ela, tremendo de frio.

Sem uma palavra, Bane tirou o casaco e colocou-o nos seus ombros. A lã retinha o delicioso calor de seu corpo e tinha um ligeiro aroma de sabão de pinho. Por um momento, Lydia aproveitou o conforto que ele proporcionou. Não era apenas o calor do casaco... era a naturalidade com que ele o tinha posto, quase sem pensar. Lydia não estava acostumada a alguém que cuidasse dela, e esse sentimento era estranhamente reconfortante.

— Vamos tomar algo quente—, disse Bane, indo para o Old Gallery.

Lydia demorou alguns minutos para se aquecer, mas o creme de amêijoas estava delicioso.

— A sua viagem foi bem? — perguntou.

Teria sido indelicado pedir-lhe diretamente pelo trabalho.

— Mais ou menos—, respondeu Bane. — Vá em frente, pergunte-me se eu tenho algum trabalho de tradução para você.

Lydia sorriu enquanto tomava outra colherada de creme.

— Você quer que eu prive você do prazer de me fazer esperar? Não. Eu sou muito educada para isso.

Bane sorriu maliciosamente.

— Está bem. Então eu vou fazê-la esperar. — Bane se recostou na cadeira e começou a olhar para ela, medindo-a com olhos azuis calculistas. — Você sabe onde a maioria das papoulas do mundo é cultivada? — Ele perguntou finalmente.

Lydia passara toda a sua vida em um navio ou ao lado de um movimentado porto urbano e não conhecia praticamente nada sobre plantas.

— Não tenho nem ideia.

— Na Turquia, Índia e Norte da África. O ópio é enviado para a Turquia para processamento e depois transportado para o resto do mundo para consumo.

Lydia partiu um pedaço de pão e raspou o creme que havia na tigela.

— Ah—, ela disse, vendo que Bane estava esperando por algum tipo de resposta. — Você acha que eles terão mais creme de amêijoas? — perguntou.

Normalmente, ela não ousava pedir uma segunda porção de creme por

medo de parecer vulgar, mas se sentia muito à vontade com Bane. Além disso, Bane podia ler sua mente. Não adiantava fingir que ela era refinada como uma dama.

Bane chamou o garçom e pediu outra tigela de creme.

— Eu sou contra o comércio de ópio—, disse Bane descuidadamente. — Todas as cidades deste país têm desafortunados esconderijos ilegais de ópio, onde as pessoas fumam até perderem a consciência. Essas pessoas se tornam inúteis, tanto para suas famílias como para si mesmas. Mas o pior é o comércio legal: as farmácias vendem xarope com ópio a clientes desavisados, que dão a seus filhos e até mesmo a seus animais de estimação.

Lydia ouviu-o apenas pela metade. Estava muito distraída olhando para o garçom, que deixou uma segunda tigela de creme de marisco delicioso na mesa. O creme cheirava a pimenta moída na hora e bacon defumado. Lydia saboreou uma colherada enquanto fechava os olhos de prazer.

— Mmm... Aha—, disse, imaginando quando a questão da tradução surgiria.

— Quero que uma série de medidas sejam tomadas a esse respeito, e a melhor maneira de conseguir isso é colocar os políticos favoráveis à minha causa no Senado. — Bane se virou para Lydia. Seu rosto refletia uma expressão fria e impiedosa que provocava arrepios na espinha. — Eu pretendo lutar o resto da minha vida para atingir esse objetivo, mas não estou disposto a esperar que as leis mudem. Isso pode levar décadas. Eu sei quem controla as rotas ilegais de ópio neste país, mas preciso descobrir quem são seus fornecedores. Eu quero acabar com o problema pela raiz.

Bane explicou que o ópio era muito barato de produzir, mas que o governo americano aplicava um imposto de dez dólares por cada libra que entrasse no país, o que praticamente quadruplicava seu preço. É por isso que havia homens gananciosos dispostos a traficar drogas para evitar impostos. Os contrabandistas vendiam o ópio barato. Então, esse ópio era misturado para obter os medicamentos que eram vendidos em farmácias em todo o país. O comércio ilegal de ópio era o que permitia que remédios em farmácias fossem tão acessíveis.

Lydia levou os dedos frios de repente para a tigela de sopa, procurando pelo calor da cerâmica. Era a primeira vez que via Bane tão sério e chateado.

— E o que minhas traduções têm a ver com tudo isso?

— Um ano atrás, fiquei sabendo que Boston é o principal porto da Costa Leste que serve como entrada para o ópio ilegal, e eu não vou concordar com

isso. Navios que transportam contrabando de ópio usam palavras de código em seus registros de negócios. Esses registros podem me levar aos contrabandistas americanos que estão transportando o ópio. Eu preciso de alguém capaz de ler esses documentos. Alguém que sabe grego, turco e albanês. Tenho um contato na alfândega de Boston que consegue documentos para mim. Quando ele as deu para mim, eu as entreguei para você. Mas tenho que me mexer mais rápido. Quero que você entre comigo na alfândega pelos molhes centrais e vamos de escritório em escritório para descobrir quem é a pessoa que está traficando ópio. Como você verá, não é um trabalho de tradução convencional. Os horários serão terríveis; o trabalho, desagradável e talvez até um pouco perigoso. Mas garanto-lhe que é muito bem pago.

Se ele tivesse proposto se alistar na Marinha, Lydia não ficaria tão surpresa. O trabalho parecia arriscado, difícil e completamente longe de sua zona de conforto.

— Você espera que a gente force a porta da alfândega?

— Estou ofendido por pensar isso de mim. Eu sou muito mais sofisticado —, disse Bane. — Fiz amizade com um empregado do serviço de limpeza noturno. Ele vai abrir a porta para nós.

Lydia ficou de boca aberta.

— E tudo isso é legal?

— Limpar os escritórios? Claro.

— Mas você está sugerindo que vasculhamos a mesa dos funcionários, seus arquivos.

Bane a olhou com seus olhos azuis e estudou-a por um momento.

— Lydia, às vezes não há escolha senão distinguir entre legal e moral. Estou procurando contrabandistas. Nada mais. A maior parte do ópio que circula no mercado é introduzido por um contrabandista que trabalha na alfândega de Boston. Tentar descobri-lo é um objetivo que vale a pena.

Bane explicou como a operação se desenvolveria. Todos os navios estrangeiros tinham uma lista de mercadorias em sua língua nativa. Assim que o navio atracava no porto, um inspetor americano fazia um inventário em inglês de todos os produtos à medida que iam sendo descarregados. As cópias de ambos os documentos eram entregues aos funcionários da alfândega, que passavam a aplicar os impostos correspondentes. Qualquer discrepância entre a lista estrangeira de bens e o estoque em inglês tinha que refletir os produtos contrabandeados.

Normalmente, Bane era um sedutor incansável. Debochava de Lydia

impiedosamente e se exibia com uma arrogância encantadora. Mas esta noite era diferente. Seu rosto refletia uma profunda determinação, e era difícil não se deixar levar pelo entusiasmo. Embora Lydia admirasse os aventureiros e as pessoas que assumiam riscos, ela sempre levava uma vida muito tranquila.

A pergunta que ela queria fazer era tão indiscreta, tão estritamente pessoal e tão além de sua preocupação... e no entanto, considerando o que ele estava pedindo para fazer, ela tinha o direito de saber.

— Você foi viciado em ópio? — Ela perguntou. — É por isso que é tão importante para você?

Um leve sorriso brincou na boca de Bane. Seus olhos, por outro lado, refletiam uma tristeza infinita.

— Não. Eu queria que meu envolvimento fosse tão inocente. — Bane suspirou e olhou em seus olhos. — Estou preocupado porque, durante anos, fui um dos piores traficantes de ópio deste país.

Lydia abriu bem os olhos. Ficou chocada com sua confissão, mas Bane ainda não havia terminado.

— O tráfico ilegal de ópio neste país é controlado por um homem chamado Professor Van Bracken. Me associei a ele quando era muito jovem e ele me ensinou tudo o que sei.

Lydia sentiu um parafuso de aço no peito. Mal conseguia respirar. De repente, Bane se tornou um estranho.

— Por que você me diz tudo isso? — perguntou.

Adivinhando seus pensamentos, Bane se inclinou sobre a mesa e olhou em seus olhos.

— Eu não sou mais assim—, ele disse rapidamente. — Eu aprendi há muito tempo que a salvação é possível, mesmo para um pobre pecador como eu. Aprendi que sou livre para decidir que tipo de pessoa quero ser. — Bane deu um sorriso irônico que parecia mais uma careta do que um sorriso. — Desde que me converti ao cristianismo, nem um único dia se passou sem que eu me esforçasse para compensar todos os danos que causei a este país.

Lydia sempre pensara que Bane era um pouco mais diabólico do que angelical, mas naquele momento ele parecia sincero.

— Eu era tão mal e corrupto quanto os outros—, continuou ele. — Era como aquelas crianças do orfanato Crakken que lhe roubavam o cobertor enquanto você dormia. Entretanto, era um adolescente quando aprendi a traficar ópio, e desde então me agarrei a ele como um cachorro se agarra ao osso. Estava orgulhoso da minha colaboração com o professor e da facilidade

com que ele prosperava. Aos dezesseis anos, ganhava mais dinheiro do que o prefeito de Boston. E não só isso. Também era mais poderoso. Eu tinha um exército de criminosos ao meu serviço que era responsável por intimidar as pessoas para forçá-las a se renderem à obediência. Às vezes, eu fazia o trabalho sujo sozinho. As pessoas tendiam a me subestimar por causa da minha baixa estatura, mas eu impus meu reinado de terror onde quer que fosse, e aproveitei cada momento.

Seu belo rosto pareceu envelhecer, inclusive emagreceu.

— Estou lhe dizendo tudo isso, para que entenda por que é tão importante para mim acabar com o ópio—, disse ele. — Quando eu ando pelas favelas e vejo aqueles viciados babando, me sinto culpado. Eu fui à pessoa que distribuiu o veneno. Fui eu quem aterrorizou pessoas inocentes para alcançar meus propósitos.

— Não pode ser culpado por todas as consequências do ópio.

Bane sorriu levemente.

— Você não pode imaginar o quão eficaz poderia ser na minha vida criminosa. — Bane baixou a voz. Seus olhos voltaram a refletir uma profunda tristeza. Sua voz era suave e cheia de dor. — Lydia, por causa de todos os danos que causei em minha juventude, terei que fazer penitencia pelo resto da minha vida.

O irreverente e sedutor patife desapareceu. Lydia sentiu o coração apertar com a dor em sua voz. Agora ela entendia seus motivos. Mas o que um só indivíduo poderia fazer para acabar com um tráfego tão estendido? Seria como tentar resistir à maré.

De repente, Lydia sentiu inveja dele. Como seria estar completamente comprometido com uma causa? Como seria tentar mudar o mundo? Se ela se juntasse a Bane, ela poderia lutar por algo mais importante do que ela. Algo bom, significativo e duradouro.

E, no entanto, uma sensação de insegurança continuava a atormentá-la.

— Bane, assinei um contrato com o dono do meu apartamento. Se eu não cumprir, eles me expulsarão.

— Quanto dinheiro você precisa para comprar?

— Preciso de mais duzentos dólares até o final do mês.

— Vai tê-los. Trabalhe comigo esta semana. Quando terminar, você terá muito dinheiro para comprar sua casa.

Ele estava propondo uma aposta, e ela nunca tinha sido boa em apostar. Se estivesse em suas mãos, passaria a vida refugiada na segurança oferecida

por seu emprego no estaleiro e, no restante do tempo, nas familiares e aconchegantes quatro paredes de seu apartamento. No entanto, a única maneira de manter sua casa no Dragão Sorridente era assumindo riscos, e ela estava disposta a fazê-lo.

# CAPÍTULO 11



A alfândega de Boston era uma construção neoclássica esplêndida localizada no início de Long Wharf. Colunas estriadas estendiam-se pela fachada do edifício, que era coroada por uma imensa abóbada. Lydia entrou atemorizada no vestíbulo. O piso de mármore, a magnífica abóbada, as janelas do arco paladiano... tudo ao seu redor refletia a fortuna que Boston acumulara ao longo de sua história como o principal porto comercial dos Estados Unidos.

— É esplêndido—, Lydia sussurrou. Sua voz ecoou no interior escuro.

— Não há necessidade de falar em voz baixa—, disse Bane enquanto caminhava ao lado dela. — Só vamos ajudar os faxineiros a se livrar do lixo.

Lydia ainda se sentia como um batedor de carteiras noturno. O verdadeiro faxineiro, que Bane apresentou como Joe Durning, abriu a porta e continuou a esfregar o chão de mármore como se nada estivesse acontecendo.

— Vamos limpar a ala leste, Joe—, disse Bane, piscando para ele.

Lydia seguiu-o pelo corredor até chegarem à ala leste, onde ficavam os escritórios dos inspetores da alfândega. Bane entrou no primeiro escritório e sentou-se à escrivaninha.

— Pegue uma cadeira. Eu explicarei como isso funciona.

A primeira coisa que ele fez foi vasculhar a lata de lixo.

— Vamos procurar cartas ou qualquer outro documento que possa sugerir chantagem ou suborno. Neste edifício há uma pessoa que está recebendo dinheiro em troca de fechar os olhos.

Mas aquele lixo específico continha apenas dois corações de maçã e uma cópia do *Boston Post*. Lydia sabia que vasculhar uma lixeira não era ilegal, mas começou a inquietar-se quando Bane começou a bisbilhotar a mesa do inspetor.

Bane mostrou-lhe a diferença entre um conhecimento de embarque, seguro de carga e manifestos de carga. Ele também mostrou a ela os diferentes selos que apareciam em cada um dos documentos. Quando aceitou o emprego, Lydia não imaginava que receberia uma aula sobre registros

marítimos, mas Bane disse a ela que isso facilitaria seu trabalho.

— Quero que você comece a checar essa pilha de papéis. Procure por qualquer coisa que se pareça com um conhecimento de embarque. Separe tudo que está em uma língua que você conhece.

Ambos começaram a trabalhar à luz de duas lâmpadas. Várias horas depois, tudo o que encontraram foram três conhecimentos de embarque, um da Turquia e dois da Itália. Nenhum dos três continha a informação que Bane estava procurando. O trabalho era muito monótono, mas o tempo voou. Mais tarde eles começaram a rever os arquivos. Quando Lydia esclareceu os documentos que precisava procurar, verificou sua própria gaveta.

Lydia rapidamente entendeu o que o trabalho consistia, o que não surpreendeu Bane, que a considerava uma das mentes mais privilegiadas que já conhecera. Aquela mulher o fascinava... Sua vida tinha sido tão caótica e desenraizada como a dele, e ainda assim ela mantinha sua inocência. Sua capacidade de permanecer à tona era magnética. Ele gostava do simples fato de estar ao seu lado, absorvendo seu otimismo radiante.

— E porque sua família acabou na Sicília? — lhe perguntou.

Lydia encolheu os ombros.

— Papá disse que porque mamá era turca. Ele costumava dizer isso com um sorriso largo, como se quisesse irritá-la. Claro, ela dizia que era por causa de papá, que ele não parava de incomodar os vizinhos com suas músicas.

Lydia colocou um arquivo na gaveta e tirou outro.

— Agora que penso nisso, acho que tem muito a ver com dinheiro. Às vezes partíamos no meio da noite, especialmente quando papá discutia com os marinheiros. Eu sabia que éramos pobres, mas nunca passávamos fome. Eu nunca tive presentes nos meus aniversários e no Natal, mas papá sabia como me fazer sentir especial. Costumava escolher uma constelação de estrelas e inventava uma história na qual eu era a protagonista. Nelas matava dragões e salvava reinos. Depois passava semanas olhando para a constelação e pensando na história que meu pai havia inventado. Talvez outras meninas tivessem bons brinquedos ou vestidos, mas só eu tinha histórias escritas nas estrelas.

Seus olhos, iluminados pela luz frágil da lâmpada, pareciam assombrados pela beleza das constelações. Para Lydia, essa lembrança era mágica; Bane achou que a história era bem triste.

— E você? — Lydia perguntou de repente. — Eu sou como um livro aberto, mas você nunca me contou nada sobre sua vida.

— O que você quer saber? — Bane perguntou cautelosamente.

— Onde nasceu? Nós poderíamos começar por aí.

Essa pergunta parecia bastante inofensiva.

— Em San Francisco. Mas eu não me lembro muito sobre isso. Eu... me transferiram de lá com seis anos.

— Como "transferiram"?

A lembrança dos gritos de sua mãe continuava a atormentá-lo, mas ele fez um esforço para manter o rosto impassível.

— Meu padrasto traficava ópio da China, — disse ele. — Naquela época, eu não sabia; para mim, ele era apenas um homem violento e cruel que assustava minha mãe. Um dia, um traficante mais poderoso do que ele queria comprar sua parte do negócio, mas meu padrasto se recusou. Uma semana depois, eles me arrancaram dos braços da minha mãe. Dois homens se aproximaram de nós quando estávamos fazendo compras no mercado. Um deles me agarrou pelos braços, me pôs nas costas e correu. Eu lembro que virei minha cabeça para olhar para minha mãe. Um dos homens a jogou no chão. Minha mãe mal se levantou e correu para nós, mas havia sangue no rosto e na palma de suas mãos. Lembro-me que ela estendeu os braços enquanto gritava meu nome.

Lydia olhou para ele com horror, mas Bane se sentiu obrigado a terminar sua história.

— Aquela foi a última vez que vi minha mãe. Eles me colocaram em um trem e me levaram para Vermont, onde o professor me fez refém em sua mansão. De vez em quando mandava cartas para meu padrasto, ameaçando me mandar de volta dentro de um caixão se ele não desse o braço a torcer. É assim que o professor age. Ele geralmente sequestra uma pessoa valiosa para obter a obediência de seus inimigos. É um método muito eficaz.

Os primeiros meses na mansão de Vermont foram terríveis. Bane não conseguia parar de pensar no rosto aterrorizado de sua mãe. Ele estava ansioso para voltar para casa para ter certeza de que suas mãos estavam enfaixadas e seu rosto estava limpo do sangue. Sua mãe sempre cuidava dele quando ele estava doente, e ele queria fazer o mesmo. Bane implorou, implorou, fez uma birra após a outra. Quando suas birras começaram a irritar o professor, a cozinheira lhe deu chá com um pouco de ópio para acalmá-lo. Bane não gostou. Ele era repulsivamente doce e havia algo estranho nele. Então se propôs a controlar suas birras. Em seu interior podia estar gritando, mas no lado de fora projetava uma imagem de absoluta tranquilidade. A

partir daí, a capacidade de mascarar suas emoções foi muito útil.

— Quanto tempo esteve trancado lá?

— Onze anos.

Lydia largou o arquivo.

— Como é possível? Será que seus pais não se submeteram às suas exigências?

Bane encolheu os ombros.

— A primeira vez, sim, mas no final acabei simpatizando com o professor. Ele me pareceu um homem fascinante. Meu padrasto era um valentão que dava rédea livre aos seus instintos. O professor não era assim. Ele sempre me tratou com respeito, ou assim pareceu-me. Todos os seus criados pareciam temê-lo e eu queria ganhar sua aprovação. Com o tempo, o professor decidiu ficar comigo e se livrar do meu padrasto. Daí em diante ele me educou como se fosse seu próprio filho.

Lydia olhou para ele com tristeza.

— Foi assim que você entrou no mundo do crime?

Bane encolheu os ombros.

Bane *odiava* falar sobre aquela época de sua vida, mas Lydia tinha o direito de saber. Ele tinha percebido como ela olhava para ele, com uma mistura de surpresa e fascinação em seus olhos. Se ele pudesse namorar uma mulher, Lydia Pallas seria a primeira, a última e a única mulher que cortejaria. Mas não havia sentido em sonhar com isso. Lydia era valiosa demais para se envolver em seu mundo.

— Com o tempo, o professor depositou toda a sua confiança em mim. Queria que eu estivesse presente em seu escritório enquanto discutia seus planos. Ele me ensinou tudo relacionado a operações bancárias, rotas comerciais e redes políticas. Ele me encorajou a estudar história e literatura para que eu pudesse passar por um cavalheiro. Com doze anos ele me pagava o mesmo salário que o resto de seus capangas. Quando adolescente, já estava dirigindo operações em Boston e Nova York.

Bane tinha feito uma única tentativa de escapar. Aos quatorze anos, ele fantasiava sobre a ideia de ganhar a vida por si mesmo. Um dia ele se perdeu nas ruas da Filadélfia e tentou levar uma vida honesta. Essa foi a primeira vez que ele soube como era passar fome. Finalmente ele teve que se refugiar em um orfanato para fazer uma refeição quente. Fazer fila atrás de um grupo de pirralhos para uma tigela de sopa ensinou-o a valorizar o professor. O professor tratava-o como um homem, dava-lhe um significado para a sua

vida. Bane era muito jovem para ganhar a vida por conta própria, então ele voltou para o professor, que mais uma vez o acolheu em seu mundo de corrupção.

— O professor me ensinou como estabelecer alianças e como confrontar um grupo com outro—, continuou ele. — O que nunca se esperava era que encontraria a salvação. A partir de então, toda a minha vida começou a girar em torno da fé. Por fim, tive um propósito além da minha própria ambição. Eu tinha visto um lampejo de felicidade e queria mais.

Ele também contou a ela sobre uma mulher chamada Clara. Embora ele continuasse a cair em pecado de vez em quando, Clara não queria desistir dele.

Bane passou a mão pelo cabelo, lembrando-se dos primeiros meses de pânico depois de escapar.

— O professor não estava disposto a facilitar as coisas para mim. Eu conhecia todas as suas operações e o nome de todos os seus contatos. Ele decidiu colocar um preço na minha cabeça, e durante anos eu era o homem mais procurado em todo o país. No começo foi muito difícil. Eu nunca poderia ficar mais do que um dia na mesma cidade. Eu tive que mudar meu nome milhares de vezes. Sempre andava daqui para lá, olhando por cima do ombro.

O que ele não lhe disse foi que, naquelas primeiras semanas, ele conseguiu liquidar duas das principais contas bancárias do professor, uma em Atlanta e outra em Richmond. Bane não sabia o que fazer com o dinheiro. Ele não podia investir em si mesmo. Era dinheiro manchado com ópio e o sangue de milhares de inocentes. Então ele transferiu para várias contas seguras e deixou acumular até o dia em que ele poderia usá-lo em sua própria cruzada. Era muito curioso que o dinheiro do professor estivesse sendo usado para financiar a candidatura política dos homens que Bane queria ver no Senado.

Bane continuou dizendo a ela como ele terminou aos pés de Rachel Fontaine e como, graças à sua bondade, ele foi capaz de escapar do país alistando-se na Marinha. Enquanto estava no exterior, ele se tornou o sócio de confiança do almirante Fontaine. Seu trabalho era reunir informações sobre engenharia naval estrangeira e enviá-las para Boston. Enquanto isso, estava planejando como se livrar do professor.

— Como era? — Perguntou Lydia. — Quero dizer a esposa do almirante.

Como descrever Rachel Fontaine? Muitas pessoas a subestimavam por

sua extrema gentileza, mas Bane não era um deles. Rachel era uma mulher corajosa e possuía convicções morais profundas.

— A senhora Fontaine me deu a oportunidade de provar que eu era muito mais do que um criminoso—, disse Bane. — Depois de conhecê-la, me deram um uniforme e me ofereceram a oportunidade de ganhar uma vida honesta. Não sabe o que isso significa para mim.

Bane disse-lhe que, quando estava em alto mar, procurou o capelão do navio e partiu para aprender mais sobre sua nova fé. Em todos os portos onde eles atracaram, ele se aproximava da igreja e observava como seus irmãos crentes na França, Índia ou Egito praticavam a fé. Talvez a arquitetura fosse diferente e a música estranha, mas o fio eterno do sagrado, que continuava a ser transmitido através dos séculos, estava presente onde quer que estivesse. Cada igreja era para ele um oásis no meio do deserto, que o transportava para um lugar puro e divino.

Bane olhou para Lydia. De repente, era muito importante para ele saber se Lydia compartilhava o mesmo dom que Clara lhe dera.

— E você, Lydia? Eu nunca a ouvi falar sobre religião.

Lydia se mexeu levemente em seu assento.

— Não. A religião nunca fez parte da minha vida.

— Não?

Havia lhe perguntado sem malícia, mas Lydia parecia um pouco nervosa enquanto voltava a revisar a pilha de papéis em seu colo.

— O mais perto que tive de uma verdadeira formação religiosa foram as superstições de meu pai. — Um leve rubor cobriu suas bochechas. — Papá costumava dizer que, se você fizer um desejo nas noites de lua cheia, o mais provável é que ele se realize.

— Não me diga que você...

Lydia encolheu os ombros.

— As melhores lembranças que tenho do meu pai estão no convés do nosso navio, com a lua no seu esplendor. Meu pai costumava me acordar para que todos pudessem fazer um desejo. Nós deveríamos olhar para o norte enquanto nos dirigíamos a Artêmis, a deusa da lua. Meu pai costumava pedir desejos fabulosos e loucos, como pegar uma sereia na rede ou encontrar um saque pirata. Eu era mais prática. Normalmente pedia sapatos novos ou a oportunidade de ir à escola. Eu sei que parece estúpido, mas as noites de lua cheia ainda são muito especiais para mim.

Bane deu-lhe um olhar.

— Lydia, você está me dizendo que ainda está rezando na lua cheia?

— Você vai tirar sarro de mim?

Bane sorriu enormemente.

— Mas é claro.

— Bem, faça isso. — Lydia continuou revendo os papéis do arquivo, incapaz de olhá-lo nos olhos, mas sorrindo abertamente. — Sim, toda noite de lua cheia eu saio na rua. Todas. Eu olho para o norte e só rezo um pouco. Não rezo a Ártemis, nem a Jesus, nem a ninguém em particular... Mas gosto de pensar que há alguém aí fora me ouvindo.

Lydia tirou um documento do arquivo.

— Parece um conhecimento de embarque, você não acha?

Pelo modo como passara a revisar os papéis, era evidente que ela não estava mais disposta a falar sobre religião.

Bane olhou para o papel que Lydia segurava na mão e viu que estava em grego.

— Sim. Que diz? — Ele perguntou.

Bane observou seus olhos inteligentes, que revisavam o documento com pressa.

— Fala de um tipo de queijo—, respondeu Lydia.

Bane se endireitou na cadeira. Qualquer menção a um produto agrícola poderia ser um código secreto para se referir ao ópio.

— Que tipo de queijo? — Ele perguntou. — Preciso saber.

— Ele diz que eles estão carregando um queijo chamado ladotyri, e vão armazená-lo em caixas cheias de azeite para preservá-lo durante a viagem—, disse Lydia.

O ópio não pode ser preservado no azeite.

— Isso não me serve—, disse Bane. — Teremos que continuar procurando.

Lydia olhou para ele com curiosidade.

— O conhecimento de embarque diz que o ladotyri é um queijo feito de leite de ovelha e leite de cabra. Eu não sabia que as ovelhas estavam dando leite. Eu pensei que todo o leite vinha das vacas.

— E como os pobres cordeirinhos iam se alimentar?

Lydia encolheu os ombros.

— Nem ideia. Eu nunca vi um cordeiro. E agora que você diz isso, eu também nunca vi uma vaca. Suponho que vivam nas fazendas, mas eu nunca vi uma fazenda.

Bane ficou perplexo.

— Vive em um país com uma das culturas mais ricas do mundo, e está me dizendo que nunca viu uma fazenda?

— E onde vou ver uma fazenda? Vivi em um barco de pesca até os nove anos de idade e, depois, em um orfanato no centro de Boston. Não há fazendas lá.

Bane cobriu a boca para reprimir uma risada.

— Você percebe o quão triste isso soa?

Lydia tentou parecer ofendida, mas não pôde deixar de rir. De repente, seu olhar mudou. Era como se um gatinho brincalhão tivesse se tornado uma pantera faminta.

— Por que você não me leva ao campo? — perguntou. — Seria muito generoso de sua parte ensinar a uma pobre moça da cidade o esplendor da América selvagem.

Bane sabia que Lydia estava tramando algo com sua mente meio grega meio turca, mas era impossível resistir.

— E porque eu faria isso?

—Por quê? Para corrigir essa lacuna surpreendente na minha educação —, disse Lydia. — Agora que você descobriu minha profunda ignorância, seria cruel me deixar assim.

Bane observou o jeito que seus olhos brilhavam e seus pés bateram no chão enquanto esperava por sua resposta. Se realmente pretendesse corrigir sua ignorância, ele teria que ensiná-la a esconder suas intenções. A maneira como movia seus pés era um sinal muito claro de que ela estava tramando algo. Bane estava ansioso para saber o que ela estava tramando.

— Então você nunca viu uma vaca... — ele murmurou, com aparente desaprovação. — Nesse caso, vou buscá-la no sábado de manhã. Agasalhe-se bem.

# Capítulo 12



Era um dia magnífico de verão em San Martin, um daqueles dias no início de novembro, quando o frio desaparece e o céu está tão azul quanto o mar Mediterrâneo. Bane conduzia a carruagem puxada por cavalos enquanto Lydia devorava a paisagem de árvores, envoltas em seus tons de vermelho e amarelo brilhante e outonal. De tempos em tempos, uma rajada de vento levantava as folhas no ar. Desde que chegou aos Estados Unidos, aos nove anos, Lydia nunca havia pisado fora de Boston. E o campo era tão lindo! Se ela não estivesse nervosa, teria ficado deslumbrada.

Porque o que pretendia fazer hoje era a coisa mais arriscada, imprudente e surpreendente que ela já fizera em toda a sua vida. Lydia decidira que estava apaixonada por Alexander Banebridge e estava disposta a conquistá-lo.

Convenceu-se disso na noite em que passaram juntos na alfândega. Quem mais poderia entender isso tão bem? Bane conhecia cada uma de suas peculiaridades e, mesmo assim, ele parecia admirá-la. Além disso, estava cansada de ficar sozinha. Com Bane se sentia completamente ela mesma. Apesar da cumplicidade que compartilhavam, ele ainda parecia um homem fascinante. Era como um meteoro que iluminava todo o seu mundo em seu caminho, e deixava frio e escuro quando partia.

Então, hoje, Lydia decidira contar seus sentimentos. Ela não podia fazer isso no estaleiro, com Willis e os outros presentes. Nem ela queria fazer isso com uma montanha de papéis de pé entre eles. Esta era a oportunidade perfeita para escapar do trabalho e levá-lo a vê-la como mulher.

A primeira coisa que teve que fazer foi livrar-se da ideia ridícula de casar-se com o almirante Fontaine. A carruagem aberta sacudia ao longo de um caminho acidentado, e Lydia se virou para olhá-lo.

— Você encontrou uma esposa adequada para o almirante Fontaine? — Ela perguntou com aparente naturalidade, enquanto se agarrava firmemente ao assento da carruagem.

Bane olhou para ela.

— Suponho que isso significa que não está interessada.

— Nunca estive.

Bane fingiu um suspiro profundo.

— O imaginava. E é uma pena, porque teria sido uma aliança política perfeita, mas os dois parecem resistir à ideia. Não parece muito lógico para mim, mas fiz tudo o que pude.

A carruagem dobrou a esquina e uma ondulante paisagem campestre se estendeu diante de seus olhos. Uma cerca branca cercava uma imensa extensão de terra, coberta em grande parte por macieiras. Bane se inclinou para ela e sussurrou em seu ouvido: — Isto é uma fazenda, querida.

Era uma cena linda, e seu olhar devorou a paisagem de macieiras, que cobriam as fileiras das colinas. De repente, uma brisa leve subiu, trazendo um cheiro de folhas de outono e grama recém-cortada. Provavelmente, aquela paisagem bucólica era algo comum para alguém tão viajado quanto Bane, mas para ela era uma imagem tão encantadora que ela sentiu um nó na garganta. Uma sensação de bem-estar a encheu. O momento parecia infinitamente precioso, especialmente porque Bane estava ao seu lado. Como sempre, ele parecia adivinhar seu humor.

— Não se emocione ainda—, disse ele. — Se fica assim por simples macieiras, imagine quando vir uma vaca.

Eles continuaram avançando prazerosamente ao longo do caminho montanhoso, enquanto a carruagem os balançava suavemente de um lado para o outro. Então era isso que as pessoas normais faziam? As pessoas que tinham uma família e alguém que as amava? Bane e ela saíram ao campo para uma boa caminhada, e se fechasse os olhos, ela quase podia imaginar que eles eram um casal apaixonado. Os dois podiam rir livremente e fazer piadas. Seus medos e inseguranças não seriam tão terríveis se ela tivesse alguém como Bane ao seu lado.

O ar trouxe-lhes o cheiro da fazenda antes que ela surgisse a frente. Bane deixou a carruagem ao lado do caminho para que Lydia pudesse observar as vacas pastando nos campos. Daquela distância, pareciam agradáveis, até calmas. Mas Lydia não quis se aproximar até que Bane deixasse a carruagem e lhe oferecesse a mão.

— Salte.

Meu Deus, como se derretia em suas mãos toda vez que era cavalheiro com ela. Normalmente ele era tão arrogante que Lydia se tornava macia e maleável ao menor galanteio. Bane a ajudou a descer e deu sua mão para que ela pudesse pular a cerca e se aproximar das vacas.

— Veja onde pisa—, disse Bane, depois de alguns passos.

Lydia agarrou suas saias.

— Eu acho que não é necessário se aproximar mais — disse, depois de avançar alguns metros.

As vacas eram imensas. Seu tamanho, seu cheiro... tudo era muito mais avassalador do que esperava. Mas Bane estava à frente dela, e nem todo o ouro do mundo permitiria que ele descobrisse seu medo de vacas. Não tinham dentes ou garras, então... o que poderiam fazer com ela?

Uma das vacas virou a cabeça enorme para ela, assustando-a momentaneamente. Quando ela olhou para aqueles olhos imensos e lacrimosos e não viu ferocidade, nenhuma sensação de perigo, Lydia deu um passo à frente. Sem dúvida, a fera inchou cinco vezes seu tamanho. Era gigantesco. Então o animal emitiu um terrível mugido e trotou em direção a ela.

Lydia começou a gritar com toda sua força. Então agarrou suas saias e correu, esquivando-se do esterco de vaca e dos fardos de feno até chegar à cerca e pular. Atrás dela, Bane morria de rir.

— Lydia, não pode... não pode ter medo de uma vaca.

Ele estava rindo tanto que mal conseguia falar.

— Não me subestime—, disse Lydia. — Esse bicho é terrível.

— Tão terrível quanto os coelhinhos que em sua gaiola—, disse Bane, fingindo um leve calafrio.

— Sabe de uma coisa? Por um momento pensei que seria uma boa tarde. Eu pensei que você tivesse passado por uma transformação milagrosa e estava disposto a se comportar como um cavalheiro.

— Lamento, Lydia, mas se colocou em uma bandeja. Eu não poderia perder esta oportunidade.

Bane sentou-se na cerca e começou a balançar as pernas. Estava a apenas um metro dela, rosada de sol, risos e alegria. Atrás dele, o céu era de um azul incrível e o dia estava perfeito. Lydia olhou-o nos olhos e deu um passo a mais, tanto que um suspiro profundo teria sido suficiente para colocar seus corpos em contato. Então ficou esperando.

Um vislumbre de cumplicidade iluminou o rosto de Bane, que começou a examinar seus olhos, seu rosto e o espaço estreito que os dividia.

— Eu vejo que você está disposta a recusar o almirante...

Pegou o rosto dela nas mãos, puxou-o para ele e beijou-a gentilmente nos lábios.

Lydia queria mergulhar nele. O jeito que embalou seu rosto em suas mãos

era tão terno, que a fez se sentir tão amada... Depois de um momento, Bane levantou a cabeça e olhou para ela.

— Não quero o almirante. Eu te amo —, disse Lydia simplesmente.

Uma sombra de desconforto apareceu no rosto de Bane.

— Você sabe que eu não sou uma boa aposta a longo prazo, certo?

— Eu não sei o que isso significa—, disse Lydia.

Uma rajada de vento soltou um cacho sobre sua testa. Bane colocou-o em seu lugar. A sensação de seus dedos roçando a testa a fez estremecer.

— Isso significa que eu aprecio muito você, mas que eu não sou o tipo de pessoa disposta a se estabelecer e se casar.

Lydia sorriu.

— Bane, foi só um beijo. Não é uma proposta de casamento.

Se sentia tão feliz que se afundou ainda mais em seus braços. Ela não se importaria de ficar lá até que ambos estivessem velhos e grisalhos.

Bane levantou uma sobrancelha e olhou em seus olhos.

— Tem certeza?

Lydia sentiu seu pulso acelerar. Uma risada nervosa ameaçou sufocá-la, mas ela não pôde recuar. Tentando parecer natural, disse: — Eu imagino que um homem tão bonito como você terá que rejeitar muitas propostas de casamento, então eu perdoo sua suposição, mas eu não quero me casar com o Almirante Fontaine, nem espero nada de você.

Lydia olhou para aqueles olhos azuis e sentiu os joelhos tremerem. Uma paixão sem esperança era uma maneira terrível de começar um casamento. Mas ela não podia saber se seus sentimentos se tornariam mais sólidos até que Bane a deixasse passar por sua armadura.

— Você pode pensar o que quiser —, disse. — Mas eu não gostaria de me casar com alguém mais bonito que eu.

Bane olhou para ela com uma expressão engraçada. Era impressão sua, ou ele realmente corou? Sim, um leve rubor cobria suas belas maçãs do rosto.

— Bem, vejo que te deixei sem palavras —, brincou Lydia.

Bane seguia sem responder; Ele apenas traçou a linha do cabelo dela com o dedo enquanto devorava seu rosto com os olhos.

— Nós não poderíamos ir pouco a pouco? — Disse Lydia finalmente.

Bane tomou seu rosto novamente em suas mãos e olhou para ela com tal intensidade que a deixou sem ar. Seu polegar gentilmente acariciava o canto de sua boca.

— Eu provavelmente vou me arrepender disso mais tarde —, disse ele,

abaixando a cabeça e beijando-a mais uma vez. — Mas por enquanto parece bem —, ele murmurou contra sua bochecha.

Lydia se inclinou para ele e sorriu. Pelo menos por enquanto, Bane era completamente seu.

Os capangas do Professor tinham que tê-lo descoberto e assassinado naquela mesma noite por flertar com Lydia, mas pela primeira vez em sua vida, Bane se sentia um membro da raça humana. Desde que tinha seis anos tinha sido um intruso, um solitário, mas naquela tarde, pelo menos por algumas horas, tinha uma companheira neste mundo.

Bane encontrou uma lagoa, estendeu um cobertor na areia e tirou a cesta de comida. Talvez não houvesse razão para se sentir culpado. Afinal, Lydia deixara claro que suas intenções para com ele não eram sérias. Isso significava que ele podia flertar com ela sem que nenhum deles corresse o risco de sofrer. Pelo menos por algumas semanas, ele poderia baixar sua guarda e desfrutar de sua companhia. Quando chegasse a hora de deixar Boston, suprimiria qualquer emoção que sentisse por ela e partiria sem olhar para trás.

Bane abriu a cesta de comida, satisfeito por ter encontrado uma comida grega em sua homenagem.

— Eu trouxe para você um autêntico queijo grego—, disse ele, pegando um pouco de pão, frutas e uma fatia de queijo da cesta.

— Eu nunca provei queijo grego—, Lydia confessou. — Parece exótico demais para o Dragão Sorridente.

— É muito estranho que uma pessoa que tenha viajado tanto tenha tão pouca experiência—, disse Bane. — Você nunca viu uma vaca, você nunca esteve no campo...

Lydia encolheu os ombros.

— Se não notou, sou uma *mulher*, Bane. Eu tenho uma série de limitações neste mundo.

Bane abriu sua navalha e cortou um pedaço de queijo.

— Me diga, o que você faria com a sua vida se fosse homem?

Lydia mordeu o queijo e franziu o nariz ao sentir o gosto intenso enquanto considerava a pergunta.

— Eu gostaria de ser uma grande exploradora, como Lewis e Clark—, disse por fim. — Ninguém chegou ao Polo Norte, embora Karl diga que os noruegueses estão tentando. — Lydia olhou ao longe, e Bane sabia que seus sonhos a estavam levando a milhares de quilômetros de distância. — Pense

em como seria enfrentar um desafio semelhante. Teste a si mesmo até saber se seu corpo e mente serão capazes de responder. Eu gostaria da oportunidade de fazer algo assim.

Era disso que ele mais gostava em Lydia: seu otimismo e sua vontade de superar qualquer desafio.

— Por que você acha tão importante? — Bane perguntou.

Lydia ficou em silêncio por um momento.

— Eu gostaria que minha vida servisse para algo. Eu sei que o almirante realmente aprecia meu trabalho. E é um trabalho importante, eu sei. Mas, se não o fizesse, poderia contratar outra pessoa para preencher minha posição. Eu gostaria de fazer algo que ninguém mais possa fazer. — Lydia fez uma pausa e franziu a testa ligeiramente. — Você acha que eu sou vaidosa?

Embora Lydia não tivesse um pingo de vaidade em seu corpo inteiro, Bane teve que reprimir um sorriso, porque sabia que sua pergunta era séria.

— Na realidade, tudo isso faz você irresistível aos meus olhos. Mas, é claro, sempre fui atraído por desafios impossíveis, por isso não sou ninguém para julgar.

Lydia partiu uma fatia de pão e ofereceu a ele.

— Claro, eu não tenho nenhum senso de direção, e muito provavelmente eu acabaria perdendo se tentasse ser uma exploradora. Então é melhor encontrar outra ocupação se pretendo mudar o mundo.

Bane enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno disco achatado. Sem pensar duas vezes, ele entregou a ela.

— Pegue. Agora você não tem desculpa.

Surpresa, Lydia abriu a tampa do objeto de metal, revelando uma bússola.

— Espero que um dia você encontre o que está procurando—, disse Bane.

A julgar pelo rubor delicioso que cobria suas bochechas, Lydia parecia encantada. De repente, Bane sentiu o desejo de dar-lhe algo de bom, e a bússola era a única coisa que estava à mão naquele momento. Não era um presente convencional, mas, por outro lado, não havia nada convencional em Lydia Pallas. Bane fechou os dedos ao redor da bússola.

— Quero que você mantenha isso—, disse ele, olhando-a diretamente nos olhos. — Eu não sei quanto tempo vou continuar a fazer parte da sua vida, então eu gostaria que você tivesse algo para lembrar-se de mim.

— Obrigado, Bane—, disse Lydia, radiante de prazer.

Bane se perguntou se aquele seria seu primeiro presente de verdade. Não uma história escrita nas estrelas, nem os galhos de hortelã que costumavam

dar aos órfãos no dia de Natal, mas um presente real e tangível, de alguém que se importava com ela. Sua maneira de ver aquela simples bússola revelava que era tão feliz quanto uma mulher com um anel de diamante.

Uma rajada de vento levantou uma nuvem de folhas no ar. Lydia piscou. Uma partícula de poeira entrou em seus olhos. Ele tentou removê-la com o dedo, mas foi inútil.

— Bane, eu tenho um lenço na minha bolsa. Você poderia pegá-lo para mim? — Ela perguntou.

Bane abriu a bolsa e entregou-lhe um pequeno quadrado de pano. Enquanto Lydia tentava limpar os olhos, Bane olhou para o conteúdo da bolsa. Não havia praticamente nada dentro, exceto algumas moedas e um frasco azul. Bane pegou a garrafa e colocou na luz de fundo, observando sua cor escura e a consistência espessa do líquido.

— Muito melhor. Obrigado.

Lydia estendeu a mão para pegar sua bolsa, mas Bane segurou o frasco no ar.

— O que é isso? — perguntou.

— É o meu remédio para enxaqueca. Eu tomo de vez em quando.

Lydia pegou o frasco de suas mãos e colocou-o de volta na bolsa. Então ele pegou um cacho de uvas e colheu algumas, mas a imagem daquela pequena garrafa azul permaneceu gravada na mente de Bane. Fazendo um esforço para parecer natural, ele perguntou: — E o que contém?

Lydia terminou de mastigar uma uva.

— Não faço ideia, mas funciona. É o mesmo remédio que tomava quando criança: o xarope calmante da senhorita Winslow. Eles usavam no orfanato.

*Meu Deus*. Não poderia ter dito nada pior. Seu corpo inteiro ficou tenso. Sem pensar duas vezes, Bane tirou o pote da bolsa, e jogou-o no lago com toda a força de seu corpo. A garrafa pousou na água, desenhando um círculo de ondas.

— Posso saber o que está fazendo? Eu paguei um bom dinheiro por essa garrafa!

— É veneno—, disse Bane.

— Não seja ridículo—, protestou Lydia. — É apenas um tônico para enxaqueca. Até os bebês os tomam.

Bane odiava ouvir as pessoas defendendo esses tônicos repugnantes, mas tentou esconder suas emoções. Talvez Lydia ignorasse completamente o que tornava o xarope tão eficaz. Depois de observá-la cuidadosamente,

perguntou: — Quanto tem tomado?

Lydia ainda estava com raiva, mas ela se levantou e disse: — Muito pouco. De tempos em tempos, sofro dores de cabeça no trabalho e o xarope me ajuda a acalmá-las.

— Quanto você toma? — Bane insistiu. Era óbvio que Lydia estava desconfortável com seu tom de voz, mas isso era importante demais para deixar passar.

—Talvez uma vez por semana. Não mais.

Bane estudou sua expressão, mas seus olhos não mudaram. Não podia ter certeza, mas não parecia que Lydia estivesse mentindo. A tensão entre eles foi diminuindo. Se Lydia fosse viciada em ópio, ela estaria tomando mais vezes.

Bane exalou um suspiro, mas ele ainda não se sentia nada calmo.

— Me desculpe ter gritado com você—, disse ele. — Mas você tem que entender que o xarope da senhorita Winslow é uma das piores drogas do mercado. Eu tenho tentado há anos proibir, porque é indicado para bebês no processo de dentição. Mas é ópio, Lydia. E com ópio você não pode brincar.

Lydia olhou para ele perplexa.

— Ópio! Tem certeza?

— Completamente.

— Nos davam no orfanato quando nos comportávamos mal ou não conseguíamos dormir. Havia crianças que o tomavam muito mais que eu.

Suas palavras foram como um golpe para ele. Em todo o país, as pessoas davam ópio aos filhos para tranquilizá-los quando estavam nervosos ou malcomportados. Os orfanatos eram especialmente propensos a abusar da droga, e a imagem de Lydia Pallas, uma garota abandonada sem ninguém no mundo, na fila para receber uma colherada de ópio, fez com que ele quisesse quebrar alguma coisa.

— Bom—, ele disse. — Mas você não deve continuar a se medicar, nem mesmo algumas vezes por mês. Prometa-me que você não fará isso novamente.

Pequenas ondas continuaram a atravessar a superfície da lagoa onde ele havia jogado a garrafinha. Não havia sentido em discutir essa questão com Bane. O ópio era um veneno corrosivo que poderia tomar o corpo de uma pessoa e transformá-la em seu escravo antes que ele percebesse.

— Tudo bem—, disse Lydia em voz baixa. — Eu não vou tomar de novo. — Seu rosto relaxou enquanto se movia em direção a ele com olhos abertos e

sinceros. — Não será um problema.

Bane acariciou a perfeição impecável de sua bochecha. Lydia era uma mulher tão forte e corajosa que era uma lição de humildade o simples fato de estar ao seu lado.

— Lydia, você sabe que eu me importo com você—, ele disse com relutância.

Era a primeira vez em sua vida que ele deixava uma mulher chegar tão perto dele, e era um sentimento muito desconcertante. Ele queria rir com ela, mimá-la, mas muito mais importante era protegê-la.

— Não consigo desviar o olhar. Esse xarope poderia matar você.

Bane a envolveu em seus braços enquanto o vento soprava ao seu redor. Deu a impressão de que eles eram as únicas pessoas vivas no mundo. Bane esfregou a bochecha contra o cabelo. Ainda não entendia muito bem, mas por algum motivo sentia-se ligado a ela, como se a conhecesse toda a sua vida e, ao mesmo tempo, a achava nova e fascinante.

Estava brincando com fogo, permitindo-se ser íntimo dela, mas, pela primeira vez em sua vida, ele não se importava.

# Capítulo 13



No domingo de manhã, Bane ficou na igreja quando os outros paroquianos já tinham saído. Alguns minutos de joelhos o ajudavam a manter a humildade e, nessa posição, ele gostava de agradecer pelo perdão recebido. Bane abaixou a cabeça e fez a mesma pergunta que fazia há dez anos: Senhor, como posso compensar o dano que causei? Como posso livrar o mundo do ópio?

A imagem de Lydia surgiu em sua mente. Bane empalideceu com o pensamento de que ela poderia ser viciada em ópio. A partir do momento em que viu a garrafa na bolsa, não conseguiu tirá-la da cabeça. Era muito estranho que uma pessoa não acostumada ao ópio carregasse uma garrafa com ela. A pequena quantidade que dizia que deveria ter tomado seria reconfortante, mas Bane sabia que os usuários de ópio não podiam confiar no cálculo das quantidades. Não que ele pensasse que Lydia estava deliberadamente mentindo para ele. O ópio, especialmente sua versão engarrafada em preciosas garrafas de venda em farmácias, era uma droga que gerava um rápido vício sem que as pessoas percebessem.

Alguns dias, Bane lutava sua batalha nos corredores do congresso; outros dias fazia nos portos, onde os contrabandistas floresciam. Hoje, se propunha proteger apenas uma pessoa. Ele precisava ter certeza de que Lydia não era uma vítima do poder sedutor de uma droga que ela estava consumindo desde que ela era criança.

Firme em seu propósito, ele deixou a igreja e seguiu pela rua de paralelepípedos. Lydia era um enigma que o fascinava e atraía ao mesmo tempo, como nenhuma outra mulher. Tudo nela era pura contradição. Por um lado queria mudar o mundo, mas por outro era extremamente rígida em seu desejo por ordem e segurança. Em sua mesa havia uma foto dos exploradores de Lewis e Clark, e mesmo assim nunca havia saído de Boston e tinha medo de qualquer coisa que pudesse alterar sua rotina. No dia anterior, lhe dissera que queria ser testada física e mentalmente, mas nunca faria isso a menos que fosse forçada. Sonhar com essa possibilidade parecia ser o suficiente.

Como esperado, Lydia estava sentada no balcão do Dragão Sorridente, tomando um creme de mariscos.

— Boa tarde —, disse ele, sentando-se no banquinho ao seu lado. — Você ainda está com medo depois do seu encontro com a vaca?

Lydia parecia feliz em vê-lo. Depois de deixar a colher sobre a mesa, lhe deu um sorriso que quase a deixou sem fôlego.

— Eu tive um sonho maravilhoso na noite passada —, disse. — Eu estava sentada no mesmo balcão, e então você entrou e se comportou como um cavalheiro. Ainda não me recuperei da impressão.

— Aqui estou, pronto para realizar seus sonhos.

A mulher corpulenta que cuidava das mesas se aproximou dele.

— Vai querer que eu traga algo para você comer, senhor?

— Você é Gerta, certo?

A mulher corou, aparentemente impressionada pelo fato de se lembrar do seu nome. Era impossível esquecer, considerando quantas vezes ele ouvira Big John gritar o nome de Gerta.

— Me traga uma xícara de café, por favor.

Depois de um momento, a garçonete colocou uma xícara de líquido fumegante na mesa. Bane olhou para ela com uma expressão de gratidão.

— Gerta, esse café não seria o mesmo sem você. Eu tenho que falar com Big John sobre os salários miseráveis que ele paga. Você vale seu peso em ouro.

Gerta deu-lhe um sorriso desdentado.

— Que coisas diz, jovem! — disse, mas continuou sorrindo enquanto se afastava para limpar as mesas.

Lydia pareceu ligeiramente ofendida.

— Por que você tem que ser legal com todos, menos comigo? E, além disso, estava flertando com Gerta. Essa mulher tem o dobro de sua idade.

Bane encolheu os ombros.

— Flerto com Gerta porque faz o melhor café em toda a costa leste. Com você eu flerto por pura compaixão.

— Tenha cuidado, Bane... Se continuar me elogiando, terei que fazer outra proposta de casamento.

Meu Deus, quanto a adorava. Nunca havia conhecido uma mulher como ela. O simples fato de estar ao seu lado era maravilhoso. Bane queria apertá-la em seus braços. Em vez disso, ele fingiu uma expressão de indiferença.

— Por favor, não faça isso. Seria a terceira proposta na mesma semana.

Além disso, eu vim aqui com um objetivo. Deixe-me ver sua bolsa—, ele disse abruptamente.

Bane não esperou que Lydia respondesse; Ele apenas a pegou do balcão. Antes que Lydia pudesse detê-lo, abriu-a e começou a bisbilhotar seus pertences: um lenço, a bússola que ele lhe dera no dia anterior e algumas moedas. Lydia não havia substituído a garrafa de ópio.

— Posso saber o que está procurando?

— O mesmo da outra vez. É só uma pequena comprovação, querida.

Lydia revirou os olhos.

— Eu já te disse. Eu só tomo esse xarope. E, claro, eu não corri até a farmácia para comprar outra garrafa de reposição. — Seu rosto relaxou enquanto ele descansava a mão em sua bochecha. — Mas eu agradeço por se preocupar comigo.

Lydia fez um esforço para esconder, mas havia um leve tremor em sua voz. Ela deveria ter se sentido ofendida por essa invasão de sua privacidade, mas na realidade se sentia comovida por suas ações. Bane se perguntou quando teria sido a última vez que alguém tinha se preocupado com seu bem-estar, ou se preocupara em se importar com ela. Era óbvio que Lydia não tinha nada a esconder. Caso contrário, teria ficado zangada ao vê-lo bisbilhotando em sua bolsa sem permissão. Bane experimentou um profundo sentimento de alívio. De repente, queria levantá-la e dançar com ela pelo Dragão Sorridente. Em vez disso, ele apenas lhe beijou a palma da mão.

— Também vim para verificar se você está comendo bem. Ultimamente você parece cansada.

Na verdade, estava mais bonita do que nunca, com o cabelo preto grosso amarrado em um coque que realçava seus brilhos de mogno. Bane colocou a mão na bolsa e tocou a bússola macia e redonda sobre o tecido.

— Termina de comer. Então veremos se você sabe como usar a bússola para nos levar ao Museu de Belas Artes de Boston. Dessa forma, você pode me mostrar alguns daqueles deuses gregos com quem você diz que eu pareço.

— Eles estão todos nus.

— E você diz que me pareço com eles? — Bane perguntou, piscando para ela. — Espero que você não tenha me espionado.

Um belo rubor cobriu suas bochechas. Lydia era uma presa tão fácil e era uma tentação brincar com ela. Ela era mais inteligente que a fome, mas seu verdadeiro apelo era um senso de humor. Quando Bane descobriu seu calcanhar de Aquiles - sua obsessão pela ordem -, ele não resistiu a bagunçar

os objetos em sua mesa para observar sua reação. Mas Lydia era capaz de rir de suas próprias manias enquanto colocava tudo de volta em seu lugar.

Cinco minutos depois estavam na rua em direção ao nordeste, a caminho do museu. Bane teve que ensiná-la a usar a bússola nas ruas da cidade, onde era impossível se mover em linha reta.

— Que raro. A agulha continua apontando na sua direção - disse Lydia, olhando para a agulha trêmula.

— Será pela minha personalidade magnética?

Ele poderia ter explicado que era porque eles estavam indo para o norte e porque ele estava tão focado na bússola que estava sempre alguns passos à frente. Mas então a diversão terminaria.

— Daqui teremos que virar para o leste—, disse Bane ao se aproximarem da próxima esquina. Lydia inclinou a bússola para apontar na direção certa.

O Museu de Belas Artes de Boston era um imenso prédio neogótico, mas resultou que fechava aos domingos. Não é que Bane se importasse. Tudo o que ele queria era passar algum tempo com Lydia.

— Vamos dar uma volta—, disse.

Havia algumas esculturas espalhadas pelos jardins impecáveis do museu, entre elas, um golfinho que derramava água pela boca e um querubim que tocava harpa.

Enquanto passeavam pelos jardins, Bane agarrou a mão de Lydia, que não fez objeção. Afinal de contas, é o que as pessoas normais faziam: cortejar uma garota atraente ou olhar para uma escultura pelo simples fato de ser bonita. Amanhã, seu mundo giraria em torno das próximas eleições, ou o próximo navio a entrar no porto de Boston. Quando ele descobrisse como o contrabando de ópio entrava, ele teria que deixar Lydia, mas primeiro queria compartilhar o dom da fé com ela. Ele tinha pouco a oferecer a essa mulher extraordinária, mas a fé era uma delas.

— Houve lua cheia na noite passada—, disse ele.

Lydia deu-lhe um olhar irônico.

— Suponho que você quer saber se eu estava rezando para a lua.

— Estava?

— O que você acha?

— Eu acho que é muito possível que você estivesse conversando com ela por um tempo, sim.

Lydia deu-lhe um sorriso atrevido e deslumbrante.

— Suponho que seja uma boa maneira de descrevê-lo. Não sei se alguém

estava me ouvindo, mas pensar que existe alguém lá fora cuidando de mim me faz sentir melhor.

Quando viraram a esquina do museu, encontraram um par de sereias brincando em uma fonte. Seus pés esmagavam o cascalho enquanto caminhavam. Bane parou por um tempo, pensando no que ele ia dizer.

— Lydia, quando vivia naquele navio nas águas do Mediterrâneo... alguma vez se sentiu abandonada?

— Não—, ela disse automaticamente. — Meus pais me adoravam. Eu não precisava de mais nada.

— Mas você vivia em um ambiente muito inseguro. Você não tinha presentes de aniversário, roupas decentes, nem sequer podia ir à escola. Além disso, além do amor de sua família, você não tinha nada. Estou errado?

Lydia parou e olhou para ele com a boca aberta.

— Eu acho que é uma maneira muito cruel de descrever isso.

— Tenha um pouco de paciência comigo, eu te imploro.

Bane levantou as duas mãos para acalmá-la. Não chegaria a lugar algum se a afugentasse antes de chegar ao cerne da questão.

— Agora você mora em Boston. Tem uma casa e um trabalho que você gosta. Tem dinheiro no banco e comida na despensa. E você ainda se sente terrivelmente insegura. Fica com raiva se suas latas de tinta estão bagunçadas. Pelo amor de Deus, são apenas uns potes de tinta!

Lydia levantou o queixo.

— Eu gosto que as coisas estejam no lugar.

— Eu sei. E, mesmo que você pudesse comprar seu apartamento e ter boas economias no banco, ainda assim seguiria organizando os potes de tinta. Aposto que é igualmente rigorosa em casa. Como você organiza seus livros?

— Em ordem alfabética de acordo com o autor.

— E as roupas no armário?

— Na ordem em que vou vesti-las. Então eu sempre sei o que há para lavar.

— E você não acha que a mania pela ordem é um pouco estranha? Você não acha que isso indica alguma coisa?

Lydia foi até um banco ao lado da fonte, sentou-se e olhou para ele.

— Eu não sou uma especialista na mente humana como você parece ser. O que você acha que isso indica?

— Indica que você está procurando segurança nos lugares errados. — Bane apoiou uma bota no banco e se inclinou para ela. — O amor de seus

pais lhe deu uma ideia de bem-estar, mas seus pais já se foram. Quando eles morreram, todas as fundações do seu mundo entraram em colapso e, desde então, você está procurando algo para se apegar. Você sabe perfeitamente bem que não há deusa da lua e, no entanto, gostaria que ela existisse. Estou errado?

Lydia apenas deu de ombros. Bane pegou sua mão magra e apertou-a entre as suas.

— Lydia, acho que há um ímã muito poderoso que está arrastando você para Deus. Seu desejo de encontrar uma voz no universo com a qual falar é o começo da fé. Ouça esse desejo. Siga-o. Comece a viver como Deus nos ensinou e você verá como aquela pequena e frágil chama dentro de você começa a crescer.

Quando Lydia levantou a cabeça para olhá-lo, houve um leve sorriso em seus lábios.

— Então você não vai tirar sarro de mim por rezar para a lua?

Bane lhe beijou a palma da mão.

— Não tenho o direito de fazer isso. Eu só peço uma coisa: que você ore por mim de vez em quando. Não me viria mal.

Bane se sentou ao seu lado no banco para assistir o pôr do sol. Se pudesse escolher um dia e mantê-lo em sua memória para sempre, seria esse. Se fosse possível, daria tudo o que tinha em troca de passar o resto da vida com Lydia Pallas. Até então, tinha sido fácil para ele reprimir suas emoções, mas agora, uma parte selvagem e irracional de sua alma pedia-lhe para sequestrar Lydia, levá-la a um padre e casar com ela. Dessa forma, ele poderia formalizar o vínculo bonito e frágil que estava se desenvolvendo entre os dois.

Um sorriso amargo brincou em seus lábios, porque ele sabia que em questão de dias ele sairia de Boston. Então teria que esquecer esses sentimentos inoportunos e nunca mais pensar nela.

# Capítulo 14



As horas que Lydia passava com Bane na alfândega estavam se tornando a parte mais importante de sua vida. Toda noite esperava por ele no Dragão Sorridente, e então os dois caminhavam seis quarteirões até chegarem ao prédio. Quem teria pensado que revisar pilhas de papéis empoeirados seria tão excitante? O que quer que ela fizesse ao lado de Alexander Banebridge era fascinante para ela. Bane fazia comentários irreverentes, e ela os devolvia com a mesma rapidez. Às vezes, eles deixavam os formulários de lado e desfrutavam da alegria de ter alguém com quem conversar.

— Então Lewis e Clark, hein? — Disse Bane. — E por que não Abraham Lincoln ou Thomas Jefferson? É mais comum admirar personagens assim.

Os dois estavam sentados na imensa mesa de trabalho do assessor tributário, refugiados no círculo âmbar de luz provido por uma lâmpada de querosene. Lydia pegou outra pilha de documentos e começou a folhear distraidamente as páginas, procurando a marca dos conhecimentos de embarque.

— Porque ambos enfrentaram desafios físicos e mentais—, disse Lydia. —Minha vida parece muito pequena e humilde comparada com a deles. Todos os dias, Lewis e Clark tiveram que enfrentar o perigo e o desconhecido. E apesar disso, continuaram seguindo em frente, submetendo o corpo à fome, à doença e à fadiga, até que já não sabiam se poderiam aguentar outro dia. Eu admiro pessoas capazes de fazer algo assim.

— Você gostaria de acompanhá-los? Quero dizer, se você tivesse a chance.

Lydia pensou em seu apartamento aconchegante, seu trabalho confortável e o ambiente de segurança que ela construíra em torno dela.

— Provavelmente não—, admitiu apesar de si mesmo. — Eu valorizo muito a estabilidade, mas é divertido sonhar de vez em quando.

— A maioria das mulheres sonha em se casar e ter filhos. Adoráveis anjinhos que passem o dia rindo e nunca choram.

— Por que você tem que ser tão cínico? Não gostaria de ter filhos um dia?

— Isso implicaria ter uma esposa, e eu já lhe disse que não posso me dar a esse luxo.

Sua voz era fria e impessoal. Bane abriu outro arquivo e começou a retirar os conhecimentos de embarque.

Lydia ficou magoada com a maneira como teve que erguer uma parede entre os dois. Mas doeu mais pensar em suas possíveis razões para rejeitar o casamento.

— Você diz isso porque está apaixonado por outra pessoa? — perguntou com uma voz fina. — Por Rachel Fontaine?

Bane olhou para ela, perplexo.

— Porque me pergunta isso?

— Porque você parece diferente quando fala sobre ela. Você usa um tom... quase reverencial. Eu mal conheço esse seu lado.

Bane deixou o arquivo na mesa e se recostou na cadeira.

— Eu nunca me apaixonei por Rachel Fontaine. Ou pelo menos não da maneira que você pensa.

Lydia sentiu a tensão nos ombros e sentiu vergonha. Bane também notou.

— Não faça ilusões comigo — lhe avisou. Seu rosto estava sério e sua voz triste. — Acho que devo explicar a você por que descarto a ideia do casamento. — Lydia notou uma ligeira tensão em sua mandíbula. Bane abaixou a cabeça e olhou amargamente para o chão. — O método preferido pelo professor para controlar seus inimigos não é ataque direto. É muito sofisticado para isso. Sua estratégia é sequestrar ou aterrorizar seus entes queridos. E é exatamente isso que faria se me casasse e tivesse filhos. E você deve saber outra coisa. — Bane levantou a cabeça e olhou para ela. — O Professor não se importa de manter seus reféns por anos. É por isso que não permito que ninguém se aproxime de mim. Eu não posso arriscar, Lydia.

Bane se levantou, saiu do círculo de luz projetado pela lâmpada e começou a andar pelos cantos escuros do escritório.

— Eu nunca contei a ninguém sobre isso, mas acho que você tem o direito de saber exatamente que tipo de vida eu levo. Eu tinha um grande afeto por Rachel e era muito grato por sua ajuda, mas se o professor tivesse sabido da minha admiração por ela, esse teria sido o fim dela. Minhas visitas ao almirante podiam passar por reuniões de negócios, mas... e se tivesse socializado com sua família? E se eu tivesse ido com eles para a igreja ou de

férias? O professor teria descoberto meu ponto fraco, e nenhum dos Fontaines estaria seguro. Eu nunca fui capaz de amar alguém. Eu tive colegas, não amigos. No começo eu gostava de sentar no parque e olhar para as famílias e imaginar como seria ter uma, mas era apenas um absurdo exercício de tortura. Já faz muito tempo desde que parei de fazer isso.

O coração de Lydia afundou quando ouviu as palavras dele. Esse homem vive em perpétuo exílio. Ele estava sempre à margem, olhando a vida sem ser capaz de tocá-la. Queria correr para ele, envolver seus braços ao redor dele e dar a ele o afeto que ele havia negado a si mesmo. Mas Bane continuou falando e não se atreveu a interrompê-lo.

— Eu não sei se você será capaz de me entender—, disse lentamente, — mas ver os filhos do Almirante Fontaine crescerem é o mais próximo que eu tive de uma família. Eu só os vejo por alguns meses, quando passo pela cidade para conversar com o almirante, mas toda vez que isso acontece... — Bane fez um esforço para encontrar as palavras precisas. — Era maravilhoso ver como eles passaram de bebês a filhos. Mas, se o professor descobrir o quanto essa família significa para mim... que Deus os ajude.

Bane olhou para ela. Sua voz estava ligeiramente vazia.

— Eu não posso arriscar sua vida também, Lydia.

Houve um silêncio entre os dois. Lydia sabia o que era viver sem o amor de uma família e estava disposta a fornecer esse amor a Bane.

— E se estivesse disposta a correr esse risco?

Bane estava encostado na parede com os braços cruzados sobre o peito, e suas feições mal podiam ser discernidas. Seu rosto estava escuro, mas Lydia sabia que ele estava olhando para ela.

— Se estivesse em meu poder—, disse Bane lentamente, — eu escaparia com você para uma ilha caribenha selvagem onde poderíamos morar juntos. Um lugar onde poderíamos aproveitar o sol e dançar na chuva. Nós nos alimentaríamos do peixe que pescaríamos no mar e beberíamos o vinho diretamente da garrafa.

Lydia se inclinou para frente com um brilho de excitação em seus olhos. Não tinha ela sempre sonhado em fazer algo ousado e arriscado? Com Bane se sentia capaz de tudo.

— Bane, e porque não? Por que não partimos sem olhar para trás?

Um leve sorriso cruzou os cantos de seus lábios.

— Oh, Lydia, você é mais inocente que uma pomba—, disse Bane. — Se eu te arrastasse para o meu mundo, você passaria sua vida olhando por cima

do seu ombro, com medo de qualquer estranho que encontrasse na rua. Eu não quero que você se torne uma mulher nervosa e amarga. O professor tem contatos em todo o mundo. Não há lugar onde possamos fugir dele.

Bane se afastou da parede e deu alguns passos em direção a ela. Lydia se levantou e correu para ele. Ela logo se viu envolvida em seus braços. Bane a beijou desesperadamente na bochecha. Então ele começou a sussurrar em seu ouvido, tão baixo que mal podia ouvir.

— Lydia, eu te amo—, ele sussurrou. — Eu nunca disse isso a nenhuma outra mulher, mas agradeço sua presença neste mundo. Eu amo o seu senso de humor e sua inteligência. Eu amo sua coragem. Eu amo a maneira que você tem de fazer sempre o oposto e rir enquanto faz isso. Mas eu não posso te levar comigo. Quando eu sair de Boston, você nunca mais me verá.

Com uma brusquidão que a assustou, Bane a soltou e voltou para a mesa. Uma vez lá, ele se sentou e tirou outra pasta de documentos. Lydia foi arrastada em um turbilhão de emoções, mas o rosto de Bane era impassível.

— Temos mais duas horas para revisar os registros marítimos italianos do ano passado—, disse ele. — Eu me vejo capaz e você?

Sua voz estava clara e enérgica novamente. Era como se as belas palavras que ele sussurrara em seu ouvido tivessem sido um sonho.

Lydia desabou na cadeira, desconfiando do apoio de suas pernas.

— Eu suponho que sim—, disse fracamente.

Bane sentou-se na beira da cama em seu quarto de hotel simples, acariciando a borda da fotografia de Rachel Fontaine acompanhada por seus dois filhos. O que teria acontecido à sua vida se Rachel não tivesse intervindo e não tivesse viajado naquele navio para Bruxelas? Se tivesse ficado com ela, ele poderia ter impedido sua morte?

Seus ombros afundaram. Na manhã de sua morte, Rachel Fontaine era uma mulher saudável, mas um deslizamento na neve quebrou seu pulso. O médico receitou ópio para aliviar a dor enquanto colocava o osso no lugar. Mesmo que ele estivesse com ela, Bane teria recomendado que ela o tomasse Pela primeira vez, nada iria acontecer.

O médico administrou o ópio por via intravenosa, mas depois de alguns minutos, os pulmões de Rachel começaram a se contrair e ela mal conseguia respirar. Obviando alguma gota ocasional, era a primeira vez que bebia ópio. Quem teria imaginado que isso poderia afetá-lo dessa maneira? Seu corpo teve uma reação violenta à droga. O ópio agarrou seus pulmões, transformando cada ar em uma batalha real. Pouco a pouco, Raquel começou

a perder a guerra contra o cansaço. Mais tarde, Bane saberia que levara seis horas para morrer. Estava consciente em todos os momentos.

Os traficantes não eram culpados pela morte de Rachel, mas ela era outra vítima de uma droga profusamente prescrita e pouco entendida.

Ele nunca poderia dizer o quanto isso significava para ele.

Quando a conheceu, ele ficou olhando por cima do ombro a cada momento, pronto para protegê-la e ficar à frente do professor e de seus capangas. Mas em Boston, tornou-se brando. Ele teve que recuperar a sensação de perigo que lhe permitiu permanecer vivo por tantos anos.

Bane dobrou a fotografia ao meio. Fora imprudente manter uma foto de Rachel e seus filhos. Se o professor tivesse descoberto, saberia onde atacá-lo. Ele nunca esqueceria seu rosto, mas isso não ajudava em sua tarefa. Bane aproximou a fotografia da chama de uma vela e observou o papel queimar.

# Capítulo 15



No sexto dia de trabalho na alfândega, Bane finalmente encontrou uma pista convincente. Eles estavam no escritório do inspetor McGannon, um dos cinco funcionários que verificavam as mercadorias recebidas e preparavam os inventários para aplicar os impostos. Encontraram o anel de um charuto no fundo da lixeira.

Bane olhou para o papel verde e dourado à luz da lanterna.

— Parece que o inspetor McGannon tem um gosto requintado para charutos—, disse ele.

Lydia encolheu os ombros.

— Eu não entendo de charutos.

— Eu sim. Os charutos Candemir são os melhores da Turquia.

A presença de charutos turcos no escritório do inspetor McGannon não tinha que significar nada, mas Bane achou que inspecionar as gavetas de sua escrivaninha não seria uma má ideia.

A caixa de charutos Candemir estava na última caixa à direita. A tampa, decorada em verde e dourado, mostrava uma inscrição no topo. Bane a iluminou com a lanterna e leu as palavras cuidadosamente escritas:

*Para meu querido amigo Ian McGannon.*

*Espero que você aproveite essas delícias turcas.*

Demir Mehmet — Lydia, o que é “Demir Mehmet”? Um nome ou uma frase? — Bane perguntou, mostrando-lhe a inscrição.

— É um nome masculino—, disse Lydia. — Mehmet é um sobrenome muito comum na Turquia.

Bane golpeou a superfície da caixa com os dedos. Não era certo que os inspetores aceitassem presentes de comerciantes, nem mesmo pequenos presentes como uma caixa de charutos. Bane abriu a tampa e inspecionou os charutos restantes. Então, preso no fundo da caixa, ele descobriu o que procurava há tantos meses.

Era uma lista dos navios que iam partir do porto de Constantinopla. Ao

lado de cada um deles estava a data aproximada de chegada ao porto de Boston.

Um sorriso frio apareceu em seu rosto. Era exatamente isso que um inspetor da alfândega precisava saber se planejava fechar os olhos para a mercadoria dos navios em troca de dinheiro. Uma olhada rápida nas datas foi o suficiente para saber que quatro dos navios já haviam chegado. Os outros seis chegariam no ano seguinte.

— Em que está pensando? — Perguntou Lydia. — Eu não gosto da expressão em seu rosto.

Bane pegou um pedaço de papel da lixeira e começou a copiar a lista.

— De repente, tive um desejo irresistível de verificar o conhecimento de embarque desses quatro navios—, disse ele. — Suspeito que uma revisão cuidadosa nos diga quem foi o responsável pela entrada do ópio nesta cidade nos últimos dois anos.

Os antigos registros eram mantidos no porão, onde filas e fileiras de arquivos se erguiam como megálitos no interior escuro.

— Por onde começamos? — Perguntou Lydia.

Bane encontrou o arquivo que continha os registros do porto de Constantinopla e começou a rever os arquivos à procura de um navio chamado *Cisne Negro* que, segundo a lista, havia chegado na última semana de julho. Sua boca torceu em uma careta de desgosto. Nos últimos anos, ele havia descoberto dezenas de navios como o *Cisne Negro*, que trazia contrabando de ópio e evitava pagar os altos impostos exigidos pelo governo. Bane encontrou os registros do *Cisne Negro* e levantou a lanterna para lê-los.

O conhecimento de embarque original estava em turco, com a tradução em inglês anexada ao documento. No final do formulário estava a assinatura do inspetor McGannon. Antes de descarregar as mercadorias, McGannon e o comissário teriam andado pelos corredores do armazém, fazendo uma lista detalhada da carga.

Bane examinou o documento. O *Cisne Negro* carregava rolos de seda, tapetes de lã e barris de amêndoa. Quando terminou de ler, ele entregou a lista a Lydia em turco.

— Leia a mercadoria, por favor—, disse ele. — Eu preciso de uma tradução exata, palavra por palavra.

— Seis barris de azeitonas, dez barris de amêndoas...

A ausência de luz obrigou-a a apertar os olhos e inclinar o documento em direção à lanterna. Enquanto lia, Bane examinou o documento em inglês,

marcando cada um dos artigos como ela os mencionava.

— Quatro caixas de charutos. Quinze caixas de cocos —, disse Lydia.

Bane estava prestes a soltar a lanterna.

— Quinze caixas de cocos?

Lydia verificou o documento novamente.

— Sim, olhe—, ela disse, apontando para a palavra.

Bane estreitou os olhos para examinar o documento em inglês. Como ele suspeitava, não havia caixa de cocos. Não que esperasse encontrá-la.

— Esconder o ópio na casca vazia de coco é a melhor maneira de transportar grandes quantidades. Não admira que o inspetor McGannon não quisesse incluir este artigo em sua lista. Especialmente desde que a Turquia nunca se destacou como um exportador de coco. Quantas caixas diz que havia?

— Quinze.

Bane sentiu seus joelhos tremerem. Isso equivalia a milhares de libras de ópio. Quando o ópio era transportado em cascas de coco, estava em sua versão mais refinada e perigosa. E o *Cisne Negro* era apenas um dos dez navios listados na lista de McGannon.

Sua voz adquiriu um tom imperioso.

— Temos que encontrar o conhecimento de embarque do seguinte navio na lista.

Todas as pistas apontavam na mesma direção. Bane tinha quase certeza do que iria encontrar. O *Scarlett* chegou em agosto. Depois de procurar nos documentos, descobriu a mesma discrepância no conhecimento de embarque, bem como nos outros dois navios que haviam chegado ao porto de Boston.

— Todos esses documentos levam a assinatura de Ian McGannon—, disse ele. — É evidente que ele foi subornado para fechar os olhos aos navios de Demir Mehmet.

Uma expressão esperançosa apareceu no rosto de Lydia.

— Se puder provar que McGannon é responsável pelo contrabando, você poderia impedir a entrada do ópio em Boston? Este seria o começo do fim?

Sua pergunta revelou quão pouco ela sabia sobre o tráfico de ópio. Bane fechou a gaveta de arquivo.

— Não, Lydia. O tráfico de ópio é como um monstro com mil cabeças. Quando cortamos uma, outra cresce novamente em outro lugar. E quando eu achar onde está, vou encontrá-lo e acabarei com ele.

Os olhos de Lydia brilhavam à luz da lanterna.

— Isso significa que você vai sair de Boston? — perguntou melancolicamente.

Bane resistiu à tentação de segurá-la em seus braços para confortá-la. Nada que ele pudesse fazer ou dizer poderia facilitar as coisas.

— Sim, Lydia. Amanhã levarei esses documentos às autoridades, portanto não precisaremos continuar vindo à alfândega. A partir desta noite vou parar de precisar dos seus serviços.

Bane se virou e fechou a gaveta de arquivo para que não tivesse que olhá-la nos olhos. O baque da gaveta ecoou na escuridão da sala. Que estúpido havia sido pensando que poderia flertar com ela e depois sair como se nada tivesse acontecido, sem sentir o coração arrancado.

Bane deu-lhe a mão para subir as escadas que levavam ao vestíbulo da alfândega. Um luar frágil penetrava através das janelas, e Bane sabia com clareza dolorosa que ele só tinha mais alguns minutos com a única mulher que ele já havia amado. Continuou andando pelo corredor até a porta, mas Lydia não queria segui-lo.

— Eu não quero que vá—, disse. Sua voz soou fraca e trêmula na escuridão.

Bane não se virou. Teve que fazer um esforço para fazer sua voz parecer calma, mas continuou escondendo o rosto.

— Sei que lhe devo duzentos dólares, mas meu banco mais próximo fica na Filadélfia, então levarei uma semana ou duas para te pagar.

Um rangido agudo de pano tocou em suas costas. Lydia agarrou-o pelo braço e obrigou-o a se virar para olhá-la.

— Eu não me importo com o dinheiro—, disse. — Eu me preocupo com você e com a vida horrível que você leva. Não me deixe assim. Por favor, não fuja de nós.

Lydia estava com a cabeça erguida. Seu rosto refletia uma profunda determinação. Com que rapidez essa expressão em seu rosto seria apagada se tivesse que passar a vida fugindo, incapaz de dormir mais de uma noite na mesma cidade. Bane levantou a mão para acariciar sua bochecha.

— Não há lugar no meu mundo para ordem e segurança—, ele disse suavemente. — No final, você acabaria odiando estar comigo.

Lydia franziu a testa.

— Por que você não acaba com o professor? Sabe onde ele mora. Se você ligar para as autoridades, pode acabar com tudo isso.

Poderia, mas não ia fazer isso. Se ele matasse o professor, outro traficante

tomaria o seu lugar, e então não haveria maneira de chegar na frente dele.

— Eu sei muito bem como a mente do professor funciona, por isso eu pude antecipar suas ações—, disse Bane. — Eu prometi fazer tudo humanamente possível para combater o comércio de ópio, e a melhor maneira de fazer isso é deixar o professor manter seu posto.

Agora ela estava com raiva.

— E você pensa em sacrificar toda a sua vida por isso? Pensa estar sempre sozinho, fugindo, para continuar com sua cruzada pessoal?

Lydia estava certa. O preço de sua cruzada nunca lhe pesara tanto quanto agora, mas não podia desistir da promessa que fizera a Deus. A única maneira de impedir a importação de ópio ilegal era entender a mente do homem que controlava todas as operações. Ele não podia abandonar sua missão.

— Me desculpe, eu desapontei você—, disse ele.

Se tivesse que dizer a ele o quanto estava triste, poderia continuar falando até o amanhecer. Era hora de sair de lá e dar um fim àquela agonia. Lydia parecia magoada e desolada, mas permanecer ali não resolveria as coisas. Então abriu a porta e saiu do prédio. Uma escuridão amarga caiu sobre ela enquanto descia a rua glacial.

Bane ouviu os passos de Lydia e parou para esperar por ela. Sem olhar para ela e sem dizer uma palavra, ele ofereceu-lhe um braço. Os dois caminharam em silêncio no meio da noite. Essa seria a última vez que ele estaria ao seu lado, a última vez que ele sentiria a mão magra apoiada em seu braço. Lydia era sua companheira, sua alma gêmea. Além disso, ela o adorava. Sabendo que isso o estava matando, mas sentiu um desejo irracional de prolongar sua agonia. Bane desacelerou quando eles se aproximaram do Dragão Sorridente, tentando comprar mais alguns segundos de sua companhia, alguns segundos a mais do que se supõe ter uma companheira no mundo.

Inevitavelmente, chegaram à porta do Dragão Sorridente. A lanterna iluminava as belas feições de Lydia, mas seus olhos refletiam uma profunda determinação. Era tão próprio dela se recusar a aceitar a derrota. É por isso que a amava tanto.

Bane puxou-a para ele, respirou seu aroma refrescante e pressionou os lábios contra a pele macia de sua orelha.

— Esqueça que você me conheceu—, ele sussurrou. — Finge que não existo. Retome sua vida e não olhe para trás.

Lydia se mexeu em seus braços.

— Não posso fazer isso.

Ele tampouco. A tinha gravado em sua alma, e sua lembrança iria atormentá-lo pelo resto de sua vida. E ainda assim ele se libertou de seus braços, observou seu lindo rosto e mentiu.

— Eu sim.

Lydia contraiu a boca e olhou para ele com um brilho glacial nos olhos.

— Eu não vou desistir de você—, disse. — Na minha vida não há muitas coisas pelas quais vale a pena lutar, mas você é uma delas.

Lydia entrou no Dragão Sorridente e fechou a porta com estrondo, deixando-o sozinho no meio da rua.

Lydia estava sentada à sua mesa no estaleiro, com um olho em um jornal italiano e outro em Willis. Só faltavam apenas alguns minutos para as cinco, mas Willis estava preparando um de seus espetáculos habituais. Estava há dez minutos cobrindo os olhos enquanto piscava e fazia uma careta de dor, embora todos os funcionários do escritório tentassem ignorá-lo. Lydia descobrira que Willis só era capaz de "sofrer em silêncio" por cerca de vinte minutos. Se os três o ignorassem, talvez pudessem terminar o trabalho antes que começasse a compartilhar seus sofrimentos com o mundo. Lydia, Karl e Jacob estavam profundamente concentrados em suas tarefas, fazendo um esforço heroico para ignorar as dores de Willis, mas todos os seus esforços foram em vão.

Finalmente explodiu.

— Você pode cobrir a luz da janela, por favor? Eu não suporto o brilho do pôr do sol. É como se estivessem enfiando uma adaga no meu olho.

Lydia se levantou.

— É melhor baixar as persianas—, sugeriu.

Lydia surpreendeu Jacob tentando disfarçar o riso por trás de um jornal alemão.

— Melhor assim, querido? — perguntou, depois de abaixar as persianas.

Willis continuou a fazer caretas de desgosto.

— Agora a luz é difusa—, disse ele. — O que é ainda pior. É como se estivessem me atacando em milhares de direções ao mesmo tempo.

Lydia voltou para o seu lugar. Ela não estava disposta a deixar os infortúnios de Willis deixá-la amarga durante o dia. Ainda devia ao almirante mais oito minutos de trabalho antes que pudesse se refugiar em seu próprio sofrimento. O que aconteceria quando Bane aparecesse na porta? Duas noites antes, ele deixara claro que não se veriam de novo, mas, naquela manhã,

Lydia soubera que o almirante iria encontrá-lo depois do trabalho. E estava disposta a esperar por ele.

Lydia virou a cabeça para dar uma olhada em Willis, que ainda estava fugindo do ataque do sol. Willis evitava comida exótica, barulhos e fontes inadequadas de luz. Era patético, mas ela era muito melhor? Bane pensou que não tinha coragem suficiente para viver em seu mundo. Achava que sua necessidade de ordem e rotina a incapacitava a viver ao seu lado.

Quando o relógio bateu cinco horas, Lydia colocou o jornal em cima da pilha de documentos que ela planejava ler no dia seguinte. Então colocou a caneta na gaveta superior esquerda da sua mesa, colocou o dicionário Italiano no lugar e organizou os papéis para deixá-los em um ângulo exato de noventa graus, com duas polegadas entre cada pilha.

— Você quer que eu te acompanhe até o bonde? — perguntou Karl da porta do escritório, com o casaco e o chapéu na mão. — Todos saíram.

— Não, obrigado—, disse Lydia, tentando inventar uma desculpa. — Eu vi um artigo na imprensa russa sobre a coroação do novo duque. Gostaria de ficar por um tempo lendo isso.

Karl aceitou sua resposta e a deixou sozinha no escritório silencioso. Lydia desviou o olhar da gravura de Lewis e Clark que estava em sua mesa. Não era ninguém comparado a eles. Nem com Bane também. Era mais como Willis e suas centenas de doenças imaginárias do que uma pessoa disposta a enfrentar os desafios da vida. Sua dor de cabeça só estava piorando. Lydia abriu uma gaveta e tomou um gole do xarope calmante da senhorita Winslow. Bane havia jogado fora a garrafa que guardava na bolsa, mas ainda tinha outra em casa. Não poderia enfrentar uma discussão com Bane com essa dor de cabeça.

Já eram quase seis horas quando ouviu a porta do escritório se abrir. Quando se virou, encontrou Bane, que parecia muito surpreso ao vê-la.

— Eu não esperava... — ele começou a dizer, mas se corrigiu—: Pensava que você já teria partido.

Ele parecia desapontado por vê-la.

— Às vezes fico um pouco mais para ler artigos interessantes.

— Ah.

Pela primeira vez desde que conheceu Bane, ele parecia ter ficado sem palavras.

— Eu vim ver o almirante—, ele disse finalmente. — Ele está esperando por mim.

Dito isto, se dirigiu ao escritório, bateu na porta e entrou. Nem um único olhar, nem um sorriso. Lydia olhou para a mesa e viu que tudo estava em ordem. Era estranho, mas gostaria de achar seus potes de tinta um pouco bagunçados.

O comportamento de Bane era diferente desde que ele construiu uma parede de gelo ao redor dele, mas não iria deixá-lo ignorá-la. Finalmente encontrara uma âncora em sua vida e não deixaria que o passado tempestuoso de Bane o afastasse de seu lado.

A reunião com o almirante prosseguiu. O sol de outono começou a se esconder no horizonte e a tarde ficou fria e desagradável. Lydia tentou passar o tempo lendo um jornal albanês, mas seus pensamentos a distraiam constantemente da leitura. Tinha que ter suspeitado que não seria fácil. Bane era um homem complicado. Sob sua aparência despreocupada havia uma vasta reserva de angústia.

Por fim, a porta se abriu e tanto Bane quanto o almirante se prepararam para sair.

— Ainda aqui, senhorita Pallas? — O almirante perguntou, educado como sempre.

Lydia limpou a garganta e mostrou o jornal albanês.

— Eu passei algum tempo lendo. Não vou ficar muito mais tempo.

— Muito bem.

O almirante deixou o escritório e Bane estava prestes a segui-lo.

Lydia se levantou abruptamente, derrubando a cadeira sem querer.

— Bane!

Ele parou, de costas para ela enquanto segurava a porta. Finalmente ele se virou.

— Sim

Lydia mal conseguia falar.

— Você pensa em me deixar assim?

Bane fechou a porta. Exceto pelo tique-taque do relógio de parede, o escritório estava completamente silencioso. A expressão de Bane era gentil e inexpressiva.

— Eu pensei que tinha deixado claro a outra noite—, ele disse calmamente. — Agora que sabemos quem é responsável pelo contrabando, não há necessidade de continuarmos nos vendo. Nem precisarei de mais traduções no futuro. Adeus, Lydia.

Ele se virou novamente para sair; tinha que mantê-lo de alguma forma.

— Você ainda não me pagou—, disse, numa tentativa desesperada de impedi-lo de sair.

Lydia agarrou-se à borda de sua mesa, desejando que Bane fizesse um comentário sobre como ela era mesquinha, mas simplesmente pegou sua carteira e inspecionou seu conteúdo.

— Aqui tem quarenta dólares—, disse ele, deixando as notas na mesa de Jacob. Nem mesmo confiava em si mesmo para atravessar o escritório e entregá-lo a ela? — Vou mandar o resto para o escritório quando entrar em contato com meu banco da Filadélfia. Eu acho que com isso a questão está resolvida.

— Você sabe perfeitamente bem que eu não me refiro a isso.

Bane se encostou na mesa de Jacob, cruzou os braços sobre o peito e olhou para o chão.

— Acho que não é necessário rever as razões pelas quais não posso casar.

— Estou disposta a correr esse risco.

Lydia endireitou os ombros e contornou a mesa para ficar diante dele. Bane parecia tão só ali de pé com os braços cruzados, protegendo-se do mundo.

— Sei que a minha escolha envolve uma série de riscos e problemas—, disse. — A vida com você não será fácil, mas a vida não é perfeita e eu entendo. Estou disposta a aceitar isso.

Bane olhou para ela com toda a dor deste mundo.

— Lydia, você é *perfeita*. — Um sorriso triste cruzou seu rosto. — Para mim você é perfeita em todos os sentidos. Eu estaria disposto a morrer por você, mas não posso levá-lo comigo. Eu não posso fazer isso com você.

Lydia lembrou-se do que lhe dissera: da sua coragem como traficante e de como usara essa coragem para cometer atos inimagináveis. Mesmo depois de se tornar cristão, Bane continuou a usar essa coragem para enfrentar novos desafios. Mas, aparentemente, ele se deparou com a única coisa que não estava disposto a arriscar: ela mesma.

— Estou disposta a correr esse risco—, repetiu.

— Se estivéssemos juntos—, disse Bane lentamente, — você acabaria me odiando. Logo você se tornaria uma mulher triste e amarga.

— Isso não é verdade. Eu aprenderia a ser mais forte.

Bane sorriu tristemente quando balançou a cabeça.

— Pense na tua necessidade de ter uma casa onde você possa se sentir segura e se cercar de todos os seus livros, organizados em ordem alfabética

por autor. Você acha que eu já tive uma casa?

Bane nunca mencionou onde ele morava, e Lydia nunca ousara perguntar a ele.

— Eu moro em uma série de hotéis localizados em cidades diferentes—, disse ele. — Nunca durmo duas vezes no mesmo quarto. No cais eu aluguei um depósito onde guardo minhas roupas, mas nada de valor, porque esses espaços alugados me saquearam e me destruíram duas vezes. Não tenho livros, fotografias, cartas ou qualquer outra coisa que pessoas normais guardam para documentar suas vidas. Não tenho nada porque estou sempre fugindo, e adquirir coisas só me atrasaria e me tornaria vulnerável.

Bane a olhou diretamente nos olhos enquanto falava a última frase. Era evidente que ele pensara nela como alguém que poderia atrasá-lo e torná-lo vulnerável.

E certamente ele estava certo.

— Então esta é a despedida?

Não suportava que sua voz soasse tão fraca e frágil naquele escritório frio e escuro. Gostaria de parecer indiferente, como se seu coração não estivesse se partindo em mil pedaços.

— Tem que ser assim.

Lydia assentiu, sem saber exatamente o que fazer. Qual era o protocolo a seguir quando todos os seus sonhos desaparecem? Talvez seja melhor parar de fingir e contar a verdade. Lydia olhou dentro de seus olhos azuis atormentados.

— Nunca haverá outro homem como você—, disse. — Para mim, você sempre será o amor da minha vida. Eu gostaria de ser um pouco mais parecida com você. Corajoso, ousado e comprometido. Espero ter você em meus pensamentos todos os dias da minha vida.

Era muito triste contemplar o rosto de Bane, normalmente cheio de charme, e agora sério e emaciado. Sem dizer nada, Bane acariciou sua bochecha. Então ele se virou e deixou sua vida para sempre.

# Capítulo 16



O dia seguinte amanheceu como qualquer outro. Willis chegou cedo ao escritório para preparar o chá. Quando Lydia chegou, estava aplicando panos frios na testa e reclamando da nova tipografia do Times.

— A mudança de fonte está destruindo meus sentidos—, disse ele. — Eles deveriam ter distribuído um aviso aos leitores antes de fazer algo assim.

Lydia serviu-se de uma xícara de chá e inspirou seu familiar e relaxante aroma. Se sentia completamente insensível. Era difícil acreditar que algumas horas atrás haviam quebrado seu coração naquele mesmo escritório. O som dos martelos do dique e sua escrivaninha perfeitamente arrumada indicavam que tudo estava como de costume.

Tudo, exceto o imenso vazio que sentia por dentro. Lydia não tinha certeza se poderia lidar com isso.

— Você está bem? — Jacob perguntou, inclinando-se em sua mesa para olhar para ela.

Deve ter hesitado muito, porque Jacob se levantou e se aproximou dela.

— Está muito vermelha. Anda dormindo bem?

Aparentemente, o fato de passar a noite em branco estava claramente refletido em seu rosto. Lydia forçou um sorriso.

— Estou bem—, disse ela, mas o tremor em sua voz a delatou.

Karl se levantou e atravessou o escritório em três passos.

— Não será por esse tal Bane? Está te incomodando? Você quer que eu diga ao almirante para que ele possa se livrar dele de uma vez por todas?

Sua pergunta era tão irônica que Lydia estava prestes a rir.

— Não realmente. Estou bem.

Lydia olhou para os dois homens. Karl, com um interesse paternal escrito em suas características nórdicas, e o jovem Jacob, sempre consciente dela. Não poderia ter melhores colegas de trabalho. Willis ainda estava segurando um pano em sua testa e gemendo baixinho. Não entendia muito bem por que Lydia atraia toda a atenção justo no dia em que sua sensibilidade se via

atacada pelo Times.

— Eles não têm com o que se preocupar—, disse Lydia. — Não é nada que o tempo não possa curar.

Ela não acreditava em si mesma, mas pelo menos servia para levar Karl e Jacob de volta à mesa.

Um momento depois, o almirante entrou no escritório. Estava muito bonito em seu casaco de lã escura e uniforme completo, mas esta manhã ele parecia especialmente distraído, até com raiva. E estava olhando para ela. Em vez de se trancar em seu escritório, como costumava fazer, ele se aproximou de sua mesa com uma expressão sombria.

— Senhorita Pallas, gostaria de falar com você em meu escritório.

Lydia deixou o relatório que estava revendo. Trabalhava ali há quatro anos e era a primeira vez que o almirante queria falar com ela sozinho.

— Agora? — perguntou.

— Agora.

Lydia estava assustada. Esperava que não tivesse nada a ver com a ideia de Bane de casá-la com o almirante. Certamente, Bane não teria insistido no assunto novamente. Ou seria relacionado à sua campanha para o Senado? Estava um feixe de nervos, e a última coisa que precisava era de algo para se preocupar.

Lydia entrou no escritório e fechou a porta. Ao contrário do escritório, onde os sons do estaleiro podiam ser ouvidos, a sala estava silenciosa, exceto pelo tique-taque do relógio. Um enorme globo adornava um canto, mas o mais impressionante era a mesa. Era a maior mesa que ela já tinha visto, e o almirante estava sentado atrás dela, olhando para ela com a mesma expressão de antes.

— Sente-se, senhorita Pallas.

— Obrigado senhor.

Lydia se sentou em uma cadeira coberta de couro e esperou.

— Eu jantei com o promotor na noite passada, e ouvi algumas informações muito perturbadoras—, disse o almirante Fontaine.

— De verdade?

O almirante começou a brincar com a caneta.

— Alexander Banebridge encontrou evidências de contrabando na alfândega. Aparentemente, as evidências mostram que há um inspetor corrupto.

— Sim? —, Lydia hesitou.

— Ouvi dizer que contratou um tradutor para ajudá-lo com alguns documentos em turco. Quando falou com o promotor público, ele não quis mencionar nomes, mas escapou-lhe que o tradutor era uma mulher. E suspeito que essa mulher seja você.

O olhar do almirante a deixou presa ao assento. Lydia não sabia se tudo aquilo iria lhe servir como elogio ou condenação, mas seu olhar era perturbador.

— Sim, senhor—, disse ele com uma voz fina.

— Devo supor que você e Banebridge revistaram os escritórios de vários inspetores em busca dessas informações?

Sua maneira de formular a pergunta fez com que parecesse ruim, mas sua suposição era verdadeira.

— Sim senhor.

O almirante endireitou-se na cadeira, colocou a caneta no lugar e olhou diretamente nos olhos dela.

— Senhorita Pallas, lamento dizer que seu trabalho aqui acabou.

Lydia sentiu como se tivessem lhe jogado uma jarra de água fria. Não conseguia se mexer. Não conseguia nem respirar. Só podia olhar para o almirante enquanto ainda falava: — Quero que meus funcionários sejam pessoas absolutamente honestas. Entrar nos escritórios de outras pessoas, embora seja tecnicamente legal, é algo que não vou tolerar. Por favor, recolha seus pertences e saia imediatamente do escritório.

Lydia mal conseguia respirar. Ela se sentia sufocada e estava começando a ficar tonta. Fez um esforço para levar um pouco de ar para os pulmões, mas eles se recusavam a responder. Acontecesse o que acontecesse, tinha que escapar do olhar do almirante. Se levantou, mas tudo começou a girar em torno dela e ela acabou tropeçando.

O almirante Fontaine levantou-se e ajudou-a a voltar ao seu assento. Então ele a forçou a descansar a cabeça nos joelhos dela.

— Respire—, ele ordenou. — Lydia, eu disse para respirar —, ele repetiu com mais firmeza.

Lydia obedeceu. Oxigênio começou a fluir através de seu corpo e o mundo parou de girar em torno dela. Tentou se sentar, mas a mão do almirante a estava segurando, forçando-a a baixar a cabeça. Lydia olhou para o tapete. Ela se sentia idiota naquela posição.

— Estou bem agora—, disse. O almirante soltou-a e conseguiu sentar-se, embora ainda não conseguisse olhar-lhe na cara. — Eu vou pegar minhas

coisas —, disse categoricamente.

Se levantou, mas ainda tonta. O almirante agarrou-a pelo braço e levou-a até a porta.

— Jacob, venha ajudar a senhorita Pallas. Faça o que lhe pedir.

Viu Jacob se aproximando dela. Tudo parecia um sonho, mas Lydia sabia, com uma clareza assustadora, que tudo era real. O almirante a deixou nas mãos de Jacob, que a acompanhou até sua mesa. Quando o almirante retornou ao escritório, Lydia olhou para o escritório que tinha sido seu segundo lar.

— Ele me demitiu—, disse.

Karl levantou-se e correu para sua mesa. Até Willis se aproximou.

— Como é possível? — Perguntou Karl, espantado.

— Vai nos despedir também? — Willis perguntou. — Os fundos acabaram para o departamento de pesquisa?

Lydia sacudiu a cabeça.

— Nenhum de vocês precisa se preocupar. Eu cometi um erro, isso é tudo.

Lydia olhou para os objetos em sua mesa. Praticamente, todos pertenciam à Marinha. Duas penas eram suas, assim como o desenho e a aquarela de Lewis e Clark. Pegou sua bolsa, mas suas mãos tremiam demais para abri-la.

Jacob apoiou a mão na dela.

— Não tenha medo, Lydia. Nós vamos cuidar de você.

— Claro que sim—, disse Karl.

Mas ambos trocaram um olhar preocupado. Eles queriam ajudá-la, mas o que eles poderiam fazer? O orçamento de Karl era muito pequeno. Tinha que sustentar sua esposa e quatro filhos em seu pequeno apartamento. E Jacob tinha ainda menos dinheiro do que ela.

Lydia lutou com a bolsa até conseguir abri-la.

— Eu vou ficar bem—, disse, parecendo mais confiante do que realmente sentia. — Tenho certeza que vou ficar bem.

Mas, tendo sido demitida, não recebia recomendações. E sem recomendações, era quase impossível encontrar um emprego qualificado.

Não demorou muito para guardar seus poucos pertences na bolsa. Não sabia se seria capaz de dizer adeus a Jacob, Karl e Willis. Tudo o que queria era fugir dali o mais depressa possível para que pudesse entrar chorar em particular.

Fechou o dicionário italiano que estava usando quando chegou ao

estaleiro e o colocou em seu lugar, entre o dicionário grego e o dicionário russo. Estava ordenando suas latas de tinta pela última vez quando viu Willis deixando algo em sua mesa.

— É um bolo de mirtilo—, ele disse gentilmente. — Pensei que você gostaria de algo doce.

Willis era muito doce, e o fato de compartilhar uma de suas delícias com ela era um ato muito generoso da parte dele. Lydia embrulhou o bolo em um lenço e colocou em sua bolsa.

— Obrigado—, ela disse, atordoada.

Então se sentou e examinou o escritório, tentando não fazer contato visual com nenhuma das pessoas ao seu redor, que estavam tristes como demandantes em um funeral.

— Obrigado a todos. Vocês foram os melhores companheiros do mundo —, disse. Era melhor calar a boca antes que um nó se formasse em sua garganta e ficasse em evidência.

Assim que chegou à porta do escritório, um pensamento a deteve.

Lydia se virou e olhou para Karl.

— Estou esperando uma carta em uma semana ou duas. Você poderia ter a gentileza de mandá-la para o meu apartamento no Dragão Sorridente?

Dali em diante, ela precisaria de cada centavo que Bane lhe devia.

Karl assentiu.

— Sim claro.

Então se virou e fechou a porta do melhor trabalho que já tivera em sua vida.

Havia apenas um pensamento na mente de Lydia enquanto corria para sua casa, subia os três lances de escada e entrava pela porta do seu apartamento. Uma vez lá, jogou a bolsa na mesa, correu para o quarto e pegou o frasco azul de xarope de enxaqueca que descansava no parapeito da janela.

Enquanto seus dedos trêmulos puxavam a rolha, pensou em Bane e sua promessa de não tomar o xarope da senhorita Winslow novamente. Havia insistido tanto em que se abstivesse desses remédios... Mas Bane não estava lá, hoje era o pior dia de sua vida e ela precisava de algo para ajudá-la a sobreviver nos próximos minutos. Uma tensão profunda oprimia sua espinha dorsal, correndo pelas costas até o seu pescoço. A dor era tão intensa que mal consegui engolir. E só ia tomar um gole. Além disso, por que prestaria atenção a um homem que a deixou e a fez ser demitida do único emprego decente que ela já tivera?

O xarope era doce demais, mas a tensão em seu corpo logo cederia. Não ia chorar. Ela nunca chorava. Como sempre fazia quando sofria um revés, juntava forças, pensava em um plano e saía dessa confusão.

Tomou outro gole. Quando se acalmou, começou a ver as coisas de maneira diferente. Ela era uma mulher inteligente e Boston, uma cidade cheia de comércio procedente de todo o mundo. Certamente haveria outras empresas que precisariam de seus serviços de tradução.

Mas não demorou muito para descobrir o oposto.

Nos dias que se seguiram, fez uma lista de todos os estabelecimentos que poderiam precisar de um tradutor, incluindo jornais, impressoras, tribunais, agências de transporte e até mesmo escolas. Esteve prestes a ter buracos em seus sapatos de tanto percorrer um escritório após o outro. Ou não havia lugares disponíveis, ou a falta de referências impedia que ela fizesse uma entrevista. Alguns empresários olhavam para ela por um momento e diziam que não contratavam mulheres.

E, como se isso não bastasse, ela não havia recebido uma carta de Bane. Ainda lhe devia quase cem dólares e Karl prometera enviá-los para ela assim que a carta chegasse. Agora que ela havia perdido o emprego, precisava desse dinheiro mais do que nunca.

# Capítulo 17



O clima costeiro da Virgínia ainda era temperado em dezembro. O professor atravessou o histórico mercado de Richmond, examinando as barracas dos dois lados da Rua 17. O ar trazia um cheiro de tabaco, especiarias e maçãs. Embora o professor preferisse visitar as lojas de antiguidades e as casas de leilão das grandes cidades, gostava de dar uma olhada nas barracas dos mercados de rua. Apenas no ano anterior, encontrou uma cópia em perfeitas condições das *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, em um mercado de pulgas. Era mais fácil comprar livros em casas de leilão, mas esses livros já haviam sido resgatados dos piores perigos. Seus donos conheciam seu valor e jamais os deixariam apodrecer entre os velhos equipamentos de pesca, mas as pessoas ignorantes que frequentavam os mercados como este não sabiam apreciar a literatura. Eram capazes de usar as páginas de um livro para fazer fogo ou limpar os sapatos.

O professor estremeceu e acelerou o passo. Toda semana escolhia uma nova cidade para explorar. De segunda a quinta-feira percorria as lojas de antiguidades, as casas de leilão e os mercados. Mas assim que chegava à quinta-feira, pegava o trem para Vermont, onde podia aproveitar os tesouros de sua coleção.

Mais à frente havia uma barraca com velhos candelabros e molduras, mas seus olhos pousaram em uns velhos manuais agrícolas. Ignorando o vendedor, que o convidou para examinar alguns rolos de pano, o professor começou a folhear um dos manuais. O livro tinha cerca de trinta anos e não era muito valioso. O professor virou as páginas do volume, saboreando seu aroma a mofo. Era uma pena. Não tinha espaço em sua casa para um livro como aquele, mas lamentava deixá-lo ali, ao lado de uma banheira enferrujada. Tinha que estabelecer limites. Não podia salvar todos os livros do mundo.

Ele estava prestes a deixar o manual de agricultura na mesa quando seu assistente apareceu.

— Professor! — Raymond gritou. Apesar do ar fresco, Raymond parecia acalorado e não parava de se abanar com um jornal. — Eu encontrei uma notícia que pode interessar a você.

O professor levantou uma sobrancelha quando Raymond abriu o jornal.

— Aqui diz que eles desmantelaram uma rede de tráfico de drogas em Boston. Tenho certeza que Banebridge está por trás de tudo isso —, disse Raymond. — Devíamos enviar nossos homens antes de perder a pista.

O professor deixou o manual de agricultura sobre a mesa, impedindo-o de entrar em contato com a superfície enferrujada da banheira.

— Vá para Boston agora mesmo. Descubra onde está, quem viu, tudo.

Tudo o que ele precisava era encontrar a pessoa certa. E então ele teria Bane à sua mercê.

Lydia não sentia nenhum desejo de voltar ao estaleiro. Nos últimos quatro anos, havia se sentido muito segura naquele lugar maravilhoso e ocupado, mas agora era apenas uma fonte de humilhação. O pior seria ver os rostos de compaixão de Karl e dos outros, mas ela não tinha escolha a não ser ir. Fazia duas semanas desde que ela foi demitida, e não havia sinal da carta com o dinheiro que Bane lhe devia. Então, ou buscava a carta, ou buscava Bane.

Percorrer o dique era muito doloroso. Hoje, o aroma úmido e familiar, o som das gaivotas e o barulho das espátulas raspando os mariscos dos barcos eram apenas uma fonte de tristeza para ela. Nunca mais pertenceria àquele lugar. Só podia pegar seu dinheiro e deixar o estaleiro para sempre.

Ao entrar no escritório, Karl, Jacob e Willis correram para cumprimentá-la, mas sentado em sua mesa estava um jovem que ela nunca tinha visto.

— Lydia! — Jacob exclamou, agitando as mãos. — Que alegria vê-la! — Ele disse.

Karl afastou Jacob e deu-lhe um abraço paternal.

— Estou feliz em ver você também—, disse Lydia.

O homem sentado atrás de sua mesa levantou-se e afastou uma mecha escura e fina de sua testa. Houve um silêncio desconfortável.

Karl pigarreou.

— Lydia, apresento Marco Trivoni. Marco é o novo assistente de pesquisa do sul da Europa.

Não permitiria que percebessem sua tristeza. Lydia forçou um sorriso desconfortável e cumprimentou seu sucessor.

— Bom dia, senhor Trivoni. Espero que Jacob não esteja incomodando

com suas músicas.

O pobre homem parecia tão desconfortável quanto ela. Riu um pouco e disse: — Em absoluto. Felizmente, ele canta muito melhor que minha esposa.

— Estou feliz—, disse Lydia.

— Você encontrou outro emprego? — Karl perguntou.

Essa era a pergunta que ela mais temia, mas tentou manter uma expressão de serenidade.

— Ainda não. Mas ainda tenho muitos lugares para procurar.

O que não era uma mentira. Havia ficado sem opções para encontrar um emprego qualificado, mas havia muitos trabalhos manuais que ainda não havia explorado.

Olhou Karl nos olhos.

— Chegou algum envio para mim? Uma carta talvez?

Karl sacudiu a cabeça.

— Eu estive pendente, mas nada chegou.

Um doloroso sentimento de decepção ameaçou deixá-la sem ar.

— Veio... Bane veio ver o almirante?

Tanto Jacob quanto Willis balançaram a cabeça.

— Certo.

Lydia mordeu o lábio quando sentiu uma angústia na espinha. Isso significava que ela teria que conversar com o almirante para perguntar como poderia entrar em contato com Bane. Preferiria enfrentar um pelotão de fuzilamento do que ver o almirante Fontaine de novo, mas não tinha escolha. Karl disse a ela que o almirante estava inspecionando uma fragata blindada no dique número dois.

Lydia agradeceu e estava prestes a deixar o escritório quando Willis a deteve. Mais uma vez, ele ofereceu-lhe um bolo de mirtilo.

— Tome—, disse ele. — Eu comprei na padaria Stolinski. É o melhor em Boston.

Lydia lembrou-se do bolo que ele lhe dera naquele dia terrível em que foi demitida. Ela tinha comido naquela noite para que ela não tivesse que descer para o Dragão Sorridente, mas então estava tão atordoada que mal se lembrava disso.

— Eu compro biscoitos frescos toda manhã—, disse Willis, olhando para ela intensamente, como se esperasse algum tipo de resposta.

Lydia inalou o aroma do bolo.

— Não me surpreende. Obrigado novamente. — Ela se virou para sair,

mas Willis a parou.

Ele inclinou a cabeça e disse em voz baixa: — Na janela há uma placa que diz que eles precisam de pessoal. Eu pensei que talvez você pudesse estar interessado.

Lydia ficou paralisada. Ela não era orgulhosa demais para trabalhar em uma padaria, mas doía saber que todos os colegas de trabalho tinham adivinhado o que estava por trás de sua aparência de bem-estar. Olhou em seus olhos por um momento, sem saber se seria capaz de esconder sua tristeza.

— Obrigado, Willis—, murmurou.

Não foi difícil para ela localizar o almirante no convés da fragata, que descansava na represa como se fosse um paciente ferido. Lydia ajeitou a gola do casaco, tentando em vão se proteger do ar de dezembro. Ela temia por semanas a possibilidade improvável de ver o almirante Fontaine novamente. Sua angústia aumentou quando o almirante terminou sua inspeção e começou a caminhar na doca diretamente em sua direção. Ele deve ter se preocupado com alguma coisa, porque seu rosto permaneceu sério e inescrutável. Assim que esteve prestes a contorná-la, Lydia entrou em seu caminho.

— Almirante Fontaine.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela muito surpreso. Então inclinou a cabeça ligeiramente e limpou a garganta.

— Senhorita Pallas. O que posso fazer por você?

Sua voz mostrava um leve tom de censura que mostrava que sua visita não era bem-vinda. Um píer movimentado não era o melhor lugar para manter aquela conversa, mas Lydia duvidava que o almirante tivesse aceitado um encontro formal com ela.

— Sinto muito por interrompê-lo—, ele começou, — mas eu queria perguntar como posso entrar em contato com Bane. Eu preciso falar com ele sobre um assunto muito importante.

O almirante arqueou as sobrancelhas escuras em desaprovação.

— Em minha opinião, quanto menos você se relacionar com Banebridge, melhor para você. Esse homem não lhe causou mais que problemas.

Tinha razão. Sua vida corria perfeitamente até que Bane apareceu.

— De qualquer forma, tenho um negócio inacabado com o senhor Banebridge—, disse Lydia. — Ele me deve um trabalho que fiz para ele e agora preciso desse dinheiro.

O olhar do almirante ficou mais frio, se é que isso era possível.

— E esse dinheiro... está relacionado ao seu trabalho noturno na alfândega?

— Sim

— Então sinto muito, senhorita Pallas. Eu não posso ajudá-la a obter uma compensação por algo relacionado à atividade desonesta e imoral.

O almirante fez um movimento para evitá-la, mas Lydia o interceptou e forçou-o a parar. Havia algo em seu comentário que a ofendera, mas levou um momento para processá-lo.

— Não posso negar que ele foi desonesto—, disse, — mas não acho que tenha sido imoral. — De repente, essa distinção se tornou extremamente importante para ela. — Nossas razões eram boas. Me desculpe, eu perdi meu emprego por causa disso, mas acho que o país é um pouco mais seguro graças a nós.

Não sabia por que, mas o almirante começou a examinar seu rosto como se estivesse procurando uma resposta. Seu escrutínio a fez se sentir desconfortável, mas não queria romper o contato visual. Finalmente, o almirante desistiu e apontou para um dos bancos de ferro em frente ao dique.

— Por favor, sente-se—, ele disse. — gostaria de saber como é possível que uma mulher tão sensata quanto você tenha sido arrastada para cometer esse tipo de infração. Banebridge pode ser implacável quando quer alcançar seus objetivos, mas gostaria de saber por que você concordou em ajudá-lo.

Lydia achou que a resposta era mais que óbvia.

— Porque havia uma pessoa na alfândega aceitando subornos.

— E o que disse sobre tornar o país um lugar mais seguro? — O almirante disse.

Banir o ópio do país era a missão de Bane, não sua. Mas até que ele lhe disse quais eram os ingredientes do xarope da senhorita Winslow, Lydia não conseguia entender a extensão do problema. Nas últimas duas semanas, ela dependia mais do que nunca de sua garrafinha azul. Embora certamente não fosse uma viciada - isso era absurdo -, ela conseguia entender a atração do ópio para os consumidores desavisados.

— Bane me disse que o remédio para bebês no processo de dentição contém ópio—, explicou. — O pessoal do orfanato onde eu cresci utilizava aquele remédio para aliviar todos os tipos de doenças. Eles davam para crianças que não queriam tirar uma soneca ou se comportavam mal em sala de aula. Eu não sei se eles estavam cientes do seu conteúdo, mas eu gostaria que eles não tivessem me dado uma gota —, disse ela em uma voz trêmula.

Olhou o almirante no olho.

— Eu nunca fui uma criança doente ou indisciplinada, e o fato de que as mesmas pessoas que supostamente tinham que cuidar de mim me deram ópio parece horrível para mim. Então, estou feliz que haja homens como Alexander Banebridge, dispostos a lutar para parar de drogar crianças.

Ela não podia ter certeza, mas pensou ter notado uma ligeira mudança de atitude no almirante.

— Você está ciente do envolvimento passado de Banebridge no comércio de ópio? — O almirante perguntou.

— Sim Bane me contou tudo.

— Então você pode entender por que ele se sente tão obrigado a acabar com o tráfico—, disse ele. — Ele precisa pôr fim aos demônios que ele mesmo ajudou a libertar. E ele fará o que for preciso para consegui-lo. Embora isso implique arriscar a vida de uma inocente senhora como você.

— Arriscar minha vida? Você não acha que está exagerando um pouco?

O almirante franziu a testa.

— Você entrou na alfândega sob a cobertura da escuridão para procurar no escritório de um contrabandista. Parece pouco? Bane estava brincando com sua segurança, e isso é algo que um cavalheiro nunca deve fazer a uma mulher, especialmente uma mulher que ele aprecia. Espero que você não esteja atribuindo uma falsa noção de galanteria romântica, porque ele estaria disposto a jogá-la aos leões para alcançar seus objetivos.

Havia algo de verdade em suas palavras. Bane disse que a amava, mas não a ponto de abandonar sua cruzada. Mas o almirante ainda não havia terminado.

— Desde o episódio da alfândega, acabei com meu relacionamento com Banebridge—, disse ele. — Eu admiro sua intenção de reformar as leis contra o ópio, mas não vou tolerar os meios desonestos que está usando ultimamente.

— Mudar as leis pode levar anos—, disse Lydia. — Talvez décadas. Estou errada?

— Pode ser.

Lydia pensou nas crianças que viviam no orfanato Crakken. O mais provável era que, nesta mesma noite, eles fizessem fila para tomar sua dose de xarope, a fim de garantir uma noite de sono ininterrupto. Quando conseguissem mudar as leis para evitar tais abusos, essas crianças seriam adultas e teriam seus próprios filhos. Eles também poderiam fazer visitas

frequentes à farmácia, como ela mesma, para comprar uma garrafa daquele remédio eficaz.

— Eu acredito que esse assunto é importante demais para esperar.

Começou a falar devagar, sabendo que sua opinião era totalmente contrária às crenças do almirante.

— Li sobre os abolicionistas e o que eles fizeram antes da Guerra Civil —, disse cautelosamente. — Eles tentaram proibir a escravidão por meios legítimos, mas sua cruzada durou mais de cem anos antes que pudesse ser resolvida. Enquanto isso, outros abolicionistas recorreram a meios ilegais: a estrada de ferro subterrânea, o embarque dos navios negreiros... Certamente, você não qualificaria suas ações como imorais, mesmo que fossem ilegais.

Lydia olhou cautelosamente para o almirante, mas o rosto dele não vacilou.

— Essa foi a tática que Banebridge usou para convencê-la a entrar na alfândega como um ladrão comum?

— Não. Nem havia pensado nisso até que disse que nossas ações eram desonestas e imorais. Estou disposta a admitir o primeiro, mas não o segundo.

— Então, receio que tenhamos chegado a um impasse—, disse o almirante. — Eu aprecio seu ponto de vista, mas você deve entender que eu não o aprovo, nem posso apoiá-la em qualquer ação que vá contra a lei.

Suas palavras doeram, mas Lydia não queria se desviar de seu propósito.

— Se você sabe como eu posso entrar em contato com Alexander Banebridge, eu agradeceria se você pudesse me dizer.

— Sinto muito, senhorita Pallas. Banebridge nunca mostra suas cartas, e agora eu não sei onde ele está.

O almirante era incapaz de mentir para ela, então sua visita ao estaleiro foi em vão. Lydia se levantou, tentando esconder sua decepção.

— Obrigado pelo seu tempo. E, apesar de tudo ter dado errado, obrigado por me dar a oportunidade de trabalhar no estaleiro. Foi um privilégio real.

Lydia desceu a rua às margens do rio Charles, observando os diques, a fábrica de cordas e a fundição. Nunca mais veria aquela área tão querida para ela. Lá, ela aprendera a ganhar a vida e se tornara uma mulher independente. E o mais importante, o estaleiro ofereceu-lhe a oportunidade de contribuir para o país que a acolheu e lhe deu um refúgio quando ela não era mais do que uma pobre órfã. Agora teria que começar uma nova vida, mas, por algum motivo, não poderia imaginá-la em um lugar tão maravilhoso assim.

# Capítulo 18



Lydia tentou atravessar as ruas mal iluminadas, com um olho nos paralelepípedos gelados e o outro nos becos escuros, para ter certeza de que não tropeçaria em algum marinheiro bêbado. Quatro horas da manhã não eram horas para estar na rua, mas se queria manter seu emprego na padaria Stolinski, não tinha escolha a não ser se apressar.

Até então, nunca havia pensado como era possível que as padarias tivessem pão fresco e bolos quentes antes do amanhecer. Agora sabia por quê: toda noite, um pequeno exército de trabalhadores aventurava-se pelos becos cobertos com gelo para acender os fornos, carregar enormes sacos de farinha, amassar o pão e abastecer as prateleiras. Não que eles a deixassem amassar o pão ainda. Não era nem aprendiz de padeiro. Seu trabalho era colocar carvão nos fornos, esfregar as enormes bandejas de metal usadas pelos padeiros e manter o piso limpo. No final do dia, estava tão cansada que era difícil para ela andar três quilômetros até o Dragão Sorridente.

Lydia soltou um suspiro de alívio ao virar a esquina e ver as luzes brilhando dentro da padaria Stolinski. O pequeno sino acima da porta tilintou quando ela entrou, e a velha senhora Stolinski ergueu os olhos de seu livro.

— Está atrasada de novo—, ela disse, alto o suficiente para todo mundo ouvir.

— Sinto muito, senhora. Havia muito gelo na rua e eu mal conseguia andar.

— Gelo—, a senhora Stolinski murmurou. — Há nove trabalhadores que têm gelo no caminho e todos chegam na hora certa.

Lydia olhou para o relógio do contador. Eram quatro horas e seis minutos. Por mais desagradável que fosse a senhora Stolinski, a verdade é que ela estava certa. Lydia a olhou diretamente nos seus olhos, sem se assustar.

— Me desculpe, pelo atraso—, disse. — E agradeço que alguém foi capaz de acender os fornos para mim. — Lydia tirou a capa e pendurou-a ao lado

dos casacos dos outros empregados. — Eu prometo que isso não acontecerá novamente.

Porque, a partir de agora, já não iria mais morar no Dragão Sorridente. Embora pudesse comprar seu apartamento, o Dragão Sorridente estava longe de seu novo emprego e era muito caro. Não podia se dar ao luxo de morar em seu precioso apartamento. Na padaria, pagava menos de um terço do que ganhava no estaleiro e as despesas permaneciam as mesmas.

Já tinha notificado os Brandenbergs de que ela estava deixando o Dragão Sorridente. O prazo terminara e ela não conseguira levantar dinheiro suficiente para comprar seu apartamento. O contrato lhe dava mais duas semanas para se mudar, e Lydia estava usando esse tempo para encontrar outro lugar para morar.

Como temia, estava voltando à pobreza.

A presença de Karl ao seu lado era a única coisa que lhe impedia de jogar sua bolsa na neve, desmoronar nas pedras e chorar como uma criança. Karl tirara a manhã para ajudá-la na mudança e não queria incomodá-lo com suas queixas. Além disso, ela nunca chorava e não ia começar agora.

Naquela mesma manhã, Lydia fechou a porta do seu amado apartamento no Dragão Sorridente pela última vez. Exceto pelo que tinha em sua bolsa e pelo que Karl carregava nas costas, havia perdido tudo o que tinha neste mundo.

— Tem certeza, Lydia? — Karl perguntou mais uma vez. — Eu posso pegar uma carroça emprestada se você quiser carregar mais coisas.

Lydia sacudiu a cabeça. Ela adorava Karl, mas toda vez que ele se oferecia para ajudá-la a salvar seus pertences, ela queria chorar.

— Quando você ver o quarto que eu aluguei, você entenderá—, disse.

A pequena sala estava mobiliada com uma cama, uma mesinha e um baú para guardar roupas. Não havia espaço para mais nada. Claro, não havia lugar para a cadeira estofada, onde ela gostava de se enrolar com um livro, ou para o guarda-roupa esculpido à mão que ela comprara de uma família que se mudara para o oeste. Tudo isso pensava em vender em um leilão naquela mesma tarde. O empregado disse que ela receberia cerca de quarenta dólares de benefícios.

Qualquer quantia seria bem-vinda, pois ainda não havia sinal de Bane ou do dinheiro que ele lhe devia.

— Não há espaço para seus livros? — Karl perguntou. — Eu sei o quanto

eles significam para você. Tenho certeza que encontrará um lugar para colocá-los. Talvez debaixo da cama?

Karl ajustou o saco de roupas nas costas. Então a pegou pelo cotovelo para ajudá-la a atravessar a rua.

Dói demais em Lydia pensar em seus livros.

— Tenho todos os objetos de valor aqui em meus braços—, disse ela. — Você acha que pode resumir a vida de uma pessoa pelos objetos que ela decide manter? Porque acho que não preciso de nada, além disso.

Sua mobília havia desaparecido. As cortinas que ela havia costurado à mão haviam desaparecido. Não tinha cartas pessoais, fotografias ou qualquer coisa que uma pessoa com uma família normal teria. Por um momento, acariciou a ideia de manter o livro de Lewis e Clark, mas sabia que não havia lugar em sua vida para fantasias estúpidas. No entanto, saber disso não lhe impediu de se sentir triste quando teve que deixar o livro na caixa de objetos para vender. Os poucos tesouros que ela carregava em seus braços eram extremamente valiosos para ela.

— Trouxe minha pequena aquarela da ilha do Mediterrâneo—, disse ela. — Quando olho para ela, parece que sinto o cheiro do mar salgado e ouço minha mãe cantando enquanto coloca o peixe nas cestas.

Ela teria gostado de dizer algo mais, mas pensar naqueles dias distantes colocou um nó na garganta e a fez querer chorar. A última vez que ela chorou foi em seu primeiro dia de aula, mas então eram lágrimas de alegria. Apesar dos infortúnios dos anos seguintes, ela nunca se abateu ou chorou. E não ia começar agora.

Lydia continuou falando, esperando reprimir a torrente de tristeza que ameaçava inundá-la.

— Ah, eu também trouxe a fragata em miniatura que Willis me deu no primeiro dia de trabalho, quando ele percebeu que eu só entendia de barcos de pesca. Não importa o quão ruim tudo acabou. Sempre me lembrarei com carinho dos anos que passei no estaleiro —, disse.

Lydia se apressou para não ser inundada pelas lembranças.

— Eu também trouxe a bússola que Bane me deu—, disse. — Eu sei que Bane não é um santo de sua devoção, mas eu tenho muito apreço por ele. Ele me deu uma bússola porque disse que eu era covarde demais para me aventurar no desconhecido. — Lydia reprimiu uma risada. — E ele estava certo. Bane sempre esteve certo sobre isso.

Karl manteve um silêncio respeitoso enquanto Lydia continuava a divagar

sobre Bane.

— Bane me ajudou muito mais do que posso imaginar, e, mesmo que doa, estou feliz por ter conhecido uma pessoa como ele. Não faz mal encontrar um ladino de tempos em tempos. Não lhe parece?

Ela enxugou os olhos, desejando não derramar uma única lágrima. Então sacudiu a bolsa contra o peito.

— E eu trouxe minha cópia da Bíblia—, continuou. — Quando fiz dezoito anos, o orfanato Crakken me deu cinco dólares e uma bíblia e me convidou para sair. Eu gostaria muito de acreditar que Deus existe. Nunca fui capaz de entender a Bíblia, mas eu sei o quão importante é para Bane, então eu vou começar a ler.

Karl parou para olhá-la sem prestar atenção aos transeuntes, que precisavam contorná-los no meio da rua.

— Bane pediu-lhe para ler a Bíblia? — Ele perguntou, com um olhar de surpresa em suas características nórdicas.

Lydia assentiu.

— Não mostra essa faceta para muitas pessoas, mas está lá, e é muito importante para ele. Bane é o homem mais delicado e corajoso que eu já conheci na minha vida —, disse ela. — Eu gostaria de aprender com o seu exemplo. A solidão é tão terrível que preciso acreditar em alguma coisa. — Lágrimas ameaçavam derramar, então ela suspirou profundamente para tentar se controlar. — Eu me sinto muito triste e inútil. Bane me disse que antes de encontrar Deus ele estava vazio por dentro. Eu também me sinto vazia, é por isso que tenho que encontrar Deus. Eu farei qualquer coisa para me livrar dessa dor.

Não queria que Karl a visse assim, então se virou e começou a andar novamente. Karl correu para segui-la.

— Eu costumava me sentir uma pessoa importante—, disse ela. — Eu achava que meu trabalho como tradutora estava beneficiando a Marinha. Eu pensei que meus pais ficariam orgulhosos de mim. Agora, tudo que estou fazendo é limpar fornos e esfregar o chão. Eu não sei mais o que sou.

Karl ajustou o saco nas costas para poder descansar a mão em seu ombro.

— Você vai se sentir triste e sozinha por um tempo. É o que geralmente acontece quando quebram seu coração. Quando a primavera chegar, você verá que não é tão terrível. Eu prometo.

Lydia não acreditou nele, mas eles haviam chegado à pensão Bayside para moças e ela se sentiu incapaz de prolongar aquela conversa. Pagou a

proprietária e assinou os documentos indicando que essa pensão em ruínas seria sua nova casa.

Só por essa ocasião, a dona da casa permitiu que um homem a ajudasse a levar seus pertences para o quarto dela. Ao entrar na sala, um gesto de preocupação apareceu no rosto de Karl. Ele havia notado a mancha úmida no teto e a colcha desgastada que cobria a cama, mas fez um esforço para esconder sua preocupação.

— É um bom lugar, Lydia.

Ela assentiu.

— Sim.

Karl deixou o saco no chão e, antes de sair, virou-se para ela.

— Se você vai ler a Bíblia, não comece com a primeira página. O mais fácil é desanimar. Comece com o Evangelho de São João. É o mais atraente para iniciantes.

— Obrigado, Karl—, respondeu Lydia.

Uma vez sozinha, levou menos de cinco minutos para arrumar seus poucos pertences. Sobre a mesa ela colocou a aquarela da ilha do Mediterrâneo e a bíblia. A bússola colocou no bolso. Depois enfiou a mão na bolsa e tirou o único item que não mencionara em sua conversa com Karl.

Na borda estreita da janela, Lydia colocou seu frasco azul de xarope para enxaqueca.

# Capítulo 19



Uma das vantagens de seu novo emprego na padaria era que seu dia terminava às duas da tarde. Se ela se apressasse, ainda poderia chegar a tempo de pegar o bonde que levava ao sul de Boston, onde planejava fazer uma visita que vinha planejando há semanas.

O veículo, puxado por cavalos, moveu-se lentamente pelas ruas geladas e Lydia levou uma hora para chegar ao seu destino. Seus olhos se umedeceram enquanto contemplava a estrutura sombria que, por nove anos, fora sua casa. O prédio era uma caixa de tijolos de três andares com janelas altas e estreitas. Os galhos nus das castanheiras que cercavam o prédio pareciam negros contra o céu pesado.

Um cheiro familiar de musgo e ardósia molhada trouxe de volta inúmeras lembranças quando ela se aproximou da porta da frente. Não era um lugar tão terrível para se viver. Nunca passou fome nem foi espancada, e os benfeitores da Família Crakken insistiam em fornecer às crianças uma educação sólida. Mas, embora o orfanato desse as crianças as necessidades básicas, era uma instituição desprovida de carinho, atenção e amor.

Uma mulher com um rosto sardento abriu a porta em resposta a seu chamado.

— Eu gostaria de falar com o diretor Collins—, disse Lydia.

— O senhor Collins se aposentou anos atrás. Atualmente, o diretor do orfanato Crakken é o senhor Barlow.

— Muito bem. Poderia falar com o senhor Barlow?

A mulher parecia relutante em deixá-la passar.

— Sinto muito, mas temo que sem uma hora marcada não possa recebê-la.

A mulher fez um movimento para fechar a porta, mas Lydia colocou um pé na porta.

— Por favor, percorri um longo caminho para chegar aqui. É muito importante que eu fale com ele.

Havia algo familiar naquela mulher. Poucas pessoas tinham aquele cabelo cor de cenoura e, apesar de ter passado quase dez anos, Lydia reconheceu a garota que já foi sua companheira.

— Você é a Sarah? — perguntou, fazendo um esforço para lembrar seu nome. — Sarah Longmire? Você morava aqui quando cheguei. Eu sou Lydia Pallas.

Sarah examinou Lydia até que finalmente a reconheceu.

— Você era a grega que não sabia falar inglês, certo? — Um sorriso cruzou seu rosto. — Meu Deus, você tem que ver o quão bem você fala agora. Não fique aí, está frio.

— Como é que você ainda está morando no orfanato? — Lydia perguntou quando tirou a capa.

— Eu sair, me casei, mas meu casamento não foi muito bom. Voltei porque não sabia o que fazer. Agora eu ensino os pequenos. Eles não me pagam muito, mas pelo menos eu tenho um lugar para morar.

Lydia olhou para as paredes de gesso simples. Não havia decoração, nenhum sinal para indicar que crianças moravam naquele lugar. Parecia que o orfanato Crakken mal havia mudado. Eles teriam parado de drogar as crianças?

— Sarah, quando eu morava aqui, os funcionários costumavam usar o xarope calmante da senhorita Winslow. Você sabe se eles continuam a usá-lo?

Sarah assentiu.

— Sim. Nada consegue tranquilizar melhor as crianças.

— Já vejo.

Lydia olhou para o céu pesado da janela e soube que precisava falar imediatamente com a mais alta autoridade daquele lugar. Se quisesse voltar no último bonde, não teria muito tempo.

— Poderia ver o diretor? É muito importante, na verdade.

Sarah sorriu tristemente.

— Vou ver o que posso fazer, mas não tenha esperanças—, disse, antes de desaparecer no corredor.

Depois de alguns minutos, Sarah acompanhou Lydia até o escritório do diretor, onde ela o apresentou a um homem cadavérico, vestido com uma sobrecasaca antiga que era pelo menos dois tamanhos maior do que a sua figura estreita.

— Obrigado por me receber sem hora marcada—, disse Lydia, uma vez

que esteve sozinha com ele.

— Normalmente prefiro que marquem uma hora—, disse o senhor Barlow, olhando para ela por cima do nariz adunco. — Neste lugar valorizamos muito a tradição, e a etiqueta recomenda solicitar um agendamento prévio.

— Sim, claro—, Lydia murmurou, engolindo em seco. Não queria ser intimidada por aqueles olhos escuros. — Vivi neste orfanato por muitos anos, e gostaria de chamar sua atenção para um problema médico. Recentemente, chegou aos meus ouvidos que um medicamento que geralmente é dispensado neste orfanato contém uma dose alarmante de ópio. A equipe administra esta droga para crianças para resolver qualquer tipo de problema: de uma ferida a uma birra. Quando eu morava aqui, havia crianças que consumiam diariamente.

Não houve mudança no rosto estreito e comprido de Barlow. Ele apenas enfiou as mãos no peito enquanto se reclinava em seu assento.

— E?

Sua maneira de perguntar a fez estremecer. Lydia limpou a garganta.

— Como você sabe, o ópio é uma substância que vicia. Seu dever é parar de usar esse remédio de uma vez por todas. Chama-se "xarope calmante da senhorita Winslow" e sei que o orfanato Crakken ainda o usa.

O senhor Barlow soltou um suspiro profundo.

— Nossas crianças recebem cuidados médicos apropriados, e isso inclui qualquer remédio que nossa equipe julgue necessário. O calmante da senhorita Winslow é um medicamento bem respeitado. Nós o usamos há muitos anos, e neste lugar valorizamos a tradição.

— Eu não me importo se é uma tradição—, disse Lydia. — Esse xarope é uma droga perigosa que pode tornar as crianças em viciadas.

Mais uma vez, suas palavras não afetaram o senhor Barlow.

— E o que você sugere que façamos?

— Jogue-o no ralo! Encontre outra maneira de tranquilizar as crianças. Um passeio à tarde, turmas menores... Quando morei aqui, éramos quarenta crianças para um único professor. Tenho certeza de que um aumento de pessoal e uma mudança na rotina de exercícios lhes farão muito bem.

— Neste lugar valorizamos a tradição, senhorita Pallas. Eu não vejo a necessidade de uma rotina de exercícios que exponha seus corpos delicados ao clima frio da Nova Inglaterra. E agora, se você me perdoar, tenho que atender minha correspondência.

Lydia levantou-se abruptamente.

— Não, eu não vou perdoá-lo! As únicas pessoas que poderiam perdoá-lo são as centenas de crianças que estão mantendo drogadas por trás dessas paredes de pedra!

Agora estava gritando, mas suas palavras ainda não estavam fazendo nenhum efeito no exasperante senhor Barlow, que levantou os óculos e dirigiu sua atenção para a carta sobre a mesa.

Bane nunca teria tolerado tal desprezo.

Sua imagem surgiu em sua cabeça de repente. Era fácil imaginar o que ele teria feito em uma situação semelhante. Nunca teria perdido os nervos como ela. Ele era muito esperto para isso. Lydia tentou se acalmar, ordenou seus pensamentos e sorriu para o senhor Barlow, assim como Bane teria feito.

— Sou muito grata ao Orfanato Crakken pela excelente educação recebida—, disse em voz baixa. — Agora sei escrever bem o suficiente para expressar minha opinião com clareza, e penso informar a família Crakken de sua decisão de administrar ópio às crianças para facilitar seu trabalho. — Lydia começou a amarrar o laço de sua capa. — E, se eles não agirem, eu conheço políticos e pastores preocupados com as consequências do uso do ópio. A opinião pública pode chamar a atenção das autoridades médicas competentes para rever as práticas deste orfanato.

Nem mesmo a referência à opinião pública conseguiu perturbar Barlow, mas Lydia não se importou, porque sua ameaça era séria. Por fim, encontrou uma causa pela qual valia a pena lutar, algo que dava sentido à sua vida. Talvez seu trabalho não fosse apenas colocar carvão dentro de um forno, mas isso não significava que sua vida não fizesse sentido.

Pela primeira vez em muito tempo, estava começando a recuperar seu orgulho.

Lydia estava agachada na grade de carvão de um dos grandes fornos de pão quando a senhora Stolinski a chamou pelo nome.

— Lydia, tem uma visita.

Surpreendentemente, a mulher era muito mais amigável depois da agitação da manhã. Lydia limpou os restos de carvão no avental e foi até a porta da padaria. Um sorriso iluminou seu rosto quando viu Karl Olavstad em frente ao balcão.

— Você veio comprar biscoitos para Willis? — Ela brincou.

Karl sorriu brevemente.

— Não. Eu vim para trazer-lhe isso—, disse ele, deslizando um envelope branco em cima do balcão. — Bane veio ao escritório esta manhã. Ele me disse que havia adicionado um pouco mais de dinheiro para compensar o atraso.

— Já vejo.

Lydia segurou o envelope volumoso nas mãos, pensando que Bane acabara de tocar aquele envelope há algumas horas.

— Verifique se está tudo aí—, insistiu Karl.

Uma rápida olhada revelou um maço de notas de dez dólares.

— Sim, está tudo.

Havia também uma nota, mas não queria ler na frente de Karl.

— Se tivesse enviado o dinheiro a tempo, não a teriam chutado para fora de seu apartamento—, disse Karl sombriamente.

Lydia sacudiu a cabeça.

— Meu trabalho atual não me permite levar esse tipo de vida. E Bane não é culpado por isso. — Lydia fechou a aba do envelope. — Ele disse mais alguma coisa? Mencionou outra coisa senão dinheiro?

— Não, Lydia. Sinto muito.

Fazia dois meses desde a última vez que viu Bane, e ficava pensando nele todos os dias. Não deveria já ter superado isso?

— Não parece bem—, disse Karl.

Seu comentário ficou flutuando no ar. Lydia pegou uma mecha que caiu em sua testa.

— Eu me levanto muito cedo—, disse. — Preciso acordar às três e meia se quiser chegar na hora.

— Não quero dizer isso—, disse Karl. — Não sei como expressar isso...

Ultimamente se encontrava cansada, e era evidente que estava começando a refletir sobre sua aparência. No passado, era o suficiente para ela tomar um gole do xarope calmante da senhorita Winslow para melhorar. Desde que soube do seu conteúdo estava tentando largar, mas tudo era inútil. Ela tinha dores de cabeça frequentes e, à noite, assim que adormecia, acordava no meio de terríveis pesadelos. Que estranho que ela tivesse esses pesadelos precisamente quando se sentia forte o suficiente para desistir do xarope da senhorita Winslow. Os pesadelos eram tão assustadores que teve que tomar um gole de xarope para voltar a dormir. Essa noite, havia renunciado à droga e, como resultado, não tinha pregado o olho. Talvez isso explicasse os círculos profundos sob seus olhos.

Quando Karl saiu, Lydia abriu a nota de Bane, prendendo a respiração e desejando que Bane quisesse reencontrar-se com ela.

Mas não era assim. Bane se desculpava pelo atraso no pagamento, dizendo que algumas empresas o obrigaram a viajar para Cuba e que o mau tempo atrasou seu retorno. Ele esperava que o atraso não lhe causasse dificuldades em comprar seu apartamento. Ele nem se incomodou em assinar.

Lydia dobrou o papel com os dedos trêmulos. Não poderia ter sido mais impessoal e distante. Se o que ele queria era sublinhar quão pouco se importava, ele conseguira.

Assim que chegou à pensão, Lydia tomou uma enorme colherada de xarope da senhorita Winslow, tentando aliviar a dor em seu corpo e alma.

# Capítulo 20



Fevereiro, 1892

Os flocos de neve atingiam o rosto de Bane como pequenos alfinetes. O clima na Filadélfia não era agradável em fevereiro, mas o vento só piorava as coisas. Bane abaixou a cabeça e puxou a gola do casaco enquanto corria em direção à casa no final da rua. Uma camada de gelo cobria os degraus da entrada e Bane se agarrou ao corrimão de ferro para subir. A neve cobria a aldrava metálica até a base. Ele teve que limpá-la antes de dar um golpe rápido e enérgico.

Enquanto esperava por uma resposta, virou-se para olhar o resto das casas daquele bairro respeitável. Do outro lado da rua, uma janela brilhava com o fogo de uma lareira agradável. Uma família estava reunida em um sofá, com várias crianças sentadas no chão. Uma menina loira estava abrindo presentes. Um aniversário talvez? Claro, a garota parecia ser o centro das atenções de seus pais. A caixa lindamente embrulhada que ela estava prestes a abrir era quase tão grande quanto seu pequeno corpo.

Finalmente a porta se abriu.

— Banebridge! Eu agradeço por ter vindo apesar do mau tempo.

Richard Algood abriu bem a porta. Bane teria gostado de saber o que havia dentro da caixa, mas ali fora estava muito frio, e ele tinha coisas mais importantes para pensar do que o presente de uma menina.

Ele sacudiu a neve do casaco antes de pendurá-lo na prateleira do vestíbulo estreito. Então seguiu Richard até seu pequeno escritório, localizado nos fundos da casa. Assim que fechou a porta, decidiu ir direto ao assunto.

— Como vão as coisas?

Richard suspirou quando se sentou na cadeira do escritório. Pilhas de papéis, livros e revistas farmacêuticas ocupavam a mesa de seu escritório.

— A menos que aconteça um milagre até abril, minha candidatura não

tem chance. Não houve qualquer mudança sobre isso.

Bane encostou-se na parede do escritório. Essa era sua primeira tentativa de reformular a indústria farmacêutica a partir de dentro. A oportunidade se apresentou quando ele conheceu Richard Algood, e Bane se apressou para aproveitá-la. Richard era um dos poucos farmacêuticos dispostos a apoiar restrições à venda de ópio nas farmácias, e Bane estava fazendo todo o possível para ser eleito presidente da Associação Americana de Farmacêuticos. Mas seu objetivo era uma loucura. Os farmacêuticos estavam no controle dos comerciantes dispostos a bloquear qualquer legislação que limitaria a venda de ópio em seus estabelecimentos, mas pelo menos a candidatura fracassada de Bane os obrigara a refletir sobre o assunto. Com certeza, Bane e Richard acabariam perdendo a batalha, mas, a longo prazo, tudo isso serviria para promover sua causa.

Bane cruzou os braços sobre o peito.

— Me ocorreu outra maneira de abordar o problema—, disse ele. — Se os farmacêuticos não quiserem proibir a venda de ópio em seus estabelecimentos, estariam dispostos a limitar seu uso por agências governamentais? Por exemplo, orfanatos. O pessoal dos orfanatos está abusando dessa droga para facilitar seu trabalho. E as escolas também. Imagino que os farmacêuticos estejam dispostos a condenar tal coisa.

Richard se endireitou em seu assento.

— Que curioso que mencione esse assunto. Apenas algumas semanas atrás recebi uma carta de uma jovem exigindo o mesmo. Eu nunca tinha ouvido falar dela, mas aparentemente ela leu um artigo meu sobre os perigos do xarope calmante da senhorita Winslow e achou que poderia ajudar com sua ajuda. Me escreveu de forma muito eloquente sobre os abusos cometidos com o ópio em orfanatos.

Richard vasculhou os papéis acumulados na outra cadeira do escritório até encontrar a carta e entregá-la a Bane.

Bane ofegou com a caligrafia do envelope. Poderia reconhecer essa carta em qualquer lugar. Fingindo indiferença, ele pegou a carta e começou a ler as palavras apaixonadas de Lydia. Que mãe daria um cachimbo de ópio para os filhos caso tivessem uma lesão no joelho ou um simples resfriado? O discurso de Lydia se estendia dos dois lados da página e descrevia o hábito do orfanato Crakken de usar ópio para resolver qualquer tipo de doença. Lydia argumentava que os xaropes aparentemente inofensivos que eram comercializados em frascos atraentes não eram melhores que os cachimbos

de ópio de fumantes ilegais. As mãos de Bane começaram a tremer enquanto seguravam as páginas, que explicava os horrores sutis do uso do ópio para acalmar as crianças.

Lá estava sua corajosa e apaixonada Lydia, sempre pronta para cumprir seu dever. Bane pensou ter ouvido a voz dela enquanto lia suas palavras.

Não a via há meses, mas pensava nela todos os dias. Quando via uma mulher com mechas de mogno no cabelo, pensava em Lydia. Quando ele ficava acordado durante a noite, planejando sua próxima campanha para o Congresso, imaginava como seria ter Lydia ao seu lado, compartilhando seus planos e entusiasmo.

Ele esperava que Lydia não continuasse pensando nele. Esperava que ela conhecesse um jovem bonito de Boston que lhe desse muitas crianças, enquanto ele se tornava uma memória distante. Era mais fácil esquecê-la pensando que ela era casada e feliz.

A voz de Richard interrompeu seus pensamentos.

— Sinto muito, mas não posso fazer nada por ela. Esse tipo de negócio é tratado pelo governo, não pela indústria farmacêutica.

Levaria décadas para mudar as leis, mas poderia mobilizar a opinião pública em questão de segundos. E, para uma instituição privada como o orfanato Crakken, a opinião pública era muito importante.

Havia vários jornais que estariam dispostos a publicar essa carta. Jornais como o New York Times ou o Christian Crusade tinham poder suficiente para mudar a opinião pública e mobilizar as pessoas. E, coincidentemente, Bane conhecia as pessoas que administravam o Christian Crusade.

— Posso guardar a carta?

Não podia fazer muito por Lydia Pallas, mas pelo menos podia conseguir que sua voz fosse escutada.

O almirante ordenara a seu filho Jack que desse a mão a Lucy para não se meter em nenhum problema e, embora Jack tivesse apenas nove anos, isso o fazia se sentir mais velho. Seu pai estava ocupado demais apertando as mãos de outros adultos que tinham ido à festa, então Jack teria que ficar de olho em Lucy para não se perder naquele grande museu.

Jack achava muito estranho fazer uma festa em um museu, mas o pai lhe dissera que o Museu de Belas Artes de Boston abria à noite em ocasiões especiais, e hoje era um deles. Havia música de violino e todos estavam muito bem vestidos. Seu pai usava seu melhor uniforme, um azul escuro com

dragonas nos ombros e duas fileiras de botões dourados na frente da jaqueta.

Quando entraram pela primeira vez no museu, eles passaram por salas de quadros e tapeçaria e uma sala cheia de estátuas de mulheres nuas. Seu pai o empurrou para passar rapidamente por aquela sala, mas Jack conseguiu ver todas as estátuas. Agora ele estava preso com Lucy naquela enorme sala onde a festa estava sendo realizada.

Antes, seu pai costumava levá-lo para ver navios ou contemplar os exercícios de treinamento dos fuzileiros navais. Agora iam a partidas de rugby em Harvard, a discursos políticos e festas elegantes. Seu pai passava o dia apertando as mãos das pessoas e não tinha mais tempo para Lucy e ele.

Jack começou a observar os estranhos desenhos nas paredes, o que representava um novo tipo de arte com manchas de tinta por toda parte. Eles eram tão ruins que pareciam o trabalho de Lucy. Queria ir até a sala egípcia, onde havia sarcófagos com múmias reais. Seu pai não queria que Lucy visse as múmias porque achava que elas a assustariam, mas Jack queria descer assim mesmo.

Como ninguém prestou atenção a eles, Jack arriscou colocar o chapéu. Seu pai disse a ele que tinha que tirá-lo quando estivesse dentro do prédio, mas Jack achou que a regra era um absurdo. Ele gostava do chapéu que Bane lhe dera e usá-lo fazia com que ele se sentisse melhor.

Jack se abaixou para alcançar sua irmã.

— O que você acha se formos ver as múmias? — Ele sussurrou. — Lá dentro estão pessoas mortas de verdade. Você gostaria de descer e vê-las?

Lucy lançou um olhar preocupado para o pai e começou a chupar o dedo. Jack tirou o dedo da boca.

— Não seja um bebê—, disse ele. — Podemos fugir e voltar sem que percebam.

Quando se levantou para arrastar a irmã para as escadas, ele tropeçou em um adulto.

— Sinto muito, senhor—, disse ele, ajustando a aba do chapéu.

— Belo chapéu, garoto—, disse o estranho.

Jack se endireitou.

— É um chapéu flexível do exército—, disse ele, muito orgulhoso. — Bane deu para mim.

O homem se abaixou um pouco mais, dando mais atenção a Jack.

— E esse tal Bane... está no exército?

Jack franziu a testa.

— A verdade é que eu não sei. Mas sempre que vem nos ver, ele nos traz presentes. No mês passado ele me comprou um livro do exército na Guerra Civil, e o anterior, algumas esporas reais, como aquelas usadas por cavaleiros.

— Uau. Quão generoso esse tal Bane é.

Jack assentiu.

— Na verdade não se chama Bane. Meu pai o chama de Banebridge, mas sempre o chamamos de Bane. Eu o conheço desde que era pequeno.

Como o homem parecia tão interessado, Jack mostrou-lhe como enrolar a aba do chapéu para que os soldados pudessem andar com o rifle sem tropeçar nele.

Lucy estava inquieta, mas Jack continuou falando porque gostava que os adultos prestassem atenção nele. Mas ele perdeu a chance de escapar para ver as múmias, porque seu pai as viu e começou a se mover na direção delas.

O estranho também pareceu notar, porque ele disse: — Eu te deixo com seu pai. Você é um menino muito bom. Espero que nos vejamos novamente em breve.

O professor Edward Van Bracken olhou para o almirante e seus dois filhos enquanto se encaminhavam para a extremidade da sala, onde uma soprano estava prestes a se apresentar. Uma sensação de triunfo percorreu seu corpo, mas ele tentou escondê-lo sob a máscara de bondade que ele havia aperfeiçoado ao longo dos anos.

Por fim, encontrou algo que Bane realmente amava.

# Capítulo 21



Bane se aproximou com cautela do estaleiro. Depois do que havia ocorrido com Lydia o outono passado, o almirante não queria mais saber dele. Era difícil esquecer sua expressão de desprezo quando lhe ordenou que se mantivesse afastado do estaleiro, por isso havia se surpreendido ao receber um telegrama seu, suplicando que voltasse a Boston o mais rápido possível.

E tinha ocorrido algo ainda mais raro. Eric lhe havia citado sua residência particular em vez de seu escritório. Que estava fazendo em sua casa uma terça-feira a tarde?

Três homens armados faziam guarda na porta da mansão. Bane os olhou com curiosidade enquanto subia as escadas.

— O que está acontecendo? Fomos invadidos pelos ingleses? — Brincou.

Os homens lhe olharam com cara de poucos amigos. Um deles o acompanhou ao interior da casa enquanto os outros dois permaneciam em seus postos.

A casa estava estranhamente silenciosa enquanto o guarda o escoltava ao escritório do almirante. Bane abriu a porta e viu Eric de pé, ao lado da lareira.

— Sentiu minha falta? — perguntou.

Eric atravessou a sala e lhe deu um forte soco no queixo. A cabeça de Bane foi arremessada para trás pela força do golpe.

— Onde está meu filho? — perguntou. — O que ele fez ao meu filho?

Apesar da dor, Bane não quis se defender. Ele apenas olhou para Eric com uma expressão de surpresa enquanto tentava recuperar o controle. Conhecia o almirante Fontaine há doze anos e nunca o vira perder a paciência.

— Meu filho desapareceu—, disse Eric secamente. — Me disseram para ir até você em busca de respostas.

Bane esfregou a mandíbula, tentando trabalhar os músculos.

— Não sei do que você está falando.

— Isso pode ajudá-lo a descobrir—, disse Eric, jogando-lhe um envelope

no peito.

Bane pegou o envelope creme antes de cair no chão. A nota dentro dele era curta, educada e implacável:

*De agora em diante, Jack Fontaine será um convidado de honra em minha casa. Se você quiser saber o resto dos detalhes, sugiro que entre em contato com Alexander Banebridge.*

*Professor Van Bracken*

Bane sentiu um nó no estômago e encostou-se ao batente da porta. O filho de Raquel! Depois de tantos anos, seu pior pesadelo estava se tornando realidade. O professor descobrira seu ponto fraco e ia atrás dele.

Anexado à nota estava um pequeno recorte de jornal. Falava de um projeto de lei para restringir o ópio nos preparativos médicos, que seria apresentado em breve no Congresso. O professor fez uma breve anotação na margem:

*"Diga a Bane que ponha fim em tudo isto. A saúde de seu filho depende dele."*

— Quando desapareceu? — perguntou Bane com um fio de voz.

— Faz dois dias — respondeu Eric com voz sombria—. Me enviaram a nota a noite de seu desaparecimento.

Bane lhe devolveu a nota, sentindo uma avalanche de culpa. Mal podia se manter em pé. Fez um esforço para esconder suas emoções e cruzou a sala para olhar pela janela. A imagem da neve caindo sobre a rua formava um acentuado contraste com o medo que estava se apoderando dele.

— Feche a porta — disse suavemente.

Sua mente embaralhou diferentes possibilidades, que eram descartadas antes de formulá-las. Não sabia como contar a ele o que havia acontecido com o filho dele. As chances de resgatá-lo eram tão pequenas que não valeriam a pena mencionar.

Ele olhou Eric nos olhos.

— O homem que sequestrou Jack é o professor Van Bracken, o traficante de ópio de que lhe falo há anos.

— E que motivos tem para raptar meu filho? — perguntou Eric.

—De alguma forma descobriu que sua família é importante para mim — disse Bane—. Não sei como, mas o soube.

Na verdade, não importava como o professor havia descoberto a

existência de Jack Fontaine; a única coisa que importava era encontrar uma solução.

— Estou disposto a pagar um resgate —disse Eric.

— Não é isso que ele quer — disse Bane fracamente.

— Então o que quer?

A pergunta ficou flutuando no ar. Bane não sabia como explicar sem ferir seu amigo.

— O que quer é me controlar.

A resposta do almirante foi inequívoca.

— Então faça o que lhe pede.

Não se tratava de um pedido; era uma ordem. Eric sinalou o recorte de jornal.

— Se o que quer é deter o projeto de lei, faça-o.

— Não é tão simples assim. — Bane se virou para olhar a neve. Não suportava a angústia que suas próximas palavras causariam no almirante. — Se eu fizer o que ele pede, a segurança do seu filho não estará em risco, mas isso não implica sua libertação. O professor gosta de manter seus reféns por anos para garantir a obediência de seus familiares.

A maioria das vezes, Van Bracken retinha seus reféns durante dez anos ou mais. O mais provável era que Eric não veria seu filho novamente até que ele fosse um adulto.

— Isso é inaceitável — disse Eric.

Bane era incapaz de virar-se.

— O resgatarei. Lhe prometo. Mesmo que seja a última coisa que faça na vida.

Agora que ele havia se recuperado do choque inicial, sua mente voltou ao trabalho. Negociar com Van Bracken era impossível. Subornar os empregados do professor era uma opção, mas eles também corriam o risco de serem chantageados. Eric queria ter seu filho de volta imediatamente, e isso não ia acontecer. Levaria semanas ou até meses para estudar a mansão, observar os empregados e planejar uma estratégia.

— Suspeito que o professor tenha trancado seu filho em sua mansão de Vermont — disse.

A voz de Eric soou como um chicote.

— Nesse caso irei com um exército particular e o resgatarei.

— Não lhe ocorra fazer uma coisa dessas — disse Bane—. O professor tem planos de emergência para tudo, e seu filho não conseguirá sobreviver a

uma tentativa de resgate como essa.

Ele sabia exatamente o que aconteceria se alguém ousasse invadir a fortaleza do professor em Vermont. Não sobrariam nem os ossos e nem os dentes dos reféns. Atrás da mansão havia um poço que havia secado ao longo dos anos. Ao lado do poço, o professor guardava algumas latas de querosene. Se o exército de Fontaine conseguisse entrar na propriedade, seus capangas jogariam o menino no poço antes que o exército pudesse salvá-lo. Não haveria uma única prova para denunciá-lo.

Bane olhou para Eric.

— O professor tem espiões por toda parte. Se ele descobrir que existe um plano de resgate, ele eliminará a única evidência que pode incriminá-lo. Não assuma esse risco. Dê-me o tempo que preciso para planejar as coisas com cuidado e trarei Jack sã e salvo.

Provavelmente, Jack teria que enfrentar vários meses de cativeiro, e Bane precisava entender seus pontos fortes e fracos. Durante a hora seguinte, ele perguntou a Eric perguntas intermináveis sobre seu filho. Qualidades? Jack era um garoto muito inteligente e tinha um talento natural para idiomas. Ele também tinha um grande senso de humor, que ele costumava recorrer em tempos de dificuldade. Quanto aos pontos fracos, sua visão era ruim e ele precisava de óculos de leitura, que ele perdeu quando foi sequestrado. Não mostrava respeito pelas regras e era teimoso até chegar à intransigência.

Bane rezou para que Jack recorresse ao seu senso de humor e este o ajudaria a passar os meses seguintes, porque, se havia algo que o professor não suportava, eram crianças teimosas.

Bane baixou o chapéu para cobrir o rosto. Com seu velho casaco e botas pesadas, ele parecia mais um marinheiro do que os milhares que atravessavam o porto de Boston. Estava encostado na parede áspera de uma loja de impressão na frente da padaria onde Lydia trabalhava.

Lydia deixou a padaria às duas da tarde, exatamente quando seu turno acabava. Desceu as escadas sem vê-lo, abotoou a capa e foi para casa.

Não parecia bem. Seu rosto estava pálido e abatido, como se não tivesse dormido em uma semana. Seria porque não havia se acostumado a viver na nova pensão? Ou porque perdeu o emprego no estaleiro? Quando Karl lhe disse que ela havia sido demitida, ele ficou doente por dias. Achava que Lydia teria florescido novamente em sua ausência, que ela teria encontrado outro desafio para afundar seus dentes. Em vez disso, estava se matando de

trabalhar em uma padaria. E tudo por causa dele.

Ele não tinha o direito de colocá-la de volta nessa bagunça. Lydia sofrera o suficiente. E, no entanto, lá estava ele, planejando novas maneiras de arriscar sua vida, e tudo por sua vingança pessoal contra o professor. Mas ele não podia recuar agora. Ele estava disposto a fazer o que fosse necessário para resgatar Jack Fontaine, e isso significava envolver Lydia. Bane ergueu o colarinho do casaco um pouco mais alto e começou a segui-la.

O professor mantinha o menino trancado em sua mansão em Vermont. Bane havia conseguido subornar o funcionário do mercado que levava a compra semanal para a casa. Graças a isso, ele foi capaz de examinar as listas de provisões que o mercado enviava regularmente para a mansão. Neles ele descobriu a entrega regular de livros escolares para crianças. O homem disse a ele que estavam há anos enviando aqueles livros, o que o levou a acreditar que havia pelo menos um outro refém na mansão. Na lista da semana anterior, havia uma ordem muito curiosa: uma pequena lente de leitura. Sem dúvida, esses óculos eram para Jack Fontaine.

Agora que ele sabia onde Jack estava, havia chegado a hora de começar o resto do plano. E para isso precisava de Lydia.

Pensava que iria direto para a pensão, mas, para sua surpresa, Lydia se sentou em um banco de ferro para esperar o bonde. Quando o veículo parou na frente dela, Lydia chamou a atenção do motorista.

— Você vai parar na biblioteca pública? — perguntou.

O motorista assentiu e Lydia entrou no bonde.

Não queria abordá-la em um veículo público. Agora que ele sabia para onde estava indo, esperaria um pouco e pegaria o próximo veículo.

Lydia se sentia envergonhada do pouco que sabia.

Gostava de pensar que era uma pessoa instruída, mas ali estava, sentada na cavernosa sala de leitura da Biblioteca Pública de Boston, lutando com a terminologia de um manual de medicina. O manual era o único livro que havia conseguido encontrar sobre a dependência do ópio. Não se atrevia perguntar ao bibliotecário, um homem sério e delgado, se havia outros livros sobre os efeitos da dependência do ópio e sua abstinência. A seção sobre a abstinência mencionava sintomas como a ansiedade e a insônia, e Lydia sofria ambas as coisas. Mas quem não estaria ansioso depois de perder o trabalho e a casa? O livro seguia descrevendo outros sintomas, então não era uma viciada. Estava passando por um período difícil, e a ansiedade e a

insônia eram completamente normais em um momento como este. Não havia com que se preocupar. Lydia se endireitou e exalou um suspiro de alívio.

Então o viu.

A duas mesas de distância, olhando para ela do final da sala de leitura, estava Alexander Banebridge.

A tristeza se refletia em seu rosto enquanto a olhava fixamente, sem se mover. Lydia supôs que sua presença ali não era coincidência. Haviam se passado meses desde a última vez em que o viu, mas ali estava ele, olhando-a com toda a nostalgia do mundo.

Lydia olhou para baixo. Nenhuma mulher sensata gostaria de vê-lo novamente. Nos últimos meses estava tropeçando, sentindo como se seu coração tivesse sido arrancado porque Bane não queria dar a ela uma chance. A tentação de partir era muito grande. Quando finalmente recuperou algo parecido com uma vida normal, ele vinha para semear o caos mais uma vez.

Mas, e se ele realmente a quisesse – e se ele estivesse disposto a deixá-la viver ao seu lado e assumir os riscos e alegrias de uma vida juntos - ela tinha que saber.

Lydia fechou o manual de medicina, pegou sua capa e se aproximou da mesa. A sala estava em silêncio, exceto pelo esfregar das páginas, então sentou-se à sua frente, inclinou-se para a frente e sussurrou: — Eu pensei que você teria coisas melhores para fazer do que olhar para mim como um adolescente. É muito chato.

Bane levantou uma sobrancelha.

— Você diz isso porque eu sou muito mais bonito do que você?

—Eu não deveria ter dito isso.

Bane sorriu tristemente.

— Provavelmente não.

Como era fácil cair nas mesmas piadas. Bane era a única pessoa que compartilhava seu mesmo senso de humor, e voltar a estar ao seu lado era estranhamente reconfortante. Mas também era perigoso. Não pelas razões que acreditava, mas porque Lydia não sabia se poderia lidar com outra rejeição.

— O que veio fazer aqui? — sussurrou.

Secretamente, desejava que Bane dissesse que havia sentido sua falta, que ele pensava nela todos os dias ao acordar e antes de ir dormir. Que ele cometeu um erro e que estava disposto a fazer qualquer coisa para recuperá-la.

— Preciso de um tradutor.

—Oh! Pelo amor de Deus! — disse em voz alta.

Suas palavras fizeram eco nos imensos tetos e no chão de mármore. Todas as cabeças se viraram para olhá-la. O bibliotecário se levantou e lançou um olhar de advertência.

Bane se inclinou para frente e disse suavemente.

—Lydia, preciso de você.

— Não, não é verdade. O que precisa é de um tradutor — sussurrou Lydia com raiva.

Houve mais olhares desaprovadores ao seu redor, mas Lydia não tinha interesse em prolongar essa conversa. Se tivesse proposto viajar com ele em um navio com um destino desconhecido, ela não teria hesitado por um momento. Mas não estava disposta a traduzir mais um documento. Lydia foi até a porta com Bane atrás.

Uma rajada de ar frio atingiu seu rosto quando saiu para a Rua Boylon. Lydia amarrou as fitas da capa e caminhou rapidamente até a parada de bonde mais próxima.

— Por que não vamos a um lugar onde possamos conversar tranquilamente? — propôs Bane—. Tem um café do outro lado da rua.

—Não posso permitir-me.

— Eu convido.

Lydia se deteve tão bruscamente que Bane tropeçou com ela.

—Não me refiro a isso e você sabe. Perdi meu trabalho por tua culpa. Perdi *meu apartamento* por tua culpa.

Bane empalideceu com suas palavras. Como normalmente era tão frio, ver aquela tristeza ensombrecendo seu rosto a ajudou a recuperar a compostura. Lhe deu vontade de consolá-lo, o que era uma loucura. Lydia se virou e seguiu andando até a estação. Se passasse mais um segundo com ele, correria o risco de ver-se presa outra vez. Acelerou o passo, desviando-se de alguns estudantes e de dois homens de negócios que bloqueavam a calçada.

Bane a agarrou pelo braço e a obrigou a olhá-lo.

— Bata-me.

— O que?

O barulho do tráfego fez com que duvidasse que tivesse ouvido corretamente, mas Bane apontou para sua mandíbula com o dedo.

— Vá em frente. Tome impulso, e me bata com força. Nós dois sabemos que eu mereço isso.

— Não seja ridículo.

Mas Bane não voltou atrás.

— Eu sou responsável por te meter nessa bagunça e há meses me sinto culpado. Se me bater fizer você se sentir melhor, faça isso. Vá em frente, me bata com força.

Os pedestres apressados tropeçavam com ela. Lydia se sentia ridícula no meio da calçada, discutindo com o homem que havia partido seu coração.

— Eu não quero bater em você, Bane. Não quero falar contigo. Eu nem quero olhar para você. Eu só estou pedindo para você me deixar em paz.

Voltou-se em direção a estação, mas Bane a seguiu.

— Você me disse uma vez que teria gostado de se parecer com os grandes exploradores—, disse ele. — Que você queria fazer algo importante na vida, algo que ninguém mais teria feito.

— Fantasias estúpidas de uma jovem garota com muito tempo livre.

Mas, por várias semanas maravilhosas, Lydia sentiu-se cúmplice de uma nobre cruzada. Era um sentimento poderoso e emocionante, mas agora Bane só queria usá-la.

— Há muitas pessoas nesta cidade que falam as línguas que você precisa. Você só tem que escolher uma e contratá-la —, disse, parecendo indiferente.

— Só você pode fazer isso—, disse Bane. — A vida de pelo menos duas crianças depende disso, e sei que você pode me ajudar a salvá-los.

Ele disse com tanta sinceridade que, sem poder evitá-lo, Lydia ficou intrigada.

Parou no meio da calçada e se virou para olhá-lo, examinando o rosto em busca de algum sinal de engano ou astúcia. Mas ela só viu um homem que olhava para ela com uma mistura de esperança e desespero.

Era uma loucura, mas ainda amava-o. E no fundo, sabia que ele também a amava. No outono passado, Bane a rejeitou porque tinha medo de deixá-la entrar em seu mundo. Mas agora ele estava abrindo a porta novamente. Era apenas uma pequena rachadura, mas para ela era o suficiente. Se conseguisse se infiltrar dentro dela, se tornasse essencial e mostrasse a ele que ela era corajosa o suficiente para viver em seu mundo, um dia ele poderia deixá-la ficar. A única maneira de obtê-lo era se entregar a ele de braços abertos e mostrar a ele que não estava com medo.

— Vamos comer—, disse.

Desgraçadamente, o plano de bane a deixou muito assustada.

Os dois tomaram seus lugares no pequeno café que ele propusera,

enquanto Bane explicava que o filho do almirante havia sido sequestrado pelo professor, o mesmo homem que o sequestrara.

— O almirante deve estar destroçado — sussurrou Lydia com voz trêmula.

Não importava como havia se comportado com ela. O almirante era um bom homem que adorava sua família. Só havia visto seus filhos de longe, mas o amor de seu pai era inquestionável.

— Eu sei que há pelo menos mais uma criança morando na mansão —, disse Bane. — Dois anos atrás, o inspetor da alfândega no porto de Nova York perdeu seu filho Dennis em um sequestro, e acho que o menino ainda está lá.

Tudo parecia algo saído de um romance de terror gótico. Bane descreveu a mansão como uma fortaleza ao norte das florestas de Vermont, perto da fronteira com o Canadá, onde o professor guardava sua rara coleção de livros raros.

Bane tinha um plano para Lydia se infiltrar na mansão.

— Em janeiro passado, o professor adquiriu um manuscrito excepcional, uma cópia do século IX, em grego bizantino, encontrado por arqueólogos que exploravam um mosteiro abandonado na península de Anatólia. Ninguém mais quis comprá-lo, o professor levou imediatamente à sua fortaleza de Vermont.

Lydia sentiu um nó no estômago.

— E o que isso tudo tem a ver comigo?

— Faz duas semanas, chegou a meus ouvidos que o professor anda a procura de um tradutor. Quer uma pessoa que esteja disposta a mudar-se para Vermont para traduzir o manuscrito ali.

— Impossível — disse Lydia —. O grego bizantino não tem nada a ver com o grego atual. Não estou qualificada para fazer o trabalho.

Mas Bane não se deu por vencido.

—Lydia, falei com um comerciante de livros raros que me disse que não é tão difícil como o grego clássico. Ele me vendeu um livro que contém tabelas de transcrição que podem ajudar qualquer um que domine o grego moderno a entender o grego bizantino do século IX. — Bane colocou o volume fino sobre a mesa justo diante dela. — Eu sei que você pode fazer isso.

Lydia abriu o livro e começou a folhear as páginas até encontrar um texto em grego bizantino. Não importava se estivesse em chinês, porque não

entendia uma única palavra.

— Isso será um desastre. Eu não posso fazer isso —, disse. — Eu nunca serei capaz de me passar por um especialista. Não vai querer me contratar.

Lydia empurrou o livro para ele, mas Bane voltou a deslizá-lo sobre a mesa.

— Está muito equivocada—, disse ele em uma voz retumbante. — Talvez o professor pense que está procurando por um especialista em línguas antigas, mas na realidade se pode enganá-lo com muita facilidade. Especialmente uma pessoa que finge compartilhar sua paixão desproporcional por manuscritos raros. Tudo o que você precisa fazer é mostrar que conhece o básico e depois levar a conversa ao mundo dos livros antigos.

Lydia olhou para a xícara de café intacta. Ela estava tão nervosa que se sentia incapaz de colocar qualquer substância em seu estômago.

— Sei tanto sobre livros raros quanto sobre o grego bizantino.

Mas Bane não desistiu.

— Mas aprender sobre livros raros é mais fácil. Eu vou te ensinar tudo que você precisa saber. Não vai ter dificuldade em conseguir o emprego.

O disse com tanta convicção que era impossível não acreditar nele.

— E uma vez dentro da casa?

— É aí que o verdadeiro trabalho começa—, disse Bane. — Você tem que descobrir onde os garotos estão trancados e descobrir seus horários. Estarão muito vigiados, então você não será capaz de conversar com eles. Você provavelmente não poderá vê-los ou falar com eles, então levará algum tempo para coletar as informações de que preciso. Temos que pensar em um método para que você possa se comunicar comigo.

Bane se inclinou sobre a mesa e juntou as mãos entre as suas.

— Não estarei longe da mansão.

E isso foi o suficiente para convencer Lydia. Havia duas crianças aterrorizadas que precisavam de sua ajuda. Bane também precisava dela. Ela estava disposta a mostrar a ele que ela não era uma pombinha inocente, com medo de viver em seu mundo. Se quisesse entrar em sua vida, ela teria que provar que era tão corajosa quanto ele.

Lydia apertou sua mão e olhou em seus olhos.

— Diga-me tudo o que preciso saber.

# Capítulo 22



Aquela noite, Lydia regressou muito tarde a pensão.

— Esta manhã chegou um pacote para você —, disse a proprietária ao entrar pela porta. — Eu deixei no seu quarto. Que jovem adorável —, disse a mulher com um leve rubor nas bochechas.

Lydia piscou. Sua senhoria costumava ser tão alegre quanto um doberman, mas hoje seus olhos eram brilhantes e ela estava tão nervosa quanto uma colegial. Era evidente que isso era trabalho de Bane. Quando se propunha, era capaz de encantar uma cobra.

Picada pela curiosidade, Lydia colocou a chave na fechadura da porta bamba e abriu-a. Seu quarto sombrio parecia como sempre, com sua colcha triste e móveis esparsos, exceto por um pacote embrulhado em papel pardo que descansava no meio da cama.

A caligrafia de Bane aparecia rabiscada no topo do pacote: *Não pude recuperar seus móveis, mas pelo menos consegui salvar isso.*

Lydia desatou a corda, abriu o papel e viu seu amado livro de Lewis e Clark.

Por um momento ficou sem fôlego. O livro foi vendido no ano passado em um leilão, junto com o resto de seus móveis. Lydia segurou-o perto do peito. Ainda mantinha sua capa descolorida, e sua textura macia era reconfortante. Não havia necessidade de Bane ter se dado ao trabalho de recuperá-lo, mas adorou ele ter feito isso. Nos anos difíceis em que trabalhou na fábrica de conservas, esse livro havia sido sua única salvação.

Por mais que quisesse mergulhar nas páginas de seu livro favorito, o manual de tradução que Bane lhe dera no café deveria ser sua única prioridade. Tinha apenas uma semana para memorizar o alfabeto grego e a gramática bizantina.

O texto era terrivelmente difícil. Em geral, as raízes das palavras pareciam iguais, mas a sintaxe era diferente. As estranhas letras e os curiosos diacríticos não tinham significado para ela. Lydia olhou para a mesma frase

por dez minutos, mas se viu incapaz de desvendar seu significado sem a ajuda das tabelas de transcrição.

Sozinha em seu quarto, sem a firme resolução de Bane, sentiu sua confiança desmoronar. Como diabos iria aprender grego bizantino em apenas alguns dias? Uma onda de ansiedade percorreu seu corpo. Levantou-se e começou a circular pelo espaço estreito do seu quarto enquanto torcia as mãos, mas a ansiedade continuava a se espalhar por sua espinha e braços. Conhecia muito bem essa sensação para saber que nem andar nem retorcer as mãos serviriam de alguma coisa.

Na semana seguinte, teria que aprender não apenas o grego bizantino, mas todos os miúdos do mundo dos manuscritos. Lydia achou que era melhor encarar as coisas pouco a pouco. Deixaria de tomar o xarope calmante da senhorita Winslow assim que resgatasse Jack Fontaine. Então abriu a pequena garrafa azul que descansava na borda da janela e tomou um gole, suspirando com a sensação de alívio lentamente se espalhando por seu corpo. Se alguma vez precisou de um pouco de coragem, era precisamente agora.

Bane examinou o rosto de Lydia, que estava olhando para uma antiga gravura da ilha grega de Serifos. Gravura datada de 1790 e não era particularmente valiosa, mas passou o dedo suavemente sobre a borda do documento, que representava dois dragões brincando na costa da ilha. Seus olhos alegres examinaram todos os detalhes daquele fabuloso mapa.

— É uma pena ter que dar um mapa tão bonito para o professor Van Bracken—, disse ele. — Eu não me importaria de guardar para mim.

Quando a garçonete trouxe a comida, Bane limpou a mesa de livros e papéis. Estava a vários dias se encontrado com Lydia em Long Wharf para contar a ela sobre o mundo de manuscritos antigos e as manias do professor Van Bracken.

— Te comprarei uma dúzia quando isso acabar—, disse. — Mas essa cara de fascínio que fez quando eu mostrei o mapa... por favor, tente mantê-la quando você falar com o professor de manuscritos antigos.

Havia comprado o mapa para Lydia levar no dia da entrevista, como presente para o professor. Não era muito comum fazer tal coisa, mas Bane queria surpreendê-lo. Aquela antiguidade simples era a melhor maneira de mostrar a ele que Lydia era sua alma gêmea. Bane apontou o defeito causado pela água que marcava um canto do mapa.

— Diga a ele que seu pai trabalhava para um comerciante de mapas na

Grécia. Peça desculpas pelo mau estado do mapa e conte como você ajudou seu pai a resgatar vários mapas e impressões raras de uma inundação. Como recompensa, o dono da loja permitiu que ele guardasse qualquer mapa que estivesse danificado. Van Bracken vai adorar a história. O levará a se *identificar* com o mapa.

— Identificar-se com um pedaço de papel? Está brincando? — perguntou Lydia.

— Em absoluto. O professor Van Bracken se propôs resgatar todos os tipos de documentos raros, seja de uma inundação ou de pessoas vulgares que não os apreciam tanto quanto ele.

Havia muita informação para incutir na cabeça de Lydia, e ela só tinha dois dias para fazê-lo. Van Bracken havia respondido ao pedido de Lydia para ocupar o cargo e os dois iam se encontrar no Ateneu de Boston na manhã de quinta-feira para discutir os detalhes.

— Como outras pessoas adoram seus filhos, Van Bracken ama seus livros —, disse Bane. — Ele nunca mostrará suficiente curiosidade ou admiração por seus tesouros. Em algum momento da entrevista, sugere que pessoas que não amam livros são ignorantes e estúpidas. Diga a ele que você realmente sente pena deles, porque eles são incapazes de apreciar a beleza.

— Só uma pessoa vaidosa diria algo assim.

Bane sacudiu a cabeça.

— Pare de pensar como você pensa; Pense no que Van Bracken pensaria. O documento grego que você quer traduzir tem cerca de mil anos. O professor não quer que seu precioso manuscrito seja manuseado por um tradutor mal-educado que só quer ganhar alguns dólares. Mostre a ele que você é sua alma gêmea.

Bane olhou para Lydia, que estava distraidamente mexendo sua xícara de café gelado. A luz da manhã iluminava seus cabelos avermelhados. Costumava brincar que ele era o mais bonito dos dois, mas, na realidade, não havia maior espetáculo do que Lydia Pallas. Até o modo como segurava a cabeça no pescoço fino era uma mistura encantadora de graça e resolução.

Gostaria de segurá-la nos braços e não deixá-la ir, mas isso seria imperdoável. Lydia estava fora de alcance. Não importava que ela estivesse disposta a retomar seu relacionamento. Ele não podia se dar ao luxo de ter uma mulher como ela a seu lado. Mesmo ter que instruí-la no mundo arcano dos manuscritos era uma forma sutil de tortura para ele. Gostava de tudo nela. Seu humor, sua inteligência, até mesmo seu modo meticuloso de colocar os

talheres na mesa.

Mas era hora de tirar esses pensamentos de sua cabeça. Bane enrolou o mapa e colocou no coldre.

— Diga-me como está seu estudo do grego antigo.

Qualquer coisa que servisse para se livrar do desejo de levá-la a uma ilha no Caribe.

Lydia franziu os lábios.

— Não gostaria de conhecer o homem que sugeriu que aprender grego bizantino não é tão difícil—, disse. — As tabelas de transcrição são a chave para transformar os símbolos estranhos nas letras gregas atuais. Eu tentei memorizá-los, mas é inútil. Levaria pelo menos um ano para dominar o idioma. Eu não acho que sou capaz de fazer o trabalho sem o manual. Existe alguma maneira de introduzi-lo na casa sem que se deem conta?

A presença do manual dentro da casa do Professor era problemática, mas se precisasse, não teria escolha a não ser levá-lo consigo.

— Vou te trazer a capa de outro livro para que você possa encaderná-lo. Mesmo assim, tente ser discreta.

— Claro.

Seu rosto relaxou. Quando Lydia olhou para ele com os olhos cor de canela, brilhando de alegria e amor, a temperatura do café subiu.

— Pare de me olhar assim.

Lydia continuou olhando para ele.

— Como? — perguntou.

Um pequeno pé bateu em sua bota. Bane lhe devolveu o golpe.

—Nem assim—, protestou Bane. — Lembre-se de que sou um bom menino, não um depravado, disposto a levá-la para o mal caminho.

Nada lhe agradaria mais, mas um deles tinha que ser o forte, e Lydia não parecia ter qualquer intenção de se comportar.

Bane apurou o resto do café.

— Vamos lá. Vamos explorar lojas de livros antigos.

Poderia ser mais fácil resistir a ela se pudesse levá-la de volta ao estudo do intrincado mundo de livros raros.

Eles pegaram um bonde para Cambridge, onde percorreram as antigas ruas coloniais, entrando e saindo das livrarias, para que Bane pudesse mostrar-lhe o tipo de livros e manuscritos que deveria conhecer. Ele já havia lhe ensinado a diferença entre um encadernamento de fólio e outro em oitavo, entre uma gravura e uma água-forte. Bane ficou na ponta dos pés na frente de

uma velha estante de madeira e tirou um grosso volume de couro.

— Conte-me sobre este livro, — disse. Bane abriu a capa e apontou para o emblema de uma âncora e golfinho entrelaçados, que estava no final da página. Como esse símbolo é chamado?

Lydia o olhou por um momento.

— Colofão É o símbolo da impressora. A âncora é o colofão característico de Aldo Manuzio.

— Excelente.

Santo Deus, como ele adorava aquela mulher. Como havia sido capaz de manter tanta informação? Ele queria segurá-la nos braços e beijá-la por todo o rosto. Mas, em vez disso, continuou bombardeando-a com perguntas.

— E onde Aldo Manuzio trabalhava?

Lydia não hesitou nem por um momento.

— Em Veneza. No século XVI.

— Toque na página e me diga de que material é feito.

Era feito de pergaminho, mas Lydia queria ir mais longe em sua resposta. Chegou tão perto dele que Bane podia sentir o cheiro fresco de seu sabonete.

— De pergaminho—, disse suavemente.

Bane congelou. Seu erro não deveria tê-lo pego de surpresa. Havia lhe ensinado o equivalente há dez anos de estudo em uma semana. Mesmo assim, esses tipos de detalhes eram muito importantes. Ele se abaixou e sussurrou em seu ouvido: — Você não gostaria de pensar melhor na sua resposta?

— Não, Bane. É pergaminho.

Lydia aproximou-se e beijou—o na bochecha. Bane olhou por cima de seu cabelo brilhante, mas o velho funcionário estava distraído com uma mulher e duas crianças que acabavam de entrar na loja.

Ele engoliu e deu um passo para trás.

— Lydia, quero que pense bem na sua resposta. Lembre-se do que lhe falei sobre encadernação no século XVI. Qual era o material mais delicado e resistente que era usado na indústria gráfica? O que um impressor como Aldo Manuzio usaria? — Bane se recostou na prateleira. Lydia o tinha preso. — Por favor, pare de beijar meu pescoço e se concentre.

Como poderia se comportar como um cavalheiro se Lydia não parava de beijá-lo?

Lydia olhou em seus olhos e sorriu.

— Bane, eu quero bater-lhe na cabeça com este livro de pergaminho, que é o termo geral que se refere a qualquer superfície de escrita feita de pele de

animal, embora, neste caso particular, é velino, um tipo especial de pergaminho. Estúpido!

Os lados de Bane tremiam de rir, mas ele fez um esforço para ficar sério.

— E me diga—, ele disse em uma voz pausada. — O que é que te faz tão insuportável? Sua parte grega ou sua parte turca?

Lydia piscou para ele.

— A americana—, disse ela com um sorriso. — O que eu sou agora.

Na manhã da entrevista, os dois caminharam até o final de uma doca que se estendia para além do porto. Gaivotas grasnavam e caçavam por comida ao redor, ondas batiam nas imensas toras e seus pés ecoavam nas velhas tábuas de madeira. Como era natural andar com Bane enquanto ele explicava as regras complicadas que regiam na casa do professor.

— Não diga que conhece outras línguas além do grego—, disse. — Você nunca sabe quando isso pode ser útil.

Lydia assentiu.

— Entendo.

— A governanta, Maria Rokotov, é profundamente leal ao professor—, disse ele. — A senhora Rokotov é uma mulher severa e sombria, com cabelos negros e olhos penetrantes que não lhe escapam nada. Seu filho, Boris, é um dos bandidos do professor. Então há Lettie Garfield, a cozinheira. A senhora Garfield é uma mulher de aparência de avó que é realmente gentil o suficiente, mas que tem medo do professor. Esse medo implica que não hesitará em traí-la se necessário.

Eles chegaram ao final do píer. Lydia apoiou os antebraços no corrimão e começou a contemplar a baía. O porto estava cheio de navios que iam e vinham. Ao longe, conseguiu distinguir meia dúzia de navios que estavam prestes a desaparecer no nevoeiro que cobria o horizonte.

Bane estava atrás, descansando as mãos no corrimão em ambos os lados dela.

— Não posso informá-la sobre o resto dos servos. Eles são todos novos.

Sua respiração roçou sua orelha suavemente. Lydia queria prolongar esse minuto uma hora, um dia, uma semana inteira. Quão rápido passava o tempo na companhia de Bane. Se não pudesse enganar o professor, eles nunca teriam um momento assim novamente.

Ao longe, havia o som de uma sirene. Lydia olhou para um barco de pesca que desaparecia pouco a pouco no horizonte. Se sentia

inexplicavelmente triste e solitária. Estava prestes a embarcar no desafio mais perigoso de sua vida, e seu único desejo era que Bane lhe dissesse que a amava. Com um leve movimento do pulso, moveu a mão direita para descansar sobre a sua.

— Diga-me algo bonito—, murmurou, acariciando as costas da sua mão.

Notou que Bane estava sorrindo contra sua bochecha.

— Eu acho que você é a mulher mais corajosa que eu já conheci na minha vida—, disse ele.

Se tivesse adivinhado a angústia que sentia no estômago, não a teria chamado de corajosa.

— Não é suficiente. Diga-me algo bonito como mulher.

Seus lábios roçaram sua bochecha, tão macia que mal podia sentir.

— Estive sozinho toda a minha vida. Até que conheci você, uma mulher que não tem medo de enfrentar o perigo. Como eu. Lydia, agora você é a pessoa mais importante da minha vida. Estou louco por você.

Algumas mulheres gostam que elogiem sua beleza ou simpatia, mas Bane a conhecia muito bem e disse exatamente o que ela queria ouvir. Suas palavras eram simples e honestas, e Lydia fechou os olhos para saboreá-las, sabendo que talvez fossem as últimas palavras de afeição que ela ouviria de seus lábios.

Estendeu a mão para acariciar sua mandíbula enquanto eles olhavam para o horizonte.

— Você sabe que eu te amo, certo?

Bane lhe estreitou a cintura com o braço.

— Sim.

E, ainda assim, esta mesma noite voltaria sozinha a sua casa, e, a menos que acontecesse um milagre, ela e Bane não seriam mais que dois barcos que se cruzavam no oceano no meio da noite.

# Capítulo 23



Lydia não viu nada intimidatório no aspecto do professor Van Bracken. O professor andava muito reto e usava uma mecha de cabelo escuro no meio do cabelo prateado. A irritante barba *a la* Van Dyck dava-lhe um ar solene e, sempre que sorria, pequenas linhas se formavam ao redor dos olhos. O professor levou-a para a sala de leitura do famoso Boston Ateneu. A biblioteca do Ateneu não era apenas uma das mais antigas do país, mas a mais grandiosa, com seus corredores abobadados, tetos esculpidos à mão e enormes janelas com vista para a Rua Beacon. O professor era membro do clube privado, por isso a haviam deixado passar por aquelas paredes sagradas. Eles haviam chegado no início da tarde e tinham a sala de leitura só para eles.

— Obrigado por me dar a oportunidade de falar com você sobre o manuscrito—, disse Lydia, orgulhosa de que sua voz não estava tremendo.

Ela realmente seria capaz de convencê-lo de que era especialista nas línguas da Grécia antiga?

A atitude do professor era educada, mas distante.

— Você gosta de manuscritos antigos?

— Claro—, disse Lydia. — Eu cresci cercada por eles porque meu pai trabalhava para um comerciante de mapas na Grécia. Sempre tivemos muitos mapas antigos em nossa casa. Na verdade... — Lydia puxou o mapa que Bane havia lhe dado. — Eu pensei que uma pessoa interessada na Grécia apreciaria esta gravura. É uma das muitas que meu pai me deu, mas seria muito egoísta para mim mantê-las todas para mim. Eu prefiro dar a uma pessoa que saiba apreciá-la.

Lydia temia que o presente fosse demais, mas Bane estava certo em prever a reação do professor. Ele parecia tão feliz quanto uma criança no dia de Natal enquanto desenrolava a gravura. Ele apertou as mãos com força, fazendo seus dedos soarem enquanto estudava o mapa.

— Acho que esta é a maior demonstração de bondade que um colega de

negócios já teve comigo—, disse ele, devorando o documento com seus olhos escuros.

O professor ouviu-a fascinado enquanto Lydia lhe dizia que o pai conseguira salvar o mapa de uma inundação.

— Seu pai merece uma medalha—, disse o professor. — Qualquer homem disposto a sacrificar sua casa para salvar esses preciosos documentos de sua loja é um homem extraordinário. Um verdadeiro herói. Por favor, dê a ele meus cumprimentos.

Lydia baixou os olhos.

— Sinto muito, mas meu pai morreu anos atrás. Mas sim, tive sorte por ele ter me passado sua paixão pelo maravilhoso mundo dos manuscritos antigos. — Lydia sorriu levemente enquanto examinava os volumes encadernados em couro que adornavam as prateleiras. — Estar em uma sala como esta é como um bálsamo para a alma.

— Sim, com certeza.

A atitude do Professor passou de uma distância educada para uma camaradagem amigável. Tudo estava saindo *exatamente* como Bane havia dito.

— Suponho que você não terá treinamento oficial em grego antigo, o que é compreensível considerando seu sexo. É uma verdadeira vergonha que uma jovem tão admirável não tenha essa valiosa educação. Então me diga, como você adquiriu seu conhecimento em grego antigo?

Os nervos tomaram conta dela. Enfrentava o desafio mais complicado da entrevista.

— A maior parte tenho estudado por conta própria. — Lydia notou a expressão de surpresa do professor e tranquilizou-o apressadamente. — O grego é minha língua materna, e é por isso que tem sido mais fácil para mim do que as outras pessoas. — Recitou algumas das frases que aprendeu no livro: — Ao memorizar as tabelas de transcrição e as mudanças nos diacríticos, você pode adquirir uma compreensão da linguagem. — Estava realmente simplificando as coisas, mas o professor não pareceu notar, então continuou: — A partir daí é uma questão de prática. Horas e horas de prática que costumavam ser minha parte favorita do dia. A maioria das crianças de nossa cidade preferia brincar ou nadar no oceano, mas, para mim, nada podia ser comparado a virar as páginas de um livro antigo. Além disso, na Grécia, há muitas ocasiões para encontrar literatura antiga.

Lydia riu e lembrou-se do exemplo que Bane lhe recomendara. Era contra

sua natureza contar uma série de mentiras, mas havia duas crianças inocentes que precisavam de sua ajuda, então esqueceu seus preconceitos.

— Eu realmente não me importava que o resto das crianças não quisesse estudar comigo—, disse—. Por alguma razão, eu não queria que aquelas crianças barulhentas entrassem em minha casa, sujas e molhadas da água do oceano, e que tocassem aquelas páginas maravilhosas. Meus livros não mereciam um tratamento como esse.

Os olhos do professor estavam brilhantes.

— Exato! Oh, querida, acho que posso ficar tranquilo deixando meu manuscrito em suas mãos. É um códice do século IX. Pode imaginar? Esteve cerca de mil anos preso no porão de um mosteiro, sem que ninguém pudesse lê-lo, sem que ninguém pudesse admirar sua beleza e se maravilhar com as mãos que sabiam como imortalizar a sabedoria dos séculos. — O professor enrolou o mapa e colocou no coldre. Quando ele levantou a cabeça, seu rosto estava corado de entusiasmo. — Eu gostaria de oferecer a você a posição de traduzir meu manuscrito.

Uma mistura de alívio e medo tomou conta dela. Tinha conseguido, ela tinha acesso à fortaleza remota e intransponível do Professor. Além disso, ia levar um sopro de esperança para duas crianças sequestradas. Estava apavorada em pensar o que tinha que fazer, mas Bane ficaria tão orgulhoso dela quando lhe dissesse que tinha conseguido... Lydia arriscou um sorriso e acenou para mostrar seu acordo.

— Devemos partir a Vermont imediatamente—, disse o professor, levantando-se e abotoando os botões da jaqueta—. O trem sai às duas horas, então você tem que se apressar.

Lydia abriu a boca em descrença.

— Mas eu preciso voltar ao meu quarto para pegar minhas coisas.

— Não há tempo para isso. Se não tomarmos esse trem, teremos que esperar até a próxima segunda-feira, e isso é inaceitável. E mais quando há um manuscrito que está esperando há quase mil anos. — O professor parou para dar um tapinha no seu braço. — Não se preocupe. Em Burlington há muitas lojas onde você pode escolher as roupas que você precisa. Eu sou responsável por esse inconveniente, então ficarei feliz em comprá-las. Se você quiser, pode comprar um novo guarda-roupa. Tudo o que você precisar.

O que Lydia precisava mais do que qualquer outra coisa nesse mundo era o manual de tradução dela, que estava em sua mesa de cabeceira. Sem o livro, seria incapaz de traduzir uma única linha do texto. Nenhuma loja de

Burlington teria qualquer coisa que pudesse ajudá-la a decifrar um texto em grego bizantino.

Tentou improvisar uma desculpa para voltar à pensão e recuperar o livro.

— Sinto muito, mas eu sofro de uma doença que requer medicação—, disse. — Eu posso pegar o trem na segunda-feira e te encontrar, mas não posso sair sem o meu remédio.

O professor agarrou seu braço com força e começou a se mover em direção à porta.

— Há também farmácias em Burlington. Chegaremos ao anoitecer, mas garanto que você terá tudo de que precisa para começar seu trabalho.

O professor era muito forte, mas não deixaria que ele a arrastasse dessa maneira. Lydia encostou o pé no espesso tapete oriental que cobria o chão, tencionou os músculos e recusou-se a se mexer.

O professor parou e se virou para olhá-la.

— Lydia... posso chamá-la de Lydia, agora que vamos trabalhar juntos?

Lydia estava mais assustada do que em qualquer outro momento desde que entrou no prédio. Nem mesmo confiava em sua própria voz, então apenas assentiu.

— Lydia, esse manuscrito grego foi esquecido durante séculos. Suas linhas estão esperando por alguém para interpretá-las, seus segredos estão desejando serem mostrados ao mundo por um milênio. Você não acha que esperou o tempo suficiente?

Lydia levantou o queixo.

— Como você diz, esse manuscrito está esperando há mil anos. Eu não acho que ele se importe em esperar um pouco mais.

Um leve sorriso apareceu no rosto do professor.

— Talvez o documento não se importe. Mas temo que não esteja disposto a esperar outro dia. — O professor a pegou pelo braço. Desta vez, sua mão era como uma luva de ferro. — Venha comigo querida. Nós temos que pegar um trem.

Lydia tinha os olhos fixos na paisagem, que corria a toda velocidade à sua frente enquanto o trem a levava para o norte do país. Eles passaram horas viajando através de infindáveis quilômetros de florestas exuberantes. Os troncos das árvores pareciam negros em contraste com a neve no chão. O professor, sentado a poucos centímetros de distância dela, parecia indiferente à sua angústia ao ler um livro dos ensaios de Voltaire. A partir do momento

em que entraram no trem, ele ficou completamente absorto na leitura, dando-lhe a liberdade de estar plenamente consciente do perigo que estava enfrentando.

A ausência do manual de tradução era apenas parte do problema. Nem havia pensado em um plano para se comunicar com Bane. Eles ainda não haviam concebido uma técnica para trocar mensagens. Ela ficaria com uma noz no meio do nada, sem comunicação com o exterior ou recursos à sua disposição. E amanhã de manhã, esse louco ia entregar-lhe o manuscrito que ela não tinha nenhuma esperança de traduzir.

A ansiedade estava lhe causando uma terrível dor de cabeça. Além disso, o chocalhar do trem só servia para piorar as coisas porque, a cada minuto que passava, ela sentia que estava se afastando de Bane. Também sentia falta da garrafinha azul. Sabia que era irracional estar obcecada com algo até aquele ponto, mas a tensão percorria sua espinha e a dor estava se tornando insuportável. E só havia uma coisa que poderia acalmá-la.

Quando o trem parou na estação de Burlington, a lua brilhava no alto do céu. O professor deu a mão para ajudá-la a descer. Quão frio era em Vermont! O vento atravessava sua capa, completamente inadequada para aquele clima. Lydia se envolveu ao redor dela, tentando acalmar o tremor de suas mãos.

O professor cumprimentou um homem que esperava em uma carruagem próxima.

— Simpson! Chegamos—, disse. Enquanto a levava para a carruagem, o professor se dirigiu ao cocheiro. — Leve-nos à farmácia Carlyle—, disse. Assim que fechou a porta do coche, virou-se para ela com um sorriso. — Eu sou um homem de palavra, Lydia. Carlyle vive encima da farmácia e estará disposto a preparar qualquer remédio que precisar. O que você quer que lhe prepare?

Depois de insistir tanto em sua necessidade de tomar o remédio, não teve escolha senão responder. Gostaria de se livrar de sua dependência do xarope de uma vez por todas, mas o professor estava esperando por uma resposta.

— Eu só queria uma garrafa do xarope calmante da senhorita Winslow.

O professor sorriu.

— Se todos os seus desejos são tão simples, tenho certeza de que vamos nos dar muito bem—, disse ele.

Quando chegaram à farmácia, as janelas estavam escuras, mas o professor bateu na porta até que o sonolento Carlyle apareceu. Em questão de minutos,

Lydia tinha o que precisava. O professor assegurou-lhe que mandaria uma empregada para que no dia seguinte levasse uma seleção de roupas para a propriedade.

— O coche levará mais duas horas para nos levar a mansão—, disse ele, acomodando-se em seu belo assento estofado. Então o professor fez uma coisa que a deixou nervosa: puxou todas as cortinas da carruagem, privando-a da visão do céu estrelado. — Espero que não se importe, mas prefiro viajar com as janelas cobertas.

Ainda bem que Bane já lhe havia avisado. O professor estava obcecado em manter em segredo a localização de sua residência particular. De fato, muito poucas pessoas sabiam de sua existência, e ele queria que permanecesse assim. No entanto, a incapacidade de ver o exterior do veículo era perturbadora. A carruagem girou muitas vezes, sacudiu pelas estradas esburacadas e subiu uma encosta íngreme. Como não podia ver, Lydia começou a tirar conclusões de todos os tipos. Estariam se movendo ao longo da borda de um penhasco? Entrariam em uma floresta terrível e impenetrável? Passariam por granjas e fazendas ou ela estaria realmente isolada de outros seres humanos?

Lydia torceu a saia e sentiu um objeto redondo e duro no bolso. Era a bússola de Bane! Sua mão agarrou o objeto como se fosse um talismã. Por mais que gostasse de levá-la para descobrir a direção que eles estavam indo, seu instinto lhe disse para não deixar o professor saber sobre a bússola. Quanto menos ele souber sobre suas qualidades, recursos e fraquezas, melhor.

A carruagem parou de repente.

— Chegamos—, disse o professor.

Lydia checou seu relógio de bolso e viu que era pouco depois da meia-noite.

— Você faz essa mesma viagem toda semana? — perguntou.

O professor desceu da carruagem.

— Toda semana, de segunda a quinta-feira, procuro livros. Não consigo mais me separar da minha coleção. — O professor ofereceu-lhe uma mão e ajudou-a a descer. — Permita-me mostrar-lhe a minha residência.

Lydia desceu da carruagem. A camada de neve refletia a luz da lua, iluminando toda a mansão. A casa parecia uma fortaleza, com suas grossas e ásperas paredes de granito e sua meia dúzia de chaminés coroando o telhado de diferentes alturas.

— Poderia abrigar um exército inteiro—, disse Lydia.

O professor riu.

— Nem tanto, mas é verdade que preciso de espaço para minhas coleções.

Lydia virou a cabeça e viu que as árvores cercavam a casa em todas as direções. Mas não era a floresta densa e impenetrável que tinha visto através da janela do trem. Essas árvores tinham grandes espaços entre elas. Alguém havia removido todo o mato e galhos, facilitando a visão de um observador a grande distância.

O que sem dúvida, era a verdadeira intenção do professor. Era impossível que alguém pudesse entrar na mansão ou escapar dela sem ser observado.

O professor ofereceu o braço e Lydia não teve escolha senão agarrar-se a ele.

— Permita-me que lhe mostre a propriedade —, disse ele, indo na direção oposta da casa.

— Agora?

Estava tão frio que sua respiração formava nuvens brancas de vapor no ar.

—Desculpa—, disse o professor, — mas não tenho escolha senão abordar um assunto delicado. — Seus pés congelavam contra o gelo que cobria a neve. — Durante várias semanas será minha convidada. Eu quero que você faça uso livre da casa e da terra, mas temo que haverá uma série de limitações. — O professor limpou a garganta. — Eu sou um homem solteiro, e seria estranho se eu tivesse uma jovem vivendo aqui sem a presença de uma acompanhante. Claro, qualquer tipo de especulação sobre isso seria ridículo, mas isso não vai impedir as más línguas. Então, se você não se importa, eu prefiro que você não apareça do lado de fora da casa durante o dia. Na verdade, devo insistir nisso.

Lydia olhou para a linha do horizonte. Não havia sentinelas ao redor da mansão além dos bordos silenciosos. Isso não parecia um lugar onde se esperaria encontrar vizinhos intrometidos espiando nos cantos, mas ela não tinha escolha senão ceder.

— Claro.

— Nesta área geralmente anoitece muito cedo, então você não ficará trancada na casa por muito tempo. Por favor, sinta-se livre para se exercitar em qualquer área da propriedade. — O professor apontou para a cerca de ferro forjado preto que podia ser vista à distância. — A cerca marca os limites da propriedade. Eu acho que os terrenos são largos o suficiente para

que você não tenha que passar pelo portão, você não acha?

Não foi uma pergunta. Lydia deu um leve aceno, sentindo-se mais aprisionada a cada segundo.

— Excelente. Agora, deixe-me mostrar algumas das dependências.

Havia um estábulo, uma despensa frigorifica e uma enorme estrutura onde a carruagem era mantida. Havia uma cabana perto do portão.

— Esta é a cabana do guarda—, disse o professor. — Existem mais cabanas distribuídas por toda a propriedade. Estou lhe dizendo para que você se sinta mais segura. Sempre que você for dar um passeio à noite, haverá um homem a observá-la, pronto para ajudá-la se precisar.

Lydia se perguntou quantos pares de olhos a observariam naquele exato momento.

— O quanto me acalma saber—, murmurou, imaginando como diabos ela sairia dali com duas crianças.

# Capítulo 24



Bane esperava junto a pensão Bayside para senhoritas, observando a rua com preocupação. A entrevista de Lydia com o professor já deveria ter terminado.

Era possível que o professor houvesse lhe convidado para tomar uma xícara de chá, ou talvez que a tivesse entretido mostrando-lhe a sala de livros do Ateneu. Mesmo assim ela já deveria ter voltado. Bane não podia esperar mais.

A senhoria da pensão parecia contente em vê-lo, mas não tanto a ponto de deixá-lo subir. Duas vezes tinha feito brincadeiras para lhe tirar informações. Lydia já havia voltado? Havia deixado alguma mensagem? Mas as duas vezes havia fracassado.

Não havia muitas possibilidades de encontrar algo no quarto de Lydia que indicasse aonde havia ido, mas precisava comprovar antes de começar a procurar em outra parte. Bane dobrou a esquina e entrou em um beco. Dali começou a olhar o interior das janelas. Afortunadamente, a maioria dos inquilinos que vivia ali eram mulheres trabalhadoras que não estavam em casa as quatro da tarde. Na quarta janela reconheceu o quarto de Lydia, graças a aquarela da ilha que descansava sobre a mesa. Bane introduziu uma faca no marco de madeira e abriu a janela.

O quarto estava limpo como uma patena. O manual de tradução descansava encima da mesinha, formando um ângulo preciso de noventa graus com a borda do tabuleiro. Lydia havia colocado seus escassos pertences em uma ordem precisa e imaculada. Aquilo era muito próprio dela. Bane teria sorrido, se não estivesse tão assustado.

Nunca havia considerado a possibilidade de que o professor pudesse partir diretamente a Vermont levando Lydia com ele. Aquele homem estava se tornando cada vez mais paranoico com o passar dos anos; talvez não confiara o suficiente em sua nova empregada para deixá-la levar seus pertences a propriedade.

Seu olhar pousou no manual de tradução. *Santo Deus*. Bane sentiu suas pernas fraquejarem ao pensar no que isso implicava. Se Lydia estava na Mansão do professor sem esse livro, não teria nenhuma possibilidade de traduzir o manuscrito. Bane se sentou na cama, tentando dominar seus frenéticos pensamentos. Seu olhar percorreu o pequeno quarto enquanto pensava em diferentes opções...

...E se deteve em um pequeno frasco azul que descansava no parapeito da janela.

Bane ficou olhando-o. Sabia o que isso significava, mas queria comprovar por si mesmo. Destampou o frasco e cheirou o líquido, reconhecendo o aroma almiscarado que tratava de mascarar a amargura do ópio. O frasquinho estava praticamente vazio.

Voltou a colocar a rolha, deixou o frasquinho onde estava e cobriu o rosto com as mãos. De todos os vícios que podiam se apoderar daquela mulher tão valente e maravilhosa tinha que ser precisamente o ópio?!

Bane se fechou em sua tristeza durante noventa segundos. Em seguida se levantou de um salto, pegou o manual de tradução e saiu do quarto pela porta. Ignorando os gritos de protesto da senhoria, abandonou o prédio e se dirigiu a estação de trem. Há anos subornava o empregado da estação para que vigiasse o professor, e esse contato voltou a lhe ser útil mais uma vez.

— Viajava com uma mulher —confirmou o jovem—. Ouvir que o professor a chamava de Lydia. Nunca a havia visto.

Bane se negou a se deixar levar pelo pânico. Em vez disso, se dedicou a estudar o horário de trens, que estava marcado atrás do mostrador.

— Há algum trem que possa me deixar próximo de Burlington esta mesma noite?

— Dentro de meia hora sai um para Montreal, mas é um trem de mercadorias. — O empregado baixou a voz—. Passa por Burlington. Talvez possa descer ali, desde que esteja disposto a saltar com o trem em movimento.

Bane levantou uma sobrancelha.

— Mas isso seria infligir a lei — disse com um sorriso. Bane inclinou a cabeça para se despedir do empregado—. Obrigado por seu tempo. — disse, correndo a plataforma para esperar o trem de mercadorias.

Quando o professor terminou de mostrar-lhe a propriedade e a levou ao interior da mansão, Lydia estava morta de frio. A imagem do velho poço

rodeado de uma estrutura de ladrilhos havia ficado gravada em sua mente. Várias latas enormes descansavam junto ao poço. Bane lhe havia contado que, no caso das autoridades invadirem a mansão, o professor e seus homens estavam dispostos a destruir os restos de seus reféns utilizando o poço e as latas de querosene. Isso era a única coisa que impedia Bane de enfrentar os guardas do professor e resgatar as crianças.

O interior da casa era surpreendente. A mansão combinava a elegância das antiguidades com o rústico encanto artesanal da Nova Inglaterra. Grossos tapetes orientais cobriam o chão, e toscas vigas de madeira sustentava o teto abobadado do vestíbulo. Uma imensa lareira de pedra dominava uma das paredes. Era uma pena que não tivesse um bom fogo ardendo em seu interior.

Lydia se envolveu em sua capa.

— Lhe peço desculpa pela temperatura — disse o professor—. Estou seguro de que conhece o poder destrutivo do calor para as delicadas páginas dos livros antigos. Devo manter a casa fresca para guardar minha coleção.

Lydia passou um dedo gelado pelas encantadoras linhas em relevo que decoravam o marco de uma das imensas estantes.

— Admiro seu compromisso com os livros — disse—. Uma pessoa sempre pode se agasalhar um pouco mais, mas um livro antigo está indefeso.

A julgar por sua expressão, seu comentário agradou ao professor.

— Vejo que aprecia profundamente a fragilidade destas valiosas antiguidades.

Lydia percorreu com o olhar os livros que descansavam na estante. Eram livros preciosos, que continham uma ampla variedade de conhecimento: História, literatura, teologia...

— Todos os livros nesta sala são cópias de leitura. Por favor, sinta-se livre para pegar o que lhe interessar. — O professor fez uma pausa e tocou a sobrancelha, como se acabasse de lembrar algo importante—. No entanto, devo lhe pedir uma coisa: No futuro terá que abster-se de utilizar esta sala durante o dia, então terá que levar os livros agora.

Lydia se virou e olhou para o homem com curiosidade.

— Por favor, desculpe minhas excentricidades — seguiu dizendo o professor—, mas devo insistir para que fique na ala norte. Sempre tenho convidados em casa e a presença de uma jovem tão bonita como você pode provocar especulações intermináveis.

Era mentira. Bane lhe havia contado que a mansão de Vermont recebia muito poucas visitas, e o professor tampouco tinha vizinhos que pudessem

especular sobre sua presença. Estava mentindo para ela, e Lydia estava começando a entender por quê. Queria mantê-la afastada das crianças, que provavelmente poderiam fazer livre uso da casa durante o dia. Estava claro que pretendia isolá-la na ala norte enquanto as crianças passeavam pela mansão.

O professor lançou um olhar por cima do ombro.

— Agora a senhora Rokotov lhe levará a ala norte.

Lydia se assustou ao notar que uma mulher havia estado todo esse tempo em um canto do imenso vestíbulo, observando todos os seus movimentos.

— A senhora Rokotov é minha governanta. Seu filho Boris me ajuda a cuidar da propriedade. Ela será a encarregada de mostrar-lhe suas acomodações.

A senhora Rokotov tinha o cabelo negro e fino recolhido em um coque a altura da nuca e uns olhos escuros e inexpressivos. Seu rosto era duro, quase masculino, mas se movia com a graça de uma barca deslizando por águas tranquilas.

— Por favor, tenha a amabilidade de seguir-me, senhorita — disse a mulher com um forte sotaque russo.

— Boa noite, Lydia — disse o professor—. Amanhã lhe mostrarei o manuscrito, e imediatamente poderia pôr-se a trabalhar. Ao final do dia irei ver seus progressos.

A senhora Rokotov a conduziu ao final de um estreito corredor, onde lhe mostrou um lavabo e um dormitório. A julgar pela escassez de móveis, a “ala norte” não era a parte mais elegante da casa. O quarto era muito pequeno, mas contava com todo o necessário: uma cama, uma mesinha, uma lareira e uma pequena cômoda.

— Espero que tenha tudo o que precisa —disse a senhora Rotokov.

Na cama havia várias mantas, mas o quarto estava gelado e Lydia não tinha nada que vestir para dormir a exceção de seu vestido.

— Poderia ascender um fogo?

A senhora Rotokov levantou uma de suas finas e escuras sobrancelhas.

— Nesta casa não assumimos riscos desnecessários com o fogo — disse —. Se desejar, posso lhe trazer uma bolsa de água quente para colocar na cama.

Lydia assentiu.

— Sim, lhe agradeceria muito.

Em vez de abandonar o quarto, a senhora Rotokov inspecionou Lydia da

cabeça aos pés, detendo-se na barra do seu vestido, que ainda estava molhado de caminhar na neve. Por fim falou.

— Não trouxe nenhum baú? Nenhum pertence?

— Não tive tempo de voltar a minha pensão para pegar minhas coisas. O professor me disse que ele me proporcionaria a roupa.

Lydia rezou para que essas roupas fossem grossos casacos de lã bem quentinhos. Precisava deles.

A senhora Rotokov assentiu.

— Uma empregada lhe trará uma bolsa de água e um par de meias para dormir. A roupa chegará amanhã. Boa noite.

Enquanto a porta era fechada, Lydia se deixou cair na cama, deliciando-se com sua agradável maciez. Pela primeira vez desde que conheceu o professor, estava sozinha. Apoiou os braços nos joelhos e escondeu o rosto entre as mãos. Havia sido um dia angustiante e interminável, e amanhã seria pior. Seu bolso estava ao seu lado e em seu interior havia uma garrafa nova de xarope da senhorita Winslow.

Lydia abiu o bolso e olhou a garrafa. Sempre que comprava uma garrafa de xarope, a primeira coisa que fazia era verter seu conteúdo em um de seus lindos frasquinhos azuis, servindo-se de um pequeno gole. Contemplou a imagem da garrafa. Uma robusta mama brincava com um bebê feliz e sorridente. Sempre havia achado aquela imagem inquietante, ainda mais agora, que conhecia o ingrediente que tornava o xarope tão eficaz.

Fechou os olhos para não ter que olhar a mãe sorridente, abriu a garrafa e tomou um pequeno gole. E depois outro. O verdadeiro desafio começava amanhã.

Um mal pressentimento tomou conta dela ao despertar.

Lydia se incorporou e lançou um olhar pela estranha habitação. Ao reconhecê-la voltou a enfiar a cabeça no travesseiro.

Um fraco resplendor em meio a escuridão indicava que não demoraria a amanhecer, mas não tinha nenhuma pressa em levantar-se da cama. Quanto antes estivesse preparada, mais rápido o professor iria querer ver a tradução do grego brotando de sua pluma.

Um brilho procedente da mesinha de cabeceira captou sua atenção. Era a bússola de Bane. Lydia estendeu o braço para pegar a bússola, notando o ar frio do quarto. Em seguida apertou a bússola na palma da mão e se apressou a cobrir-se com as mantas. O frio metal não demorou em esquentar, e a solidez

da bússola lhe proporcionou uma espécie de vínculo com Bane, como se parte de sua fortaleza pudesse transmitir-se através do objeto. Bane jamais se refugiaria debaixo das mantas como uma estúpida colegial. O mais provável é que estivesse tramando um plano para conseguir seu objetivo. Tinha que pensar como ele. Que faria na mesma situação?

Bane sempre analisava seu inimigo antes de atacar. Estudava cada uma de suas fortalezas, suas manias e suas fraquezas e as utilizava para antecipar o comportamento de seu rival. Que sabia do professor que pudesse conceder-lhe um pouco de tempo antes de começar a traduzir o manuscrito?

Então lhe ocorreu uma ideia. O manuscrito tinha cerca de mil anos de antiguidade; a vitela seria frágil e vulnerável. Uma mão suada ou um pote de tinta derramado eram um perigo constante. Teria que fazer uma cópia. Uma cópia de *trabalho*. Poderia atrasar a tradução insistindo em fazer uma cópia completa do texto original sobre o qual trabalhar. Dependendo da extensão do manuscrito, podia atrasar semanas em copiar o texto.

Quinze minutos depois, uns firmes golpes na porta precederam a entrada da senhora Rotokov, que trazia uma pilha de roupas.

— A criada comprou estas roupas para você — disse bruscamente—. O desjejum estará disponível na cozinha de serviço até dentro de quinze minutos. Depois não poderá comer nada até a hora do almoço. O professor solicitou encontrar-se com você as oito da manhã.

A senhora Rotokov depositou as roupas encima da cômoda e partiu. Lydia desejou que Jacob estivesse ali para fazer alguma brincadeira sobre a brusquidão dos eslavos. Jacob era muito risonho, mas a senhora Rotokov tinha um rosto tão rígido que seguramente se partiria em dois se tivesse que sorrir.

As roupas compensavam sua falta de estilo com seu conforto. Debaixo do vestido, Lydia pôs roupa interior de flanela, conseguindo que a temperatura fosse suportável. O Jersey de lã com laços de couro era mais adequado a um homem, mas Lydia não se importou. Só tinha que levantar as mangas. Finalmente vestiu uma suave blusa de algodão para proteger a pele da áspera lã e ficou satisfeita com seu aspecto.

A cozinha do serviço estava vazia quando chegou, mas havia ovos quentes e batatas, que Lydia devorou agradecida. O local era surpreendentemente acolhedor, e era um dos poucos lugares onde se podia acender o fogo, que crepitava alegremente no forno. Uma velha mesa de madeira maciça descansava debaixo de uma coleção de travessas de barro e

panelas de cobre. Lydia percorreu a cozinha com um olhar, percebendo todo tipo de ferramentas estranhas e encantadoras vasilhas de barro. Assim que terminou seu desjejum, admirou as ferramentas e os instrumentos que estavam encima da lareira.

Tinha gostado de entreter-se um pouco, mais para atrasar o encontro com seu anfitrião, mas o professor chegou a cozinha enquanto estava observando umas toscas pinças de ferro. Lydia desviou o olhar.

— Para que é tudo isso? — perguntou.

— Parecem uns instrumentos de tortura medievais, mas não tenho nem ideia. Pergunte a senhora Rotokkov. Imagino que ela saberá. —Ideia que não era precisamente agradável—. Agora deixe-me que lhe mostre meu tesouro — disse com entusiasmo.

O professor a conduziu por várias corredores, subiu dois lances de escada, percorreu um estreito corredor de teto abobadado e abriu a porta de uma sala. No interior, a temperatura era ainda mais fria.

— Esta é a câmara do tesouro. Aqui onde guardo meus livros mais preciosos. Os que viu lá na biblioteca são antigos, mas não especialmente valiosos. Tudo o que há aqui é.

Se tratava de uma imensa sala sem janelas, coberta em suas quatro paredes por cortinas grossas presas as paredes. Uma mesa e duas cadeiras sem adornos descansavam no solo, que a exceção disso, estava vazia. Era uma sala curiosamente deserta, austera como a pele de uma cobra, salvo pela luz que a inundava. Quando olhou para cima, Lydia ficou com a boca aberta.

— O que é isso no teto? Uma *janela*?

— É uma claraboia — disse o professor —. Não permito chamas de nenhum tipo na câmera do tesouro, então não poderá usar lâmpadas de gás nem nada parecido aqui dentro. Terá que trabalhar a luz do dia. Não penso tolerar que o manuscrito saia desta sala.

O professor se aproximou de uma das cortinas que rodeavam a habitação e puxou uma pequena chave para abrir a fechadura.

— Toas as cortinas são incombustíveis, claro — disse, abrindo a porta—, mas o calor de uma chama seria muito danoso para estes tesouros, que em sua maioria são frágeis.

Dentro da caixa forte havia uma fileira de caixas fechadas. Utilizando um jogo de chaves diferentes, o professor abriu um baú e tirou uma caixa forrada de seda.

— Aqui está — disse muito orgulhoso—. Um códice do século IX, que

recorre a sabedoria de um autor anônimo do século I. Seu estilo foi identificado em outros três fragmentos, mas este é o único texto completo que se conserva dele. Não lhe parece magnífico?

Quando Lydia viu o tamanho do documento, sua alma veio aos pés. O códice era diminuto, do tamanho de uma carta de baralho! No máximo, demoraria um dia ou dois em fazer uma cópia de um documento tão pequeno.

—Certamente — disse com um fio de voz.

Apesar de sua antiguidade, o manuscrito parecia em considerável bom estado, com suas páginas de vitela color sépia e suas pulcras e diminutas letras negras. Lydia se aproximou um pouco mais. Cada uma das letras não era maior que um grão de arroz. Não havia miniaturas nem nenhuma outra ilustração, só um bloco manchado de caracteres desconhecidos.

O professor van Bracken sinalou com um gesto a mesa de trabalho que havia no centro da sala. Encima havia tabuletas de escrever, lápis, vários pares de luvas de algodão e uma lupa.

— Espero que tenha todo o necessário para fazer seu trabalho —. Disse.

—Estou desejando começar— disse Lydia fracamente.

O professor pôs umas luvas antes de tirar o documento da caixa. Seu rosto refletia nervosismo enquanto transferia o manuscrito da caixa a mesa. Assim que colocou o documento no centro, puxou uma cadeira e lhe ofereceu.

— O documento aguarda seu exame.

Lydia se sentou e escrutinou os estranhos caracteres do texto. Se parecia um pouco ao grego, mas mais um jargão sem sentido. Se inclinou um pouco mais sobre o texto, tentando em vão reconhecer alguns caracteres das tabelas de descrição. Segundos depois escutou o roce de uns papéis. O professor colocou um monte de páginas em branco diante dela e lhe pôs um lápis na mão.

— Já pode começar querida.

Lydia o olhou. Realmente pretendia observá-la enquanto trabalhava? Não queria comunicar-lhe seu propósito de fazer uma cópia até o último momento. Se o professor insistia em trabalhar sobre o documento original, não demoraria em desmascará-la.

Clareou a garganta.

— Desculpa, mas está tapando a luz.

O professor retrocedeu imediatamente.

— Sinto muito.

O homem observou a claraboia e em seguida seu relógio de bolso.

— São oito e meia. Poderá desfrutar da luz natural até as cinco. Boa sorte, querida.

O professor fechou a porta com cuidado, mas Lydia sentiu como se tivesse fechado a porta de uma prisão.

# Capítulo 25



Fazer uma cópia do documento resultou inesperadamente difícil. O manuscrito era feito de vitela, uma pele polida até alcançar a finura do papel. A vitela havia se contraído com o passar dos séculos, causando uma distorção nos caracteres que dificultava ainda mais sua compreensão.

No entanto, a laboriosa lentidão da tarefa lhe dava tempo de sobra para refletir sobre cada um dos caracteres. Com o passar das horas, Lydia conseguiu recordar fragmentos da tabela de tradução e adivinhar com certa segurança uma de cada cinco letras.

Pouco antes das cinco, o professor entrou na sala.

— Passei todo o dia morto de curiosidade. Estou desejando ver o que traduziu.

Lydia prendeu o ar surpresa.

— Pensava que ia começar a traduzir de imediato? — perguntou, rindo nervosamente—. Santo Deus, imaginei que quereria fazer uma cópia do original. É muito frágil para suportar o maltrato que supõe fazer toda tradução a partir do manuscrito antigo.

Uma careta de decepção apareceu no rosto do professor. O homem se aproximou para olhar por cima de seu ombro e inspecionar as pulcras linhas que havia escrito.

— O manuscrito é tão delicado... — se apressou a assinalar Lydia—. Nunca me perdoaria se algo tão valioso estrague enquanto estou trabalhando em sua tradução.

A voz do professor tremia de raiva, mas não lhe restou mais remédio que dar-lhe razão.

— Sinto parecer decepcionado, mas estava desejando ver a tradução. — O professor assentiu ao ver as luvas de algodão branco que Lydia usara durante todo o dia —. Vejo que está tratando este tesouro com a máxima consideração, e aplaudo sua decisão de tomar medidas adicionais para garantir a integridade do meu manuscrito.

Ao terminar sua jornada, Lydia vestiu sua capa e saiu da câmara do tesouro. Depois de oito horas em uma sala sem janelas, as paredes pareciam pairar em torno dela a cada segundo, dificultando-lhe a respiração. Uma rajada de ar frio lhe golpeou o rosto ao sair da casa, mas precisava escapar da sensação de claustrofobia que havia se apoderado dela desde que pôs os pés na mansão.

Não havia tomado nem uma gota de xarope em todo o dia. Talvez isso explicasse seu nervosismo. Lydia acelerou o passo para afastar-se da casa e adentrar na floresta, que se lançava como sentinela silenciosa a luz do crepúsculo. De repente se recordou do dia que esteve na Biblioteca pública de Boston, lendo sobre os sintomas da abstinência do ópio. Além do nervosismo e da insônia, a paranoia era outro dos efeitos secundários. Seria essa a causa da ansiedade que parecia apoderar-se dela a cada momento?

Ergueu os olhos ao céu, cada vez mais escuro. Supostamente, não podia sair da casa até o anoitecer, mas nunca conseguiria localizar as crianças se passasse o dia trancada na sala sem janelas e sem poder inspecionar os terrenos. Tinha que aproveitar os últimos minutos de luz para procurá-los.

Se fosse uma criança de nove anos, seguramente o estábulo seria um bom lugar para brincar. Lydia segurou a barra do vestido e se encaminhou a enorme construção, que estava localizada há alguns metros de distância da casa. A neve estava suja e derretia próxima a porta, mas fresca e cheia de manchas em ambos os lados do prédio. Lydia parou para observar o chão. A maioria das pegadas pertencia a botas grandes, mas na esquina havia outras menores. Do mesmo tamanho de uma bota de criança.

Lydia ficou de boca aberta. Aquela era a primeira prova sólida de que uma criança estava vivendo na casa, Se aproximou das pegadas um pouco mais, tentando não estragar aquelas marcas tão valiosas com suas próprias pegadas. Um par de pegadas marcava a neve intacta de um lado do estábulo e adentravam na floresta. Lydia se aproximou um pouco mais. Um sorriso se desenhou em seu rosto ao ver dois grupos diferentes de pegadas infantis, umas ligeiramente maiores que outras. Saltando as sarças e o matagal, seguiu as pegadas por um lado do estábulo, desejando descobrir aonde se dirigiam.

Não demorou em averiguar. As pegadas conduziam a um barril, que estava colocado debaixo da única janela da parte de trás do estábulo. A janela resultava demasiado alta para olhar por ela sem ajuda do barril. Lydia subiu nele, tomando cuidado para não pisar na capa de gelo que cobria a parte de

cima. Na janela havia quatro marcas de mãos infantis e de marcas de nariz, onde um dos meninos curiosos haviam pressionado a cara contra o cristal.

O que estariam olhando? Lydia apoiou uma mão na parede rugosa do estábulo e se inclinou um pouco mais. Através da janela embaçada, só conseguiu distinguir o contorno dos cavalos e um monte de feno. Quando seus olhos se acostumaram a penumbra, viu uma partida de damas sem terminar sobre uma mesa desmantelada. A maioria das crianças jogavam damas, mas também os adultos. Por fim, seus olhos brilharam de alegria ao ver uma bola vermelha e um punhado de pinos encima de uma manta.

Sem dúvida, os pinos pertenciam as crianças. Ali era aonde as crianças vinham brincar de vez em quando.

De repente, uma mancha de pelo negro surgiu entre as sombras do estábulo e um furioso latido ressonou no ar. Dois cachorros raivosos correram em sua direção. Lydia retrocedeu e caiu do barril, caindo em uma mata de sarças que serviram para amortecer sua queda. Os cachorros arranhavam a parede oposta do estábulo, e Lydia rezou para que não pudessem sair. Do contrário, a fariam em pedaços ali mesmo.

Correu para a parte mais distante do estábulo, desviando-se do matagal e tremendo com todas as fibras de seu corpo. Os cachorros seguiam dando voz de alarme. De repente uma luz iluminou a neve. Lydia se virou e viu a senhora Rotokov, que estava de pé na posta da mansão. Seus olhos de aço a inspecionaram, percebendo a neve e as folhas pisoteadas que caiam de sua capa.

— Pode-se saber o que está fazendo? — perguntou a senhora Rokotov.

Lydia levantou o queixo.

— Estava dando um passeio — disse orgulhosa da seguridade que transmitia sua voz—. O professor me disse que posso fazer livre uso do terreno.

A senhora Rokotov entrecerrou os olhos.

— *Depois* do anoitecer.

O olhar acusatório da mulher se dirigiu ao estábulo, onde os cachorros seguiam armando alvoroço.

— Pode-se saber que fez com Marte e Juno? Não latem a menos que alguém esteja se intrometendo onde não deve. — A senhora Rotokov manteve os olhos cravados em Lydia enquanto descia as escadas da entrada e se dirigia até ela —. Você descumpriu as regras, e meu dever consiste em garantir a ordem nesta casa. Suba ao seu quarto agora mesmo e não saia de lá

até que lhe ordenem.

Nunca encontraria as crianças se se deixasse tratar como uma prisioneira. Lydia avançou um passo até a senhora Rotokov e disse: — Estou aqui a pedido do professor Van Bracken. Desde que me conheceu, o professor tem me tratado como uma pessoa de confiança. — Aquilo não era de todo certo, mas tinha que resultar convincente —. Para ele, o mais importante é sua coleção de livros raros. Esse manuscrito grego lhe importa mais que as normas ou os cachorros furiosos. Eu sou uma das poucas pessoas do planeta capaz de traduzir esse documento, e não penso permitir que me trate como uma criada desobediente. Se o fizer, irei desta casa agora mesmo e teriam que buscar outra pessoa que saiba traduzir um dialeto grego do século IX.

O ódio desapareceu imediatamente dos olhos da senhora Rotokov, para ser substituído por... medo?

— Não pode partir — disse a mulher dando um passo atrás —. O professor tem umas necessidades muito concretas em relação com seus manuscritos. Desculpe meus modos. Simplesmente estava preocupada porque ainda não anoiteceu completamente. Não me oponho em absoluto que passei pelos terrenos a esta hora.

Lydia seguia muito nervosa para se retirar ao seu quarto.

—Me alegro.

Dito isso, se afastou da mansão, dos cachorros furiosos e do olhar inquietante da mais fiel servidora do professor.

ef

Quando se aproximava da porta principal, um jovem saiu da cabana do guarda.

— Você deve ser a nova tradutora — disse com um sorriso.

Seu rosto era largo e amigável, e havia um oco entre seus dentes dianteiros.

— Sim, sou eu. Me chamo Lydia — disse ela, aproximando-se para saudá-lo—. Passei todo o dia presa e preciso dar um passeio.

— Eu sou Lars Hansen. Ouvir o alvoroço que armaram os cachorros, lhe causaram algum problema?

— Além de quase me fazerem ter um ataque do coração? Não.

Lars sorriu.

— Me alegro. Tem que conhecer os cachorros e deixar que a conheçam. Os libertamos todas as tardes para vigiar os terrenos de modo que, se deseja desfrutar de um passeio pela noite, o melhor será que se familiarize com eles.

Lars se encaminhou ao estábulo e fez um gesto para que lhe seguisse. Ao aproximar-se da construção se ouviram os grunhidos e os arranhões na parede. Lars deve ter notado que Lydia estava tremendo, porque a rodeou com o braço enquanto abria a porta.

— Não tenha medo. Não lhe farão nenhum mal se virem que é amiga.

Todos os instintos de seu corpo a alertaram para sair correndo ao ver que os cachorros se aproximavam dela. Sua agressividade cedeu apenas um pouco quando Lars lhes ordenou que se acalmassem. Lars manteve o braço sobre seus ombros em todo momento.

— Amiga — Disse Lars aos cachorros—. Lydia é amiga.

Levou um tempo, mas os cachorros começaram a tranquilizar-se.

— Pode acariciá-los se quiser — disse Lars.

Lydia preferia introduzir os dedos em um barril de ácido, mas precisava que aqueles cachorros ficassem do seu lado. Armando-se de coragem, estendeu os dedos, deixando que os cachorros a cheirassem e roçassem seu vestido. A julgar por como mexiam o rabo, dava a impressão de que havia passado na prova. Lars libertou os cachorros para fazerem sua ronda noturna pelos terrenos, e Lydia regressou com ele a cabana do guarda.

O portão de ferro surgiu diante dela, o símbolo tangível de seu aprisionamento. Apesar da amplitude dos terrenos, as terríveis barras de ferro lhe provocaram uma sensação de claustrofobia. Teria gostado de abrir a porta de par em par e sumir na noite. Além disso, se alguma vez pensava encontrar-se com Bane, seria do outro lado do portão, onde os cachorros não poderiam aventurar-se.

Olhou para Lars.

— Essas barras parecem bastante estreitas para deslizar entre elas — disse—. Gostaria de dar um passeio do outro lado.

Lars a olhou com curiosidade.

— Não há muito para ver. Só milhas e milhas de bordos.

— Não há granjas? Nem vizinhos?

— Calculo que não há nada em trinta milhas ao redor.

A magnitude de seu isolamento resultava sufocante.

— Ainda assim gostaria de dar um passeio — disse —. Sofro de insônia quase todas as noites, e nada me acalma mais do que caminhar.

Lars encolheu os ombros.

— O professor não gosta que saiamos do terreno, mas não vejo nada de mal nisso, sobre tudo se faz a noite quando todo mundo está dormindo. Será

nosso segredo. De acordo?

Lydia se aproximou do portão e se pôs de costa para passar pelas barras de ferro.

— Sim. Será nosso segredo —disse, dando meia volta e adentrando na noite.

Caminhou durante horas. A lua iluminava seus passos, e o iminente degelo fazia a temperatura suportável. Lydia olhou para cima. Só um fragmento de céu resultava visível entre as imensas árvores, mas se podia ver a lua, a qual só lhe faltavam uns dias para alcançar seu máximo esplendor.

A neve do chão amortecia seus passos, e o estranho e inquietante rangido das árvores ressonava no ar húmido e escuro. Todas as florestas eram igualmente barulhentas? Era a primeira vez que passeava por uma floresta, e não tinha nem ideia de que as árvores podiam fazer tanto ruído... Era como uma espécie de gemido ou lamento que emitiam quando balançavam no ar. Como se estivessem sofrendo.

Quanto lhe teria gostado de tomar um pouco de seu remédio. Com apenas um gole, o xarope começaria a aliviar atenção em suas costas. E talvez deixasse de imaginar que as árvores estavam sofrendo.

Não havia nenhuma trilha a vista no tapete de neve que cobria o chão, assim que se limitou a vagar despreocupadamente. A luz da lua iluminava uns baldes que penduravam-se do tronco das árvores. Lydia se aproximou de um deles e percebeu o fluxo constante de seiva que caía no recipiente, emitindo um gotejo característico. Seiva de bordo? Sabia que na Nova Inglaterra era comum sangrar as árvores para obter xarope, mas era a primeira vez que o via. Decidiu não prestar muita atenção e seguiu caminhando pela floresta de bordos. Agora, o gotejo da seiva se uniu ao gemido das árvores.

Lydia meteu a mão no bolso e pegou a bússola. Não o fez porque tinha medo de se perder — seu rastro na neve serviria para guiá-la até a casa—, fez porque isso lhe fazia sentir mais próxima de Bane. Certamente era um capricho do destino que a bússola apontasse para ele.

Levantou o olhar ao céu, percebendo os poucos dias que faltavam para a lua cheia. Enquanto seus dedos se curvavam em torno da bússola, lhe ocorreu uma ideia estranha.

Bane sempre era capaz de ler seus pensamentos. Sabia como funcionava sua mente e podia adivinhar exatamente como ia comportar-se ante ela mesma. Lhe dava raiva ser um livro aberto para ele, mas talvez, por esta vez,

isso serviria para salvar-lhe a vida.

Porque, se Bane era capaz de ler sua mente saberia exatamente quando e onde ir encontrar-se com ele.

# Capítulo 26



Jack Fontaine fez uma fila de ervilhas sobre o purê de batatas. Tinha que sair muito reta. Do contrário, não poderia colocar os palitos de cenoura encima.

— Você acha que eu deveria colocar outra fila de purê? — perguntou Dennis.

Jack olhou o outro lado da mesa da sala de jantar onde se sentava Dennis, diante de um prato de verduras. Já haviam comido a carne assada e a torta de maçã, mas a senhora Garfield não os deixava levantar-se da mesa até que não tivessem comido as verduras. Os meninos só iam utilizar essas verduras para construir fortalezas em miniatura.

— Sim. A outra fila de purê servirá de morteiro. — disse Jack.

Jack conteve a respiração enquanto Dennis colocava mais purê na fortaleza de verduras. Não podia ser muito alta, ou desmoronaria quando começassem a lançar ervilhas um no outro. O objetivo era derrubá-la, mas não muito rápido.

— Acha que teu pai te ama? — perguntou Dennis.

Jack levantou a vista muito surpreso.

— Suponho que sim — disse, alcançando outra ervilha.

Para dizer a verdade não gostava de pensar em seu pai. Já era bastante triste ter que viver ali no meio do nada, sem seu pai e sem Lucy. Algumas vezes, quando pensava neles se punha a chorar, e já era muito grande para chorar.

— É muito importante que te ame — disse Dennis—. Se não te amar o suficiente, começará a acontecer coisas ruins.

Jack estava bastante seguro que seu pai o amava. Ou ao menos isso dizia, entretanto Jack não era nenhum tonto. Era evidente que seu pai estava decepcionado com ele porque não gostava do mar e não queria servir a Marinha. Cada vez que Jack subia em um barco, começava a sentir dor de

estômago e só desejava descer o mais rápido possível. Não lhe agradava reconhecer, mas o oceano lhe dava medo. Se servisse ao exército, acabaria decepcionando seu pai, mas isso era melhor que nada.

— Eu creio que quanto mais cartas escreva a teu pai, melhor — disse Dennis—. O professor disse que as cartas são tão boas como as visitas de verdade. Uma vez me contou que o presidente Adams mal via sua esposa, mas que ambos trocavam cartas continuamente e eram muito felizes.

Jack sabia tudo sobre a escritura das cartas. Dennis lhe havia mostrado o monte que havia recebido de seu pai nos últimos três anos. Também havia outro monte de cartas dirigidas a um menino chamado Tony, mas Tony já não vivia ali e Dennis não sabia muito bem o que havia lhe acontecido. Quando Jack perguntou a senhora Rotokov o que havia acontecido a Tony, a mulher assegurou que não o conhecia.

Mas Jack sabia que estava mentindo. Ele estava seguro que Tony havia vivido naquela casa, porque havia visto as cartas que seu pai lhe enviara.

O que lhe levou a pensar que havia acontecido algo de ruim a Tony.

Mas já não queria pensar mais em Tony. Jack olhou para Denis e baixou a voz.

— Acho que o professor tem uma prometida.

Dennis lhe olhou muito surpreendido.

— Que?

— Faz duas noites que a estou espiando — disse —. As vezes a vejo passear sob as árvores. Nunca a havia visto antes.

Dennis parecia bem cético.

— Vivo há três anos aqui, e nunca percebi que o professor tinha uma namorada. E acho que é muito velho para isso. — Ao fim de um momento baixou o tom de voz—. É bonita?

Jack Teve que pensar uns segundos.

— Suponho que sim, mas parece triste. A única coisa que faz é passear de um lado a outro retorcendo as mãos.

—Me pergunto se será boa ou má pessoa — disse Dennis.

Desde que Jack chegou a mansão há quase um mês, Dennis lhe havia explicado quem era bom e quem era mal. Tanto a cozinheira como o guarda chamado Lars eram bons, mas os demais eram quase todos mal.

—E o senhor Hetley, o homem que traz os pedidos da loja? É bom, não é verdade?

Dennis encolheu os ombros.

— A verdade é que eu não sei. Nunca me deixam sair quando vem trazer os pedidos. Mas parece simpático, porque sempre que peço algo especial me traz logo em seguida.

Dennis tinha um problema, era muito obediente. As últimas duas vezes que o senhor Hetley havia vindo trazer os pedidos, Jack havia tentado chamar sua atenção agitando os braços como um louco desde seu quarto do terceiro piso, onde eram trancados cada vez que vinha uma visita. Nunca conseguiria escapar daquele lugar se se limitava a ficar sentado e cumprir as regras de Dennis.

— Venha, vamos lançar os projéteis — propôs Jack.

Dennis girou o prato para que o muro de batata ficasse em um ângulo adequado. Os dois meninos se dirigiram ao extremo da sala de jantar. Ali se ajoelharam até que a mesa ficou a altura de seus olhos, colocaram as ervilhas em fila e iniciaram um ataque em grande escala golpeando as ervilhas como os dedos. As ervilhas não causaram grandes destroços, mas o muro não voltou a ser o mesmo quando começaram a lançar palitos de cenoura. O primeiro palito que alcançou o muro arrastou uma quantidade de purê de batas que saiu voando até estatelar-se contra a parede.

Se ouviu uma porta batendo, e Jack levantou a cabeça para encontrar-se com a senhora Rotokov. A mulher parecia um espantalho envolta em uma escura mortalha.

— Que bagunça! — disse a mulher desgostosa.

Dennis se levantou de um salto.

— Não se preocupe. Nós nos encarregaremos de limpar — se apressou a dizer.

A mulher contraiu a boca.

— Não há tempo para isso. Subam agora mesmo ao quarto do terceiro piso e não saiam de lá até que lhe chamem. Depressa, depressa — disse a senhora Rotokov, estalando os dedos diante de Jack.

Ambos os meninos se apressaram em obedecer. Jack sabia o que isso significava. Significava que estava a ponto de chegar o senhor Hetley para trazer os pedidos da semana.

E também significava outra coisa: que havia chegado a hora de pôr em prática seu plano de fuga.

Assim que estiveram a salvo no quarto, Jack decidiu contar seu plano a Dennis.

— O senhor Hetley nunca nos verá na janela, porque lá fora faz sol e aqui

não há nenhuma luz. Que acha de acendermos um fogo para que nos veja?

— Aqui não há nada para fazer fogo — disse Dennis.

Jack mostrou um livro que havia roubado do escritório do professor e pegou uma lupa do material escolar de Dennis.

— Há sim.

Dennis o olhou aterrorizado.

— Não pode colocar fogo em um livro! O professor nos matará!

Mas Jack não perdeu tempo. A luz do sol se filtrava pela janela. Abriu o livro e colocou a lupa em um ângulo adequado. Um raio de sol alcançou a página.

— Não se preocupe. Peguei um dos mais antigos, assim não se importará.

—Mas esses são os seus preferidos!

Jack olhou o livro com ceticismo, mas não afastou a lupa.

— Verdade? Pois para mim parece um livro velho e mofado.

Além disso, as páginas eram muito frágeis e estavam amareladas pelo passar dos anos, pelo que queimariam mais rápido. Em qualquer caso, quem ia querer um livro tão antigo?

— Não posso acreditar que seja capaz de uma coisa assim— murmurou Dennis.

Mas isso era o que diria qualquer pessoa obediente como Dennis, então Jack não afastou os olhos da brilhante chama de luz. Parecia que seu plano de fuga estava funcionando, porque finalmente apareceu um furinho. Em seguida, o buraco se escureceu e um fio de fumaça surgiu do papel.

Jack seguiu sustentando a lupa e estendeu a lente a Dennis.

— Toma. Você também pode ajudar — disse.

Não acreditava que Dennis fosse capaz de fazê-lo, mas ao fim de um momento, o rapaz pegou a lente e dirigiu outro raio de luz ao pequeno buraco. Jack estava impaciente porque estava demorando muito para aparecer uma borda alaranjada ao redor do buraco, mas quando por fim o fez, Dennis colocou as lentes no chão e protegeu a chama diminuta com as mãos.

Justo quando a carroça do senhor Hetley adentrava na propriedade, a chama cresceu e as frágeis páginas do livro começaram a retroceder e escurecer, consumidas pelo fogo. O livro começou a desprender calor enquanto o resto das páginas seguiam alimentando uma chama cada vez mais intensa. Sorrindo, Jack pegou a capa do livro para proteger as mãos e começou a abanar as páginas ardentes diante da janela, gritando para chamar a atenção do senhor Hetley.

# Capitulo 27



Lydia estava de pé junto a janela de seu dormitório. Daquela posição podia ver o pôr do sol. As árvores lhe permitiam ver o momento exato em que o sol desaparecia no horizonte, mas tudo se escurecia rapidamente assim que começava a se pôr.

Essa noite desejava mais do que nunca escapar de sua prisão. Sabia que, apenas virando a cabeça um pouquinho, poderia ver a garrafa de xarope da senhorita Winslow e sua etiqueta enganosamente alegre. Tinha os nervos a flor da pele. Só dormia em intervalos irregulares desde que chegou, e precisava da distração que lhe proporcionava caminhar milhas e milhas pela floresta.

Algo ruim havia acontecido hoje. Lydia estava comendo na cozinha do serviço quando escutou um escândalo procedente de cima. A senhora Rotokov estava gritando algo relacionado com fogo, e os criados corriam de um lado para o outro, levando baldes de água e subindo mantas molhadas para apagar as chamas. Quando ia se aproximar da bomba de água para encher um balde, Boris, o mais alto e feroz dos guardas, a agarrou pelo braço.

— Venha comigo — lhe disse.

Boris a empurrou pelas escadas e a arrastou de volta a câmara do tesouro. Ali lhe advertiu que, se desejava conservar seu bonito rosto, seria melhor ficar calada. Finalmente fechou a porta com um golpe.

Mas não podia ficar quieta sabendo que a casa estava pegando fogo. Assim que Boris saiu, Lydia entreabriu a porta para escutar o alvoroço dos criados subindo e descendo as escadas, os baldes de água salpicando o chão e as pessoas gritando.

— Como pôde? —ouviu a senhora Rotokov gritar—. Maldito mucoso! Maldito, maldito mucoso! —gritou.

Lydia mordeu o lábio, temendo que um dos meninos estivesse em perigo. Não podia permitir que isso ocorresse. Supostamente não conhecia a existência dos meninos, mas, se a senhora Rotokov pensava fazer mal a um

deles, não podia ficar de braços cruzados.

— Tranque-os! —ouviu que ordenava a senhora Rotokov—. Tranque-os e destrua essa malda lupa!

Então escutou uma coisa que lhe deu o que pensar.

— O professor não deve se inteirar disto—ordenou a senhora Rotokov a um criado desconhecido—. Se descobrir que os meninos destruíram um de seus livros enquanto supostamente os estava vigiando, matará a todos.

Em seguida se iniciou uma atividade frenética. A senhora Rotokov ordenou a uma criada que fosse a cidade para comprar uma alfombra nova que servisse para substituir a anterior, que havia sido devorada pelas chamas. Os criados abriram todas as janelas para arejar a casa e limparam até a última gota de água que havia derramado nos três pisos das escadarias. O professor tinha previsto regressar esta mesma tarde, e ninguém devia mencionar o fogo.

Quando o sol se pôs, Lydia abandonou o quarto e saiu da casa apressadamente. Estava tensa e nervosa, e desejava nunca ter ouvido falar do xarope calmante da senhorita Winslow. Estava a quatro dias sem tomar nenhuma só gota, mas cada vez lhe resultava mais difícil conservar a cordura.

Saudou Lars ao aproximar-se do portão e deslizou entre as barras de ferro para dar um passeio entre as árvores. O ruído da seiva caindo nos baldes soava estranhamente alto aquela noite. Mas pior era o gemido das árvores. Estariam se lamentando pela perda da seiva? Ou será que estava começando a imaginar coisas? Lydia sentiu que não estava só, como se os vigias do professor a estivessem vigiando por trás das árvores.

O que havia ocorrido hoje acentuava a necessidade de tirar os meninos da casa. Lydia havia escutado o suficiente para averiguar que Jack Fontaine havia ateado fogo em um livro velho em uma vã tentativa de escapar. Uma das criadas disse que, se tudo aquilo tivesse ocorrido quando o professor estava em casa, o mais provável era que teria espancado o menino até matá-lo.

Haviam passado seis dias desde que chegou a mansão. Lydia havia ganhado tempo copiando o manuscrito a passo de tartaruga, mas não podia demorar muito mais. Desejava que seu plano para encontrar-se com Bane funcionasse, porque uma coisa era certa: se não conseguisse o manual de tradução para o dia seguinte, o professor descobriria que era uma impostora.

O plano para esconder o episódio do professor funcionou. Van Bracken havia regressado a mansão a noite anterior e havia retomado sua rotina como

sempre, enquanto Lydia sabia que toda a criadagem seguia aterrorizada. Se o professor descobrisse um leve cheiro de queimado ou o livro que faltava, teria que ser hoje.

Lydia e o resto do pessoal se reuniu na cozinha para comer. A senhora Garfield serviu umas tigelas de delicioso ensopado de Brunswick e manteve uma conversa artificialmente animada sobre a temporada de xarope de bordo. A senhora Rotokov e seu filho Boris comiam em rigoroso silêncio, mas Lars era muito falador e participou da conversa, dizendo que algumas árvores eram bastante grandes para adicionar um segundo balde.

— Adoro o cheiro da temporada de xarope — disse a senhora Garfield—. Toda a floresta cheira como uma loja de guloseimas!

A senhora Rotokov não parecia muito impressionada.

—Boris, este ano ajudará Lars a sangrar as árvores. Este mês, o professor tem pensado em levar Raymond, a Filadélfia e Nova York.

Boris deixou cair a colher.

—Outra vez? Por que tenho que ficar preso no meio do nada enquanto Raymond viaja a toda parte?

Falava como uma criança mimada, se é que podia confundir um homem de cento e vinte quilos com uma criança. Boris seguiu protestando sobre a injustiça na divisão das tarefas enquanto a senhora Rotokov permanecia imóvel. Só quando Boris ameaçou reclamar com o professor, a mulher reagiu.

— Já basta! — Exclamou furiosa.

Lydia arregalou os olhos. A senhora Rotokov estava falando em russo! Lydia procurou não levantar a cabeça nem olhá-la, recordando a advertência de Bane: não devia revelar que sabia mais idiomas além do inglês e do grego. Sabia que aqueles que trocavam de idioma diante dos demais faziam porque não queriam que os entendessem. A voz da senhora Rotokov se endureceu enquanto seguia falando com Boris em russo.

— O professor tem sido muito amável preocupando-se com nosso bem estar. Você e eu somos os únicos serventes que poderiam acompanha-lo se tivesse que fugir desta casa. Somos os únicos em quem confia de verdade, e tem tudo preparado em caso de emergência. Uma nova casa aonde ir. Horários de trem. Novas identidades para ti e para mim. Todos os documentos estão preparados para o momento que necessitarmos. Deveria sentir-se agradecido de que tenha te escolhido para acompanha-lo. Não a Raymond. Nem a Lars. Você!

Lydia conteve a respiração. Então o professor tinha um plano de fuga. Estava se preparando para estabelecer-se em outra parte, esse era exatamente o tipo de informação que Bane precisava saber. Se pudesse encontrar esses documentos, Bane poderia averiguar a localização de seu novo refúgio.

Boris acabou cedendo.

—Está bem, está bem —disse de má vontade. Então voltou a falar em inglês—. Deixarei de queixar-me. Mas sigo pensando que é injusto que tenha que estar sempre trancado nesta casa.

Se fez um incômodo silêncio. Finalmente, a senhora Garfield o interrompeu perguntando a Lydia se essa noite lhe apetecia uma deliciosa torta de maçã de sobremesa.

— Seria estupendo— disse Lydia.

—O que seria estupendo — interveio a senhora Rotokov— é terminar sua tradução. Está demorando muito em acabar uma tarefa tão simples. Quanto antes saia desta casa, melhor.

O professor parecia compartilhar a mesma opinião da senhora Rotokov sobre seus progressos. Quando foi visitá-la aquela tarde, suas sobrancelhas esboçaram um gesto de desaprovação ao ver a copia cuidadosamente escrita que havia preparado.

— Esperava ver algum progresso com o texto original — disse—. Qualquer escriba poderia ter preparado uma copia em muito menos tempo. Um dia ou dois, no máximo. Não entendo por que não terminou a copia depois de uma semana de trabalhos.

Lydia se levantou para enfrentá-lo, desejando que o terror que corria por suas veias não resultasse evidente.

—A tinta se desprendeu e manchou a vitela em outras partes. Tudo isso dificulta a interpretação — disse—. Cada frase requer uma análise e uma conclusão minuciosa para não introduzir erros na copia.

Lydia conteve a respiração, desejando que sua explicação funcionasse. O professor franziu o canto dos lábios, mas assentiu bruscamente.

—Muito bem—disse com tom cético—. Mas, a partir de amanhã, terá que começar a tradução a partir do texto que copiou. Terá tempo de sobra para terminar a copia quando tiver avançado um pouco.

Lydia sentiu um tombo no coração. Se Bane não viesse vê-la essa mesma noite, já não teria nenhuma desculpa.

Lydia se pegou olhando a primeira linha do manuscrito. Havia um total de quatro palavras que podia reconhecer: *Pérsia*, *mar*, *céu* e *gelo*. Se tivesse as tabelas de tradução, poderia decifrar a frase em questão de minutos. Sem elas, só podia fazer conjecturas. Haviam passado duas horas desde que o professor lhe havia feito uma visita, e desde então estava tensa e nervosa. Tentou concentrar-se em decifrar o início do manuscrito, mas sua mente não parava de divagar. Que faria se Bane não viesse vê-la essa mesma noite? Talvez um gole do xarope a ajudasse a concentrar-se. Lydia se perguntou quantas milhas de floresta rodeavam a casa. Realmente seriam trinta e seis milhas, como havia dito Lars? Mesmo se não fosse tanto, não podia escapar. Isso implicava abandonar os meninos e não estava disposta. O único filho varão do almirante Fontaine se encontrava em algum lugar da casa, e não podia suportar a ideia de deixá-lo a mercê do professor.

Um ruído no telhado a distraiu de seus pensamentos. Certamente seriam os esquilos. Se aproximava a primavera, e os animais estavam começando a despertarem. Tentou decifrar a segunda frase do manuscrito, mas neste momento ouviu umas pisadas no teto. Lydia se incorporou e inclinou o pescoço para olhar para cima, mas não conseguiu ver nada.

De repente, os rostos sorridentes de dois meninos tamparam a luz. Lydia deu um pulo. Os meninos começaram a rir e se afastaram da janela.

Não poderiam ir! Lydia se levantou e subiu na mesa, tentando alcançar a vidraça e chamá-los, mas seu braço não era longo o bastante. Apertando os dentes de frustação, saltou ao chão. Quando estava prestes a levantar a cadeira e subir encima da mesa, os meninos voltaram a aparecer. E desta vez estavam mexendo no mecanismo que trancava as duas vidraças da janela. Estavam tentando entrar!

Lydia colocou a cadeira sobre a mesa e subiu encima. Dali podia alcançar o trinco que mantinha a janela fechada. Com um giro do punho levantou o gancho, e um dos meninos abriu a janela do lado de fora.

— Olá! Aqui faz muito frio. Podemos entrar?

Lydia não pôde reprimir um sorriso. Desceu da cadeira e estava a ponto de ajudá-los a descer, mas um dos meninos já estava descendo da janela e o outro não estava longe.

Não podia acreditar que estava uma semana inteira buscando aqueles meninos, e que agora estavam pulando de uma claraboia para vê-la. Os três ficaram em pé encima da mesa, olhando-se como tontos.

— Cuidado com o manuscrito! —gritou Lydia.

O frágil documento estava somente há uns centímetros de um dos garotos, mas ele se desviou com desenvoltura e saltou ao chão. Como se fosse um autêntico cavalheiro, lhe ofereceu a mão para lhe ajudar a descer.

—Me chamo Jack Fontaine — Disse—. Você é a prometida do professor?

Lydia esteve a ponto de engasgar-se.

—Por todos os santos, não! Só estou traduzindo este manuscrito.

Lydia deu a volta e ajudou o outro garoto a descer.

— E você deve ser Dennis Webster — disse.

—Como sabe o meu nome? —perguntou o menino com cara de surpresa. Jack a observou com a mesma curiosidade.

Não havia tempo a perder.

— O almirante Fontaine me enviou aqui para ajudá-los a escapar.

Os dois ficaram estupefatos, mas Lydia prosseguiu: —Tenho um amigo lá fora que está organizando um plano para resgatá-los, mas antes tenho que saber aonde colocaram vocês.

—Conhece a ala da mansão que aponta para a ala oeste? —perguntou Dennis.

Lydia assentiu.

—Há três lareiras nessa área. Nossos quartos estão na planta de cima, justo debaixo da lareira dupla.

—Vocês tem alguma regra concreta? —perguntou—. Algo que seja proibido fazer?

—Quando anoitece temos que ficar dentro de casa —disse Dennis —. Nunca nos deixam ir à ala norte. E sempre que vem um visitante temos que ficar trancados no quarto que há no terceiro piso da torre.

— E que acontece durante o dia? Podem andar livremente?

Dennis assentiu.

—O professor nos disse que podemos ir aonde queremos, sempre que permanecermos no interior da propriedade. Podemos ir pescar e subir nas árvores. Mas não acho que pensaram que Jack ia andar pelo telhado.

— Levo vários dias procurando você —disse Jack—. A via passear pela noite, e sempre me perguntava onde estaria durante o dia. Imaginei que se alojaria na ala norte, mas olhei em quase todas as janelas e não encontrei nem rastro de você. Hoje decidimos olhar pelas claraboias, e, olha só, aqui está você.

—Sim, aqui estou — disse Lydia. Sua mente tentava encontrar outras

maneiras de comunicar-se com os meninos, posto que as visitas pela claraboia não eram seguras.

— E a biblioteca do salão? —perguntou Lydia—. Os deixam usá-la?

—Durante o dia, sim — confirmou Dennis—. Desde que não queimemos nada— concluiu, olhando para Jack.

Lydia não tinha nenhum interesse em fazer o papel de árbitro entre os dois.

—Eu posso usar a biblioteca pela tarde. Podemos nos comunicar deixando notas dentro de um livro. — Fechou os olhos e tentou pensar em um volume que o professor não utilizava—. Há uma enciclopédia na estante inferior da livraria— disse. Havia visto uma fina capa de pó encima dos livros, e o mais provável é que fosse seguro—. Por que não escolhe um tema que podem se lembrar facilmente e deixem ali uma nota?

—Boston— disse Jack—. Eu sou de Boston, então não vou esquecer.

—Muito bem, que seja Boston— disse Lydia—. Esta noite espero encontrar-me com meu amigo, e ele terá um plano para tirá-los daqui. Deixarei uma nota dentro da enciclopédia, na entrada de Boston. Olharei nessa mesma entrada no caso de que precisem se comunicar comigo.

—Parece fácil —disse Dennis.

—Quando podemos escapar? —perguntou Jack—. Não penso ficar três anos esperando como Dennis. Quero sair dessa casa agora. Esta noite.

Se tentasse escapar com os meninos, os cachorros alertariam Lars antes que conseguissem chegar a porta. Bane lhe havia dito que a fuga levaria semanas, não dias. Estava tentando pensar como dizer a Jack que tivesse paciência quando escutou uns passos na escada do vestíbulo.

— O professor se aproxima —sussurrou.

Sem duvidar nem por um momento, os meninos subiram na mesa, mas quando Dennis se pôs em pé na cadeira, resultou que era um pouco baixo para alcançar a claraboia. Lydia subiu na mesa e, com uma força que não acreditava possuir, agarrou o garoto pela cintura e o levantou para que pudesse segurar-se com as mãos o marco da janela. Tanto ela como Jack lhe empurraram para que pudesse sair.

—Agora sua vez Jack —sussurrou Lydia.

Os passos do professor iam se aproximando cada vez mais. Lydia levantou um pouco o menino e Dennis o puxou para cima. As pernas de Jack seguiam penduradas na janela quando Lydia desceu da mesa de um salto, colocou a cadeira em seu lugar e sentou-se. Justo quando os pés de Jack se

perdiam de vista, a porta da sala se abriu. Não havia tido tempo de fechar a janela, e ambos os painéis permaneciam abertos no teto da sala.

— Como vai, querida? Fez muitos progressos? —perguntou o professor assim que entrou.

Seus dedos tremiam enquanto organizava as páginas na mesa. Lydia deslizou o inicio de sua patética tradução sob umas páginas em branco.

—Estava terminando a copia —disse.

—Já vejo. Há muita corrente aqui, não acha? —perguntou o professor.

Lydia sentiu um tombo no coração ao ver que seus olhos se dirigiam ao teto e viam a janela aberta. O professor franziu a testa e empalideceu.

—Quem lhe deu permissão para abrir a janela?

Lydia mal podia mexer a boca para pronunciar as palavras.

—Eu... eu... pensei que não seria um problema — gaguejou—. Pensei que não viria mal um pouco de ar fresco e...

—Pois não volte a ter esses pensamentos no futuro. — A voz do professor soou como um látego—. Mandei construir esta sala para proteger meus preciosos manuscritos dos elementos. Tomei toda classe de precauções contra o fogo, as inundações ou os danos relacionados com a temperatura. Mas todas essas precauções não servem de nada se você abre a janela.

O professor não esperou sua resposta. Subiu na mesa e fechou ambos os painéis com um só golpe. Ainda parecia alterado enquanto descia da mesa.

—No futuro, espero não ter que repetir que deve manter a janela fechada todo o tempo. Está claro, Lydia?

—Sim, senhor.

—Me alegro. Amanhã virei ver sua tradução. Não me decepcione mais uma vez —Disse friamente.

O sol começou a esconder-se uma hora depois. Estava demasiado escuro para seguir trabalhando. Lydia abandonou a sala tremendo de nervosismo. A menos que Bane recordasse seu hábito de passear as noites de lua cheia, o resto de sua estadia na mansão seria muito curta. E, sem o manual de tradução que a ajudasse a traduzir o documento, talvez muito perigosa.

Com a confiança abalada e os nervos fora de controle, Lydia regressou a seu dormitório e tomou um longo gole do xarope da senhorita Winslow.

# Capítulo 28



Lydia adentrou na noite de lua cheia, agarrando sua cálida bússola e rezando para que o instinto de Bane funcionasse e soubesse como encontrá-la. A lua brilhava com força iluminando a agulha frágil e trêmula da bússola, que não deixava de sinalar para o norte. Seguiria caminhando até encontrá-lo. Por alguma razão, sabia que Bane adivinharia seu plano.

Não podia permitir-se pensar de outra maneira.

Lydia seguiu avançando a passo regular, olhando alternativamente a bússola e os espessos arbustos que estavam aos seus pés.

Seu medo ia aumentando a cada passo. Não havia neve no chão. No passado bastava seguir suas pegadas na neve para voltar para casa, mas essa noite não podia fazer isso. Poderia confiar em sua bússola para guiá-la de volta para a floresta? Havia percorrido uma milha inteira? Duas? Era difícil saber o quanto Bane se aproximaria da casa.

Parecia que estava caminhando uma eternidade, mas talvez essa sensação se devia ao esforço de olhar firmemente a bússola enquanto tentava não tropeçar com as árvores. As ásperas sarças se enganchavam em sua saia, atrapalhando sua caminhada. Cada vez que se agachava para tirá-las da barra da saia tinha que esperar que a agulha voltasse a apontar para o norte.

—Lydia.

O sussurro era tão suave que foi levado pelo ar noturno. Lydia levantou a cabeça. Ali estava Bane, olhando-a com um sorriso de alegria. Estendeu os braços para saudá-la.

Lydia sentiu que as forças lhe abandonavam e desabou no húmido chão da floresta. Sua cabeça dava voltas e temeu desmaiar.

No mesmo instante Bane estava ao seu lado, agachando-se e segurando-a nos braços.

— O que houve, Lydia? Está ferida? Diga-me o que precisa?

—Preciso de *ti*.

Sem soltar a bússola, Lydia lhe rodeou com os braços e enterrou o rosto

em seu ombro. Havia ficado sem forças, então se abandonou em seus braços e deixou que a embalasse como a um bebê. Com uma voz cheia de doçura, Bane lhe sussurrou ao ouvido: —Não se preocupe, Lydia. Estou aqui.

— Sabia que me encontraria. Sabia que estaria aqui.

Lydia notou que Bane esboçava um sorriso contra seu cabelo.

— Mas é claro que vim para buscá-la, pequena pagã. Te deixo só uma semana e já está rezando para a lua.

Uma fraca gargalhada brotou do mais profundo de seu corpo.

— Funcionou, verdade?

— Suponho que sim. E ainda te trouxe um presente.

Bane meteu a mão no bolso do casaco e tirou o fino manual de tradução.

Lhe deu vontade de levantar-se e pôr-se a saltar de alegria, mas estava muito confortável nos braços de Bane, que lhe sorria com todo o amor do mundo. Sem deixar de olhá-lo nos olhos, pegou o livro.

— Só um estúpido chamaria de presente um manual de tradução.

Bane lhe deu uma piscada.

— A próxima vez trarei um creme de almejas do Dragão Sorridente — disse.

Em seguida abaixou a cabeça cobriu sua boca em um beijo tão terno que Lydia não pôde evitar sorrir contra seus lábios. Depois apoiou a cabeça em seu peito e se limitou a ficar ali, descansando. Era maravilhoso e relaxante estar ali.

— Temos que falar — disse suavemente.

Por que aquele momento não podia durar para sempre? Lydia queria ficar em seus braços e deixar que a abraçasse e lhe fizesse rir até o amanhecer.

—Eu sei.

Bane a ajudou a levantar-se e a levou a um tronco caído. Ambos se sentaram com as mãos entrelaçadas.

— Viu os garotos? —Inquiriu Bane.

Lydia assentiu.

— Estão bem, entretanto não deixam de meter-se em confusão. Ao menos Jack. Dennis é muito obediente, mas Jack tem os dias contados, se seguir assim.

Lydia explicou o incidente do livro antigo. Bane a olhou horrorizado até que Lydia lhe explicou que o professor não sabia de nada.

— Os criados tem medo que ele descubra, por isso estão escondendo dele. Mas Jack não demorará em fazer outra travessura. Só é questão de

tempo.

Também lhe contou que os garotos haviam pulado da claraboia para lhe fazer uma visita.

— Isso é bom — disse Bane—. Significa que não estão muito assustados, o que é muito importante se quiser tirá-los daqui.

—E quando será isso? Quando irá fazê-lo?

Lydia desejou que seu desespero não resultasse demasiado evidente, mas não sabia quanto tempo poderia aguentar naquela fortaleza de gelo.

Bane levantou uma mão para silenciá-la.

—Preciso de informações antes de responder. Diga-me, quem vigia os garotos?

—Os meninos podem brincar ao ar livre, sempre que querem dentro dos limites do portão. Ao redor da propriedade há uns guardas vigiando as vinte e quatro horas do dia. Também há cachorros vigias. Afortunadamente, Lars é muito amável comigo e me deixa deslizar pelo portão todas as noites. Os criados do interior da casa vigiam os meninos durante o dia. O pior é um chamado Boris, que me lembra um chacal. Passa o dia rosnando e protestando.

Bane a escutava com um gesto de profunda concentração.

— Siga contando-me. Os horários? Onde dormem? Não omita nenhum detalhe, por insignificante que pareça.

Lydia lhe disse tudo o que sabia sobre os meninos, entretanto teve que admitir que o professor havia sido muito firme na hora de mantê-la exilada na ala norte da mansão. Depois de contar-lhe até o último detalhe que sabia, se manteve esperando. Bane permanecia imóvel processando a informação. O silêncio se prolongou durante tanto tempo que Lydia se virou para morder as unhas enquanto seguia refletindo.

Por fim Bane decidiu interromper aquele silêncio.

— Há alguém na casa que leia o jornal local?

A pergunta a pegou de surpresa, e Lydia se pegou pensando.

—Já vi a senhora Garfield utilizando jornais velhos para acender o fogo. Há um montão deles na cozinha do serviço.

— Pois comece a folheá-los — disse Bane—. O mês passado houve um surto de raiva próximo a Saint Albans. A imprensa deu ampla cobertura sobre o assunto. Tente encontrar algum desses artigos e os deixe a vista. Ou melhor, pergunte a senhora Garfield se ouviu falar de algum caso na região. Diga-lhe que há rumores que asseguram que o surto foi especialmente

contagioso este ano, e que a imprensa o confirma. Sugira que a raiva te dá muito medo.

Isso não seria difícil.

— É que *realmente* me dá muito medo.

Lydia lhe falou de uma menina do orfanato Crakken, que teve uma morte espantosa depois de ser mordida por um cachorro raivoso.

—Use essa história — disse Bane com tom implacável —. Preciso que plante a semente do pânico na casa.

— O que está tramando?

—Não estou totalmente seguro. Mas preciso de uma emergência que exija que os garotos saiam da casa com a plena colaboração dos empregados. E um surto de raiva poderia servir. — Comece a preparar o terreno alertando a todo mundo do surto de raiva em Saint Albans.

A medida que Lydia ia se dando conta do quão perigoso era o plano, um calafrio percorreu seu corpo, se de frio ou de medo, isso não sabia. Bane se incorporou e lhe ofereceu a mão para levantar-se.

—Está gelada. Amanhã pela noite me encontrarei contigo neste mesmo lugar para explicar-lhe o resto do plano.

Lydia assentiu, temendo a perspectiva de voltar a aquela terrível fortaleza. Bane pegou seu rosto entre as mãos e estudou seu rosto, como se quisesse memorizar cada um de seus traços. Seus polegares traçaram as linhas de suas sobrancelhas enquanto a olhava profundamente nos olhos.

— Tem estado tomando ópio — lhe disse.

Lydia afastou o olhar.

—Por que diz isso?

—Por que tem as pupilas contraídas como alfinetes.

Bane não moveu nem um músculo; se limitou a atravessá-la com seus severos olhos azuis.

—Vi a garrafa de xarope em teu quarto na pensão. Com que frequência o toma?

Lydia mordeu o lábio. Durante a semana mais difícil de sua vida, só havia fracassado duas vezes em sua tentativa de renunciar ao xarope, mas nem sequer isso se atrevia a confessá-lo.

Bane seguiu pressionando-a.

—Quando estávamos em Boston, me disse que só o tomava uma vez na semana.

Lydia olhou o chão.

—Mentir — sussurrou, detestando a fragilidade de sua voz no meio da floresta—. Quando tentei parar, me dei conta de que estava tomando-o quase todas as noites.

Não podia suportar a tristeza que refletiam os olhos de Bane, então se afastou dele e adentrou um pouco mais na floresta.

—Me sinto muito fraca. Ando assustada e sei o patético que é tomá-lo. Agora que está aqui e tenho o manual de tradução, me sairei muito melhor. Sei que posso deixá-lo — esboçou um frágil sorriso—. Quando está ao meu lado me sinto capaz de tudo. De escalar uma montanha, de chegar a lua...

Bane a olhos com um triste sorriso.

—De seguir Lewis e Clark até o oceano pacífico?

Lydia assentiu.

—Também.

Era verdade. A segurança de Bane era contagiosa e sempre que estava ao seu lado se sentia capaz de tudo.

Bane diminuiu a distância que os separava e estreitou suas mãos entre as suas. Com o rosto a tão somente uns centímetros dela, a olhou nos olhos.

—Preciso saber se você está bem— disse lentamente —. Não posso enviar-te de volta a mansão sabendo que pode desabar a qualquer momento. Não merece a dor.

— Lydia pensou nos meninos lhe sorrindo desde a claraboia. Nunca seria capaz de abandoná-los.

—Não vou desmoronar — disse—. Sei o que há de fazer e o farei.

Não lhe prometeu deixar de tomar o xarope da senhorita Winslow. Não podia fazê-lo. Mas aguentaria o que fosse necessário até que os meninos estivessem a salvo com sua família.

Agora que tinha as ferramentas necessárias, Lydia avançou rapidamente. Os dias que esteve copiando o texto lhe haviam servido para memorizar os caracteres facilitando a tradução. Em questão de uma hora conseguiu decifrar os dois primeiros parágrafos do texto.

Depois de uma hora de tradução, o professor veio para fazer-lhe uma visita inesperada. Ao ouvir seus passos característicos no vestíbulo, Lydia escondeu o manual de tradução debaixo de um monte de páginas em branco. Se o professor via o manual, descobriria que era uma impostora. Justo quando estava afastando a mão dos papéis a porta se abriu.

A imponente figura do professor apareceu no umbral.

— Não tem nada para mostrar-me esta manhã?

Lydia lhe estendeu a tradução.

—O autor sustenta que o calor do sol proporciona energia a lua.

Uma mescla de surpresa e prazer apareceu no rosto do professor quando lhe arrebatou a página, que sustentou como se fosse uma relíquia da mais remota antiguidade. Seu olhar percorreu a folha enquanto devorava as linhas traduzidas, movendo levemente os lábios enquanto lia.

Só demorou uns segundos em ler a passagem, mas, quando terminou, ofegava como se tivesse percorrido cinco milhas.

— É assombroso — sussurrou—. Durante mil anos, este documento permaneceu esquecido em um monastério. E agora sou a primeira pessoa que ler estas palavras imortais depois de quase um milênio.

Lydia ficou de boca aberta. Na verdade era ela a que havia lido primeiro, mas nem sequer se incomodou em corrigi-lo. O professor não deixava de dar voltas ao seu redor. Lydia se agarrou a seu assento, desejando que partisse. Sua maneira de escrutar a tradução era muito inquietante, mas o que disse a seguir lhe gelou o sangue.

— Você conhece um homem chamado Alexander Banebridge?

Lydia esteve a ponto de ficar sem respiração. O professor seguia dando voltas ao seu redor, então fez um esforço para manter a calma.

—Banebridge? Creio que não. É um dos guardas?

O professor puxou a única cadeira livre que restava na sala e a colocou diante dela. Em seguida sentou-se e a estudou desde o outro lado da mesa. Dali podia ver o manual de tradução. Lydia se acomodou em seu assento e empurrou simultaneamente os papéis para esconder ainda mais o livro.

—Não. Não é um dos meus guardas —disse o professor com muita parcimônia. Depois suspirou profundamente, como se o assunto fosse muito doloroso para ele—. Quando estive em Boston realizei algumas investigações e descobri que você trabalhou como tradutora em um estaleiro naval. — Lydia sentiu um aperto no peito—. Devo lhe felicitar por desempenhar um labor tão patriota — prosseguiu o professor—. No entanto, me chamou a atenção que seu antigo chefe, o almirante Fontaine, tenha amizade com Alexander Banebridge, que aparentemente é um visitante assíduo do estaleiro. —. Lydia tratou de conservar a calma ante o escrutínio do professor —Então vou lhe perguntar outra vez. Conhece Alexander Banebridge?

Reconhecê-lo equivalia ao suicídio. Lydia fingiu que estava pensando e em seguida se limitou a dizer: — Há duas mil pessoas trabalhando no

estaleiro. Eu só conheço a uma pequena parte. Não me recordo de nenhum homem chamado Banebridge.

O professor se levantou. Parecia satisfeito com sua resposta. Antes de dirigir-se a porta, pousou uma mão em seu ombro.

—Muito bem, Lydia. Por favor, continue com seu trabalho.

Depois que o professor saiu, o coração seguiu golpeando o peito durante vários minutos. Era evidente que suspeitava dela. Por que, se não, se daria ao trabalho de investigar o estaleiro, buscando uma relação entre ela e Bane?

Esperou um momento até que seu coração recuperasse seu ritmo normal. As suspeitas do professor a empurraram a abandonar a casa o mais rápido possível, mas para isso teria que começar a semear as sementes do terror ante um surto de raiva. Lydia abriu a porta e olhou a ambos os lados do corredor, antes de aventurar-se fora da sala e descer ao vestíbulo.

A senhora Garfield a olhou com expressão supressa.

—Desceu muito cedo — disse, lançando um olhar ao relógio que pendurava encima da parede—. Não a esperava até dentro de duas horas.

— Eu sei, mas estou faminta. Há algo para comer?

O rosto da cozinheira se contraiu em um gesto de indecisão.

—O professor é muito estrito com o horário das refeições de seus convidados.

Era evidente que estava preocupada ante a possível aparição dos meninos, os quais, supostamente, Lydia não sabia nada.

—Só são dez horas — disse Lydia, enquanto se sentava no banco que havia diante da mesa—. Posso comer algo e sair em uns minutos — disse com um sorriso.

—Suponho que tem razão— disse a senhora Garfield, enquanto começava a cortar um pedaço de pão.

Os olhos de Lydia percorreram a cozinha e pousaram em uma pilha de jornais que descansavam junto a parede. Lydia se levantou e começou a inspecionar a pilha.

— Deve se sentir muito isolada, no meio do nada — disse, examinando cada página rapidamente antes de passar a seguinte.

A senhora Garfield sorriu.

—Suponho que meu destino é a cozinha, não importa onde trabalhe — disse—. Uma vez trabalhei em uma serraria nos arredores de Burlington, onde cozinhava para sessenta homens. E me sentia tão isolada quanto aqui.

Lydia assentiu educadamente enquanto a cozinheira recordava seus dias

na serraria, mas sua atenção não deixava de verificar as manchetes enquanto examinava o *Gazeta de Vermont* em busca de alguma menção a raiva.

Então a encontrou.

—Santo Deus —exclamou, levando a mão a garganta.

A senhora Garfield deixou cair a faca.

—O que houve querida?

—Um surto de raiva! O jornal diz que houve um caso de raiva em uma granja próxima de Saint Albans. —Lydia deu um rápido olhar ao artigo. Em seguida olhou a data na parte superior do jornal —. E só faz uma semana! Um homem e seu filho foram mordidos por um cachorro de caça que estava infectado de raiva. Ambos foram transferidos a Burlington para receber tratamento, mas há muito poucas chances de que sobrevivam.

Nem precisou fingir que estava horrorizada.

— No lugar onde cresci havia uma menina que contraiu a raiva pela mordida de um cachorro —disse —. Ali os cuidados médicos eram escassos, e lhe administraram ópio para baixar a febre. Passou uma semana antes que um médico pudesse fazer um diagnóstico corretamente, e para então já era demasiado muito tarde. Tiveram que levá-la antes de morrer.

A senhora Garfield se sentou em um banco.

—Você acha que poderiam tê-la salvado se tivessem avisado antes o médico?

Lydia assentiu.

— Tem que agir muito rápido. Do contrário pode ser fatal. — Voltou a examinar o artigo —. Aqui diz que um médico francês chamado Louis Pasteur desenvolveu uma vacina contra a raiva, mas que deve ser administrada no máximo um dia depois da infecção. Diz que tem que tratar as feridas aplicando ventosas. —Lydia levantou a cabeça—. Você sabe como funciona isso?

A cozinheira parecia tão confusa quanto ela. Lydia voltou a olhar o jornal.

—O artigo diz que, se aplicar o tratamento de forma imediata, há uns cinquenta por cento de possibilidade de que a pessoa desenvolva e doença. — Lydia dobrou o jornal para que o artigo ficasse bem a vista—. Temos que informar a Lars e ao resto dos empregados —disse. Então teve um momento de repentina inspiração—. Talvez devessem trancar os cachorros até que passe o surto.

Se o plano de Bane implicava aproximar-se da propriedade, o melhor

seria que aqueles cachorros não causassem nenhum problema.

A senhora Garfield se levantou e seguiu preparando o sanduiche.

—Deixe o jornal aí, e eu me assegurarei de que todos os empregados o veja. Se ocorresse algo de ruim nesta casa, não poderia me perdoar.

A mulher colocou o sanduiche em um prato e o empurrou sobre a mesa até Lydia.

—Não se preocupe — disse Lydia—. Comerei e sairei daqui em um instante.

O primeiro sinal da aproximação do trem foi a vibração da plataforma de madeira em que Bane estava esperando, dentro da estação de Burlington. A pequena vibração foi se intensificando até convertesse em um estrondo, e duas mil toneladas de ferro e aço entraram bramando na estação, em meio de uma nuvem de fumaça e vapor. Pouco depois o vapor se dissipou, as portas se abriram e o almirante Fontaine pôs os pés na plataforma.

Bane não se surpreendeu que Eric fosse o primeiro homem a descer do trem. Desde que seu filho havia sido sequestrado, não parava de pressioná-lo para que colocasse em prática seu plano de resgate. Assim era como Eric havia feito toda sua vida.

Mas Bane tinha outro estilo. Quando uma pessoa enfrenta um escorpião, só tem uma oportunidade de atacar. Primeiro deve examinar o terreno, manipular as condições e fugir com sua presa antes que o escorpião se dê conta. E isso levava tempo.

Eric lhe estendeu a mão para que a apertasse, o que o surpreendeu, tendo em conta os estragos que havia causado em sua vida.

— Vamos a algum lugar onde possamos falar —disse Bane.

Escolheu um banco no meio de uma praça pública. Com as árvores sem folhas e o clima desagradável de março, não havia nem uma só alma a vista. Eric não demorou em compreender o plano e o que se esperava dele.

—O professor sai da mansão às segundas-feiras pela noite e não volta até quinta-feira. Aí está nossa oportunidade para resgatar os garotos. Todos os criados temem o professor, portanto, a única maneira de que deixem os reféns saírem é o medo de que se encontrem em uma situação de extremo perigo.

Bane lhe falou da casa do médico, situada a umas trinta milhas da mansão. Nas proximidades de uma cidade rural, aquele era o melhor lugar para afastar os garotos dos lacaios do professor. Bane já havia conseguido subornar o Doutor McKlusky, um médico jovem e humilde que acabava de

começar a exercer a profissão, para que cooperasse com seu plano. Sua casa dispunha de um só quarto no segundo piso, onde um número de guardas contratados lhe ajudariam a resgatar os garotos das pessoas que os levariam para receber tratamento contra a suposta mordida de um animal raivoso.

—Disponho de um contato no interior da mansão que está ajudando a preparar o terreno semeando o pânico ante um possível surto de raiva. Quando os garotos voltarem a casa reclamando da mordida de um guaxinim selvagem, o mais certo é que os empregados se apressem em levá-los ao médico para submetê-los a um tratamento.

— Quem é a pessoa que está no interior da casa? —perguntou Eric—. É de confiança?

Bane sabia que não tinha sentido em fugir da pergunta. Eric acabaria se inteirando de todas as formas.

—Lydia Pallas. O professor a contratou para fazer um trabalho de tradução.

A transformação que ocorreu no rosto do almirante teria assustado qualquer um.

—Está me dizendo que enviou uma jovem inocente para fazer seu trabalho sujo?

Suas palavras ofenderam Bane porque eram verdadeiras, mas esta vez quis devolver o golpe.

—Você a colocou na rua sem referências.

Eric se levantou e começou a andar ao redor do banco, com as costas rígidas e os punhos apertados.

—Não posso ficar sentado aqui nesse maldito banco sabendo que envolveu uma mulher para resgatar meu filho. Tenho que fazer alguma coisa. Tem que ser eu que assuma essa responsabilidade.

—Esqueça-o. Lydia assumiu a responsabilidade.

Eric se virou. Seus olhos brilhavam de fúria.

—Só tem vinte e quatro anos. É uma *menina*!

Havia moças como Lydia fazendo tarefas próprias de um guerreiro desde os tempos bíblicos. Sua tarefa não exigia força física. Exigia inteligência, uma vontade de ferro e muita sensatez. Lydia possuía tudo isso, e o fato de que Eric insinuasse que não estava à altura das circunstâncias ofendia muito a Bane.

—Lydia é forte como uma rocha —disse—. Dentro de dois dias colocaremos em andamento o plano de resgate, e logo poderá recuperar seu

filho.

Todos tinham os nervos à flor da pele. Bane sabia que, se não conseguisse tirar Lydia e os garotos da casa nos próximos dias, o mais provável era que não poderiam aguentar por muito tempo.

# Capítulo 29



Lydia se envolveu em sua capa enquanto se aproximava do portão de ferro. Lars saiu da cabana do guarda, com um rifle em uma mão e um farol na outra.

— Vai dar um passeio outra vez? A senhora Garfield disse que há um surto de raiva nos arredores.

Não podia diminuir a importância da situação, mas tinha que se encontrar com Bane.

—Estou o dia todo em uma sala sem janelas, debruçada sobre um manuscrito com as letras do tamanho de um grão de arroz. Se não se afastar do meu caminho, sou capaz de arrancar-lhe o rifle da mão e bater na sua cabeça com ele.

Lars empalideceu.

—Hum... De acordo, Lydia. Adiante.

Lydia deslizou pelo portão e adentrou na espessa floresta que rodeava a propriedade, com os nervos tão tensos como a pele de um tambor. Esperava que aquela sensação de angústia fosse diminuindo agora que ia se encontrar com Bane. As árvores emitiam um espantoso e fraco gemido, como se estivesse cochichando entre elas e espiando-a. Se Bane não conseguisse tirá-la logo dali, seu único destino possível seria um manicômio.

Suas mãos tremiam enquanto sustentava a bússola, fazendo com que a agulha oscilasse cada vez mais, mas, assim que viu a figura de Bane a distância, toda sua angústia desapareceu. Lydia guardou a bússola no bolso e começou a correr até ele, mas Bane diminuiu a distância entre eles com alguns passos e a recebeu com os braços abertos.

—Sentir muito a sua falta — murmurou contra sua garganta.

Durante vários minutos se limitaram a ficarem abraçados. Era como se a força de Bane conseguisse restaurar seu equilíbrio. Sempre, *sempre* que estava com ele se deixava contagiar por sua segurança.

Finalmente, Bane a soltou e começou a contar-lhe seu plano de resgate.

— Tem que dizer aos garotos que devem encontrar-se comigo na despensa na terça-feira, depois do café da manhã e antes do almoço. Vou fazer umas feridas neles para que pareça que foram atacados por um guaxinim raivoso. Os garotos voltarão para casa gritando. Procure estar presente. Insista em levá-los ao médico de imediato. Insista para acompanhá-los na carruagem. Diz que vai cuidar das feridas durante o trajeto. O melhor será tirar-te da mansão junto com eles.

—E se não me deixarem acompanhá-los?

Bane franziu os lábios.

—Faça o que puder, mas procure não arruinar o plano dando a impressão de que está desejando partir. — Lydia assentiu. Bane estendeu a mão para lhe acariciar uma bochecha—. Se não conseguir sair com os garotos, essa mesma noite virei buscar-te —lhe disse—. Nos encontraremos aqui mesmo, e eu terei um cavalo preparado para fugir. Não terá que ver este lugar nunca mais.

Bane passou a explicar o resto do plano.

— O Doutor McKlusky insistirá em levar os garotos a Burlington para que recebam tratamento. McKlusky contará com a ajuda de vários homens, que se assegurarão de que os lacaios do professor não possam reagir. Só arrestaremos os guardas do professor se você conseguir sair da casa. Do contrário, corremos o risco de exporte como a espiã infiltrada.

Lydia fechou os olhos e se apoiou em Bane em busca de consolo. Só tinha que aguentar um pouco mais e o pesadelo terminaria. Mas quem a estaria esperando quando regressasse a Boston? Abriu os olhos e se afastou dele para lhe olhar nos olhos.

—E o que acontecerá então? — perguntou.

—Quando?

Lydia tratou de reprimir a sensação de pânico ao dar-se conta do que acontecerá quando ela e os meninos estiverem longe da mansão.

— Depois de resgatar os meninos, o que acontecerá conosco? Pensa desaparecer outra vez?

A angustia escureceu o rosto de Bane, que cravou o olhar no chão.

—Nada mudará. Não voltarei a ver-te.

Lydia sentiu as pernas fraquejarem, mas Bane prosseguiu: —O professor se limitará a fugir e ressurgirá em outra parte. Se ficar sabendo o quanto significa para mim, te sequestrará e te trancará em algum lugar remoto do qual nada saberei. Envelhecerá isolada enquanto o professor trata de assegurar-se que me comporte muito bem. Não posso arriscar-me a isso. E

muito menos contigo.

—E por que não põe fim em tudo isso de uma vez? —perguntou Lydia—. Por que deixa que te manipule dessa maneira?

— Como Lydia? Quando resgatarmos os garotos o professor se inteirará do que aconteceu e fugirá de Vermont. Começará de novo com uma nova identidade, em uma nova localização que terá escolhido previamente. Demorarei anos em voltar a localizá-lo.

Nem sequer se atrevia a olhá-la nos olhos. Seguia olhando fixamente a distância. Lydia tinha um nó na garganta e mal podia falar.

—Se soubesse o quanto te amo e quão profundos são meus sentimentos, nunca seria capaz de partir.

— Eu sei, Lydia. Por isso não permitirei que leve esse tipo de vida. —Um triste sorriso se desenhou em seus lábios—. Olhe-te. Tem sombras debaixo dos olhos e tuas mãos estão tremendo. Sei *exatamente* o que anda fazendo para acalmar tua ansiedade, e isso está me destroçando.

Lydia fez um esforço para manter a cabeça erguida.

—Não tomei nem uma gota de xarope desde a última vez que te vi.

Bane observou suas mãos.

— E por isso está tremendo como uma folha. Esse é o resultado da abstinência, Lydia. Neste país há milhares de crianças inocentes que estão tomando esse xarope porque seus pais não sabem como tranquilizá-los. E porque há monstros como o professor disposto a enriquecer com isso. E *eu* sou responsável por tê-lo ajudado. *Eu* sou o responsável pelo que você passou nesse orfanato e pelo que *ainda* segue passando.

Bane fechou os olhos e respirou profundamente. Quando voltou a olhá-la, sua cara estava pálida.

—Não penso abandonar minha cruzada —disse tranquilamente—. Desde o momento que consegui salvar minha alma, jurei que esse seria meu dever. Jurei que nunca teria a liberdade de levar uma vida normal. Essa é a penitência pelo que fiz.

Lydia lhe pegou pelos ombros e lhe sacudiu.

—Que Deus é esse que exige uma penitência semelhante? Não penso renunciar a ti. Não penso renunciar ao futuro que poderemos ter juntos.

Como podia ficar tão tranquilo depois de partir-lhe o coração? Bane a obrigou a soltá-lo e deu um passo atrás.

—Quero que deixe uma nota aos garotos dizendo-lhes que se encontrem comigo na despensa na terça-feira pela manhã.

Seu rosto era inexpressivo; seu tom, formal. Bane estava excluindo-a de sua vida mais uma vez, fechando a porta e retomando sua atitude distante e reservada. Lydia era bastante perspicaz para saber que não conseguiria nada atacando seu Deus ou seus motivos. Bane e ela davam o melhor de si mesmos quando estavam lutando por um objetivo comum. Cedo ou tarde, ele se daria conta.

—Estarei preparada —disse.

O interior da despensa era frio e incômodo, mas também era o lugar mais seguro para encontrar-se com os meninos. Protegida por uma cortina de árvores frondosas, a despensa ficava longe o bastante das cabanas para que Bane não temesse ser descoberto. Não havia janelas no pequeno galpão de pedra, que estava completamente inutilizado nessa época do ano. Meses antes, alguém havia cortado uns blocos de gelo e os havia coberto de serragem para protegê-los durante os meses de verão.

Lars tinha trancado os cachorros desde que Lydia espalhou a notícia sobre o surto de raiva, então Bane não teve dificuldade para entrar na despensa um pouco antes do amanhecer. Mas havia passado muito tempo desde então. Agora, seus dedos estavam entumecidos pelo frio. Além disso, estava entediado, sem nada para fazer além de olhar a caixa de parafusos que descansava a seus pés enquanto esperava sentado em um balde ao lado da porta. Esperava que os garotos fossem tão valentes como Lydia dizia, porque as feridas que ia fazer neles tinham que ser tão reais como se realmente as tivesse feito um guaxinim raivoso.

Quando escutou uns passos, se incorporou em silêncio e se encostou a parede, ao lado da porta. O trinco girou e a porta se abriu emitindo um rangido.

—Aqui não há ninguém —disse uma voz infantil cheia de desespero.

—Está seguro? Vamos esperar dentro.

Dois garotos entraram na despensa e começaram a olhar por todas as partes, incluindo o teto. Bane emergiu das sombras. Ao vê-lo, ambos deram um pulo.

—Você veio—exclamou Jack.

—Shhhh! —lhe advertiu Bane em voz baixa—. Há mais alguém aí fora?

Jack negou com a cabeça.

— Se não for por obrigação, ninguém sai da casa com esse frio.

—Melhor.

Bane se apresentou a Dennis, que parecia tão disposto para escapar como Jack. Em seguida se agachou para ficar na mesma altura dos garotos enquanto lhes explicava seu plano. Lhes indicou como deveriam reagir, a quem deveriam pedir ajuda e o que deviam fazer se os criados se negassem a levá-los ao médico. Obrigou a cada um deles a repetir o plano duas vezes antes de ficar satisfeito. Finalmente pousou ambas as mãos no ombro de Jack.

—Está seguro de que quer seguir adiante? —lhe perguntou—. Diga-me a verdade, Jack. Se não é capaz, pensarei em outra coisa.

O menino que temia o oceano e não queria decepcionar seu pai adotou uma atitude de um general em uma batalha.

—Estou preparado —respondeu, com brilho nos olhos. Dennis parecia igualmente disposto.

Bane assentiu.

—Então vamos pôr mãos à obra.

Lydia estava trabalhando na tradução quando um grito interrompeu o silencio. Aquela era a senha combinada.

Saiu correndo da sala e escutou uns gritos histéricos no piso de baixo.

—Meu Deus! Meu Deus! —exclamou a senhora Garfield.

Lydia correu para a cozinha junto ao resto dos criados. Ali viu os meninos aconchegados em um banco. Ambos estavam chorando e tinham o rosto sulcado de lágrimas. Sua roupa estava manchada de sangue.

—Foi um guaxinim — gemeu Dennis—. Não fizemos nada para incomodá-lo, mas veio direto até nós. Eu tentei escapar, mas tropecei e o animal me pegou.

Suas palavras eram interrompidas por novas ondas de lágrimas. Lydia franziu a testa preocupada. Estavam sentindo dor de verdade? As feridas eram terríveis, e as lágrimas pareciam reais.

A senhora Garfield se sentou em uma cadeira e começou a abanar-se com o avental. Lars deve ter notado o alvoroço, porque havia seguido os meninos ao interior da casa.

—Um guaxinim em pleno dia? —perguntou—. Que raro.

—Não é nada raro —se lamentou a senhora Garfield—. Há um surto de raiva na região. Pobres crianças. Que podemos fazer?

Lydia encostou-se à porta da cozinha, ficando parcialmente escondida. Dali podia observar como se desenrolava a cena. As instruções de Bane eram muito precisas. Não podia interferir a menos que os criados se negassem a

levar os meninos ao médico.

—Não creio que há cura para a raiva —disse Lars—. Ou para um guaxinim louco. Talvez melhorem.

A senhora Garfield sacudiu a cabeça.

—Não, há um tratamento. O vi outro dia no jornal. Havia um artigo que falava de uma vacina.

A mulher se levantou e começou a procurar na pilha de jornais que havia ao lado da parede.

—Santo Deus, espero que não tenhamos o queimado. Onde está Lydia? Ela o encontrou.

Os olhos de Boris se pousaram nela.

—Se pode saber o que está fazendo aqui? Volte para a sala de trabalho agora mesmo.

Lydia entrou na cozinha.

—Mas esses meninos precisam de ajuda.

Boris parecia furioso o bastante para golpeá-la, mas Lydia se manteve firme.

—São apenas crianças dos arredores. Não tem com que preocupar-se. E agora saia daqui.

Boris avançou até ela e a empurrou, mas a senhora Garfield o deteve.

—Lydia! Que dizia o jornal sobre o tratamento contra a raiva? Olhe estas pobres crianças...

Lydia se libertou das mãos de Boris.

—Há uma vacina, mas tem que tomá-la imediatamente. Em questão de horas. Do contrário, pode ser fatal.

A senhora Garfield estava aterrorizada. Não parava de dar voltas pela cozinha e retorcer um pano entre as mãos.

—O artigo dizia alguma coisa sobre o tratamento. Você se lembra?

O pânico se refletia nos olhos da cozinheira, e Lydia decidiu fomentá-lo um pouco mais.

—Dizia que a única esperança é ir ao médico o quanto antes —disse—. Se a enfermidade for tratada imediatamente, há esperança de sobreviver. Não há nenhuma razão pela qual estes meninos não possam salvar-se, mas tem que apressar-se.

Lars se mexeu incômodo.

—Se lhes acontecer algo de mal, o professor nos matará.

Ao escutar suas palavras, uma das criadas escondeu o rosto no avental e

começou a chorar. Boris fulminou Lydia com os olhos.

—Você e seus estúpidos tratamentos. Saia daqui agora mesmo.

Boris tentou tirá-la da cozinha, mas Lydia se esquivou.

—Deveriam levá-los ao médico o quanto antes —insistiu.

—Poderia sair e procurar um —propôs Lars—. O Doutor McKlusky vive há apenas algumas horas daqui. Poderia trazê-lo antes do anoitecer.

—Será muito tarde! —exclamou Lydia—. Tem que levá-los ao médico imediatamente. Do contrário morrerão, e então *todos* terão que explicar ao professor como puderam deixar duas crianças morrerem dentro de sua propriedade. —Havia chegado o momento de insistir. Lydia olhou a senhora Garfield, que se assustou ainda mais—. Que faziam as crianças lá fora? Você sabia que havia um surto de raiva na região. Como pôde ser tão imprudente?

A senhora Garfield retorceu as mãos indecisa.

—Não quero estar nesta casa se acontecer algo a estes meninos —disse.

Lars empalideceu. Era evidente que também temia a reação do professor.

Jack levantou a cabeça.

—Se eu morrer de raiva, meu pai vai ficar muito zangado. Ele está no comando da Marinha e se assegurará que paguem muito caro.

Lars não precisou escutar mais nada.

—Os levarei ao Doutor McKlusky para receberem um tratamento —disse —. Depois de receberem a vacina os trarei direto para casa. Levarei Boris comigo e alguns mais para assegurarmos que não haja nenhum problema. Antes do amanhecer poderão estar de volta aos seus quartos. O professor nunca saberá o que aconteceu.

A criada levantou a cabeça do avental, contendo a respiração, enquanto a senhora Garfield se debatia entre as diferentes possibilidades. Por muito amável que parecia a primeira vista, aquela mulher parecia mais preocupada em salvar a própria pele do que com os meninos. Lydia decidiu que não teria piedade dela. Se aproximou da senhora Garfield e baixou a voz para que ninguém pudesse escutá-la: —Quando esses meninos desenvolverem a doença, demorarão semanas para morrer. Será capaz de cuidar deles quando perderem a consciência e começarem a se retorcer de dor, sabendo que seu medo do professor deixou que a raiva adentrar-se em seus corpos e devorasse seus cérebros? Ainda está em tempo de levá-los ao médico e dar-lhes uma oportunidade de salvar-se.

Um gesto de resolução apareceu no rosto da cozinheira.

—Lars prepare a carruagem. E avisa a senhora Rotokov. Estou segura de

que quererá acompanhá-los.

Lydia experimentou uma sensação de triunfo. O plano estava funcionando! Os meninos iam escapar daquela prisão gótica e reencontrar-se com seus pais. Lydia se armou de coragem e olhou a senhora Garfield.

—Posso ir com eles? Poderia cuidar de suas feridas no trajeto.

Boris a agarrou pelo braço e a levou arrastada ao vestíbulo.

—O único lugar aonde vai é para seu quarto. —disse.

O homem a arrastou pelo corredor e depois pelas escadas, apertando seu braço e empurrando-a tão depressa que Lydia acabou tropeçando com os degraus. Quando chegaram a seu quarto, ameaçou esfolá-la viva se se atrevesse a pôr os pés na cozinha antes do almoço.

Com o ruído da porta ainda ressoando em seus ouvidos, Lydia correu até a janela. Dali pôde ver Lars tirando a carruagem. A senhora Garfield guiou os meninos ao interior do veículo e abotoou seus casacos com impaciência. Lars desceu da carruagem e os ajudou a subir na parte de trás. Boris estava a ponto de subir também quando apareceu a sombria figura da senhora Rotokov. Seu corpo estava tenso de raiva enquanto se aproximava do grupo. A mulher começou a discutir com Boris, mas Lydia não podia ouvi-la desde a janela.

Por fim, a senhora Rotokov pareceu tomar uma decisão e subiu ao assento dianteiro. Ao vê-la, Lydia experimentou uma profunda sensação de alívio. Lars fechou a porta da carruagem com um golpe e saltou ao assento dianteiro do cocheiro, ao lado da senhora Rotokov. Quando Boris terminou de subir na carruagem, Lars açulou os cavalos, levando os meninos para longe daquela prisão.

Lydia apoiou a testa no vidro da janela, sentindo-se mais só do que nunca.

# Capítulo 30



Quando a carruagem atravessou o portão de ferro, Lydia se pôs em ação. Com o professor fora de casa e Boris a caminho do médico, era livre para revistar a casa. A senhora Rotokov havia mencionado a existência de um plano de fuga, onde estava a localização da nova casa e suas novas identidades. Agora tinha a oportunidade de encontrá-los.

Tanto o médico como os homens do almirante insistiriam em levar as crianças ao hospital. Com os meninos fora de seu controle e livres para falar com as autoridades, a senhora Rotokov se daria conta do perigo que corria o professor de ficar exposto. Então correria a mansão para pôr em prática o plano de fuga.

Bane a havia assegurado que, a menos que escapasse com os meninos, os homens do almirante tinham ordem de protegê-la a todo custo. Não podiam alertar os lacaios do professor, porque Lydia ficaria exposta como espiã e sua vida correria perigo.

A não ser que pudessem encontrar esses papéis e frustrar a fuga do professor. Esses papéis eram a chave para libertar Bane do insuportável limbo onde se encontrava.

Lydia subiu diretamente ao escritório particular do professor. A sala possuía uma mesa simples, alguns arquivos e uma estante cheia de livros até o teto.

Decidiu começar pela mesa. As gavetas acabaram sendo uma decepção. Só continha artigos de papelaria, utensílios de escrita e uma caixa de rapé. Os arquivos estavam abarrotados de papéis e pastas. Lydia foleou as páginas, buscando o endereço de sua nova casa ou um horário de trens para fugir do Estado. Nada.

Quando entardeceu e estava demasiado escuro para continuar, Lydia acendeu uma lâmpada. Se sentiu diminuta ao contemplar os milhares de livros que cobriam as paredes dede o chão até o teto. Colocar o plano de fuga dentro de um livro era um bom esconderijo, mas examinar cada volume seria

como buscar uma agulha no palheiro. Depois de colocar a lâmpada encima da mesa, decidiu abordar a estante inferior.

Ao fim de duas horas, Lydia tinha as mãos cobertas de pó e começou a pensar que sua busca era inútil. De vez em quando caía um pedaço de papel de algum livro, mas não continha nada de comprometedor. Só um recibo de compra ou uma nota que resumia o conteúdo do livro. Não podia deixar de procurar, mas quando alcançou a escada para abordar a outra estante, o desespero começou a apoderar-se dela. Nem sequer sabia o que estava procurando. Duas horas mais tarde havia olhado todos os livros sem encontrar nada. Além disso, Bane estaria esperando-a. Já era meia-noite e começaria a preocupar-se se não a via aparecer logo.

Bane escolheu um velho sicômoro de ramos estendidos e subiu nele para contemplar a propriedade.

Lydia chegava tarde. Até agora, o plano havia funcionado perfeitamente. Eric havia se reunido com seu filho e já havia localizado o pai de Dennis em Nova York. Os lacaios do professor sabiam que não poderiam impedir que o médico enviasse os meninos ao hospital e, aparentemente, partiram da casa sem suspeitar de Lydia. Afinal, o plano havia sido executado sem problema, e não havia razões para suspeitar dela. Nenhum dos criados sabia que havia mantido contado com os garotos.

Agora, a única coisa que restava por fazer era tirar Lydia da casa e levá-la a um lugar seguro. Bane havia amarrado seu cavalo a uma árvore a menos de uma milha dali. O barranco era demasiado profundo para que o animal pudesse atravessá-lo com tão pouca luz. Em questão de minutos, Lydia e ele estariam longe daquela fortaleza e suas sombrias lembranças.

Depois a acompanharia a Boston para que começasse uma nova vida. A levaria a um médico que a ajudaria a superar seu vício em ópio e ficaria com ela até que o veneno tivesse desaparecido de seu corpo.

E então sairia de sua vida. Não podia suportar a ideia de vê-la apaixonada por outro homem e esperando um filho seu. Porque estava seguro de que assim seria. Lydia era muito forte para desistir e deixar-se atormentar por velhas lembranças. Era uma lutadora nata.

Bane aproximou uns binóculos dos olhos e por fim a divisou correndo entre as árvores. Com uma profunda sensação de alívio, desceu dos galhos e correu até ela. Quando a alcançou, a apertou nos braços e girou com ela pela floresta. Ali estava, sã e salva. Que outra mulher no mundo teria sido capaz

de um ato de valentia como esse?

— Meu cavalo está do outro lado do barranco. Vamos sair daqui.

—Não penso partir.

Talvez não tivesse ouvido bem. Bane a agarrou pela mão e começou a puxá-la em direção ao barranco, mas Lydia se negava a mover-se.

—Não penso partir, Bane. Agora tenho a oportunidade de encontrar o plano de fuga do professor. Assim saberemos aonde pretende fugir.

Bane virou-se para olhar seu rosto. O que viu nele lhe gelou o sangue. Seus lábios trêmulos haviam perdido a cor. Lydia estava em plena crise de abstinência e isso era muito perigoso.

—Não —se apressou a dizer—. Não cometa uma estupidez.

—Sinto muito, mas tenho que fazê-lo.

Bane segurou seu rosto entre as mãos.

—Lydia! Neste momento não pode pensar com claridade. Está tremendo, e tua pele está acinzentada. Não acredita que pode voltar a essa masmorra e encontrar uma maneira de acabar com o professor. Isso é impossível. E menos no estado em que te encontra.

Lydia lhe agarrou pelos pulsos.

—Escute-me! Se conseguir descobrir a localização de sua próxima casa, as autoridades poderiam ir procurá-lo. Dê-me um pouco de tempo e a encontrarei.

Lydia estava sendo muito valente, mas sua voz soava fraca. Estava esgotada, e era evidente que não aguentaria muito mais sem assistência médica.

—Não posso permitir que volte —disse Bane—. Se fizer isso morrerá.

—Não está entendendo? —perguntou Lydia, sua voz refletia uma curiosa mescla de entusiasmo e desespero —. Se o professor morre ou vá ao cárcere, poderá ter uma vida normal. *Nós dois* poderemos ter uma vida normal. Bane, somos uma equipe. Somos mais fortes juntos que quando estamos separados.

Era muito doloroso ver o brilho de esperança sem eu olhar.

—Lydia, isso não é mais que uma fantasia.

Lydia lhe agarrou os ombros e o sacudiu.

—Bane! Olhe o que conseguimos juntos! Alguma vez esteve tão perto de derrotar o professor como neste momento?

A ira escurecia seu rosto. De repente lhe soltou com tanto ímpeto que Bane esteve a ponto de perder o equilíbrio.

—Que fez até agora para lutar contra esse homem, fora ter lhe enviado

amapolas? Eu quero matar o dragão e libertar o mundo de seu veneno. Você se limita a irritá-lo.

Mesmo que sua acusação fosse verdadeira, tinha que encontrar uma maneira de dissuadi-la. Não tinha forças para enviá-la de volta aquele ninho de serpentes. E menos ainda quando podiam estar em Boston antes do amanhecer.

—Talvez não exista uma prova escrita do lugar onde o professor pretende fugir.

Mas Lydia não quis mudar de opinião.

Lydia pegou suas mãos e as beijou com um brilho de desespero em seus olhos—. Bane somos uma equipe. Se conseguirmos derrotar o professor nada poderá nos deter! Juntos poderemos construir um mundo melhor, onde nenhuma criança será drogada. Poderemos nos amar livremente.

Bane sentiu que lhe partia o coração ao notar a debilidade de seu corpo e o tremor de seus dedos. Os efeitos da abstinência estavam devorando seu sistema nervoso, convertendo-a em uma mulher frágil e angustiada, mas ainda não haviam destruído suas esperanças no futuro. Como não amar uma mulher que estava disposta a suportar o que fosse para perseguir seus sonhos?

Bane a estreitou nos braços, notando sua magreza, amava aquela mulher com uma intensidade que lhe dava medo. Se Deus havia criado sua alma gêmea, a estava abraçando nesse preciso momento. Não podia abandoná-la e dizer-lhe que continuasse com sua vida sem ele. Se o professor se mudasse para uma nova casa, perderia a vantagem que tinha sobre ele. Era hora de acabar com o professor de uma vez por todas.

—Só mais um dia, Lydia. Se não encontrar esses papéis rapidamente, teremos que buscar outra solução. Não poderá aguentar muito mais.

Lydia negou com a cabeça.

—Bane, se está ao meu lado, me sinto capaz de pegar a lua no céu.

Bane a beijou apaixonadamente, perguntando-se como era possível que Deus lhe houvesse perdoado até o ponto de abençoá-lo com uma mulher como Lydia Pallas.

—Amanhã a noite virei te buscar —murmurou contra sua boca.

# Capítulo 31



Pela primeira vez, Lydia tirou proveito de sua insônia. Durante o resto da noite se dedicou a revistar a casa, olhando nas gavetas e debaixo das almofadas. Inspecionou atrás dos quadros que penduravam das paredes e meteu as mãos no fundo cheio de pó dos móveis. A dor de cabeça dificultava sua tarefa, sobre tudo quando se aproximou do dormitório do professor. Logicamente, aquele era o próximo local que deveria inspecionar, mas antes de entrar, uma sensação de repugnância percorreu todos os nervos de seu corpo e sua dor de cabeça se intensificou. Um gole do xarope lhe serviria para aliviar a dor, mas Lydia lembrou-se que só uma mulher fraca poderia sucumbir a um vício semelhante.

O dormitório do professor era surpreendentemente áspero. Não demorou muito em verificar as gavetas e inspecionar o armário. Lhe dava calafrios tocar sua cama, mas afastou cada uma das mantas, apertou os travesseiros e enfiou as mãos no colchão. Não havia nada.

A área de serviço era a única parte que lhe faltava revistar. Estava evitando-a toda a noite, mas restava menos de uma hora para amanhecer e a senhora Garfield já teria se levantado. E os demais logo a seguiriam. O quarto da senhora Rotokov se encontrava no meio do corredor destinado aos criados. Não tinha nenhuma desculpa se alguém a surpreendesse revistando o dormitório daquela mulher horrível. Depois de não encontrar nada nos demais quartos, o dormitório da senhora Rotokov era o único lugar lógico que faltava olhar.

A porta da senhora Garfield estava aberta. Lydia passou prendendo a respiração, rezando para que a cozinheira não tivesse regressado. Depois ficou em silencio no meio do corredor, prestando atenção aos demais quartos, mas não conseguiu ouvir nada. Esticando uma mão tremula, girou o frio trinco da senhora Rotokkov. Lydia sentiu um calafrio ao escutar o fraco rangido que emitia a porta enquanto deslizava ao interior do quarto.

O dormitório da senhora Rotokov era tão austero como ela. Sem perder

nem um minuto, Lydia levantou o colchão e olhou debaixo dos lençóis. Enfiou as mãos nos travesseiros. Levantou o travesseiro. Abriu cada uma das gavetas e buscou debaixo da cômoda. Estava ficando sem lugares onde olhar, mas tinha que se apressar. Se sentia enjoada de nervosismo, mas não podia perder nem um minuto. Observou as paredes, o teto... *a lareira*! A senhora Rotokov nunca se atrevia a acender um fogo dentro de casa.

Agachando-se um pouco, Lydia meteu a cabeça na abertura da lareira. No seu interior, o ar era frio e fresco, que nem no resto da casa. Fazia décadas que ninguém acendia a lareira. Suas mãos percorreram os ásperos ladrilhos do interior e seguiram subindo. Lydia experimentou uma sensação de triunfo ao notar que um envelope de papéis caia da lareira.

Com os dedos trêmulos, abriu o envelope. Dentro encontrou as escrituras de uma casa na Califórnia, um horário de trem e o inventário dos livros que havia que transportar. Lydia sentiu que sua vista nublava ao dar-se conta do que tinha entre as mãos. Aquelas folhas eram a chave para libertar Bane.

Sem perder mais tempo, dobrou as páginas e as escondeu em seu corpete. Justo quando seus dedos estavam tocando o trinco, se ouviu um alvoroço no primeiro piso.

— Todo mundo aqui! —gritou Boris do vestíbulo—. Levantem-se todos! Depressa!

O pessoal que dormia nos quartos da ala ao lado começou a despertar. Se não saísse do quarto nesse mesmo momento, a descobririam! Girando o ruidoso trinco o mais silenciosamente que pôde, Lydia se aventurou ao corredor contendo a respiração enquanto passava pela porta de cada uma das criadas. Conseguiu chegar ao último degrau do segundo piso justo a tempo para dar a volta e fingir que saia da ala norte. Nesse momento, as demais criadas começaram a sair de seus quartos.

—O que está acontecendo? —Perguntou uma delas, cobrindo-se com uma manta Assim como as demais, a jovem estava despenteada e vestia um camisão.

Lydia se dirigiu a galeria que dava ao vestíbulo e viu Boris.

—Descobriram o professor! —exclamou este com voz trovejante—. À noite fomos a Boston para avisá-lo de que não volte. Nos ordenou que voltássemos aqui para embalar seus livros e fechar a casa. Vão. Dentro de três minutos nos reuniremos na cozinha.

Lydia estremeceu ao ver que seu olhar se pousava nela, percorrendo sua figura completamente vestida e seu cabelo recolhido.

—Você também —grunhiu —. Desça agora mesmo.

Boris a observou com a testa franzida enquanto descia cuidadosamente as escadas. Sua cabeça parecia que ia explodir, mas não podia desmaiar. Os papéis estavam rígidos em seu corpete, e Lydia conteve a respiração para não rangerem. Assim que colocou os pés no chão de ardósia, Boris a agarrou pela mão e a puxou. Lydia emitiu um grito afogado ao sentir a dor que percorria seu corpo.

—Do que se queixa? —rosnou Boris. Seus gritos só serviam para piorar sua dor de cabeça—. Só tem que ir a cozinha e tomar o café da manhã.

A senhora Rotokov a esperava na cozinha. Enquanto, a senhora Garfield estava preparando uma enorme tigela de mingau.

—Você! —exclamou a senhora Rotokov—. Se pode saber de onde conhece o Doutor McKusky?

Lydia abriu a boca para responder, mas havia ficado sem palavras. A senhora Garfield encheu uma xícara de chá e a deslizou sobre a mesa.

—Aqui, querida. Dentro de uns minutos estará pronto o mingau.

Lydia rodeou a xícara com os dedos, tomou um bom gole de chá para ganhar tempo, e voltou a colocar a xícara na mesa. A ira da senhora Rotokov podia sentir-se no ar. Lydia clareou a garganta antes de responder.

—Não conheço nenhum Doutor McKlusky —disse.

O que era certo. Nunca havia visto esse homem.

Lydia bebeu um pouco mais de chá para escapar do olhar glacial da governanta. Enquanto, os demais criados começaram a descer. Os seis guardas, as quatro criadas e os dois jardineiros não demoraram em reunir-se na cozinha.

Boris foi o encarregado de dar as ordens.

—Lars nos trará caixas vazias. As mulheres podem começar a embalar os livros do primeiro piso. Eu me encarregarei de supervisionar o transporte dos livros da ala norte. A meia-noite quero que estejam guardados todos os livros desta casa. Enquanto a *você* — disse, atravessando Lydia com o olhar—, será melhor que suba ao seu quarto agora mesmo e saia do caminho.

Quando Lydia se levantou, lhe doía tanto a cabeça que pensou que ia explodir. Não podia suportar a dor por mais tempo. Quando subisse ao seu quarto tomaria um gole do xarope da senhorita Winslow. Era impossível seguir adiante com o crânio a ponto de partir-se em dois. Conteve a respiração enquanto subia as escadas, tratando de pressionar os papéis que levava no corpete. Em menos de um minuto estava em seu quarto, segurando

a suave garrafa do xarope na mão. Seus dedos tremiam enquanto destampava a rolha e tomava um longo gole de xarope. Até seu sabor parecia tranquilizá-la. O líquido desceu por sua garganta, aliviando a tensão de seu corpo.

Voltou a colocar a garrafa na cômoda. Ao fazê-lo notou que seu pente estava ligeiramente virado para a escova de dentes. Nenhum deles estava perfeitamente alinhado com a borda da mesa. Ela nunca os havia deixado nessa posição. Não importava o quão cansada e distraída estivesse, sempre colocava seus pertences em uma ordem rigorosa.

Uma nova onda de tremores se apoderou dela. Precisava sentar-se. Fazendo um esforço, conseguiu chegar até a cadeira da escrivaninha antes que os joelhos começassem a falhar-lhe. Quem havia estado bisbilhotando seu quarto? Teria Boris ou a senhora Rotokov entrado antes dela descer a cozinha?

Precisava tranquilizar-se e pensar em um plano, e talvez descansar uns minutos. Seria mais fácil pensar depois de dormir um pouco. Tudo resultava tão confuso... Talvez pudesse limitar-se a apoiar a cabeça e descansar um pouco. A escrivaninha resultava suave e fria em sua bochecha quando apoiou a cabeça. Sempre que os professores do orfanato queriam descansar, diziam as crianças que apoiassem a cabeça na mesa, assim como Lydia estava fazendo agora. Curiosamente, as crianças sempre obedeciam sem reclamar.

Abriu os olhos. Não era curioso, porque essas crianças estavam *drogadas*. Igual a ela. E não só era o xarope da senhorita Winslow. A única coisa que havia tomado essa manhã foram uns goles de chá. Lydia conhecia os efeitos do xarope, mas este era diferente. Havia algo estranho nesse chá.

Tinha que sair dessa casa. Todos suspeitavam dela, e, quando a senhora Rotokov descobrisse que os documentos haviam desaparecidos, ordenará desmontar a casa pedaço a pedaço... começando por seu dormitório. Tinha que sair da mansão e chegar ao lugar onde havia se encontrado com Bane. E tinha que fazê-lo agora, aproveitando que a casa estava sumida no caos e os criados estavam distraídos embalando os livros. Poderia esperar escondida na floresta.

Fez um esforço para levantar-se, mas estava tão enjoada que teve que sentar-se outra vez. Não sabia o que tinha aquele chá, mas, fosse o que fosse, estava chegando a sua corrente sanguínea e arrebatando-lhe as forças. Não podia permitir isso. A chave para libertar Bane estava naqueles papéis. Tinha que tirá-los da casa de qualquer jeito. Apoiando-se a parede, conseguiu chegar a porta, em seguida se apoiou no corrimão com as mãos e desceu as

escadas de serviço até chegar ao primeiro piso. O ruído dos martelos e dos livros carregava o ar enquanto as criadas percorriam a casa como abelhas no interior de uma colmeia. Ninguém prestava atenção a nada que não fosse a tarefa de embalar os livros.

Uma rajada de ar frio a ajudou a despertar enquanto saia pela porta de trás. Lydia olhou suas costas. Ninguém a estava vigiando. Poderia escapar da casa livremente.

Não havia percorrido nem metade do caminho que a separava do portão de ferro quando supôs que não conseguira chegar. As bordas dos objetos eram cada vez mais borradas, e suas pernas se dobravam ao caminhar. Lydia tropeçou e caiu no chão coberto de barro. Depois de três tentativas conseguiu ficar em pé.

Tinha que esconder os papéis antes de desmaiar. Lewis e Clark haviam conseguido chegar ao oceano Pacífico; ela também encontraria a maneira de percorrer os cem metros que a separavam da despensa. Plantou um pé diante do outro com a vista cravada na pequena construção de pedra, que ia se aproximando a cada passo.

A porta da despensa estava caída e o cheiro de serragem e cerrado a oprimiu ao entrar. O interior da construção estava cheio de blocos de gelo que lhe chegavam a altura do peito, cobertos por uma capa de serragem. Outra capa de serragem dividia os blocos. Poderia limitar-se a esconder os papéis na serragem?

Tentou introduzir a ponta do dedo na serragem, mas o gelo pesava muito. Em seguida tentou levantar o bloco superior, mas não se moveu nem um milímetro. Enquanto se perguntava como faziam para tirar o gelo da despensa, divisou umas pinças, um martelo e uma lima metálica que descansava contra a parede. Lydia exalou um suspiro de alívio e meteu a lima na serragem. A borda afiada da ferramenta deslizou limpamente na capa de serragem, e dessa maneira pôde abrir a greta menor. Precisou de uma série de manobras, mas ao final conseguiu deslizar os documentos dentro da capa de serragem. Em seguida meteu um pouco de serragem solto na área afetada para cobrir os papéis.

O esforço a havia ajudado a despertar. Cambaleando levemente, saiu da despensa e sacudiu a serragem da roupa. Pode ser que, depois de tudo, conseguisse chegar ao portão e ao lugar do encontro. Se conseguisse chegar ao lugar onde havia marcado com Bane, não importava que caísse adormecida. A única coisa que tinha que fazer era seguir avançando.

—Lydia! —gritou Lars desde a escada da mansão.

Fingindo que não havia escutado, Lydia seguiu avançando até o portão. Não tinha forças para correr; só podia seguir avançando.

—Lydia espere —disse Lars, que não demorou em alcançá-la —. Posso saber o que está fazendo aqui?

— Só estava dando um passeio.

—Não parece bem.

— Não me elogie tanto, ou pensarei que está paquerando comigo. —disse Lydia. Sua energia havia desaparecido. Se sentia fraca como um gatinho.

—Só estou dizendo a verdade. —Lars pousou uma mão em sua testa—. A senhora Rotokov me disse que não se encontra bem e que tem que descansar. Você não parece nada bem, Lydia.

Lydia tentou esboçar um sorriso.

—Já está outra vez me elogiando.

Lars rodeou sua cintura com o braço e começou a arrastá-la em direção contrária. Lydia se sentia impotente contra sua força.

—Venha. Lhe levarei para casa. Será melhor que descanse um pouco.

Mas Lydia não queria voltar para casa. Se o fazia, acabaria adormecendo. Estaria inconsciente e indefesa, e Bane nunca poderia encontrá-la.

Tentou resistir buscando uma desculpa.

—Não quero que o professor me veja dormindo em pleno dia.

—O professor partiu —disse Lars—. E ouvir que não voltará mais. Tenho que levá-la para casa agora mesmo.

Qualquer coisa, menos isso. Alguém queria matá-la, mas, e se contasse a Lars, será que acreditaria nela? Talvez contasse a senhora Rotokov, e então todos saberiam que estava tentando escapar.

—Por favor, Lars —suplicou, enquanto este a arrastava até a casa—. Não quero me meter em problemas.

— Claro, e nem eu. Mas hoje não tenho tempo para cuidar de você. Há muito barulho na casa, então não leve a mal.

Não podia resistir a ele. Parte do caminho ia puxando-a e o outro, arrastando-a. A construção de granito nunca lhe havia parecido tão perturbadora como agora. Se voltasse para aquela casa, provavelmente não voltaria a sair.

Lars a levou para a senhora Garfield.

— Lydia está doente—, disse. — Acho que ela precisa se deitar um pouco.

A cozinheira pôs a mão em sua testa.

— Deus, tem razão. Vou lhe servir outra xícara de chá. Então vou colocá-la na cama e agasalhá-la bem.

Lydia tentou se esconder da senhora Garfield, que se aproximava dela com a mesma xícara de mais cedo.

— Obrigado, mas eu não sinto bem—, disse com uma voz fraca.

Mas tudo estava começando a escurecer. Estava flutuando, ou era Lars que estava segurando-a? Era cada vez mais difícil para ela manter os olhos abertos. Então, alguém pressionou o copo contra os lábios, forçando-a a engolir o líquido quente. Lydia tentou cuspir, mas a mão imensa e áspera de Lars cobriu a boca e a deteve. A partir de então, não conseguia lembrar-se de mais nada.

# Capítulo 32



Bane olhou entre os galhos secos para observar a casa, que estava cinza e silenciosa sob a luz da lua. Lydia estava há mais de duas horas atrasada.

Tinha sido uma estupidez mandá-la de volta à mansão em plena abstinência de ópio. Ao chegar em Boston, procuraria os melhores médicos do mundo para tratá-la. E então a converteria em sua esposa.

Não podia continuar fugindo dela. Desta vez, não. Era hora de parar de se punir pelos crimes que cometera. Tinha que haver outra maneira de compensar sua culpa, e Lydia poderia se tornar uma aliada perfeita em sua cruzada pessoal. Lydia lhe trouxe um amor e um otimismo desconhecido para ele, e Bane queria retribuir. Além disso, havia um profundo instinto nela em relação à fé que a empurrava para Deus. Bane queria acompanhá-la passo a passo em sua jornada, até que ela pudesse abraçar totalmente a fé. Juntos, eles seriam imbatíveis.

Ela tinha adormecido dentro da casa? A mansão tinha sido iluminada como uma árvore de Natal até bem depois da meia-noite, e Bane tinha visto os criados movimentando-se em seu interior Era evidente que o professor havia fugido, mas fazia mais de meia hora desde que a casa estava escura e ainda não havia sinal de Lydia. Bane lembrou-se de seus tremores e de suas pupilas contraídas e sabia que algo de ruim estava acontecendo com ela.

Lydia estava em perigo e ele era responsável por colocá-la nessa situação. Agora, seu dever era resgatá-la.

Ele enfiou a mão no alforje e tirou o revólver. Quando começasse a atirar nos cães de guarda, despertaria a casa toda, então era melhor se apressar. Bane esporeou o cavalo para os portões de ferro forjado que cercavam a mansão. Quando estava a cerca de cem metros do portão, ouviu os cães. Dois cachorros negros avançaram na neve, rosnando e mostrando os dentes. Quando chegaram à porta, apoiaram as pernas dianteiras nas barras. O cavalo fez um movimento para fugir, mas Bane o forçou para frente e encarou os cães de perto. Ele logo sentiu uma sensação de alívio.

— Juno? — sussurrou.

O cachorro respondeu com um leve uivo e a tensão entre seus ombros relaxou. Não via esses cães há anos, mas estava claro que eles também se lembravam dele.

Bane desmontou do cavalo para cumprimentá-los.

— Shhh... — sussurrou suavemente.

Os dois cães enfiaram seus focinhos entre as barras enquanto moviam suas caudas freneticamente. Bane se aproximou deles com cautela, estendendo a palma da mão para que eles pudessem cheirá-lo.

— Tranquilo, Juno. Bom menino, Marte. Você se lembra de mim? Sou seu velho amigo, Bane.

Bane conhecia esses cães desde que eram filhotes, quando brincava com eles e os mimava, sem saber que a amizade deles poderia ser útil no futuro. Quando eles começaram a emitir pequenos uivos, Bane colocou sua mão para que eles pudessem lamber seus dedos.

Depois amarrou o cavalo a uma árvore e preparou-se para subir na cerca.

— Comportem-se bem—, ele sussurrou, agarrando-se as pontas pontiagudas das barras.

Apesar da delicadeza com que saltou a cerca, os cachorros o cumprimentaram com uma rodada de grunhidos felizes enquanto saltavam ao redor dele.

— Shhh—, Bane sussurrou, tentando tranquilizá-los. — Sentem-se —, ele ordenou, desejando que alguém se preocupasse em educá-los.

Milagrosamente, ambos os cães afundaram na neve e olharam para ele com seus olhos escuros.

Assim que ele começou a se mover em direção a casa, a porta da cabine se abriu.

— O que está acontecendo aqui?

O cabelo pálido do jovem brilhava ao luar. Tinha que ser Lars, o guarda de quem Lydia falara. Era evidente que ele acabara de acordar. Seu casaco estava aberto e ele tinha um rifle na mão direita. Quando o viu, se assustou.

Bane apenas sorriu.

— Boa noite. Você é Lars? — perguntou em um tom amigável.

— Quem é você?

— Eu sou o marido de Lydia. Vim lhe surpreender pelo nosso aniversário.

Bane se aproximou dele e estendeu a mão.

— Lydia é casada? — Lars perguntou.

O jovem parecia desnorteado e ligeiramente confuso.

— Hoje faz três anos—, disse Bane com naturalidade, mantendo contato visual com o guarda, mas sem perder de vista o rifle, que estava pendurado ao lado do corpo.

Lars pareceu surpreso, um pouco confuso e envergonhado. Bane aproveitou para se mover em direção a ele enquanto continuava falando.

— Sempre que o nosso aniversário chega, eu gosto de fazer algo para surpreendê-la. Este ano pensei em convencer a cozinheira a preparar algumas panquecas de mirtilo para o café da manhã.

Estava agora a menos de um metro de Lars. Antes que ele pudesse reagir, Bane acertou-o na cabeça com a arma. O guarda caiu inconsciente na neve.

Bane entrou na cabine, procurando por algo que amarrasse seus pulsos. Sabendo que ele tinha pouco tempo, decidiu pegar um lençol e rasgá-lo em tiras. Dois minutos depois, ele tinha os pulsos de Lars bem amarrados e a boca amordaçada.

O guarda levaria vários minutos para recuperar a consciência, mas ainda *precisava se apressar*.

Bane correu para a mansão. O enorme edifício de pedra cinzenta surgiu diante dele como um pesadelo. Nunca pensara que voltaria a pisar naquela fortaleza, mas ainda assim subiu os degraus sem hesitar, deslizou para o lado da casa e procurou a janela mais fácil de quebrar. Usando a alça da pistola, golpeou a janela até que o vidro quebrou e caiu estrondosamente no chão. Então meteu a mão pela janela e a abriu.

Bane subiu as escadas que levavam à ala norte, onde, segundo Lydia, era seu quarto. Fazia anos desde que ele pusera os pés naquela casa, mas continuava lembrando-se de que as tábuas rangiam e que os degraus faziam barulho. Ele andou rapidamente pelo corredor, tentando manter a respiração calma e quieta. Quando encontrou o quarto, encostou a testa na porta, rezando para que Lydia estivesse em segurança. *Por favor*, *por favor*, implorou em silêncio.

Então abriu a porta, entrou silenciosamente no quarto e olhou para a figura imóvel deitada na cama. Prendendo a respiração, avançou um pouco mais. A batida de seu coração era o único som audível no meio do silêncio.

Era Lydia. Seu rosto estava pálido como giz, e círculos de carvão rodeavam seus olhos. Bane se ajoelhou ao seu lado.

— Lydia.

O sussurro atravessou o silêncio. Bane colocou a mão em seu ombro, com cuidado para não assustá-la. Então ele apertou a mão com mais força, mas Lydia não mostrou sinal de despertar.

— Lydia, acorde.

Depois de sacudi-la vigorosamente, Lydia seguia em um profundo estupor. Bane colocou os dedos na garganta dela. Sua pele estava fria e seu pulso estava muito fraco. Quando abriu a pálpebra, quase desmaiou. Isso não era apenas o efeito do ópio.

— O que eles fizeram com você?

Era inútil tentar acordá-la. Com cobertores e tudo, ele a pegou e a levou para fora do quarto. A cabeça de Lydia estava pendurada em seu braço e seu corpo não mostrava nenhum sinal de movimento.

Quando chegou às escadas, Bane viu o tremular de uma lâmpada se aproximando pelo corredor direito. Alguém estava acordado e andando pela casa. Bane se deteve de repente. Antes que pudesse deixar Lydia no chão e pegar sua arma, reconheceu a figura robusta da senhora Garfield na esquina.

A mulher recuou assustada e quase derrubou a lâmpada quando o viu.

—Alexander Banebridge! — exclamou.

— Olá, senhora Garfield—, disse Bane.

A velha cozinheira o havia criado e Bane sempre a manipulara com facilidade. Mas naquela noite não podia perder tempo com bajulação. A mulher estava completamente apavorada e a lisonja não era a melhor maneira de lidar com ela em um momento como aquele.

— O que está fazendo? — Perguntou a senhora Garfield, com uma mistura de medo e indignação.

— Quero levar Lydia a um lugar onde possam tratá-la.

Bane deu um passo à frente, mas a senhora Garfield levantou a lâmpada.

— Não se aproxime—, disse. — Se essa mulher conseguir escapar, o professor me matará.

A lamparina oscilou na mão da cozinheira, que tentava defender seu terreno frente a Bane.

— Foi isso que o professor lhe disse quando ordenou que você vigiasse Dennis Webster por três anos?

Bane deu um passo adiante, tomando cuidado para não assustar a mulher, mas disposto a não permitir que criasse coragem para que pedisse ajuda.

— Quantas crianças você manteve presas aqui só porque tinha medo do professor?

— Isso não é justo! Eu fiz todo o possível para tornar sua estadia na casa agradável. Você sabe perfeitamente que eu dei tudo para essas crianças.

— Você quer dizer fazer tortas?

A senhora Garfield ficou pálida.

— Não só isso! — protestou. — Tenho sido seu lenço de lágrimas, a pessoa em quem elas sempre poderiam confiar.

— Senhora Garfield, essas crianças precisavam do conforto da mãe, não seu.

Bane acomodou melhor o corpo de Lydia em seus braços. Sua cabeça ainda estava pendurada ao lado. Com que diabos eles a drogaram? Tinha que tirá-la de lá e levá-la ao médico antes que o veneno tomasse conta de seu corpo.

Bane avançou um pouco mais, mas a seenhora Garfield entrou em seu caminho.

— Leve-a para o quarto dela, Alex. Essa garota não vai sair desta casa. Eu não pretendo permitir isso.

— Tente ser razoável—, Bane disse calmamente. — Não faria mais sentido que temesse por sua alma em vez da raiva do professor?

Se a senhora Garfield continuasse a resistir, Lars poderia acordar e libertar-se de suas amarras. E então Lydia teria as horas contadas.

— Se não se virar e levá-la imediatamente ao seu quarto, eu chamarei Boris. E ele vai matar vocês dois.

Bane levantou uma sobrancelha.

— E isso a faria inocente de nosso assassinato? Só porque se manteve de lado enquanto Boris estava cometendo o ato? Senhora Garfield, você ficou de lado enquanto muitas crianças foram mantidas contra sua vontade. Lydia arriscou a vida para salvar duas delas. Agora eu quero que você me diga com o que eles a drogaram.

A senhora Garfield estava ficando cada vez mais nervosa. A lâmpada balançou em sua mão enquanto se debatia na indecisão. Bane parou de avançar. Antes de deixar esse manicômio, ele tinha que descobrir o que havia acontecido com Lydia.

A senhora Garfield bateu o pé no chão em frustração.

— Só coloquei algumas gotas de clorofórmio no chá. O suficiente para impedi-la de atrapalhar.

Bane olhou para ela horrorizado. O clorofórmio podia ser mortal.

— Vou levar Lydia ao médico, e quero que você feche os olhos enquanto

eu faço isso.

Apesar do frio, a senhora Garfield estava suando. Seu olhar percorreu o corredor e parou nas escadas que levavam ao andar superior, onde Boris tinha seu quarto.

— Nunca é tarde demais para a salvação—, disse Bane. — Você não é uma mulher má; só não tem forças para enfrentar o professor. Seja forte agora. Fique de lado e deixe-nos ir.

A cozinheira entrou em seu caminho.

— Não posso. Eu realmente não posso.

Bane acomodou o corpo de Lydia, sabendo que os próximos momentos seriam decisivos.

— Senhora Garfield, vire-se e volte para o seu quarto. Sua alma é muito mais importante que seu medo do professor. — Bane arriscou um sorriso que era surpreendentemente genuíno. — Tenho certeza que encontrará uma maneira de escapar dele. Faça algo de que você possa se orgulhar. Eu fui capaz de fugir do professor e posso ajudá-la a fazer o mesmo.

Naquele momento, Bane sabia que ele havia arruinado tudo. A senhora Garfield fechou os olhos e respirou fundo.

— Boris! — gritou com toda a força de seus pulmões. — Desça agora! Boris!

Bane acomodou o corpo de Lydia em seu ombro e bateu na lâmpada da senhora Garfield. A lâmpada bateu contra a parede e expeliu todo o querosene, incendiando os painéis de madeira e transformando-o em uma parede de fogo.

Bane se virou e correu para a porta da frente. O corpo de Lydia pendia de seu ombro como um peso morto. Atrás dele, a senhora Garfield gritava enquanto golpeava as chamas, mas essa mulher não era mais assunto seu. Tinha que escapar antes de todo o serviço acordar.

Bane saiu da casa e trocou a posição de Lydia para tirar a arma do estojo. Depois desceu os degraus até o caminho de cascalho, virou-se e disparou dois tiros contra as lâmpadas que piscavam nos dois lados da porta da frente. O querosene escorregou pela parede, que pegou fogo e serviu de alimento a uma chama alaranjada que iluminava o ar da noite.

Enquanto um brilho intenso tomava conta do céu, Bane entrou na noite com Lydia em seus braços.

# Capítulo 33



Lydia fez um esforço para abrir os olhos. Era mais fácil ficar aconchegada sob o cálido abrigo do sonho, mas tinha sede, lhe doía a cabeça e tinha que fazer uma coisa muito importante. Quando conseguiu abrir as pálpebras, seus olhos demoraram um momento para acostumar-se a luz, mas quando por fim o fizeram, não pôde reprimir uma exclamação de surpresa.

Estava em um palácio. Metros e metros de cortinas de seda caíam em dobras pesadas numa fileira de janelas do outro lado da sala. O teto estava coberto de esculturas de gesso branco e uma lâmpada de cristal pendia do centro. Quando se moveu, ficou surpresa com a facilidade com que seus membros deslizavam sob os cobertores. Seriam lençóis de seda?

— Bom dia, Bela Adormecida.

Lydia virou a cabeça para o outro lado da sala e viu Bane se levantando de uma cadeira. Bane colocou uma pilha de papéis sobre a mesa e se aproximou dela com um brilho de preocupação em seus olhos.

— Me sinto como se estivesse em Versalhes—, disse Lydia com a boca seca.

Bane sorriu e serviu-lhe um copo de água de uma jarra de vidro.

— Quase acerta, mas não. Você está em Cape Grace, na residência da família Fontaine.

Bane deslizou um braço sob seus ombros e levantou-a alguns centímetros no travesseiro para segurar o copo em sua boca. A água estava deliciosamente fresca.

Quando voltou a descansar nos lençóis de seda, Lydia olhou em volta. Seu olhar se recreou nos tons azuis suaves que decoravam o quarto e na fileira de janelas que davam para o oceano frio e tempestuoso. Uma perplexidade total nublou sua mente. Fez um esforço para lembrar como tinha chegado lá.

— Em *Cape Grace*? — perguntou. — Não é para onde os turistas ricos vão?

— Isso mesmo, mas a cidade está deserta nesta época do ano. Achamos que aqui você poderia desfrutar de um pouco de privacidade enquanto se recupera. Sua pensão não parecia apropriada.

Mas como havia chegado lá? E por que Bane estava olhando para ela com tanta cautela? Sua maneira de rondar em torno dela a fez pensar que algo poderia quebrar ou explodir a qualquer momento. Ela deve ter se machucado de alguma forma, porque sua cabeça doía como se estivesse sendo esmagada com um martelo, mas quando tocou o cabelo, não notou nenhum ferimento ou bandagem. Bane puxou uma cadeira para a cama e pegou suas mãos.

— Você esteve inconsciente por um tempo. Nós te trouxemos de trem há dois dias.

Pouco a pouco, as lembranças começaram a inundar sua mente. Esteve um tempo presa naquela mansão horrível de Vermont.

— O professor! Algo de ruim aconteceu comigo. Eu não conseguia me mexer.

Um gesto de tristeza apareceu no rosto de Bane.

— Eu sei.

— O que aconteceu? Eu queria ficar acordada para te encontrar, mas como acabei aqui?

Bane pôs um dedo em seus lábios.

— Basta que você saiba que a casa do professor pegou fogo, e que eu consegui tirar você de lá no meio da confusão. Já sabe quão obedientes são seus servos. Eu sabia que eles tinham ordens para salvar os livros em vez de nos perseguir. Foi uma fuga perfeita, meu amor.

Apesar de suas palavras, um senso de urgência continuou a atormentá-la. Tinha que se lembrar de algo muito importante, mas sua mente estava muito dispersa para pensar claramente. Estava fazendo alguma coisa quando adormeceu. Saiu da casa com uma missão...

— A despensa!

Naqueles últimos minutos, havia escondido os planos do professor na despensa. Essa era a chave para encontrá-lo e acabar com ele de uma vez por todas.

— Você sabe se a despensa foi queimada? O fogo se espalhou por lá?

Havia estado prestes a morrer para salvar esses papéis. Não podia suportar a ideia de que eles haviam sido pegos pelas chamas.

— A despensa? — Bane parecia alheio às suas preocupações. — Não acredito. O fogo não era muito grande. O suficiente para manter o serviço

ocupado enquanto fugíamos. Por que você está tão preocupado com a despensa?

— Eu encontrei os planos do professor! Eu sei aonde foi!

Isso serviu para atrair sua atenção. Bane levantou a cabeça e estava prestes a atravessá-la com os olhos.

— Conte-me tudo.

As lembranças vieram pouco a pouco para sua memória. Lydia contou-lhe sobre a propriedade do professor na Califórnia e sobre seu plano de transportar os livros de trem. Também disse a ele que, antes de adormecer, havia conseguido esconder os documentos entre blocos de gelo e cobri-los com serragem. Bane se levantou e começou a andar pelo quarto enquanto falava. Seu rosto estava tão concentrado que era assustador.

— Temos que voltar—, disse Lydia, levantando-se da cama. — Temos que voltar e recuperar esses documentos antes que eles os descubram.

Bane a empurrou de volta contra o travesseiro.

— Você não vai a lugar nenhum. Você não está em condições de viajar. Vou pensar em algum plano para recuperá-los.

Lydia queria discutir com ele, mas talvez ele estivesse certo. Talvez estivesse doente demais para viajar. Sua dor de cabeça era tão forte que escurecia sua visão.

— A verdade é que minha cabeça dói muito—, disse ela, sentindo falta do seu pequeno frasco azul.

— Eu sei. O médico me disse que quando você acordasse, sua cabeça doeria tanto que você iria querer arrancá-la dos ombros.

— Um médico me viu?

Lydia cobriu-se com os lençóis, sentindo-se aliviada ao ver que usava uma modesta camisola.

Bane assentiu.

— Dois médicos te medicaram. Um médico lhe examinou imediatamente depois de sair da casa e, em seguida, um especialista chegou a *Cape Grace*. Foi ele quem mencionou a dor de cabeça.

Lydia se sentiu exposta e nua quando descobriu o que havia acontecido ao seu redor enquanto estava inconsciente.

— Que tipo de especialista?

— Ele é um médico que trabalha com pessoas viciadas em ópio—, disse Bane suavemente. — O Doutor Tilden está morando conosco e continuará a fazê-lo até que esteja curada.

Lydia olhou para ele com olhos assustados. Ela se sentiu mais exposta do que nunca.

— Quem mais está morando aqui?

— O Almirante Fontaine, seus filhos, sua mãe, duas criadas e uma cozinheira. Ah, e o Doutor Tilden.

Lydia queria se cobrir com os lençóis e desaparecer.

— E todas essas pessoas pensam que eu sou viciada em ópio? — perguntou, levantando seu tom de voz. — Você contou ao almirante Fontaine que consumo ópio?

— Não tem que envergonhar-te—, Bane disse suavemente. — Depois do que você fez pelo seu filho, Eric está disposto a colocar o mundo aos seus pés. O Doutor Tilden é um especialista em dependência de ópio e irá ajudá-la a eliminar o veneno do seu corpo.

Suas palavras não serviram para aliviar sua humilhação. Lydia começou a torcer os lençóis para parar de tremer.

— Bane, não sei o que há de errado comigo, mas garanto que não tem nada a ver com o ópio. Quando estava em Vermont passei muitos dias sem tomá-lo. Só o consumia quando a situação era tão extrema que nenhuma pessoa racional poderia ter suportado.

Lydia o olhou diretamente nos olhos. Bane era provavelmente a única pessoa no mundo que conseguia entender o que significava ficar isolado naquela horrível mansão.

— Em circunstâncias normais, *não preciso disso*. — Sua voz tremia de raiva e lágrimas ameaçavam derramar-se de seus olhos. — E você tinha que dizer a todas essas pessoas que eu sou nada menos que uma viciada em ópio.

Sentou na cama. Sua cabeça doía tanto que mal conseguia se levantar, mas não ia deixar um pequeno aborrecimento impedi-la de fazer algo tão importante. Tinha que se vestir e mostrar ao Almirante Fontaine que ela era uma mulher perfeitamente saudável. Havia lutado arduamente para conquistar o respeito do Almirante, e agora Bane arruinara tudo. Colocou os pés no chão. Em vez de forçá-la de volta para a cama, Bane lhe deu outro copo de água.

— O médico disse que a primeira coisa que você tem que fazer é beber muito líquido. Vamos começar com isso.

Lydia concordou, não só para seguir as ordens do médico, mas porque estava com tanta sede que poderia beber uma jarra cheia. Bane continuou falando enquanto bebia.

— Lydia, está experimentando todos os sintomas característicos da abstinência: sede, dor de cabeça... Desde que acordou não parou de torcer os lençóis, e esse tipo de tensão vai te acompanhar pelo menos mais uma semana, até que seu sistema termine de eliminar a droga.

Lydia colocou o copo sobre a mesa e escondeu a cabeça entre as mãos, morrendo de vergonha. Sua dor de cabeça parecia despertar ao menor movimento. As pessoas que possuíam aquela casa viviam como a realeza, e ela era filha de um pescador; Havia sido criada em um barco e banhado no mar.

— Tenho que sair daqui—, disse com uma voz fina. — Não quero que o almirante me veja assim, e não tenho desejo de conhecer todas essas pessoas. Você poderia me ajudar a voltar para Boston, onde eu poderia me recuperar sem me sentir humilhada?

Por que não podia controlar o tremor em sua voz? Lydia ficou surpresa ao sentir uma lágrima escorrer pelo rosto. Limpou com a mão, desejando que Bane não tivesse notado.

O colchão afundou quando ele sentou ao seu lado e pegou sua mão.

— Lydia, você nunca foi chorona, mas esse é outro sintoma da abstinência. Planto, suscetibilidade...

Lydia estava tão zangada que não conseguia falar sem apertar os dentes.

— Você disse a todas aquelas pessoas que eu sou viciada em ópio. Isso *incomodaria* qualquer um. Eu quero voltar para Boston. Hoje.

Bane se levantou.

— Muito bem. Sei o quanto você ama aventuras, então se você insiste, podemos começar a planejar a fuga. Será muito divertido deixar um castelo em *Cape Grace* para voltar ao seu cubículo em Boston. Além disso, você ainda tem sua bússola, então temos um ponto a nosso favor. Temo que seja uma boa caminhada, mas é você quem quer se parecer com Lewis e Clark. Imagino que as setenta milhas daqui até Boston seja apenas uma pequena excursão para você. Podemos acampar sob as estrelas e percorrer caminhos desconhecidos sem outra orientação além da bússola.

Pela primeira vez em semanas, Lydia começou a se sentir ela mesma.

— Eu sei que você está tirando sarro de mim, mas na verdade parece muito bom—, disse, erguendo o queixo.

Bane ficou surpreso.

— De verdade?

Sua voz refletia um tom inconfundível de esperança.

Qualquer coisa que servisse para esquecer sua dor de cabeça e a tensão de seus membros seria bem-vinda, mas não era só isso. Lydia desejava ter um propósito na vida, queria se sentir útil.

— Esta última aventura foi a experiência mais terrível da minha vida, mas também a mais gratificante. Eu gosto de desafios, mesmo que sejam perigosos.

— Muito bem. Eu vou levá-la para Boston, mas primeiro você tem que mostrar que você é capaz de viajar. Felizmente, há um médico na casa para provar isso.

Lydia experimentou um profundo sentimento de alívio. Tudo o que ela tinha que fazer era se comportar normalmente por algumas horas. Então poderia sair com a dignidade intacta.

— E o médico dirá ao almirante Fontaine que estou perfeitamente saudável... que não tenho nenhum problema com o ópio?

— Se esta é a sua conclusão depois de examiná-la, sim.

Lydia levantou o queixo e forçou as mãos a pararem de tremer.

— Será.

O sorriso de Bane era frio, sereno e cético.

— Muito bem. Agora, a primeira coisa que você tem que fazer é levantar e se vestir —, disse ele, abrindo a porta do armário. — Olha, aqui tem muitas roupas que alguém comprou pensando em você. Venha, levante-se. — Bane entregou-lhe um vestido de veludo marrom com trança de cetim preto. — Pare de preguiça! Vista-se e mova-se. O médico foi à cidade, mas você pode sair e encontrar a senhora Fontaine antes que ele retorne.

— Bane, que eu goste de aventuras não significa que vou me despir na sua frente.

Bane piscou.

— Ah não? Que pena. Eu sairei e encontrarei a família por um momento. Quando estiver pronta, desça as escadas e vire à esquerda. Estarei te esperando

*Que Deus me ajude*. A mente de Bane estava girando enquanto saia do quarto de Lydia. Os documentos pelos quais ele teria vendido sua alma estavam enterrados em blocos de gelo, em perigo de destruição.

Entrou em outro quarto e levantou a armação de uma janela, inclinando-se para verificar a temperatura. Poças de neve derretida cercavam a casa, e correntes de água caíam dos pingentes de gelo no telhado. Bane cerrou os

dentes em frustração. Em Vermont, era mais frio e o isolamento da despensa serviria para preservar os documentos, mas não por muito tempo.

E, não importava o quanto tentasse negar, Lydia estava no meio de uma síndrome de abstinência de uma droga da qual ela era viciada desde a infância. Mostrava todos os sintomas que o Doutor Tilden havia mencionado: nervosismo, dor de cabeça, sede e suscetibilidade. Logo viriam as náuseas e as noites sem dormir.

Mas não tinha mais escolha a não ser retornar a Vermont. A estrada que levava à casa do professor não estava em nenhum mapa, e ele era uma das poucas pessoas capazes de encontrar a mansão. Bane inclinou a cabeça, ouvindo o som do gelo derretendo caindo do telhado para as poças no chão. Cada gota o fez temer pela sobrevivência dos documentos na despensa. Não tinha muito tempo.

Tinha que convencer Lydia a aceitar a ajuda do Doutor Tilden e dos Fontaines, e essa seria uma tarefa delicada. Nada do que lhe dissesse a convenceria de que ela estava doente; essa era uma conclusão a qual ela tinha que chegar por si mesma.

# Capítulo 34



Lydia acariciou o vestido que vestira, sentindo-se uma impostora. Tudo naquela casa era luxuoso, desde os lençóis de seda às vistas do imenso oceano da janela de seu quarto. A pesada maçaneta de bronze estava fria ao toque. Lydia abriu a porta e saiu para o corredor. O resto da casa era tão esplêndido quanto seu quarto. O tapete espesso que se estendia pelo corredor servia para abafar o som de seus passos. Lydia chegou a uma escada que se curvava em um arco impressionante até chegar ao andar principal.

Pena que sua mão não parou de tremer enquanto deslizava pelo corrimão. Mas isso não significava nada. Bane lhe disse que esteve dormindo por dois dias. Qualquer um que não tivesse comido ou bebido em dois dias tremeria do mesmo jeito. Certamente, um pouco de comida iria ajudá-la a recuperar suas forças.

Fiel à sua palavra, Bane estava esperando por ela. Assim que virou a esquina ele foi cumprimentá-la.

— Estamos na cozinha, pintando ovos de páscoa —lhe disse ao ouvido em voz baixa.

A força de sua mão lhe deu a confiança que tanto precisava. Lydia sentiu que sua cabeça podia explodir a cada passo, então tentou se mover devagar e com cuidado.

A cozinha era cercada por fornos e prateleiras de madeira. No meio havia uma imensa mesa de açougueiro, onde o almirante Fontaine e seus filhos estavam ocupados pintando ovos. Uma mulher tão rígida quanto a rainha Vitória estava ao seu lado.

Assim que entraram, o almirante Fontaine levantou-se do banco e correu na sua direção. Era a primeira vez que o via com outras roupas que não fosse o uniforme. Hoje ele estava vestindo uma camisa branca simples e calça preta. No entanto, a troca de roupa não explicava a profunda transformação que se percebia nele. Era mais a expressão em seu rosto. Normalmente, ele parecia tão seguro de si mesmo... Mas hoje, não.

Clareou a garganta.

— Senhorita Pallas... — ele disse sem jeito. Depois permaneceu em silêncio. Parecia querer acrescentar algo mais, mas franziu a testa e engoliu em seco.

— Temo que fiquei sem palavras—, disse ele por fim.

Para sua surpresa, o almirante estava excitado demais para continuar falando.

A "Rainha Victoria" ajudou-o a sair da situação. A mulher usava um requintado vestido de seda preta bordado. Seu coque de cabelos grisalhos era um verdadeiro trabalho de engenharia.

— Bem-vinda à minha casa—, a mulher disse eloquentemente. — Sou Victoria Fontaine, e não sei como expressar o quanto somos gratos pelo que fez pela nossa família.

Bane tinha razão. Aquela mulher não parecia tratá-la com desprezo. Pouco a pouco, Lydia começou a recuperar sua autoconfiança. Talvez não fosse tão difícil acalmar as preocupações ridículas de Bane sobre sua suposta dependência de ópio.

Antes que ela pudesse responder, Jack se levantou do banquinho e correu para cumprimentá-la.

— Se lembra de mim? — perguntou.

Manchas de tinta cobriam seu rosto sorridente. A julgar pela maneira como seus olhos brilhavam, ele não parecia nada infeliz depois de sua provação.

— Claro que lembro de você—, disse Lydia. — Como poderia esquecer um garoto que sobe até os telhados e se deixa cair pelas claraboias?

Jack ficou tão orgulhoso que pareceu crescer vários centímetros.

— Estávamos pintando alguns ovos de Páscoa. Você gostaria de nos ajudar?

A senhora Fontaine colocou a mão no ombro do neto.

— A senhorita Pallas deve estar com muita fome. Não creio que esteja preparada para tanto alvoroço.

As implicações veladas de seu comentário eram evidentes para todos os adultos da sala. Lydia decidiu abordar a questão diretamente.

— É claro que gostaria de te ajudar. Eu tenho medo que Bane tenha exagerado um pouco quando falou sobre minha doença, mas eu estou perfeitamente bem. E morrendo de fome. O que é isso na bancada? Café da manhã?

Sua cabeça doía muito, mas certamente a comida a ajudaria. Bane foi até o aparador e levantou a tampa da bandeja.

— A melhor coisa de ficar com os Fontaines é que eles te alimentam como se você fosse um membro da realeza. Pode escolher entre ovos mexidos, presunto, batata frita, bacon e biscoitos. A propósito, o que é esse purê?

— É nosso clássico mingau de aveia—, disse Eric. — Não me importa que pareça humilde. O servem a bordo e é o meu café da manhã favorito.

Lydia sentiu o estômago roncar.

— Eu vou pegar um pouco de tudo.

Bane olhou para ela com preocupação.

— Tem certeza? O que você acha de um pouco de leite e algumas colheradas desse purê que o almirante gosta tanto? Com certeza é melhor para o seu estômago.

Lydia estremeceu quando ouviu Bane falando sobre seu "estômago" diante de uma companhia tão distinta, mas estava com tanta fome que não se importou.

— Bane, estou com fome. Tenha um pouco de compaixão.

Tinha começado a tremer de novo, então foi para um banquinho e afundou devagar no assento para não acordar a fera que estava aninhada em sua cabeça. Logo se apresentou a uma garota chamada Lucy e deixou a garota lhe ensinar como estava adicionando pontos dourados aos ovos.

— Quando eu tinha a sua idade, eu morava em um navio. Não havia ovos de Páscoa lá, mas meu pai pegava ostras do oceano para serem pintadas —, disse Lydia.

A lembrança era tão vívida que podia sentir o cheiro do ar salgado e ouvir a risada de seu pai ao vento. Uma onda de nostalgia tomou conta dela. De repente, sentiu falta dos abraços do pai e do seu riso estrondoso. Tinha que amá-la muito para pegar essas conchas idiotas todos os anos. Seu pai não conseguiu dar à família uma casa decente, mas seu coração era tão grande que nunca parou de tentar. Alguma vez lhe contara quanto o amava?

Lágrimas começaram a inundar seus olhos, e um soluço sufocado escapou de sua garganta. Lydia tentou se conter, mas foi inútil. Um gemido embargado veio de sua garganta. Teve que cobrir a boca com a mão para abafar o som. Suspirando profundamente, enxugou as lágrimas que corriam por suas bochechas. Não podia desmoronar na frente do almirante e sua família.

— Sinto muito—, conseguiu dizer. — Não costumo chorar, mas lembrei do meu pai e me emocionei.

A senhora Fontaine lhe entregou um guardanapo e Lydia enxugou os olhos com o rosto vermelho de vergonha. Que choque estava causando. Então assoou o nariz e forçou um sorriso.

— Meus pais morreram quando eu era muito jovem e às vezes fico um pouco sentimental.

Bane ficou imóvel com o prato de comida na mão, olhando para ela com tristeza. Provavelmente estava pensando que chorar era outro sintoma de abstinência, mas estava equivocado. Há anos que não se lembrava de quando seu pai pegava ostras, e a lembrança a pegou de surpresa. Nada mais.

— Estou morrendo de fome, e esse bacon cheira bem—, disse, levantando-se do banquinho. Lydia atravessou a cozinha e se aproximou de Bane, que lhe entregou o prato e um garfo.

— Você não quer se sentar para comer? — Bane perguntou. — Nós poderíamos abrir espaço na mesa.

Lydia sacudiu a cabeça.

— Eu prefiro ficar de pé, —. Disse.

Seus joelhos estavam tão trêmulos que era melhor ficar nessa posição. Embora a comida parecesse boa, o que ela mais queria era uma xícara de chá com uma boa colherada de xarope da senhorita Winslow. Fez um esforço para descartar esse pensamento e provou os ovos.

Quanto tempo estava sem tomar o xarope? Começou a perambular pela cozinha para afastar a droga de sua mente e comeu um pedaço de presunto, que estava coberto de mel. Tinha que fingir que era uma manhã normal. Uma manhã sem tremores, sem pensar em uma droga que ela nunca mais tomaria. Ela ia se comportar como uma dama, como a senhora Fontaine.

Lucy continuou a pintar os ovos com determinação renovada. Lydia tentou observar suas mãos infantis enquanto a garota aplicava uma camada de tinta brilhante na casca, mas seu estômago se recusava a digerir a comida. De repente queria vomitar. Colocou o prato na mesa e tentou respirar fundo, desejando que seu estômago se acalmasse. Bane se aproximou dela.

— Leite teria sido uma opção melhor—, sussurrou em seu ouvido.

Qualquer coisa teria sido uma opção melhor. Todo o seu corpo estava queimando e uma camada de suor cobria sua pele. Lydia sentiu uma náusea e cobriu a boca, sabendo que não aguentaria mais. Seu desamparado olhar foi para Bane, que a levou para a imensa pia. Mal teve tempo de alcançá-la antes

de perder a batalha. A comida foi jogada de seu corpo em dois choques violentos, mas seu estômago continuou a protestar e acabou vomitando toda a água que ele havia bebido. Bane estava atrás dela, tentando esconder a imagem lamentável que devia oferecer. Ainda estava agachada, vomitando, quando um novo episódio de choro veio sobre ela. Seu corpo inteiro tremia de soluços, como um animal ferido. Lydia desejou que seu pai estivesse lá. Chorou tanto que mal conseguia ficar de pé; a única coisa que podia fazer era agarrar-se a pia como se fosse um salva-vidas. Não conseguia nem respirar. Quão humilhante era estar agachado em uma pia diante dessas pessoas agradáveis enquanto vomitava, chorava e tremia como uma folha.

— Venha cá, Jack—, ouviu o almirante Fontaine dizer. — Você também, Lucy. Nós vamos terminar depois.

Lydia ouviu o toque de suas roupas e seus passos. A família inteira saiu da cozinha.

Lydia se agachou na pia, morrendo de vergonha.

— Eu não estou me sentindo bem—, sussurrou.

Através das lágrimas, podia sentir as mãos de Bane acariciando suas costas.

— Eu sei, querida. Mas não se preocupe. Vou me certificar de que você se sinta melhor.

Sua voz era muito reconfortante. Não havia uma única nuance de censura nela, apenas a confiança que ela sabia transmitir.

Lydia sentiu um novo ataque de náusea, mas não havia mais nada para vomitar. Agarrou a pia enquanto a dor ameaçava dividir sua cabeça em duas. O pior era saber que Bane estava certo. Ela era viciada em ópio, e essa era a punição por não fazer nada a respeito.

Bane lhe entregou uma toalha molhada e usou-a para limpar a boca. Então ele ajudou-a. Lydia olhou em volta para se certificar de que estavam sozinhos.

— Me sinto tão envergonhada...

Tremia tanto que mal conseguia falar as palavras.

Bane afastou os cachos de sua testa.

— Enquanto você dormia, tomei a liberdade de contar a Eric e a sua mãe a sua decisão de salvar Jack, apesar da terrível doença que você estava enfrentando. Eu também contei a eles sobre sua história no orfanato e como eles te deram esse veneno desde que você era uma menina. Todo mundo sabe que, depois de salvar Jack, você decidiu ficar naquele hospício para derrotar

o professor. Lydia, todo mundo está impressionado com o que você fez. Eu também. Que outra pessoa teria sido capaz de derrotar o professor e, ao mesmo tempo, enfrentar os efeitos da abstinência?

Suas palavras diminuíram um pouco seu constrangimento, mas suas pernas tremiam de novo, e caminhar era a única coisa que parecia ajudá-la. De fato, conseguira encontrar a nova base de operações do professor, mas seu sucesso ficaria perdido se os documentos fossem estragados antes que Bane pudesse resgatá-los.

— Esses documentos ainda estão na despensa.

— Eu sei.

— Eu quero que você vá buscá-los. — Naquele momento não havia tremor em sua voz, apenas determinação. — Não quero que você passe o resto da sua vida nessa ridícula batalha contra o professor. Quero que saia de sua vida, assim não terá mais desculpas para me abandonar. Se quiser se afastar de mim, não quero que seja por causa desse homem.

O rosto de Bane refletiu uma curiosa mistura de esperança e preocupação quando ele começou a falar: — Tenho certeza de muito poucas coisas neste mundo, mas uma delas é que vou te amar até o dia da minha morte. Eu quero construir uma vida com você em que somos livres para embarcar em qualquer aventura. Mas eu não posso casar com uma viciada em drogas.

Lydia empalideceu. Suas palavras a magoaram, mas não queria continuar negando a evidência. Estava mentindo há anos, mas não podia enganar Bane. Se realmente o quisesse em sua vida, teria que enfrentar o problema sem mentir para si mesma ou para os outros.

— Farei o que for preciso para me curar.

— Está disposta a se encontrar com o Doutor Tilden? — Bane perguntou gentilmente. — Ele logo retornará.

Faria qualquer coisa para escapar da dor que percorria todas as veias e todos os nervos de seu corpo.

— Sim. Sim, — conseguiu dizer com os lábios trêmulos. — Eu farei o que for preciso, Bane.

Seus braços se fecharam ao redor dela, e Lydia se refugiou em seu calor, encontrando seu primeiro consolo desde que abriu os olhos naquela manhã.

Lydia se surpreendeu quando entrou na espaçosa biblioteca e conheceu o Doutor Tilden.

— Você foi para a universidade? — perguntou sem rodeios.

Todos que conheciam o Doutor Tilden tinham uma reação semelhante, mas Bane sabia que ele era um bom médico e que ele saberia como cuidar de Lydia nos dias difíceis que lhe aguardavam.

— Sei que aparento vinte anos, mas na verdade tenho trinta e cinco, prometo—, brincou o médico. O Doutor Tilden tinha uma figura magra e cabelo castanho claro. — Esqueci-me de colocar meus óculos. Eu não preciso deles, mas eles supostamente me fazem parecer mais velho. — Ele colocou os óculos de armação de metal e olhou para ela esperançoso. — Melhor?

Os óculos não ajudaram em nada, mas Lydia fingiu que sim.

— Muito melhor. Agora parece que estou olhando para o meu avô —, disse.

O Doutor Tilden sorriu. Ele tinha um espaço entre os dentes da frente que o faziam parecer ainda mais jovem.

— Estou feliz que tenha senso de humor. Nós temos uma semana muito difícil pela frente, então tente manter isso.

Lydia sentou-se à mesa. Bane pegou sua mão trêmula enquanto se sentava ao seu lado. Era muito triste saber tudo o que Lydia teria que suportar nos próximos dias. Ele teria dado o braço direito para sofrer em seu lugar.

— O que enfrento exatamente? — Perguntou Lydia.

— Levará aproximadamente duas semanas para o seu corpo eliminar o veneno, mas sem dúvida a primeira será a pior. Prepare-se para sofrer insônia e dores de cabeça persistentes. É possível que esteja inquieta e extremamente suscetível, até mesmo paranoica. Você já começou a sentir algum destes sintomas? — O Doutor Tilden perguntou.

Lydia soltou a mão de Bane, levantou-se e começou a andar pela sala.

— Sim todos. — Ela torceu as mãos quando se aproximou da janela e observou o céu nublado e sombrio. — Dói ficar sentada. Dói me mover. Eu quero rasgar minha pele para começar de novo com um corpo diferente.

— E a paranoia? — Perguntou o médico.

— Quando estava em Vermont, tive a sensação de que as árvores estavam me espionando. — Lydia virou as costas para a janela e continuou andando pela sala enquanto coçava a pele dos braços. — Desde que acordei esta manhã, olhei três vezes pela janela e me perguntei quanto tempo levaria para ir à farmácia mais próxima comprar algo que pudesse acalmar minha dor.

Bane se levantou e a pegou pelos antebraços.

— Lydia, preciso confiar em você. Eu tenho que ir a Vermont. Você já sabe por quê. Prometa-me que você não sairá desta casa.

O médico parecia preocupado.

— Agora não é um bom momento para sair.

Bane olhou para Lydia.

— Prometa-me, Lydia.

— Eu quero ir com você, — ela disse. — Isso me ajudaria a clarear a mente.

Bane olhou para o médico.

— Está em condição de viajar?

O Doutor Tilden negou com a cabeça.

— Uma dieta à base de leite servirá para aliviar as náuseas, mas não pode eliminá-las completamente. Não pode viajar.

A imagem do gelo derretendo e manchando a tinta daqueles documentos insubstituíveis misturava-se com a visão dos olhos tristes e angustiados de Lydia.

— Vou levar três dias para completar minha tarefa. Mas, se isso representa um risco para a sua saúde, não irei. Posso confiar em você, Lydia?

A mulher ferida e trêmula na frente dele desapareceu e, só por um momento, Bane olhou para o rosto de um guerreiro. Havia uma determinação profunda em seus olhos; seus lábios apertados indicavam que ela estava pronta para qualquer batalha.

— Eu quero que você vá. Pode confiar em mim.

As normas do Doutor Tilden eram muito rigorosas. Lydia se sentiu constrangida ao saber que não podia ficar sozinha em nenhum momento, nem mesmo alguns minutos. Além disso, o médico disse-lhe que a insônia iria impedi-la de dormir por vários dias, então ela precisaria de supervisão constante.

Lhe dava muita vergonha precisar de uma babá. Antes de Bane sair, teve uma discussão intensa com ele sobre o assunto, argumentando que ela não precisava de cães de guarda, e que qualquer um que tivesse um pouco de confiança nela saberia. Estava trêmula, irascível e com muito nervosa, e não queria que ninguém testemunhasse seu sofrimento. Implacável, Bane lhe disse que não estava disposto a ir para Vermont até que ela concordasse com seu plano.

Essa foi a sua perdição. Bane forçou-a a prometer que deixaria que o Doutor Tilden, a senhora Fontaine e o almirante se revezassem para cuidar dela. Isso fez a situação dela ainda pior. Em vez de ficar trancada na

privacidade de seu quarto, ela estaria incomodando aquelas pessoas tão ricas e educadas. Lydia se sentia fora de lugar naquela casa, onde cada cantinho - o papel de paredes pintado à mão, tapetes orientais grossos, cristais pendurados das lâmpadas – deixava transluzir o luxo em que a família vivia. Lydia não se encaixava naquele lugar.

Já fazia um dia desde que Bane partira. Na sala de estar, a senhora Fontaine tagarelava sobre seus ancestrais puritanos enquanto Lydia dava outra volta pela sala. Quantas vezes percorreu aquela mesma sala nas últimas seis horas? Mil? Duas mil? Teria gostado de dar uma caminhada, mas estava chovendo o dia todo. Rajadas de vento espalhavam gotas grossas contra o vidro. Bane teria viajado com esse tempo?

De repente, a porta se abriu.

— Mãe, estou aqui para substituí-la —, disse o almirante. — Se você quiser, pode ajudar a colocar as crianças na cama enquanto eu me sento aqui com a Senhorita Pallas.

Aquele era o momento que mais temia. Lydia não havia estado sozinha com o almirante desde aquele fatídico dia de novembro. E aqui estava ela, tremendo como um viciado em ópio. E o pior era que todos na casa sabiam disso.

A senhora Fontaine deu um suspiro de alívio. Aparentemente, seis horas falando sobre sua família também tinham sido uma provação para ela.

— Excelente —, disse, enquanto pedia permissão para sair da sala.

O almirante fechou as portas do corredor. Ele parecia tão desconfortável quanto ela, com sua postura rígida e sua mandíbula cerrada. Aquele homem era capaz de intimidar um exército inteiro com os olhos, mas hoje ele parecia tão irritado quanto um pecador em uma camisa de penitência.

— Como vai esta tarde, senhorita Pallas?

Como se tivesse um exército de cupins correndo através de cada dobra de sua pele. Teria gostado de pular pela janela para se livrar deles.

— Bem.

O almirante olhou ao redor da sala. Uma expressão de ceticismo se desenhou em seu rosto.

— Eu vejo que você andou muito pelo tapete.

Lydia olhou para o chão. Como esperado, os fios de seda estavam esmagados na área onde ela estava andando. Lydia sentiu a boca seca. Ficou claro que não podia fazer nada certo, e agora estava destruindo o precioso lar do almirante com sua irresponsabilidade.

— Meu Deus —, disse. — Não se preocupe, vou pagar pelo tapete. Eu tenho um dinheiro guardado em Boston.

— Não diga bobagens. Quando as criadas o sacudirem para limpá-lo, voltará como novo — disse o almirante.

Lydia franziu a testa em descrença. Seria tão fácil reparar o dano? Ela não sabia nada sobre tapetes extravagantes. Além disso, o almirante poderia lhe dizer isso apenas para consolá-la.

— Não deveríamos nos certificar antes? Eu não poderia me perdoar se...

O almirante a interrompeu.

— Você realmente acha que eu seria capaz de cobrar-lhe um estúpido pedaço de tapete quando você arriscou sua vida para salvar meu filho? — Ele parecia quase irritado. — Você realmente acredita nisso?

Lydia se virou e começou a andar novamente, tomando cuidado para não pisar nos fios esmagados. Não suportava estar com o almirante na mesma sala. No passado, Eric era seu chefe. Ele era um homem que ela admirava, e se sentia orgulhosa de trabalhar para ele. E agora aquele homem estava se comportando como se estivesse em dívida com ela. Não sabia como se comportar. Lydia saltou a mobília no centro da sala enquanto caminhava em pequenos círculos.

— Sinto tê-lo ofendido. Eu nunca tinha estado em uma casa tão elegante, e não tenho certeza de como minhas maneiras deveriam ser.

Os lábios do almirante se curvaram para formar um sorriso.

— Lydia, não há nada de errado com suas maneiras. O importante é que é mais corajosa do que todo um regimento de fuzileiros navais. Me equivoquei com você. Eu coloco a obediência a padrões acima da coragem necessária para fazer o bem, e estou profundamente envergonhado disso.

Lydia preferia ficar trancada no Buraco Negro de Calcutá em vez de continuar essa conversa. Toda vez que se lembrava do dia em que foi dispensada, sentia um nó na garganta. Até ontem não chorara havia quinze anos, e agora se emocionava com qualquer bobagem, como quando Bane amarrava os sapatos porque suas mãos tremiam demais, ou quando o Doutor Tilden lhe disse que os ratos de seu laboratório haviam morrido no ano passado. Havia chorado por causa de alguns ratos! Não estava em condições de discutir nada relacionado ao estaleiro.

Fez um esforço para esconder suas emoções e respirou fundo.

— Almirante Fontaine...

— Por favor, me chame de Eric.

Lydia limpou a garganta e tentou novamente.

— Almirante Fontaine, se você não se importar, prefiro evitar essa discussão.

O almirante parecia confuso.

— Mas te devo desculpas. Eu não deveria ter me mostrado tão intolerante com você. Eu deveria ter considerado suas circunstâncias antes de demiti-la. Eu não posso fingir que nada aconteceu. Eu preciso...

Lydia o interrompeu.

— Almirante Fontaine, o dia que me despediu encabeça a lista de coisas que eu gostaria de apagar da minha mente. Você realmente quer que eu me lembre disso *justo* agora?

Sua expressão de espanto a fez se sentir culpada, o que era ridículo. Lydia se virou para não ter que olhar para ele. Sua perna tropeçou em uma mesa sobre a qual repousava um vaso de porcelana, que começou a tremer.

O almirante Fontaine o pegou um segundo antes de cair no chão. Então ele endireitou a mesa e colocou o vaso em seu lugar.

— Vamos sair desta sala antes que comece a subir pelas paredes. Você já jogou bilhar?

Lydia não sabia jogar bilhar, mas apreciava a naturalidade com que o almirante mudava de assunto. A atividade física soava muito melhor do que o pedido de desculpas que ele parecia disposto a oferecer, mas que ela não estava disposta a ouvir.

A sala de jogos ficava no terceiro andar da enorme mansão. Lydia não sabia que as pessoas ricas tinham salas inteiras dedicadas exclusivamente a jogos, mas era assim que acontecia. Havia uma mesa de cartas em um canto e um alvo na parede, mas o centro da sala era dominado por uma mesa de bilhar, quase tão grande quanto o barco onde Lydia vivia quando criança. O almirante ensinou-lhe como colocar as bolas e manter a segurar o taco, mas suas mãos trêmulas eram muito desajeitadas e levou muito tempo para acertar a bola branca com sucesso. Depois de ensinar-lhe as regras básicas do jogo, o almirante colocou as bolas de volta no tapete e se preparou para começar o jogo.

Esfregou um pequeno giz na ponta do taco e a olhou cautelosamente.

— Talvez você possa me ajudar com um problema que eu tenho no departamento de pesquisa do estaleiro.

Seu comentário pegou-a de surpresa. Nos quatro anos em que trabalhou naquele departamento, tudo funcionava perfeitamente.

— Que tipo de problema?

O almirante inclinou-se sobre a mesa, apontou com cuidado e acertou a bola branca, espalhando o resto das bolas na superfície do tapete.

— Desde que você saiu, Jacob não para de cantarolar *Oh, minha querida Clementine*. Ele sabe perfeitamente bem que eu odeio essa música. Na semana em que ele começou a trabalhar conosco, eu lhe disse que não gostava dela e que não queria ouvi-la novamente. E ele nunca mais fez isso, até a semana em que eu a demiti. Agora ele cantarola todo dia.

Lydia piscou surpresa.

— Jacob sempre nos torturou com suas músicas. Isso não é novidade.

O almirante fingiu que não a ouvira e bateu de novo na bola branca.

— Quando o coro dessa música entra na minha cabeça, ela fica lá e continua se repetindo várias vezes. Agora, toda vez que eu ando pela porta do escritório, Jacob para o que ele está fazendo e começa a cantarolar essa maldita música. Tenho certeza que ele faz isso de propósito. Mas isso não é tudo. Todas as manhãs, Willis lança uma quantidade desproporcional de açúcar no bule. Antes, ele só colocava açúcar em sua xícara, porque ele sabe que eu não gosto de chá doce. Agora eu não posso nem beber uma xícara de chá decente no trabalho. Em breve, Karl também conseguirá tornar minha vida impossível. Ele é o mais bravo de todos.

O lábio de Lydia tremeu. Sentia muita saudade de seus antigos colegas de escritório, e o fato de terem combinado em defendê-la fazia com que ela tivesse vontade de chorar. Outra vez. Lydia se virou e começou a coçar os antebraços, imaginando se mergulhar no oceano gelado serviria para aliviar aquela coceira incessante.

— Temo que não posso ajudá-lo com o canto de Jacob. Não com o chá de Willis.

O almirante baixou o taco e se endireitou para olhar seu rosto.

— Senhorita Pallas, ando pensando que me precipitei excessivamente em minhas decisões em novembro passado. Se você não quer aceitar minhas desculpas, poderia pelo menos considerar voltar ao estaleiro? Tenho certeza de que o departamento de pesquisa ficaria feliz em ter seus serviços novamente. E, se isso servir para impedir a interpretação diária de *Oh, minha querida Clementina*, serei eternamente grato.

Não era isso que ela estava desejando há tanto tempo? A julgar pelo olhar de expectativa do almirante, ficou claro que sua oferta era sincera, mas Lydia lembrou-se do rapaz magro e de cabelos negros que estava sentado à sua

mesa no dia em que visitou o escritório.

— Mas já tem um tradutor para o sul da Europa.

O almirante inclinou-se sobre a bola branca e bateu novamente.

— Tenho certeza que vamos encontrar uma posição alternativa para o Senhor Trivoni.

Considerando que havia duas mil pessoas trabalhando no estaleiro, era muito provável que o almirante estivesse certo. Lydia começou a andar ao redor da mesa de bilhar, tentando fingir que a pele não coçava como se tivesse rolado em uma esteira de urtiga. Tinha sido muito feliz no estaleiro. Seria capaz de voltar no tempo e recuperar esses anos? O trabalho a encantava e poderia retomar sua amizade com Karl e Jacob. Mais uma vez, estaria contribuindo para transformar a Marinha americana em uma das melhores frotas marítimas do mundo.

Mas esse era o sonho do almirante, não dela. Já não.

Quando olhou para o final da mesa, viu o almirante esperando por sua resposta.

— Não posso voltar—, disse—. Eu quero continuar trabalhando com Bane para reformar a legislação contra o ópio. Agora que sei o quão terrível e viciante pode ser essa droga, quero ter certeza de que outras pessoas não tenham o mesmo problema que eu. Farei *qualquer coisa* para impedir que outra criança sofra o que estou sofrendo.

Uma sombra de humor se desenhou na boca do almirante.

— Então você não vai me ajudar com Jacob? Não poderia dizer a ele para parar de me torturar com aquela maldita música?

Lydia queria rir, mas os tremores dela só estavam piorando, então cerrou os dentes e continuou andando em volta da mesa.

— Lamento, senhor, mas isso você terá que resolver.

As duas da madrugada, alguém despertou o Doutor Tilden para que o almirante descansasse. Lydia estava há dois dias sem dormir e estava exausta.

— O que fazia na casa do professor quando não podia dormir? — lhe perguntou o médico.

—Normalmente saía para dar um passeio. Caminhava horas e horas pela floresta.

— E isso a ajudava?

—Um pouco.

Até que começava a ouvir o barulho dos bordos, e sua imaginação

paranoica lhe dizia que as árvores sussurravam sobre ela.

— Então vamos para fora.

Fazia uma hora que tinha parado de chover e Lydia ficou grata pela oportunidade de sair. Era uma noite ventosa e, assim que saiu da casa, Lydia respirou fundo a brisa do mar.

— Eu amo esse cheiro... — murmurou, num tom nostálgico. — Não sabe o quanto eu senti falta do cheiro do oceano.

Avançou rapidamente pelo gramado recém-cortado e parou em uma rocha que descia até o oceano. O ar da noite trazia o rugido das ondas e Lydia se inclinou para sentir o vento. O choque das ondas contra a praia e o toque suave da água eram sons intemporais e reconfortantes.

Lydia se virou para olhar para o Doutor Tilden à luz fraca da lua.

— O que outras pessoas fazem para se divertir quando estão nessa situação?

— Alguns andam, ou tentam escrever seus sentimentos em um diário. Outros rezam.

Lydia olhou para ele muito surpresa.

— E funciona?

O médico levou um tempo considerável antes de responder.

— Eu descobri que a oração funciona melhor do que qualquer outro método conhecido pela ciência moderna. Mas para isso você precisa de fé.

Lydia havia lido os livros do Novo Testamento, como Karl lhe tinha dito, mas nenhuma dessas histórias parecia ajudá-la a lutar contra suas fantasias com o xarope da Senhorita Winslow e seu desejo de senti-lo deslizar por sua garganta.

— Diga-me o que tenho que fazer—, disse. — Eu sou uma pessoa inteligente. Eu farei o que você me disser para superar tudo isso. Se eu tiver que ir para a Califórnia andando e voltando, eu vou.

O Doutor Tilden avançou em direção a um promontório de granito e sentou-se.

— Lydia, você me contou seus esforços para manter seu apartamento e trabalhar no estaleiro. Estudou e aprendeu idiomas, e às vezes tinha dois ou três empregos de cada vez. Tudo isso é digno de admiração, mas quando você tenta ir adiante sozinha, no final acaba cansando-se. Nem nosso corpo nem nossa mente estão preparados para suportar dias intermináveis de estresse sem ajuda. Se sua alma não tem nada para se apoiar em momentos difíceis, não é de surpreender que acabe recorrendo a um apoio como o ópio para se

sustentar.

O Doutor Tilden não estava de óculos. Seu rosto jovem estava aberto e simpático enquanto sorria.

— Lydia, você é forte e corajosa. O Senhor criou nosso corpo e nossa mente para realizar atos incríveis de heroísmo, mas não somos máquinas. Temos que cuidar e nutrir o corpo e o espírito, para que sejam fortes em tempos de dificuldade. Você não soube como se cuidar o suficiente. E estou aqui para ensinar-lhe como fazer isso.

O Doutor Tilden ofereceu-lhe um braço e ambos começaram a andar.

— Como médico, posso explicar-lhe que seu corpo está liberando toxinas, o que está prejudicando sua capacidade de digerir os alimentos corretamente. Eu posso explicar-lhe que seus nervos estão em um estado de excitação excessiva, daí as noites de insônia. Tudo isso tem uma explicação científica e pode ser tratado. Mas, uma vez que seu corpo esteja em perfeita saúde, deve haver uma mudança em seu espírito que apoie sua cura. Você é uma mulher de incrível talento. Existe na sua natureza um desejo permanente de se esforçar e alcançar as coisas. Mas temo que, mesmo que seu corpo esteja curado, se você não encontrar uma fonte de apoio espiritual, você pode precisar de uma bengala novamente para se sustentar.

A única coisa que tinha conhecido até agora era trabalho. No entanto, Bane tentou ensinar-lhe o lado espiritual da vida. E ele fez do jeito dele, com seu senso habitual de humor.

Lydia se perguntou onde Bane estava naquele momento. Queria muito agradá-lo e mostrar que era capaz de derrotar esse demônio.

— Bane estará de volta em dois dias. Você acha que até lá já terei passado pelo pior?

O sorriso do Doutor Tilden refletia uma profunda tristeza.

— Querida, nesse momento você entrará na pior fase do processo.

# Capítulo 35



Menos de três dias depois de partir de Vermont, Bane regressou cavalgando a residência dos Fontaines, açulando seu cavalo, quando seu destino surgiu à vista.

Tinha os planos. Estavam em boas condições e, com sua tinta preta e firme, diziam exatamente onde o professor pretendia fugir. A organização teria sua base em uma nova casa, localizada a poucos quilômetros de San Francisco. O professor ia primeiro para a pequena cidade de Scranton, na Pensilvânia, onde eles haviam enviado os livros para custódia. Assim que reunisse seus preciosos livros, ele alugaria três vagões de carga e partiria com eles para o oeste.

Supostamente, a senhora Rokotov e seu filho iriam encontrá-lo em Scranton, mas era evidente que a lealdade não era possível entre os criminosos. Uma pequena investigação na estação de trem revelou que, embora os Rokotovs tivessem enviado os livros para Scranton de acordo com o planejado, em vez de se encontrar com o professor em seu exílio, eles haviam fugido para Nova York. Quando a senhora Rokotov descobriu que Lydia havia escapado com os planos de fuga, decidiu fugir sem o professor, sabendo que todos haviam sido descobertos. Afinal, eles esconderam o episódio do livro queimado por medo do professor. Agora, esse mesmo medo os levara a fugir para que não tivessem que enfrentar sua raiva. Sem dúvida, o professor ficaria enfurecido ao descobrir que Lydia conseguira roubar os papéis diante de seus narizes.

Mas tudo tinha sido para o bem. Bane já estava pensando em um plano para interceptar o professor e seus livros em Scranton e colocá-lo diretamente nas mãos da justiça.

Ao chegar, amarrou seu cavalo em um poste e subiu os degraus da casa de dois em dois. Então entrou como uma exalação e começou a ir de um cômodo para outro, procurando alguém com quem compartilhar as boas novas.

Eric e a senhora Fontaine se encontravam na biblioteca.

— Tenho os planos! —exclamou, ofegante.

Eric se levantou de sua cadeira.

— Ainda estão legíveis?

— Estão em perfeitas condições.

Sentia-se inundado por uma onda de entusiasmo. Se de fato estivesse certo e os Rokotovs estivessem tentando salvar sua própria pele, ele poderia pegar o professor em Scranton com as mãos na massa. Com o dinheiro do almirante e seus contatos, eles acabariam com ele para sempre. Então notou o cansaço no rosto do almirante e sentiu uma pontada no coração.

— Como está Lydia?

A senhora Fontaine aproximou-se do filho. Ela parecia tão cansada quanto ele.

— O Doutor Tilden está com ela no último andar. Tem sido muito difícil.

Bane sentiu as pernas faltando e se afundou em uma cadeira.

— O que aconteceu?

— Ela não dormiu por quatro dias—, disse Eric. — A cozinheira tem lhe preparado coisas para que possa aceitar no estômago, mas nada parece bom para ela. Tem tanta náusea que mal consegue sair do banheiro. Muitas vezes eu a ouço chorando lá dentro. Tentei consolá-la, mas ela não quer ver ninguém além do Doutor Tilden.

Bane escondeu a cabeça entre as mãos, sentindo uma onda de culpa. A senhora Fontaine pôs a mão em seu ombro.

— Alex, ela está sendo muito forte. Não pediu nenhum tipo de droga e está seguindo todas as recomendações do Doutor Tilden ao pé da letra. Deveria estar orgulhoso dela.

Tinha que estar com ela. Enquanto ele estava lá fora, lutando outra batalha em sua guerra particular contra o professor, Lydia estava enfrentando um demônio ainda mais perigoso. Não podia abandoná-la novamente. Por mais que quisesse acabar com o império do professor, agora ele tinha algo mais importante a fazer.

Bane enfiou a mão no paletó e tirou os frágeis papéis.

— Aqui está—, disse ele, entregando-os a Eric. — Você merece acabar com o professor. Eu vou ajudá-lo a organizar o plano, mas não posso colocá-lo em prática.

Um brilho se refletiu nos olhos cinzentos do almirante.

— Não se preocupe. Eu vou cuidar disso.

Lydia se encontrava em plena agonia. As toalhas estendidas no chão do banheiro mal conseguiam mitigar o frio da cerâmica sob seus joelhos. Apoiou a cabeça em um lado da banheira, com os braços pendurando sem vida até o chão. O Doutor Tilden tinha colocado uma cadeira no cômodo e estava sentado, disposto a ajudá-la quando quisesse vomitar.

—É hora de tomar outro copo de leite.

Seu estômago se encolheu ao pensar no leite. Cada hora tinha que beber um copo de leite até a última gota. No final acabava vomitando a maior parte, mas ainda tinha que fazer. Quanto mais leite conseguisse assimilar, mais forte seria para continuar lutando.

Lydia respirou fundo.

— Muito bem.

Tinha muita dificuldade em levantar a cabeça da banheira. Lydia rolou sobre as toalhas e aceitou outro copo de leite quente. Sua mão tremia tanto que o líquido ameaçou sair do copo, mas ela conseguiu colocá-lo na boca a tempo e bebeu.

— Excelente—, disse o Doutor Tilden enquanto pegava o copo vazio.

O médico anotou o horário em um pequeno diário. Dessa forma, ele poderia calcular o tempo que ela conseguia reter o leite antes de devolvê-lo. Lydia descansou a cabeça na banheira e fechou os olhos. Ela se sentia mais confortável no escuro. O médico havia puxado a cortina da única janela, mas ainda havia um pouco de luz nos ladrilhos brancos brilhantes. À noite tudo era muito mais fácil.

— Olá, Lydia.

Bane! Lydia abriu os olhos e levantou a cabeça. Bane parecia terrível. Seu rosto estava coberto de sombras e seus olhos olhavam para ela com angústia. Lydia sentiu uma pontada no coração. Ele teria falhado em Vermont?

— E os documentos? — perguntou com uma voz fina.

— Eles estão em perfeitas condições.

Lydia sentou-se e, pela primeira vez em vários dias, um sorriso sincero iluminou seu rosto.

— Então, por que você está tão triste?

Bane entrou no banheiro e sentou ao seu lado.

— Porque você está longe de se encontrar em perfeitas condições, meu amor.

Lydia encostou a cabeça na banheira.

— Oh, Bane. Você está de volta com seus elogios.

Bane sorriu, embora Lydia soubesse que ele estava certo. Ela parecia horrível. Sua camisola estava manchada e seus olhos estavam afundados, e seu cabelo caía desajeitadamente pelas costas. Além disso, devia oferecer uma imagem muito infeliz, sentada no chão do banheiro. Bane tirou uma mecha de cabelo da testa.

— Eu deveria ter ficado aqui.

— Bane, ouvir que esses documentos estão em sua posse é a primeira alegria que tive em muito tempo.

Bane sentou ao seu lado e pegou a mão dela na sua.

— Como está? — perguntou ao Doutor Tilden.

— Muito bem dentro do que seu estado permite. Tem um longo caminho a percorrer antes de se curar completamente.

— Suponho que você esteja cansado. Eu ficarei com ela por um tempo, se estiver tudo bem.

O Doutor Tilden assentiu com gratidão. Depois entregou-lhe o relógio e o caderno.

— Lydia já sabe calcular o tempo. Você se limita a apontar quanto tempo ela segura o leite e dá um copo a cada hora.

Uma vez que o médico fechou a porta, Lydia se inclinou contra Bane, aproveitando o contato humano. O doutor Tilden tinha sido muito gentil com ela, mas ele não podia dar a ela o conforto oferecido pelos braços de Bane.

— Agora, me diga a verdade: como vai você? — Bane perguntou suavemente.

Como descrever os dias de esgotamento nervoso e a constante sensação de formigamento, que lhe fazia sentir vontade de rasgar a pele? Até os ossos coçavam. Mas não podia arranhá-los, por isso tentava não pensar nisso.

— Muito melhor agora que você está aqui.

— Eric me disse que ouviu você chorar atrás da porta.

Lydia suspirou e fechou os olhos. Quando deixaria de se colocar em evidência na frente do almirante?

— Não pensei que estivesse chorando tão forte—, disse, dobrando os joelhos para descansar a cabeça sobre eles. Lhe envergonhava que a perfeita família Fontaine fosse testemunha de seu sofrimento. — Deveria ter passado por isso em Boston —, disse com uma voz trêmula.

— Por que você acha que Boston seria uma opção melhor?

— Porque eu prefiro ficar sozinha a ter todas essas pessoas ao meu redor

testemunhando tudo. Você não pode imaginar a vergonha que estou passando.

Se sentia como um vira-lata de rua. Até mesmo a beleza fresca e angelical de Bane lhe irritava.

Bane tomou seu queixo com os dedos e virou o rosto para ele.

— Lydia, amo-te. Eu te amo Preste atenção em mim, você vale muito mais do que os Fontaines. Desde que Eric veio ao mundo, riquezas, professores e oportunidades choveram sobre ele. Você e eu nascemos sem nada. Lydia, eu te admiro. Daria a minha vida por você. Todos os dias agradeço a Deus por me permitir uma segunda chance.

A menção de Deus a fez sentir duplamente mal sucedida. Estava procurando por Deus há meses e não chegara a lugar nenhum.

— Eu tenho orado e lido a Bíblia, esperando que Deus apareça em minha vida—, disse suavemente. — Comecei a ler a Bíblia através do Evangelho de João, como Karl me disse. Por que nada aconteceu? Por que é tão fácil para você e para outras pessoas acreditarem? Por que me sinto perdida no mar, sem leme e sem esperança?

Seu estômago começou a protestar, mas fez um esforço para se conter. Lágrimas ameaçaram derramar novamente, mas ela não estava pronta para chorar. Essa conversa era importante demais para interrompê-la.

— Eu tenho procurado por um farol, um guia por um longo tempo, mas tudo é inútil. De novo e de novo, eu bati nas pedras e me vi arrastada para o mar.

Lydia sentiu o estômago se contrair. Não aguentava mais.

Se inclinou sobre o vaso sanitário e seu estômago cedeu. Bane estava atrás dela, alisando o cabelo para trás enquanto vomitava. Todos os músculos de seu corpo doíam e sua garganta queimava como se tivesse sido pulverizada com ácido.

Lydia sentou-se e tentou recuperar o fôlego, agarrando-se ao vaso.

— Não é que não acredite na existência de Deus. Eu simplesmente não acredito que *Deus me ame*.

Bane ofereceu-lhe um copo de água. Lydia lavou a boca e cuspiu a água no vaso sanitário.

— Você acabou? — Bane perguntou.

Lydia esperou um momento, mas nada aconteceu.

— Acho que sim.

Bane foi ao vaso e puxou a corrente. Lydia limpou o rosto com uma

toalha úmida e recostou-se na banheira. Estava tão cansada que mal conseguia levantar. Desistiria do último dólar de suas economias em troca de uma hora inteira de sono.

— Por que eu não encontrei Deus, Bane? Eu li a Bíblia. Eu li essa passagem que diz que o que clama será ouvido. Aquele que procura encontra. Eu tenho procurado por meses, mas não consigo encontrá-lo. Por que é tão fácil para algumas pessoas, enquanto outras são mergulhadas na escuridão?

Bane sentou na frente dela.

— Se você realmente acredita que Deus te abandonou, então o que eu sou?

— Um chato que não para de bagunçar minhas coisas?

Bane balançou a cabeça com um sorriso misterioso nos lábios.

— Lydia, sou seu farol. Neste momento, meu propósito no mundo é sustentá-la e guiá-la até o porto. Eu não vou abandonar você.

Lydia sorriu amargamente.

— Você disse que nunca se casaria com uma viciada em drogas.

As palavras lhe machucaram desde o começo, mas agora a machucaram muito mais.

— Assim é, mas isso não significa que vou desistir de você. — Bane tomou os pés descalços, colocou-os no colo e começou a esfregá-los com as mãos quentes e firmes. — Você está no começo de um longo processo em seu relacionamento com Deus. Ele pode não responder de acordo com seus planos. Mas você não acha que essa sede de Deus é um sinal de que Ele já está trabalhando em sua vida? Alguém que não acreditasse não teria essa curiosidade ou esse desejo. Você pode nunca ter uma revelação, mas não seja como aquela pessoa que todos os dias levanta a crosta da ferida para ver se curou. Apenas continue procurando. Confie nele. Não sei quanto tempo sua viagem durará, mas garanto que você está no caminho certo. Não se renda. Não abandone sua busca. Tenha fé e você o encontrará.

Suas palavras deram-lhe uma profunda sensação de alívio. Por alguma razão, Deus não a abençoara com uma revelação como a de Bane, nem com pais que a guiariam no caminho da fé como o almirante, mas isso não significava que Deus a abandonara. Paciência era um dom que possuía em abundância; se exercitasse a levasse a Deus, ela seria paciente.

Bane deu-lhe um pequeno puxão no pé.

— E por que está tão preocupada que eu não queira me casar com uma viciada em drogas? Não me diga que você tem dúvidas sobre sua capacidade

de superar tudo isso.

Lydia descansou a cabeça na banheira e olhou para ele.

— Bane, agora duvido da minha capacidade de sair do banheiro e chegar ao meu quarto.

Ela deveria se sentir envergonhada, mas não havia espaço para vergonha em seu corpo machucado.

Bane apenas sorriu.

— É por isso que estou aqui, Lydia.

# Capítulo 36



O professor esperou na plataforma de carga e descarga enquanto observava os carregadores, que carregavam uma caixa de livros atrás da outra para o vagão de carga. O conteúdo dessas caixas tinha cerca de mil anos. Ele sacrificou sua vida para encontrar, resgatar e preservar esses livros. Muitos deles sobreviveram aos anos sombrios do período medieval, às guerras religiosas do Renascimento e à lenta deterioração dos séculos. E agora, graças a seu plano cuidadoso, eles seriam resgatados mais uma vez do perigo que ameaçava derrotá-lo. Tudo isso não seria mais do que uma simples ruga em uma batalha milenar para resgatar esses preciosos artefatos de um mundo que não os merecia.

— Este é a última, senhor —, disse um moço coberto de suor, que cruzou a plataforma para receber seu pagamento.

— Muito bem —disse o professor.

Enquanto pagava o trabalhador, seus olhos percorreram a plataforma. A senhora Rokotov e o estúpido Boris já teriam que estar lá. Não havia desculpa para justificar seu atraso, e ele não estava disposto a perder mais tempo se preocupando com eles. Já estava vários dias atrasado. Levara mais tempo do que planejava alugar vagões de carga para seus livros.

No total, ele tinha três vagões cheios de livros, que na hora combinada partiriam na direção de sua nova casa no norte da Califórnia, onde o clima frio seria ideal para proteger seus tesouros. O professor olhou para a plataforma uma última vez antes de dirigir-se ao vagão de passageiros, que estava à frente do trem. Incomodava-o estar a vários vagões de distância de seus livros, mas não queria atrair a atenção insistindo em se sentar em um lugar específico.

Subiu no vagão, virando de lado para avançar através da multidão de trabalhadores e agricultores que enchiam o compartimento. A maioria dos passageiros tinha uma aparência rude e comum, mas o professor fez um esforço para manter uma expressão de indiferença. O que se pode esperar

quando se pega o trem em uma cidade como Scranton? Havia apenas um cavalheiro, que ocupava um lugar bem à sua frente. Sua jaqueta costurada indicava que ele era um homem de fortuna. O resto do vagão era ocupado por trabalhadores simples.

Mas tudo isso não era importante. O trem saiu da estação, e o professor tirou do paletó *o último dos moicanos*. Era um romance barato, mas ainda valia a pena. De certa forma, ele se assemelhava ao protagonista, o último membro de uma raça orgulhosa e moribunda. O trem estava a vários quilômetros de Scranton quando o cavaleiro à sua frente se virou.

— Professor Van Bracken? — perguntou.

O professor se assustou. Esperava que ele tivesse deixado esse nome para sempre, mas tentaria se comportar calma e profissionalmente até poder se distanciar daquele homem. Ele olhou por cima do livro e respondeu: — Sim.

O homem de cabelos escuros sorriu.

— Estou feliz em finalmente conhecê-lo. Sou o almirante Fontaine. Lembra-se de mim? Você sequestrou meu filho no mês passado.

Sua voz era tão educada que o professor levou um momento para processar suas palavras, mas rapidamente se recuperou da surpresa.

— Sinto muito, mas não sei do que você está falando.

O almirante Fontaine levantou-se e pôs as mãos nos quadris, afastando a jaqueta para trás e mostrando um revólver de cabo perolado.

— Sim, sabe. Permita-me apresentar-lhe meu companheiro, o senhor Lockwood. — Um homem do tamanho de um touro se levantou e se virou. — O Senhor Lockwood é o chefe local da Agência de Serviços Secretos. É possível que você já tenha ouvido falar sobre ele. Os serviços secretos são dedicados a investigar todos os tipos de fraudes contra o governo, incluindo a evasão fiscal.

Aqueles homens iam apoderar-se de seus livros. Seu tesouro estava em perigo. O professor pulou da cadeira e estava prestes a fugir para a porta quando todos os homens no vagão se levantaram em uníssono.

— Na realidade, todos os homens deste vagão trabalham para os serviços secretos. Temo que não possa escapar —, disse o almirante com profundo desprezo.

A porta estava bloqueada e as janelas fechadas. Em toda parte homens fortes e ameaçadores o cercavam.

— Não permitirei que você se aproprie dos meus livros.

Antes se mataria.

— Já o fiz. Nossos homens soltaram os vagões antes de sair de Scranton.

O coração do professor estava batendo rápido. Ele estava tonto e sem fôlego e teve que cair em um assento.

— Não pode fazer isso—, exclamou. — Esses livros pertencem à eternidade.

— Prefiro pensar que eles pertencerão à Biblioteca do Congresso quando isso acabar—, disse o almirante. — Tem uma dívida considerável com o Tesouro. Doar esses livros ao governo pode ser uma boa maneira de pagar por isso.

Se houvesse um pouco de misericórdia nesse mundo, ele cairia no chão naquele exato momento. Daria toda a sua fortuna para que seu coração parasse de bater. Seus livros seriam retirados das caixas por mãos sujas, observados e tocados por milhares de pessoas vulgares e desagradáveis que frequentavam as bibliotecas públicas. Mas não havia misericórdia neste mundo, apenas um homem hostil que o obrigou a voltar ao seu lugar. *O último dos moicanos* caiu no chão empoeirado do vagão enquanto o agente agarrava seus pulsos e colocava algemas nele.

Todo seu mundo tinha acabado.

# CAPÍTULO 37



Depois de dez dias de tratamento, Lydia foi capaz de dormir algumas horas diárias. Bane aproveitou para sair de casa e se despedir dos Fantaines, que viajavam de regresso a Boston. O coche já estava carregado com a bagagem e pronto para deixar a imensa propriedade do almirante, mas a expressão de Eric era bastante sombria quando ele se aproximou dele.

—Assegure-se de que Lydia aceite isso—disse lhe entregando um envelope.

Bane removeu um pequeno fiapo do casaco.

— Eu não posso forçá-la a aceitar—, disse baixinho. — Já sabe que você não é um santo de sua devoção.

O almirante apertou os lábios até formarem uma linha dura e inexpressiva. Interrompeu o que estava prestes a lhe dizer quando um criado se aproximou penosamente pela estrada de terra, carregando uma cesta cheia de provisões para a viagem. As crianças e a mãe de Eric já haviam entrado no coche e estavam esperando por ele.

Eric baixou a voz para que o criado não pudesse ouvi-lo.

— Obrigue Lydia a aceitar ou vou passar por sua garganta suja.

Bane deu-lhe um dos seus sorrisos mais encantadores.

— Tentarei.

Lydia tinha coisas mais importantes para pensar do que aceitar o pedido de desculpas do almirante, que estava ansioso por obter seu perdão para voltar aos seus assuntos. Desde que o professor foi preso, Eric tinha decidido encontrar e prender o resto das pessoas que haviam participado do sequestro de seu filho. Estava presente quando a polícia local invadiu a mansão do professor, que encontraram vazia e abandonada. Como os ratos que fogem do naufrágio, os capangas do professor e seus criados haviam desaparecido na floresta muito antes de a polícia chegar.

Muito provavelmente, eles nunca os encontrariam. A América era um país muito grande, e era tão fácil desaparecer nas minas de carvão, nos prados ou nas prósperas cidades do Oeste... Mas Bane não invejava aqueles que tentavam fugir da ira do almirante. Esse homem possuía recursos

inesgotáveis e uma determinação implacável na hora de fazer justiça.

Mais uma vez, o almirante demonstrou sua determinação dando um passo à frente, pegando sua mão e colocando o envelope nela.

— Não seja teimoso, Bane. Se você conseguir que Lydia aceite este envelope, eu deixarei você participar da minha campanha para o Senado.

Bane colocou o envelope no bolso da frente do casaco.

— Lydia e eu geralmente pensamos nos mesmos termos, então, é claro, seu julgamento é sempre perfeito. Você pode ter certeza de que apreciará a generosidade de sua oferta.

Poderia ser mais difícil do que parecia conseguir que Lydia aceitasse a oferta do almirante, mas Bane sabia que Eric estava fazendo isso para seu próprio bem. E, se isso permitisse que ele participasse de sua campanha, muito melhor.

Após três semanas de tratamento, Lydia aproveitou sua primeira noite de sono. Quando acordou, os músculos de seu corpo estavam relaxados e sua mente estava clara. Ouviu o som das ondas quebrando na praia e se virou para olhar o relógio. Sua boca se abriu em um sorriso quando percebeu o que significava sete horas de sono profundo. Deitou na cama, saboreando aquela sensação de felicidade absoluta.

*Obrigado,* sussurrou no ar da manhã.

Com quem estava falando? Foi incapaz de dar um nome, mas era uma força que fluía através de seu ser, inundando-a com uma sensação de bem-estar.

O exemplar da Bíblia que estava em seu criado-mudo chamou sua atenção e, inexplicavelmente, ela se sentiu atraída por ele. Lydia se sentou, querendo sentir o peso da Bíblia em seu colo. O conselho de Karl para começar com o Evangelho de João não havia funcionado, então abriu o livro aleatoriamente e encontrou uma passagem do Cântico dos Cânticos:

*Levanta-te, amada minha, formosa minha, e vem.*

*Porque eis que passou o inverno; a chuva cessou, e se foi; As flores se mostram na terra, o tempo de cantar chega, e a voz da pombinha se ouve em nossa terra;*

Lydia sentiu um nó na garganta. Não poderia ter escolhido uma passagem mais adequada para aquele momento. Sobrevivera ao inverno mais rigoroso de sua vida e, depois de uma terrível geada, seu corpo e alma estavam começando a despertar no calor da primavera. Queria ler mais, mas seus

olhos estavam cheios de lágrimas, porque não poderia ser uma coincidência que tivesse aberto o livro naquela passagem. Quando parou de tentar entender Deus e simplesmente abriu a Bíblia aleatoriamente, encontrou uma passagem que oferecia um profundo sentimento de consolo.

Não foi uma coincidência. Tinha absoluta certeza. Em seu infinito amor, Deus lhe enviou uma mensagem quando esteve disposta a ouvi-lo. Não era mais uma órfã atormentada e sem lar, não mais vagava à deriva sem um leme. Inclinando a cabeça, Lydia saboreou a estranha combinação de paz e esperança que se misturava em seu espírito.

Parte dela queria ficar imóvel na cama para registrar esse sentimento em sua memória para sempre; o outro queria correr entre as ondas e rir para o céu.

Lydia vestiu um robe de cetim e observou a paisagem espetacular pela janela. Ao longo da costa, os campos estavam ficando verdes; o mundo inteiro estava se preparando para deixar o longo período de hibernação. E, em algum lugar acima do majestoso oceano, um Deus amoroso acabara de sussurrar em seu ouvido uma mensagem de consolo.

Hoje ia começar de novo. De agora em diante leria, estudaria e procuraria outras pessoas que compartilhassem sua fé para ouvir suas histórias. Havia muito a aprender! Não sentia esse desejo de aprender desde o primeiro dia de escola, mais de quinze anos atrás. Não sabia o que o futuro traria, mas estava pronta para aceitar o desafio.

Quando encontrou Bane na sala de estar, Lydia mostrou-lhe a passagem do Cântico dos Cânticos. Bane não parecia nada impressionado pelo fato de ter aberto a Bíblia naquela página em particular.

— Quando você aprender a ler os sinais, descobrirá a ação de Deus em muitos momentos da sua vida — disse ele.

— Sinto que tenho muito o que fazer. Muitas coisas para pensar. — Lydia se virou para olhar para Bane. — Gostaria de lhe agradecer por ser meu farol. Você sabia da minha falta de fé e ainda assim não me abandonou. Além do mais, você ficou ao meu lado quando descobriu o meu problema com o xarope da senhorita Winslow.

Bane sorriu tristemente.

— Nunca tive o direito de jogar a primeira pedra.

Vendo seu sorriso, Lydia sabia que ele estava certo. Ambos eram dois seres imperfeitos que resistiram aos desafios da vida e tinham feridas de

guerra para provar isso.

Lydia se acomodou nas almofadas e deixou que seus olhos percorressem a sumptuosidade do quarto. Nunca em sua vida havia visto tanta riqueza e esplendor em um só lugar, mas tudo isso não a atraía. Preferia beber em uma jarra de cerâmica, e não em uma xícara de porcelana. Preferia dormir entre lençóis de algodão a fazê-lo em lençóis de seda.

— Estou pronta para ir para casa —, disse. — Sinto falta da minha antiga vida no porto de Boston. Quero ouvir os mercadores vendendo laranjas de manhã e observar os pescadores carregando seus saques no final do dia. Quero ter um delicioso creme de amêijoa em uma cafeteria no cais.

Bane ficou do outro lado do sofá.

— Eu me pergunto se você vai mudar de ideia quando vir essa nota —, disse ele, colocando a mão no paletó e tirando um envelope quadrado, que segurava entre dois dedos.

— O que é isso? — Perguntou Lydia.

A seriedade de Bane lhe fez temer pelo conteúdo do envelope. Bane continuou a examiná-la com olhos inquisitivos, fazendo-a se sentir desconfortável.

— Eu posso ter me esquecido de mencionar um pequeno detalhe sobre o resgate de Jack—, disse ele lentamente. — Quando seu filho foi sequestrado, o almirante ofereceu uma recompensa generosa para pessoa que o ajudasse a resgatá-lo. E acontece que essa pessoa é você —, disse ele, entregando-lhe o envelope.

O envelope era grosso e de cor creme, e seus dedos tremiam quando abriu a aba para extrair o cheque. Seu cérebro levou um momento para processar o que estava vendo.

— Dez mil dólares?

Lydia contou os zeros no final do número, mas ela o leu desde o começo. Olhou para o cheque, incapaz de avaliar o que significava essa quantia de dinheiro.

— Mas eu não fiz isso pela recompensa—, ela disse, um pouco confusa.

— Eu sei—, disse Bane. — *Todos* sabemos que você entrou na casa sem saber da recompensa que Eric tinha oferecido, e isso te faz mais admirável aos olhos dele. — Bane afundou ao lado dela no sofá. — Antes de começar a protestar dizendo que você não pretende aceitar seu dinheiro, deve saber que o almirante está disposto a persegui-la até que você o aceite. Ele ainda está ofendido porque você não quer voltar para o seu antigo emprego, e ele

planeja fazer qualquer coisa para acalmar sua consciência pesada. Se você aceitar o dinheiro, você fará um grande favor a ele.

Lydia olhou para o cheque sem saber o que fazer.

— Suponho que a estas alturas eu já tenha sido demitida do meu trabalho na padaria.

— Não duvide—, disse Bane, dando-lhe uma leve cutucada. — Se eu puder convencê-la a aceitar o dinheiro da recompensa, o almirante me deixará participar de sua campanha pelas eleições. Sem mim está perdido. Além disso, não me faz mal ter outro senador substituto.

— Você é tão arrogante. — Lydia tentou reprimir um sorriso quando dobrou o cheque e colocou de volta no envelope. — Mas vou aceitar o dinheiro. Não quero cair na pobreza novamente.

— Ainda querendo voltar para Boston?

Lydia apoiou a cabeça no ombro dele, refletindo sobre as implicações de sua nova riqueza. Poderia ir a qualquer lugar do mundo. Ela podia se vestir de seda e não ter que trabalhar outro dia em sua vida.

Mas desejava voltar para Boston. Com Bane. Talvez pudesse comprar seu antigo apartamento no Dragão Sorridente; Aquele era o único lugar que realmente sentia falta.

— Eu quero ir para casa, e isso significa voltar para Boston—, disse com um sorriso firme. — Nós podemos partir hoje?

Bane sorriu.

— Primeiro você tem que comer alguma coisa. Eu vou cuidar dos preparativos.

A cozinheira tinha o dia de folga, mas Lydia recuperara o apetite e queria comer macarrão com queijo. Bane insistiu que os dois eram perfeitamente capazes de prepará-los. Graças ao seu trabalho na padaria, Lydia aprendera a acender o forno, mas não sabia cozinhar. Bane tinha ainda menos experiência do que ela, mas ele tinha muita confiança em si mesmo.

— Afinal, temos o livro de receitas e todos os ingredientes necessários —, disse ele. — Eu não acho que seja tão difícil.

Uma hora depois, a cozinha, antes imaculada, estava cheia de salpicos de leite e migalhas de pão. Lydia sentou-se à mesa e contemplou o triste resultado de seus esforços.

— Como é possível que o macarrão seja queimado e cru ao mesmo tempo? — perguntou, observando a camada de queijo queimado que cobria a

massa crocante.

Bane estava encostado na parede da cozinha, completamente ocioso.

— Eu não sei, mas vê-la com todo o seu rosto coberto de farinha, enquanto você se arrepende dessa catástrofe é encantador. Vale a pena todo o esforço que fizemos.

— Que esforço? Eu fui a única que fez todo o trabalho. Você se limitou a ler as instruções. Além disso, tenho certeza que você leu errado.

— Minhas habilidades de leitura são impecáveis —, disse ele. — Você é a única responsável por este desastre.

Bane deixou de apoiar-se na parede e se aproximou dela com um brilho divertido em seus olhos. Depois de retirar a farinha do nariz, ele se abaixou para beijá-la.

— O homem que decida se casar com você terá que ser muito corajoso, Lydia Pallas.

Ele havia pronunciado essas palavras como se por acidente, mas Bane nunca disse nada sem pensar antes. Lydia recuou um pouco para olhá-lo, procurando o menor sinal de zombaria em seu rosto, mas seu sorriso era sincero e seus olhos estavam cheios de orgulho.

— Você é esse homem, Bane?

— Claro. E eu não consigo pensar em um privilégio maior do que compartilhar minha vida com você. — Bane enfiou a mão no bolso e colocou um simples anel de ouro no balcão. — E você? Está disposta a se casar comigo?

Lydia sorria tão deslumbrantemente que isso machucava seus olhos.

— Então você já não acha que eu sou uma viciada?

Bane sacudiu a cabeça.

— Acho que você já venceu essa batalha. Agora que o professor está atrás das grades, eu poderia me estabelecer em qualquer lugar do mundo, mas a única coisa que consegue atrair minha atenção está ao meu lado. Ainda há muitas batalhas para lutar, muito mais leis para promulgar. Eu gostaria de lutar por esses objetivos com uma esposa ao meu lado. E temo que, não pode ser outra a não ser você.

O coração de Lydia estava batendo tão rápido que ela mal conseguia ficar ereta em seu assento. Por muitos meses ela esteve sozinha, querendo uma vida normal com Bane. E aqui estava ele, propondo casamento com uma expressão de alegria no rosto.

Mesmo assim, não deixaria que Bane ficasse por cima. Não era uma boa

maneira de começar um casamento.

— E por que eu casaria com um homem mais bonito que eu? Seria uma humilhação diária.

A expressão de Bane não mudou nem um pouco. Ele a beijou na palma da mão e piscou para ela.

— Pense na humilhação que terei que sofrer por me casar com uma mulher mais rica que eu. As pessoas pensarão que eu me casei com você por sua fortuna e você por minha beleza. Nós dois estamos no mesmo dilema.

Lydia não conseguia parar de sorrir.

— Acho que vamos nos casar. Dessa forma, podemos nos fazer infelizes.

Esperava que Bane respondesse com uma de suas ocorrências características, mas suas palavras causaram uma mudança em seu coração.

— Lydia, eu quero que nos casemos porque você é a outra metade da minha alma—, disse ele. — Eu nunca me sentirei completamente completo até me juntar a você. Não posso imaginar minha vida sem a sua presença.

Supostamente teria que responder com uma frase igualmente solene, mas tinha um nó na garganta e não conseguia falar. Bane notou, e Lydia sorriu quando sentiu seus braços ao redor dela.

# Epílogo



## Seis Meses Depois

A noite era fresca e clara enquanto a carruagem percorria a rua, balançando-se suavemente sobre os paralelepípedos.

— Não tenho muito apetite—, disse Lydia a Bane, cujo rosto estava delineado contra o luar que entrava pela janela.

Como ia ter apetite quando estava tão nervosa? Como sempre, Bane notou seu nervosismo.

— Vai se sair muito bem, Senhora Banebridge—, ele disse com sua confiança habitual. Lydia não podia acreditar que estava casada com esse homem maravilhoso, mas ela tinha um anel de ouro no dedo que mostrava isso. — Ontem à noite você conheceu três senadores, o secretário do Tesouro e dois juízes supremos, e os deixou impressionados. Hoje à noite será brincadeira de criança em comparação com isso.

O luxuoso evento da noite anterior aconteceu na Biblioteca do Congresso, para celebrar a maior doação na história desta instituição. Todos os livros e manuscritos da casa do professor Van Bracken foram expostos em uma gala impressionante, com a presença dos membros mais proeminentes da alta sociedade de Washington. O professor tinha embarcado em uma inútil batalha legal de sua cela, localizada em uma ilha remota ao largo da costa da Flórida. Van Bracken alegou que ele havia comprado os livros legalmente e que o governo não tinha o direito de se apropriar deles. Do ponto de vista legal, ele estava certo; no entanto, o governo estimara que o professor devia milhares de dólares em impostos não reclamados durante as duas décadas dedicadas ao contrabando de ópio. Como não podia pagar sua dívida, as autoridades haviam legalmente se apropriado de seus bens para colocá-lo a serviço do bem comum.

Lydia estava feliz por os livros não estarem mais trancados em uma fortaleza remota, onde apenas um lunático tinha acesso a eles. Implorou a

Bane para manter seu papel na detenção do professor em segredo. Seu único desejo era esquecer aqueles dias terríveis na mansão. Bane havia respeitado seu pedido de anonimato, mas todos aqueles intimamente relacionados ao caso estavam cientes do que ela havia feito.

E essa era a razão do jantar daquela noite.

— Será apenas uma pequena reunião íntima—, assegurou-lhe Bane.

Mas que reunião poderia ser íntima na Casa Branca? A primeira dama soube de seu papel na aquisição daquele tesouro escondido e queria recebê-la em Washington.

Lydia endireitou-se na cadeira e alisou a saia. Este era o mundo com o qual ela se comprometera quando se casou com Alexander Banebridge. Dois meses antes de se casar, Bane usou seus contatos para conseguir que um jornal nacional publicasse seu ensaio sobre o abuso de ópio em orfanatos. A opinião pública forçou a família Crakken a tomar medidas contra o uso continuado do xarope calmante da senhorita Winslow no orfanato. O incidente foi a primeira vitória de Lydia em sua luta contra as drogas, e ela estava disposta a continuar lutando, quaisquer que fossem as consequências. Na maior parte do tempo, Bane e ela viviam modestamente em seu apartamento no Dragão Sorridente. Os dois viajavam de uma cidade para outra para promover leis e apoiar os candidatos políticos certos nas eleições, mas Lydia ainda amava voltar para sua casa em Boston.

A carruagem parou e Bane desceu para ajudá-la. Lydia pegou sua saia de tafetá para não tropeçar. Quem teria pensado que a menina descuidada do Ugly Kate usaria uma saia de tafetá? Ela tinha três vestidos elegantes para ocasiões especiais como essa, mas na maioria das vezes gostava de usar um modesto vestido de algodão, mais adequado para a filha de um pescador.

Antes de entrar pela porta da Casa Branca, Lydia parou por um momento para observar a lua cheia.

— Você viu, papá? — sussurrou.

Bane ouviu seu comentário e apertou sua mão. Lydia seguia falando com a lua cheia, mas agora tinha certeza de que alguém a estava ouvindo. Ao levantar-se e pouco antes de ir dormir, Lydia dirigia uma simples oração a Deus, agradecendo-a por Bane e por lhe dar um novo e maravilhoso propósito na vida.

# Nota Histórica

Embora o Almirante Fontaine e sua equipe de tradutores sejam completamente fictícios, o Escritório de Inteligência Naval (ONI) existiu. Apesar dos incríveis avanços na engenharia naval na segunda metade do século XIX, o governo dos EUA acreditava que o Oceano Atlântico era um escudo permanente contra ameaças navais e perdeu o interesse no desenvolvimento da Marinha. O governo investiu a maior parte dos recursos militares na expansão para o oeste, fundando um exército e deixando a Marinha cair em declínio.

Fundada em 1882, as primeiras atividades da ONI foram completamente legais. A instituição enviou adidos navais para diferentes portos da Europa para coletar informações sobre engenharia naval. Os agregados solicitavam cópias dos projetos, que obtiveram sem problemas. Eles entrevistavam engenheiros navais e tiravam fotos de portos e armas. Quando solicitados por um tipo semelhante de informações sobre a Marinha dos EUA, eles eram autorizados a fornecer isso. Naquela época, havia paz na maior parte da Europa e da América, e esse tipo de atividade não era visto com suspeita. Os adidos navais reuniam manuais técnicos, catálogos de produtos, jornais e revistas de engenharia e os enviavam para os Estados Unidos para que a ONI se encarregasse de traduzi-los.

Em relação ao xarope calmante da senhorita Winslow, foi um produto que foi comercializado pela primeira vez em 1849, como remédio para crianças inquietas ou em processo de dentição. O rótulo não mencionava a considerável dose de ópio contida, e o xarope tornou-se incrivelmente popular na Europa e nos Estados Unidos. Os anúncios proclamavam que o xarope "acalma a criança, acalma as gengivas e alivia todos os tipos de dor... O pequeno querubim vai acordar fresco como uma rosa". No final do século XIX, o xarope calmante da senhorita Winslow foi listado como causa de dependência de drogas e começou a aparecer no atestado de óbito de muitas crianças.

A exigência de reforma na comercialização desse tipo de medicamentos atingiu o seu pico de 1890, mas encontrou forte oposição da classe política, dos farmacêuticos e jornais, que dependiam do patrocínio dos fabricantes.

Finalmente, graças aos constantes esforços de médicos, reformadores e uma minoria de políticos corajosos, foram aprovadas leis para limitar o uso de opiáceos nos medicamentos. Em 1906, a Lei sobre Alimentos e Drogas Não Adulteradas proibiu "drogas patenteadas prejudiciais" em nível nacional. Embora o ópio pudesse continuar a ser comprado sem receita médica, a lei proibia a venda de preparações, a menos que os ingredientes estivessem no rótulo. Quando o xarope da senhorita Winslow teve que incluir o ópio no rótulo, a empresa de manufatura foi exposta a escândalo público. O xarope terminou eliminando os opiáceos de sua composição em 1915. Como a droga deixou de ser eficaz, a empresa fechou suas fábricas nos EUA, mas continuou a comercializar o xarope em Inglaterra até 1930.